
THE RED WINTER TRILOGY: BOOK ONE
Red Winter
ANNETTE MARIE

Avisos



A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

UM ANO



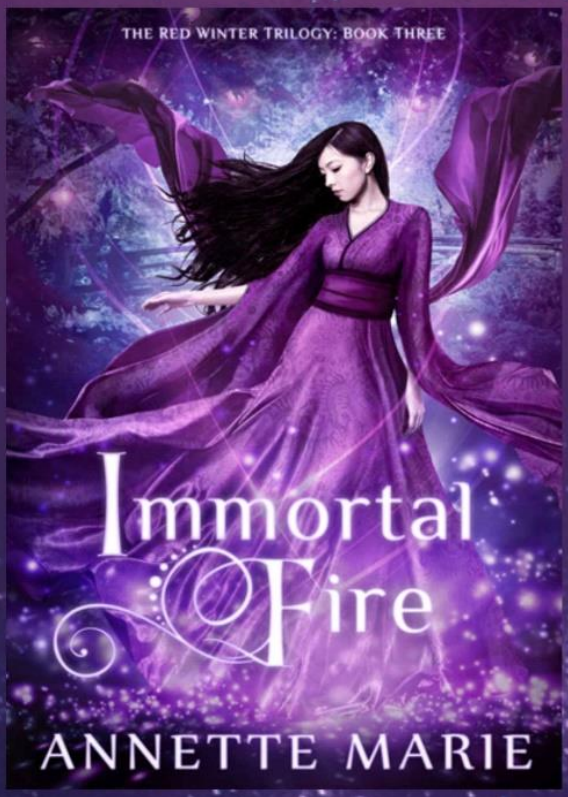
Novembro, 2020

RED WINTER

ORDEM DE LEITURA







Sinopse

Emi passou sua vida inteira se escondendo das criaturas que a perseguem. Os espíritos selvagens da terra estão determinados a matá-la antes que ela se torne a hospedeira viva de uma deusa, então ela permanece escondida, até o dia em que ela salva a vida de um de seus caçadores.

Shiro não é o espírito de raposa inofensivo que ela pensava que ele era. Ele é misterioso, astuto, imprevisível... e agora está sob seu comando. Ele jurou pagar sua dívida com ela, mas não sabe quem ela é. Se ele descobrir, ele a matará.

Mas ela não pode mandá-lo embora, ainda não. Seu futuro não é o que ela pensava. As mentiras em torno de seu destino começaram a se desfazer e ela precisa de respostas antes que o tempo acabe, respostas que estão no reino dos espíritos. Shiro pode levá-la lá... se ela se atrever a confiar nele.

E só então ela descobrirá o quão profunda é a traição dos deuses.

Capítulo Um

Ela estava no início da estrada. Em algum lugar entre as árvores estava o santuário onde ela passaria seus últimos dois meses como uma simples mortal.

Atrás dela, o carro que ela saiu roncou silenciosamente, o zumbido do motor o único som no ar parado. A estrada de terra serpenteava pela encosta suave da montanha, mas o pesado cobertor de folhas coloridas sugeria que raramente era viajada além deste ponto. Troncos de árvores grossos ladeavam a estrada como uma cerca alta, a barreira quebrada apenas pelo caminho logo além dos dedos dos pés.

A porta de um carro bateu e ela começou, arrancando os olhos do corredor escuro entre as árvores. Sua escolta abriu o porta-malas e tirou duas malas simples. Ele deu a volta no carro e as jogou no chão ao lado dela com um baque. Ela franziu a testa para sua bagagem, então para sua escolta.

—Obrigada, Akio. — Disse ela educadamente de qualquer maneira.

O caminho atraiu seu olhar de volta. Uma brisa fria passou por ela, puxando seus longos cabelos, e sua respiração soprou em uma névoa branca. Era apenas meados do outono, mas o vento tinha o gosto frio do inverno. Nuvens cinzentas se estendiam entre os picos das montanhas, escurecendo a luz do fim da tarde.

As folhas farfalhavam e rangiam sob os passos que se aproximavam. Emi alisou o cabelo e sacudiu as mangas compridas e esvoaçantes do quimono para

que ficassem mais graciosas. Quando ela cruzou as mãos ordenadamente à sua frente, três figuras se materializaram das sombras e correram pelo caminho.

O grupo era liderado por um homem idoso com pele envelhecida e um sorriso largo. Suas vestes roxas escuras, o traje tradicional de um *kannushi*, um sacerdote do santuário, flutuavam sobre ele com dignidade mínima. Ele correu em sua direção com os braços estendidos, mas antes que ela pudesse entrar em pânico com a possibilidade de ele tentar abraçá-la, ele parou e fez uma reverência profunda e respeitosa.

—Minha dama! — Sua voz crepitante gorjeou de excitação. —É uma honra, uma grande honra. Bem-vinda ao Santuário Shirayuri. Nossa casa é pequena e humilde, nada como você está acostumada tenho certeza, mas tudo o que temos é seu para...

A porta do carro bateu novamente, interrompendo o *kannushi*. Emi se virou, perplexa ao ver Akio de volta ao banco do motorista. O motor acelerou quando ele fez uma curva fechada em U e acelerou de volta para a estrada. O calor subiu em seu rosto enquanto ela ficava boquiaberta atrás do veículo. Ela se virou para enfrentar o *kannushi*.

—Minhas desculpas pela grosseria da minha escolta. — ela gaguejou. — Eu-eu não tenho certeza...

Ela parou, sem saber como explicar a partida humilhante e abrupta de Akio. Ela não queria dizer a eles que ele estava morrendo de vontade de se livrar dela há seis meses. Ser babá, como ela o ouvira chamar, não combinava com ele.

O *kannushi* acenou com as mãos. —Não se preocupe, minha dama. Estou bem familiarizado com as excentricidades do *sohei*. Eles não são escolhidos por seus modos perfeitos, são, Minoru?

Ele lançou um sorriso bem-humorado por cima do ombro para o outro homem que o acompanhava. A expressão agradável e aberta de Minoru diminuía o ar sutil de ameaça que carregava, sem a ajuda de seu cajado de madeira, com uma lâmina de trinta centímetros no topo. Mas Emi estava acostumada com o *sohei* armado e mortal. Ela não tinha nada a temer dos guardiões do santuário.

O *kannushi* gesticulou amplamente. —Mas deixe-me fazer as apresentações para que possamos parar de ficar parados aqui no vento frio! Minha dama, sou Fujimoto Hideyoshi, *kannushi* do Santuário Shirayuri. Minoru aqui foi treinado pelos melhores e seu único dever é garantir a sua segurança, como você sabe.

Ela ofereceu a Minoru um pequeno sorriso em saudação, que ele retribuiu. Ela relaxou um pouco. Talvez ele não se ressentisse dela como Akio. Talvez este santuário seja melhor do que o último.

—E esta... — Fujimoto continuou, indicando a mulher ao lado de Minoru, —É a adorável Nanako, nossa estimada *miko* de quase vinte anos.

Quase todos os santuários tinham pelo menos uma miko, uma donzela do santuário que ajudava o *kannushi*. Nanako estava de pé ao lado de Minoru, suas mãos cruzadas nas mangas largas de seu quimono branco. Seu *hakama* vermelho, calças com pregas largas, fazia parte de seu uniforme tanto quanto o quimono. Emi usava exatamente o mesmo uniforme, com uma pequena diferença. As roupas de Nanako estavam gastas e puídas, as cores mais opacas do que deveriam e interrompidas por reparos finos e cuidadosamente costurados. Os de Emi, por outro lado, eram do melhor material, o branco tão puro quanto a neve fresca e o hakama carmesim tão vibrante quanto o lírio-aranha vermelho que crescia selvagem nas florestas e prados das montanhas.

Emi tentou outro sorriso, mas Nanako apenas acenou com a cabeça, o movimento espasmódico e seus olhos castanhos hostis. Emi engoliu em seco. Talvez este santuário não fosse melhor, afinal. Mas isso realmente não importa; esta era a última vez. Em dois meses, ela iria embora, e a inimizade de uma miko, ou de qualquer humano, não a preocuparia mais.

Para sua consternação, Fujimoto lançou-se em uma breve história de seu santuário em vez de deixar a estrada árida. Ela ouviu com atenção de qualquer maneira enquanto ele falava da fundação do santuário há mais de um milênio, o local escolhido para ser um bastião seguro na extremidade da selva mal explorada ao norte. Embora tenha sofrido vários danos graves devido às guerras e ao clima, a população local o reconstruiu com amor, a reconstrução mais recente ocorreu há dois séculos.

O vento frio açoitou as árvores novamente, enviando um redemoinho de folhas de outono dançando no ar. Fujimoto agarrou seu alto chapéu *kannushi* enquanto a rajada tentava arrancá-lo de sua cabeça, interrompendo-se no meio de sua explicação sobre as habitações recentemente atualizadas no local.

—Minhas desculpas. — ele murmurou, acenando para Emi. —Por que não saímos do frio?

Ela o seguiu com gratidão pelo caminho, passando por Minoru e Nanako. Seu olhar se ergueu com cautela enquanto a copa da floresta se fechava sobre eles. Abetos verdes e pinheiros competiam com ramos arqueados carregados de folhas amarelas, laranjas e vermelhas. Um ou outro galho nu se retorcia através da exibição colorida como um braço esquelético.

A tranquila limpeza de uma garganta masculina a deteve. Ela olhou para trás e viu Minoru parado no meio do caminho entre ela e a estrada. Ele apontou com o queixo.

Sua bagagem estava na beira da estrada de terra, abandonada.

Fujimoto torceu as mãos enquanto seu rosto ficava vermelho. —Minoru, bom homem, vá buscar as malas da dama, está bem? — As palavras saíram rapidamente, seu embaraço óbvio.

—Receio que não posso. — Minoru respondeu no tipo de voz lenta e profunda que poderia suprimir qualquer medo. Ele bateu levemente com a ponta de seu bastão laminado no chão. —Eu não posso ser sobrecarregado, apenas no caso.

—Ah, sim, sim, a segurança da dama é... claro.

—Eu-eu posso pegá-las. — Disse Emi rapidamente. Ela nunca tinha carregado suas malas antes. Ela nem sabia o quanto eram pesadas. Mas ela poderia fazer isso. Nada de errado com seus braços.

Ela deu um passo apressado em direção à bagagem. Fujimoto deu outro grito e agarrou o braço dela para impedi-la. Ela engasgou.

Gaguejando desculpas, Fujimoto afastou a mão como se ela o tivesse queimado. Ela recuou, puxando sua compostura ao redor dela como uma capa invisível, e projetou uma espécie de calma distante que escondia seus verdadeiros sentimentos.

—O enviado de Shion passou por tudo isso com você. — disse Nanako, interrompendo a torrente de desculpas de Fujimoto. Sua grosseria com seu superior surpreendeu Emi o suficiente para que ela tivesse que trabalhar para manter sua expressão em branco. —Você conhece as regras sobre tocar na dama. — Seus olhos frios varreram Emi. —Vou carregar as malas dela.

Nanako passou por Emi, seu hakama batendo em suas pernas. Ela não sabia que suas calças não balançariam de forma inadequada se ela desse passos menores? Emi poderia ter mencionado isso se não fosse aquele toque de escárnio quando a mulher disse *dama*. Emi tinha ouvido aquele sarcasmo antes e sabia o que significava.

Por sugestão de Fujimoto, Emi o seguiu mais fundo na floresta. O caminho era largo o suficiente para várias pessoas andassem lado a lado, mas ela seguiu alguns passos atrás dele. Minoru foi atrás deles e Nanako caminhou na retaguarda, uma mala em cada mão.

As folhas caídas estalaram sob as sandálias de Emi enquanto ela caminhava. O único outro som a interromper o silêncio era a canção gotejante de um riacho próximo. A presença de Minoru atrás dela era um conforto; nada a prejudicaria com um sohei experiente como acompanhante. Ele morreria antes de permitir que qualquer dano acontecesse a ela. Akio, apesar de seus sentimentos pessoais sobre isso, teria feito o mesmo.

Uma estrutura familiar emergiu das sombras e outro ponto de tensão saiu de sua espinha. À frente, duas colunas de madeira se erguiam de cada lado do caminho. Uma viga horizontal no topo dos postes criava a forma de uma porta sobre a trilha, e uma segunda viga, mais grossa, trinta centímetros acima dela, com as pontas curvas que se erguiam em direção ao céu. O portão torii marcava o fim da terra dos mortais e o início do terreno do santuário, o território dos kami.

Fujimoto correu pelo portão sem pensar. Emi parou um pouco antes dele, seu olhar viajando sobre a tinta vermelha desbotada. Fechando os olhos, ela se curvou solenemente diante do portão para mostrar seu respeito pelo solo sagrado e protegido antes de cruzar a soleira. Quando seu pé tocou o caminho de terra do outro lado, visualmente indistinguível da terra mundana da floresta, uma paz silenciosa sussurrou por ela. Aqui ela estava segura.

Quando ela se juntou a Fujimoto, ela tardiamente notou seu rosto vermelho, o rubor embaraçado mais pronunciado do que antes. Minoru se aproximou do torii, hesitou, então se curvou rapidamente, seguindo o exemplo de Emi. Nanako passou por último, sem hesitação em seu passo. Ela passou

direto pelos três e começou a subir os degraus de pedra que passavam pelo torii. Suas sandálias batiam contra cada passo como o estalo de um chicote de advertência.

Mordiscando o lábio inferior, Emi foi atrás de Fujimoto. Ela não tinha a intenção de envergonhá-lo observando o protocolo que ele ignorou impensadamente, mas entrar em um novo santuário, um que seria sua casa, por mais temporária que fosse, sem se curvar era muito desrespeitoso.

E realmente, como o kannushi, ele deveria ser o mais obediente às práticas adequadas. Era o seu santuário.

Ela ainda estava refletindo sobre o caráter incomum de Fujimoto, amigável e bastante cativante, mas sem o comportamento kannushi equilibrado e polido a que estava acostumada, quando alcançou o topo da escada e o segundo torii maior que denotava o próprio santuário. Ela parou para se curvar novamente antes de pisar em pedras largas e perfeitamente uniformes. Do outro lado do longo pátio ficava o edifício principal do santuário. O salão de adoração tinha dois níveis e ostentava um telhado tradicional em forma de pirâmide rasa coberta por telhas de barro, com beirais que se enrolavam para cima como papel enrolado uma vez que não ficaria mais plano.



Enquanto ela examinava o prédio, tão gasto e desbotado quanto o uniforme de miko de Nanako, mas tão bem cuidado, uma mancha branca girou para baixo a alguns centímetros de seu nariz. Outra caiu, e então flocos de neve caíram ao redor deles. Minúsculos pontos de frio tocaram suas bochechas enquanto ela inclinava o rosto em direção ao céu nublado.

—A primeira neve! — Fujimoto comentou. —E apenas em dois de novembro. Mesmo nas montanhas, a neve não costuma chegar até dezembro.

Passos arranharam o caminho de pedra enquanto Emi olhava para cima. A primeira neve do inverno passado. Ela se deu uma sacudida mental. Não a última para sempre, é claro, mas tudo mudaria para ela antes que o sol da primavera tocasse sua pele novamente.

—Ah, olha quem está aqui. — disse Fujimoto alegremente. —Minha dama, posso apresentar seu segundo guardião, um jovem sohei promissor direto de Shion. Talvez vocês já tenham se conhecido?

Desviando sua atenção da neve, ela se voltou para o recém-chegado parado ao lado do kannushi. Seu sangue se transformou em gelo, estilhaçando em suas veias.

—Minha dama, este é...

—K-Katsuo! — Ela engasgou, incapaz de se conter.

—Ah! — Fujimoto olhou entre eles. —Então, vocês dois já se conhecem, pelo que vejo.

O jovem sorriu incerto para ela. Claro que ela o conhecia. Três anos se passaram desde que ela o viu, mas seu rosto era dolorosamente familiar, aqueles olhos, tão escuros, mas ainda de alguma forma tão quentes, e seu cabelo preto desgrenhado afastado para revelar aquela pequena ruga de

concentração entre suas sobrancelhas. Oh sim, ela o conhecia. Ele apareceu em seus pesadelos tantas vezes que ela nunca poderia esquecer seu rosto.

O sorriso de Katsuo desapareceu sob seu olhar chocado.

Fujimoto pigarreou novamente. —Minha dama, posso oferecer-lhe um passeio pelo...

—Estou cansada. — anunciou ela, curvando-se em desculpas. —Eu gostaria de descansar. Por favor, leve-me ao meu alojamento.

A boca de Fujimoto abriu e fechou como um peixe fora d'água. —Claro, claro, sim. Miko Nanako já pegou suas malas. Minoru e Katsuo, vocês...?

—Claro. — disse Minoru. —Minha dama?

Ela desviou o olhar de Katsuo e deu um passo vacilante na direção de Minoru. Fazendo uma pausa, ela endireitou os ombros, puxando sua compostura ao redor de si novamente, imaginando-a como uma máscara nô suave e inexpressiva como as usadas por atores no palco. Ninguém veria sua angústia interior. Ninguém saberia que a visão de Katsuo a fez tremer, fez com que tantas lembranças e sentimentos terríveis surgissem à superfície... Não. Ela os enterrou novamente.

Com um olhar preocupado, Minoru a conduziu para longe dos torii em direção a um carvalho imponente. Os galhos retorcidos com suas folhas amarelo-alaranjadas em plena glória outonal pairavam sobre metade do pátio. O caminho fazia uma curva além da árvore antiga e, além das grandes pedras e arbustos bem cuidados à sua esquerda, um lago ondulava sob o céu escuro, devorando os flocos de neve que tocavam sua superfície.

Quando Minoru a conduziu a uma passarela de madeira que se curvava na parte mais estreita do lago, ela parou novamente, mas não para se curvar ou observar algum outro decoro. Em vez disso, o medo rastejou sobre sua pele

como insetos formigando enquanto ela olhava para a ponte, para a superfície reflexiva da água que escondia o que quer que estivesse abaixo.

Nada estava por baixo, ela disse a si mesma. Nada mesmo. Era um lago de jardim no centro da terra sagrada, ao lado de um santuário. Ela não tinha nada a temer.

Mas ela ainda não conseguia fazer seus pés se moverem mais perto da ponte.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ficou congelada no lugar antes de perceber que Katsuo estava ao lado dela, seus olhos muito compreensivos. Ela não queria sua compreensão. Ela não queria nada com ele, ele não sabia?

Obviamente não, porque ele se aproximou.

—A casa fica do outro lado do lago. — ele disse gentilmente. —Posso acompanhá-la, minha dama?

Ela olhou para o chão, observando os flocos de neve derreterem no caminho de pedra.

—Emi? — Ele sussurrou.

Ela se encolheu, seu olhar disparando para o rosto dele e para longe. Ele deu um passo à frente e esperou. Relutantemente, ela se aproximou dele. Ele continuou em frente, passos lentos, e ela se moveu com ele, respirando fundo. O estalo de suas sandálias na pedra mudou para o baque de madeira em madeira. Concentrada nas tábuas de madeira da ponte, ela não olhou para cima, ficando o mais perto possível do centro enquanto caminhava com passos pequenos e cuidadosos. Ela não correria com passadas desajeitadas e hakama esvoaçante. Isso não seria adequado.

Quando chegaram ao outro lado da ponte, Katsuo casualmente se afastou. Ela tentou colocar sua máscara de compostura de volta no lugar, mas não conseguiu.

—Meu quarto? — Ela perguntou roucamente.

Nem Minoru nem Katsuo comentaram sobre seus dramas ao cruzar uma pequena passarela inofensiva. Katsuo sabia por que as pontes causavam ataques de pânico, mas Minoru provavelmente pensava que ela estava nervosa e instável. A menos que Katsuo tivesse contado a ele. Talvez eles tenham falado sobre ela antes de sua chegada.

Os dois homens a conduziram para longe do lago e da maldita ponte. Ela mal percebeu a graciosa casa térrea em forma de um U raso ou seu belo jardim de árvores e arbustos floridos no centro. Uma passarela de madeira elevada e coberta, aberta para o jardim, corria ao longo da lateral da casa.

Na esquina sul, Katsuo abriu a porta da frente e se afastou dela. Na entrada, ela tirou as sandálias e pisou na madeira lisa de um pequeno corredor que conectava com a passagem aberta. À sua esquerda, o corredor levava ao resto da casa, que abraçava o jardim central em três lados.

—Seu quarto é bem aqui, minha dama. — Disse Minoru, gesticulando para que ela entrasse no pequeno galho direito da passarela, onde uma única porta corrediça dava para o jardim.

—Não é nada como Shion. — Katsuo acrescentou se desculpando. —Eu sei que você está acostumada a coisas melhores...

Ele sabia perfeitamente que fazia três anos que ela não tinha quartos em Shion. Ele realmente achava que ela ainda não tinha se adaptado a acomodações mais humildes naquela época?

Ela não queria mais ouvir sua voz. Não importava o quão calmo ele soasse, tudo o que ela podia ouvir era a fúria em pânico que havia tornado sua voz áspera quando ele gritou seu nome, ou pior, a dor aguda que se seguiu.

—É tarde demais. Sinto muito... chegamos tarde demais.

Não, ela não voltaria para aquelas memórias, não enquanto estivesse acordada. Ela não conseguia parar os pesadelos, mas não precisava revisitá-los durante o dia.

Com uma reverência silenciosa de agradecimento, ela abriu a porta, entrou e fechou-a antes que Katsuo pudesse dizer qualquer outra coisa. Seu quarto pelos próximos dois meses era um retângulo simples. A parede leste dava para o lago e o santuário. Situado em uma extremidade da casa em forma de U, seu quarto compartilhava uma parede com o corredor, mas nenhum outro quarto. Mais privacidade do que ela estava acostumada.

Enquanto ela caminhava até o centro do quarto, seus pés calçados com meias ficaram silenciosos nos tatames de palha que cobriam o chão. Sua bagagem estava ao lado de uma mesa e cadeira de madeira simples. Várias almofadas estavam embaixo da janela leste. A parede sul era metade do armário, onde sua roupa de cama seria guardada, enquanto a outra metade era um pequeno recanto com um lindo pergaminho pendurado para decoração e uma mesa baixa e estreita onde ela poderia montar um santuário pessoal para orações.

Era simples, mas limpo e privado. Bom o bastante.

Ela derivou em direção às almofadas e afundou nelas. Bom o suficiente pelos próximos dois meses, e então tudo mudaria. Todos esses medos e preocupações humanos perderiam o sentido. Seu futuro havia sido escrito pelos kami, e seu destino a aguardava.

Seu olhar vagou em direção à passarela invisível. Ela só tinha que suportar mais dois meses de mortalidade mundana e vulnerabilidade primeiro.

Capítulo Dois

Ninguém veio para buscá-la para o jantar.

Emi se remexeu onde se sentou nas almofadas perto da janela. Alguém viria buscá-la, não é? Vagar pela casa em busca de comida seria terrivelmente rude. Ela bateu os dedos no joelho. E se eles não estivessem fazendo o jantar?

Puxando sua mala para mais perto, ela franziu a testa para o conteúdo. Nos outros santuários em que ela vivia, a miko havia desempacotado suas roupas antes mesmo de ver seu quarto, mas Nanako havia jogado suas malas sem abri-las. Isso estava bem, entretanto. Emi dobrou suas roupas sozinha e as colocou nas gavetas do armário. Não era tão difícil. Ela remexeu dentro da mala. Tudo o que restou para desempacotar era uma caixa de madeira simples com um fecho de metal.

O fecho não impediria ninguém de abri-la, mas indicava que o conteúdo era pessoal. Ela ergueu a caixa e abriu a tampa. Um diário de couro, com as bordas gastas e rachadas, estava no topo de sua coleção. Bens materiais... não eram encorajados para alguém como ela. O conteúdo da caixa era a única coisa que ela possuía que não estava diretamente relacionada às artes miko.

Tirando o diário, ela sorriu para sua coleção. Para qualquer outra pessoa, o sortimento de pedras, penas e folhas e flores secas seria totalmente inútil. Mas cada item representava uma memória, algo especial apenas para ela. Uma pedrinha do jardim do santuário em Tsutsuji, onde ela completou sua primeira dança kagura solo na frente de uma plateia. Uma pena branca e preta

brilhante que ela encontrou no parque em Shion depois de um almoço com outra miko; o dia tinha sido repleto de risos e sol. Uma única concha do mar de sua viagem a um grande santuário na costa que, na maré baixa, parecia uma praia sem fim, e na maré alta, tinha ondas do mar suaves batendo nas passarelas de madeira que a circundavam.

O diário, entretanto, era seu bem mais precioso. Ela acariciou o couro marrom, cada solavanco e ranhura familiar para seus dedos. Ela havia registrado cada dia dentro dele desde os oito anos de idade, mesmo que a entrada fosse apenas um pensamento ou dois. Logo, sua vida mudaria completamente, se tornaria algo totalmente novo e diferente. Ela não queria esquecer de onde tinha vindo, os pensamentos mortais tolos que uma vez preencheram seus dias. Era importante lembrar as próprias raízes.

Ela folheou o diário parando na primeira vez que escreveu, marcado com vinte e um de dezembro.

A noite passada foi o solstício de inverno. Tive um sonho com um vale nevado na floresta. Havia uma linda mulher com cabelo castanho escuro até o chão e os olhos mais gentis que eu já vi. Ela sorriu e colocou a mão no topo da minha cabeça. Em meu sonho, me senti mais feliz do que jamais me senti antes.

Esta manhã, quando acordei, encontrei a marca dela no meu peito, bem sobre o meu coração. Ela me escolheu. Ela me escolheu.

O dia mais feliz de sua vida. O momento mais importante e decisivo que ela já experimentou.

Esse dia seria superado em dois meses, no solstício de inverno exatamente dez anos depois. Com o pensamento, uma onda de nervos excitados fez seu estômago dar um salto mortal. Um rosnado vazio seguiu a sensação. Ela fechou o diário, enfiou-o na caixa e colocou tudo de volta na mala. Ela encontraria um lugar seguro para isso mais tarde.

Ficando de pé, ela cruzou para a porta de seu quarto e a abriu. A neve rodopiava além da passagem coberta, iluminada pelo brilho quente da luz da casa. Hesitante, ela começou a descer. A área de estar provavelmente ficava no centro da casa, voltada para o jardim e o santuário para a melhor vista. Por que ninguém a buscou? O sol havia se posto uma hora atrás. Onde estavam Minoru e Katsuo? Haviam abandonado seus deveres de guarda tão cedo?

Ela olhou através do jardim em direção ao lago antes de voltar rapidamente sua atenção para a casa. Ela não deveria se preocupar com o perigo enquanto estivesse em solo sagrado. Ela não tinha que ser paranoica, ela tinha? O ar fresco esfriou sua pele e ela enfiou as mãos dentro das mangas.

A luz se espalhou de uma porta próxima, as portas deslizantes deixadas abertas alguns centímetros. Vozes a alcançaram, a fala lenta e crepitante de Fujimoto e os tons mais agudos de Nanako. O cheiro de sopa de missô encheu seu nariz e sua boca encheu de água. Ela se apressou em direção a cozinha.

O fedor de óleo queimado a atingiu assim que ela alcançou a porta. Ela recuou, incerta.

—...não tivesse deixado o fogão sem vigilância, não teríamos que nos preocupar em ofender a dama.

De perto, as palavras cortantes de Nanako eram muito claras. Vacilando, Emi recuou mais um passo.

A voz de Fujimoto estava ainda mais clara, do outro lado da porta. —Eu só saí por um minuto...

—Eu só pedi para você assistir por um minuto. — Nanako retrucou. — Se você queria impressionar a princesinha com uma refeição gourmet, deveria ter ficado ali por trinta segundos.

Fujimoto gaguejou incoerentemente.

—Por que você concordou com isso? — Os pratos tilintaram e o cheiro de queimado se intensificou. —Temos dois festivais para planejar e grandes reparos no telhado do santuário para concluir antes do inverno. A última coisa que precisamos é ser babá da querida miko de Shion por sete semanas. Eles estão muito cansados dela para abrigá-la por dois meses miseráveis?

—Shion é muito perigoso para ela. Você sabe o que aconteceu há três anos. — Ele tossiu sem jeito. —São apenas dois meses e, uma vez que estaremos mais ocupados do que o normal com seus cuidados, o Santuário Shion generosamente se ofereceu para ajudar com nossos reparos, bem como várias outras atualizações e renovações, como recompensa por nossa hospitalidade e...

—Então você os deixou subornar você. — Nanako interrompeu com um estrondo como uma frigideira batendo em um fogão. —Não precisamos do dinheiro deles.

—Não é apenas dinheiro. — disse Fujimoto, quase choramingando. Ele pigarreou. —É uma honra receber a kamigakari. A primeira em cem anos, Nanako. A kamigakari em nosso santuário. É realmente uma honra.

Nanako bufou. —Ela não é a primeira em cem anos. Ela é apenas a primeira que viveu tanto tempo.

Emi se encolheu novamente e avançou para trás.

—Miko Nanako. — A voz de Fujimoto endureceu, o coaxar trêmulo de suas palavras desaparecendo. —Você não vai nos envergonhar. Você mostrará todo respeito e honra à kamigakari enquanto ela estiver conosco para que possamos ganhar as bênçãos dos kami.

A mulher fez um som que era quase um rosnado. —Vou servir a sua alteza regiamente mimada com o melhor de minhas habilidades, e isso será

mais tranquilo se você não arruinar o jantar dela. Saia da minha cozinha para que eu possa começar de novo.

Fujimoto grunhiu e passos soaram dentro da cozinha. Emi se virou, seus pés com meias escorregando na madeira, e correu de volta pela passarela. O corredor que levava à entrada era mais perto do que seu quarto, então ela virou a esquina e pressionou as costas contra a parede. Com a porta do quarto voltada para o jardim aberto, ela não poderia voltar para lá sem o alto risco de que alguém a visse. Ela torceu a ponta da manga comprida nas mãos, sentindo-se tola só de ficar ali. Mesmo se ela voltasse para seu quarto, ela estaria arriscando uma visita de Fujimoto que sem dúvida incluiria desculpas constrangedoras por seu jantar tardio. Decidindo se poupar dessa interação, ela continuou pelo corredor até a entrada e enfiou os pés nas sandálias antes de sair pela porta.

Lá fora, a brisa fria refrescou seus pulmões. A humilhação subiu por seus membros até o centro, mas ela a empurrou. Não era sua culpa Shion ter sido muito inseguro. Não era culpa dela que a tivessem enviado de santuários a santuários minúsculos e obscuros a cada seis meses nos últimos três anos. Não era culpa dela que Shion teve que subornar os santuários para recebê-la como se ela fosse uma mendiga suja que precisava de abrigo. Como Fujimoto havia dito, era uma honra tê-la. Mas havia uma certa confusão envolvida, que incluía os dois sohei que inevitavelmente a acompanhavam. Era natural para Shion compensar os santuários por seus problemas. Certo?

Também não era culpa dela que Nanako não gostasse dela. Muitas miko não gostavam dela. Antes dela, todas elas tiveram uma chance. Talvez Nanako rezasse todas as noites para ser escolhida, assim como Emi. Mas a kami tinha escolhido Emi, e Nanako nunca seria mais do que uma miko no santuário degradado e esquecido de uma pequena cidade nas montanhas.

Com um suspiro, ela seguiu sem rumo o caminho de pedra. Ele contornava a esquina da casa, passava pelo jardim e se juntava ao caminho principal, que levava a... a passarela.

Então, é claro, ela acabou parando um longo passo longe da ponte, tremendo na neve e desejando ter colocado mais algumas roupas antes de se aventurar para fora. Não que ela tivesse a intenção de vagar. Alisando nervosamente o cabelo, ela olhou para a pequena ponte inocente. Tinha uns quatro metros de diâmetro, se tanto. Levaria apenas alguns minutos para cruzar. O lago não poderia ter mais do que alguns metros de profundidade.

A ponte três anos atrás não era muito mais longa. O riacho também não era muito profundo.

Ela fechou os olhos e inalou lentamente, cada exalação criando uma nuvem de gelo branco na frente dela. Na oitava respiração, ela avançou com uma segurança deliberada e precisa. *Thump*, *thump*, *thump*, suas sandálias nas pranchas de madeira.

Seu coração martelava em seu peito, seu medo girando mais rápido a cada passo. Ela saltou os últimos dois pés, agitando os braços, e caiu desajeitadamente no caminho além. Atrás dela, o lago plácido zombava dela silenciosamente.

Bem, ela quase cruzou a ponte sem fazer papel de boba. Progresso. Endireitando o hakama e sacudindo as mangas do quimono, ela cruzou as mãos frias e se dirigiu para o pátio. Como a maioria de seu tipo, o santuário era composto de vários edifícios: uma fonte de água coberta para se purificar antes da oração, um palco para apresentações e festivais, o salão de adoração onde se podia orar aos kami e o santuário, uma pequena estrutura onde o poder e a presença do kami eram consagrados. Apenas o kannushi do santuário poderia se aproximar e cuidar daquele edifício sagrado.

Embora ela não pudesse vê-los, o terreno também teria escritórios e um depósito ou dois onde eram mantidos artefatos, ferramentas de adoração e livros. Santuários maiores tinham alojamentos para a miko e as mikos em treinamento, vários kannushi ou até mesmo instalações de treinamento sohei. O santuário em Shion tinha tudo isso e muito mais.

Ela estava a meio caminho do bebedouro para se lavar quando percebeu que não estava sozinha. Duas garotas estavam em frente ao corredor principal, banhadas pela luz das lanternas de papel penduradas no beiral. Elas olharam para o prédio, imóveis, exceto para tremer no ar frio, suas pernas nuas pálidas abaixo das bordas de suas saias cinza pregueadas idênticas, um uniforme escolar.

Uma das garotas se inclinou na direção da outra.

—O que fazemos agora? — Ela sussurrou. Sua voz era baixa, mas ecoou pelo pátio silencioso tão claramente como se ela tivesse gritado.

Emi reprimiu um sorriso e mudou de direção, indo em direção às meninas, que se viraram quando ela se aproximou. Elas tinham quatorze ou quinze anos, ambas com bobs curtos e modernos e reflexos marrons.

Emi fez uma reverência. —Posso oferecer orientação?

—Hum. — As meninas trocaram um olhar. —Sim por favor?

—Você limpou as mãos e a boca na fonte?

Elas concordaram seriamente.

Emi se voltou para o santuário. Meia dúzia de degraus conduziam a uma ampla plataforma onde uma caixa de madeira para doações esperava pelos fiéis. Uma corda grossa tecida, decorada com laços de papel dobrados, estava amarrada entre os pilares que sustentavam o telhado saliente. Atrás da caixa ficavam as portas do corredor, fechadas para o mundo exterior.

Antes dos degraus de cada lado estava uma estátua koma-inu, os guardiões gêmeos do santuário. Os cães parecidos com leões eram esculpidos como imagens espelhadas perfeitas uns dos outros, exceto que a direita tinha a boca fechada, enquanto a esquerda estava aberta. Emi sempre gostou dos koma-inu, pensando neles como protetores leais contra o mal.

Sorrindo para as meninas, Emi as conduziu entre as estátuas e subiu os degraus até a caixa de doações. Uma segunda corda estreita balançou logo acima da caixa, pendurada no sino redondo preso à viga mestra do telhado acima.

—Lavar as mãos e enxaguar a boca simboliza a limpeza do espírito. — disse ela. —Agora que vocês estão puras de mente e corpo, podem se aproximar do santuário para oferecer suas orações aos kami. Se puderem, façam sua oferenda aos kami e, em seguida, puxem a corda para tocar o sino e chamar a atenção dos kami.

Uma das garotas remexeu no bolso. Puxando uma moeda, ela a largou na caixa, onde caiu pelo topo das ripas, e deu um puxão indiferente na corda. A campainha retiniu, desagradavelmente desafinada. Talvez as reformas de Fujimoto incluíssem um sino melhor.

—Enfrentem o santuário e curvem-se duas vezes. — Emi demonstrou, depois esperou que as meninas se curvassem. —Agora batam palmas duas vezes. Isso ajudará a garantir que os kami estejam ouvindo, pois eles têm muitas orações para ouvir.

Como Emi não se lavou, ela não bateu palmas, esperando que as meninas sinalizassem sua intenção de orar.

—Agora fechem os olhos e preencham suas mentes com os seus desejos para os kami. Quando terminarem, curvem-se mais uma vez para agradecer aos kami por ouvirem seus pedidos.

As duas garotas abaixaram a cabeça e fecharam os olhos com força, a concentração enrugando suas testas. O que quer que as tenha motivado a vir a um santuário e orar, provavelmente sua primeira visita fora de um festival, era muito sério para elas.

Elas se curvaram quase em uníssono.

—Obrigada. — a garota mais alta disse. —Você... você realmente acha que o kami vai ouvir?

—A kami sempre escuta. — Emi respondeu gravemente. —Ela nem sempre responde, mas sempre escuta.

—Ela?

Emi apontou para a placa de madeira pintada pendurada acima das portas do corredor. As pinceladas ousadas ilustravam uma mulher com cabelos castanhos esvoaçantes e camadas de quimono luxuoso navegando em rajadas de vento em espiral.

—Este é um santuário de Amaterasu, uma dos quatro Amatsukami, a grande kami celestial. Ela é uma das kamis mais gentis e atenciosas. Se o seu desejo vier de um coração puro, tenho certeza que ela o considerará.

—Uma kami gentil? — A outra garota murmurou. —Talvez devêssemos orar no santuário de um kami guerreiro.

Emi sorriu. —Kamis são como a lua: eles possuem um lado claro e um lado escuro. Com Amaterasu, você tem mais chances de ganhar o favor dela do que de incorrer em sua ira, mas ela não é fraca.

—Talvez um pouco de ira seja bom. — a garota mais baixa disse selvagemente. —Que tal Susano? Meu avô me disse que orava a Susano, o kami dos trovões e das tempestades. Ele parece mais resistente.

—Susano é um Kunitsukami. — explicou Emi. —Um yokai terreno em vez de um kami celestial. Você pode orar para ele também, mas...

A garota mais alta ergueu as sobrancelhas. —Mas o que?

—Bem...— Emi não queria mentir. Yokai eram tecnicamente kami também; todos os seres dos mundos espirituais eram kami, quer se originassem dos céus ou do reino terreno. Ambos eram considerados igualmente capazes de nutrir ou destruir, amaldiçoar ou abençoar. No entanto, o preconceito contra os yokai era comum, e suas experiências apoiavam esses julgamentos.

—Com um yokai, se você obtiver uma resposta, você... pode não gostar tanto. — Ela terminou sem jeito.

—Hã. — A garota mais alta olhou para ela. —Você é uma miko, certo? Não me lembro de você do festival de verão.

—De jeito nenhum nós a perderíamos com esse cabelo. — a outra garota disse com uma risada. —É tão longo.

Emi, constrangida, tocou o lado da cabeça. Seu cabelo preto caía abaixo de seus quadris, cuidadosamente preso na nuca com uma fita de pano branco.

—Acabei de chegar hoje. Vou ficar aqui por alguns meses.

—Bem-vinda a Kiroibara! — A garota mais alta gorjeou, referindo-se à cidade um quilômetro ao sul do santuário. —Eu trabalho na sorveteria ao lado do armazém. Venha um dia desses e vou pegar um sorvete de graça para você.

—Oh. — Emi piscou, demorando muito para responder. — Obrigada. Isso seria muito legal.

—Nós devemos ir. Meu pai está esperando no carro. — Ela piscou. — Talvez amanhã minhas orações sejam atendidas e Yasu finalmente me convide para sair.

Juntas, elas correram de volta pelo terreno, disparando direto pelos torii sem a menor saudação. Emi ficou olhando para elas. Suas orações tão sérias

eram sobre um menino? Ela presumiu um ente querido doente, ou pelo menos um exame importante.

Balançando a cabeça, ela olhou para o santuário. Uma vez, ela ansiava pela atenção de um menino, mas ela nunca orou por isso. Que perda de tempo para um kami.

Ela se virou e, como se convocada por seus pensamentos errantes, Katsuo estava parado ali, observando-a.

Gritando, ela tropeçou para trás e quase tropeçou na barra do hakama.

—Katsuo! Não se aproxime furtivamente de mim!

—Eu não me esgueirei. Eu apenas andei.

Ela fez uma careta, olhando para ele. Seu uniforme, calças hakama violeta-escuras e uma camisa kosode de mangas compridas, era o padrão para um sohei de um santuário Amaterasu. Um longo sobretudo haori sem mangas em um tom ainda mais escuro de roxo roçava a neve enquanto ele se movia, e uma gravata preta com contas mantinha a frente aberta no lugar. O cabo de uma katana saía do haori em seu quadril.

—Kannushi Fujimoto me enviou para encontrar você. — ele continuou. Ele parecia perfeitamente educado, mas seu olhar se movia continuamente sobre o rosto dela, como se procurasse por algo. —O jantar está pronto.

—Ah. Certo.

—Uh. — Ele hesitou, afastando o cabelo dos olhos. —Emi, eu queria, quero dizer, hum, minha dama...

—Emi está bem. — Disse ela fracamente. A visão dele turvou suas emoções novamente.

—Emi. — Seu sorriso desapareceu rapidamente. —Eu... eu sei que deve ter sido um choque me ver novamente. Eu não sabia que não disseram a você que eu fui designado para... Hum. Eu só queria...

—Eu... eu preciso orar antes do jantar. — disse ela apressada. — Desculpe.

Seu rosto caiu quando ela passou por ele. Na fonte de água, onde um fio d'água escorria continuamente de uma bica de bambu, ela usou a concha de cabo longo para retirar a água gelada da bacia. Primeiro ela derramou na mão esquerda, depois na direita, e então pingou um pouco na palma para que pudesse tomar um gole. Recolocando a concha, ela voltou ao salão principal e subiu os degraus. Katsuo não se moveu, sua expressão era ilegível enquanto a observava.

Tocar a campainha. Curvar-se duas vezes. Bater palmas duas vezes. Ela juntou as mãos e inclinou a cabeça para baixo, os olhos fechados.

Amaterasu, por favor me ajude a passar os próximos dois meses. Estamos quase lá. Obrigada por me proteger. E, como sempre, obrigada por me escolher.

Ela quase pediu a kami para ajudá-la com Fujimoto e Nanako, e talvez Katsuo também, mas ela percebeu que os zeladores do santuário eram seu problema. Ela preferia que Amaterasu concentrasse todo o poder que tinha de sobra para manter Emi segura.

Ela é apenas a primeira que viveu tanto tempo... Fazendo uma careta, Emi empurrou as palavras amargas de Nanako. Depois de quase dez anos, ela tinha apenas sete semanas para passar, e então não haveria perigo, mundano ou sobrenatural, que poderia ameaçá-la.

Enquanto ela permanecia com a cabeça baixa, a sensação gentil de uma presença estrangeira a invadiu. Um calor sutil em seu coração infundiu sua pele e se espalhou por seu peito. O sussurro da presença de Amaterasu roçou

em sua mente, pulsando com uma mensagem sem palavras. Mas ela podia sentir o significado por trás disso:

Urgência. Aviso. Cuidado.

Ela congelou. A mensagem sussurrou dentro dela por mais alguns instantes antes que a presença da kami desaparecesse e ela ficasse sozinha em sua pele novamente. Ela esperou, os segundos passando, mas não voltou. Soltando um longo suspiro, ela se curvou novamente e se endireitou, baixando as mãos para os lados. Ela sentiu a presença da kami uma ou duas vezes por ano nos últimos dez anos, mas essa foi a mais forte que ela já sentiu, e nunca antes Amaterasu tentou avisá-la. Avisar sobre o quê? Ter cuidado em geral, ou de algo ou alguém, em particular?

Katsuo ainda estava esperando quando ela desceu os degraus do caminho. A neve caiu, amortecendo todo o som. O silêncio quase a fez sentir como se ouvidos invisíveis estivessem ouvindo, esperando que ela ou Katsuo falassem. Talvez ela só estivesse se sentindo nervosa após o aviso de Amaterasu.

Remexendo no punho de sua espada, ele a observou se aproximar.

—Você já fez um passeio por aqui? — A forma afetada de sua pergunta sugeriu que não era o que ele realmente queria perguntar.

Seu olhar caiu para o chão. —Ainda não.

—É tarde demais agora, e Miko Nanako vai me esfolar se formos mais tarde, mas posso mostrar a você amanhã.

Emi apertou os lábios, com medo de olhar para cima. Não havia nenhuma maneira legal de dizer que ela não queria ficar com ele. As memórias não deveriam assombrá-lo da maneira como a assombravam. Elas não devem atormentá-lo. Ele não tinha ouvido o grito final de Hana. Ele não olhou nos

olhos dela naquele último momento, não viu o terror que percorreu todo o caminho até sua alma antes que ela desaparecesse sob a água agitada.

Ele não sentiu a mão desesperada dela escorregar de seus dedos dormentes.

—Não devemos deixar Miko Nanako esperando. — Ela disse, deslizando sua máscara composta no lugar.

O peso de sua atenção permaneceu sobre ela por mais alguns segundos antes de começar a voltar para a casa. Na passarela, ele parou para andar ao lado dela novamente, mas ela avançou com determinação, o olhar fixo no jardim e nas janelas brilhantes da casa. Ela só cambaleou um pouco quando seu dedo do pé se prendeu em uma tábua no meio, mas ela nem entrou em pânico. Melhora definitiva. Ela conseguiu.

Quando ela alcançou o fim da ponte, um respingo na água quebrou a quietude silenciosa.

O terror enviou seu coração a um frenesi selvagem e palpitante enquanto ela saltava como um coelho assustado. Ela pousou no caminho de pedra coberto de neve e seus pés deslizaram em direções opostas. O chão correu em direção a seu rosto.

Braços fortes a agarraram pela cintura, levantando-a e colocando-a de pé. Por um único segundo, os braços de Katsuo a envolveram, seu calor como o calor de um fogo contra suas costas.

No momento em que seu cérebro se recuperou, ele a soltou, recuou e se curvou profundamente em desculpas.

—Perdoe-me, minha dama. — Ele entoou sem se levantar de sua reverência.

—O que, o que foi?

—O som era um koi rompendo a superfície do lago. Garanto que você está segura.

Um koi? Ela olhou além dele para a lagoa, seu coração ainda martelando. Quão grandes eram os peixes no lago que eles podiam fazer um respingo tão alto? Suas bochechas ficaram quentes. Pânico por causa de um peixe, que humilhante. Ela olhou de volta para Katsuo. Ele ainda estava curvado em uma reverência de desculpas. Embora ele fosse seu guardião, ele estava tão proibido de tocá-la quanto Fujimoto, exceto em emergências. Um koi não contava como uma emergência, embora sua colisão iminente com o caminho de pedra provavelmente sim.

—Está tudo bem, Katsuo. — ela disse rapidamente, acenando para ele com o máximo de dignidade que conseguia reunir. —Obrigada por me pegar. Terei mais cuidado no futuro.

Ele se endireitou, sorrindo com um charmoso toque de timidez, suas bochechas ligeiramente coradas.

Ela mordeu o interior da bochecha e correu em direção à casa na frente dele, sem saber o que dizer. De repente, ela estava ansiosa pelos olhos gelados e tons afiados de Nanako. Lidar com os olhares e zombaria da miko daria a ela muito em que pensar além de Katsuo.

Quão difícil seria evitar um guarda-costas dedicado exclusivamente a garantir sua máxima segurança a cada momento do dia?

Seus ombros caíram. Seriam dois longos meses.

Capítulo Três

Emi cerrou os dentes. Como ela deveria meditar com todo esse barulho?

O aço colidiu contra o aço em um estrondo ensurdecedor e uma voz masculina gritou uma risada. Outro tinido, grunhidos, baques. Seus olhos tentaram abrir, mas ela os fechou com força, como se isso fosse bloquear o som. Os músculos de suas coxas se contraíram de tensão e ela se mexeu na almofada sem descruzar as pernas.

—Ooooh! — Katsuo gritou com muito mais volume do que o necessário. —Essa foi uma jogada barata, Minoru.

—Só porque você não esperava.

Seus olhos se abriram. Desembaraçando as pernas, ela se levantou e deu um tapa nas rugas de seu hakama; ela não tinha feito um trabalho tão excelente ao dobrá-los ontem como ela pensava. Em seu armário, ela escolheu um haori, um quimono pesado e aberto para usar ao ar livre, e o vestiu. Puxando o rabo de cavalo por cima do ombro, ela correu as mãos por todo o comprimento do cabelo para alisá-lo e soltou um longo suspiro. Só quando teve certeza de que poderia resistir à vontade de gritar, ela deslizou a porta e saiu para a calçada.

A luz forte do sol banhava o jardim, brilhando na fina camada de neve. Feliz por o ar não ter o mesmo tom de inverno de ontem, ela virou no corredor até a entrada, onde calçou as sandálias. Do lado de fora da porta, o barulho de lâminas e corpos se chocando era ainda mais detestável. Um grupo de árvores, com as folhas vermelhas e amarelas aparecendo por baixo da geada

branca, separava a casa de esgrima dos sohei, talvez dando-lhes a ideia de que o barulho não a perturbaria, uma ideia que ela estava prestes a desmascarar completamente.

Ela caminhou descendo o caminho, longe de casa, já planejando sua aula em sua cabeça, quando uma risadinha silenciosa a fez parar. Ela se virou, as sobrancelhas franzidas. Alguns metros fora do caminho, em uma moita espessa de arbustos, um lampejo vermelho era apenas visível através da folhagem.

Seu coração saltou em sua garganta antes que a lógica assumisse o controle. Os yokai perigosos não podiam entrar no santuário de um kami, especialmente não no santuário de um Amatsukami. E mesmo se fosse um yokai, dificilmente usaria roupas vermelhas brilhantes e riria como uma colegial. Bem... era possível, mas improvável.

Ela saiu do caminho. Escondidas nos arbustos, duas garotas em uniforme de miko estavam agachadas na neve, sua atenção totalmente fixa na visão perfeita do vale do outro lado das árvores. Katsuo segurava sua katana baixo e sorria para Minoru enquanto o sohei mais velho casualmente passava seu bastão laminado de mão em mão. A história de sua luta estava escrita na grama onde seus pés derreteram a neve, deixando rastros claros na grande clareira.

Minoru ampliou sua postura e baixou a lâmina em direção a Katsuo, mas antes que pudesse se acomodar em posição, seu olhar se voltou para Emi. Ele ergueu seu bastão e fez uma pequena reverência.

—Bom dia, minha dama. — Ele disse.

Katsuo olhou para ela e se ergueu de sua posição de batalha.

—Emi! — Ele exclamou. Seu rosto estava vermelho pelo esforço ou ele estava corando de novo? —O que você está fazendo?

Minoru franziu a testa para sua contraparte mais jovem. Emi piscou, sem saber como responder, e olhou para as duas meninas. Elas olharam para ela, boquiabertas, ainda agachadas atrás dos arbustos. Um silêncio constrangedor caiu sobre o jardim.

Com uma risada alegre, a mais velha das duas garotas se levantou de um salto. Ambos sohei ficaram surpresos com sua aparição repentina. A garota acenou energicamente para eles e jogou o outro braço em volta dos ombros de Emi.

—Ah, Katsuo! Minoru! Bom dia. Estávamos apenas levando a dama a um passeio pelo santuário. — Ela apertou os ombros de Emi e lançou-lhe um sorriso radiante que dizia claramente: *Você estragou nosso disfarce, então é melhor você jogar junto*. A segunda garota também se levantou, seu rosto brilhando com um rubor espetacular.

A garota segurando Emi prisioneira pelos ombros gesticulou grandiosamente ao redor deles. —Agora que você viu a casa, mostraremos o estábulo. Você gosta de cavalos? Temos quatro: três éguas e um cavalo castrado.

Ainda falando sobre cavalos, ela conduziu Emi à força de volta para o caminho. A outra garota seguiu atrás delas, o olhar fixo nos dedos dos pés, enquanto Katsuo e Minoru mudamente olhavam para elas. A garota ligada a Emi conversou alto até que o sohei sumisse de vista. Um minuto depois, o barulho das armas recomeçou.

A garota largou o braço de Emi e revirou os olhos com tanta violência que sua cabeça balançou no pescoço. —Você tinha que ser tão óbvia? Eles não tinham ideia de que estávamos assistindo até que você decidiu ficar lá bem à vista.

—Eu não percebi o que vocês estavam fazendo até que Minoru já tivesse me visto. — Emi não tinha certeza se estava se defendendo ou se desculpando.

—Agora teremos que encontrar uma nova maneira de observá-los. — Ela resmungou, sem diminuir o passo enquanto elas passavam pelo jardim por um caminho de terra que ia para o norte, longe da casa. —Eu sou Rina, a propósito. Esta é a Yui.

Ela apontou por cima do ombro para a outra garota, que olhou para Emi sem palavras. Seus óculos de aro grosso aumentavam seus olhos, tornando seu olhar ainda mais desconfortável. Seu cabelo estava na altura dos ombros, apenas comprido o suficiente para amarrar no rabo de cavalo de miko, e seu corpo minúsculo quase se perdia nas mangas largas de seu quimono branco e no hakama vermelho esvoaçante.

—Estávamos na escola ontem quando você chegou, e Nanako não nos queria em seu primeiro jantar. — Com outro revirar de olhos excessivamente zeloso, Rina enfiou a longa franja lateral atrás da orelha. —Quem sabe por quê. Ela fica irritada com o vento soprando na direção errada.

Parecia que Emi não era a única destinatária da má atitude de Nanako.

—É um prazer conhecê-la. — disse Emi, aproveitando a primeira pausa real de Rina. —Eu sou...

—Kimura Emi. — Rina interrompeu em tom grandioso. —A kamigakari de Amaterasu, Amatsukami do Vento, portadora de alegria e primavera, portadora de ciclones e tempestades. Nós sabemos. Já sabíamos de você antes mesmo de Kannushi Fujimoto nos dizer que ficaria aqui até a cerimônia. Cada miko em cada santuário Amaterasu sabe o seu nome.

Uma vozinha murmurou algo atrás delas.

Rina parou com um bufo. —Fale mais alto, Yui. Não podemos ouvir quando você sussurra assim.

Yui apertou as mãos. —Você realmente tem a marca da kami? — Ela perguntou, seu volume apenas uma fração mais alto do que da primeira vez.

Emi acenou com a cabeça e pressionou a mão no quimono sobre o peito. —Sim. Ela apareceu quando eu tinha oito anos, na manhã seguinte ao solstício de inverno.

—Podemos ver? — Rina perguntou, seu rosto iluminado com curiosidade.

—V-ver? — Emi ficou boquiaberta. Ninguém nunca havia perguntado isso antes. Rina não a tinha visto indicar o peito, como no ponto logo acima do decote? —É, uh, não em um lugar que... quero dizer, não seria apropriado...

—Deixa pra lá. — Rina acenou com a mão e voltou a andar. —Então, como é ser a kamigakari? Aposto que é muito fácil, hein? Ninguém vai colocá-la para trabalhar. Você é muito importante para isso.

Emi relutantemente seguiu a garota. Árvores pendentes se fechavam ao redor do caminho, árvores mais selvagens que não tinham mais a aparência cuidada de um jardim. A casa estava fora de vista atrás dela e nem o sohei as seguiu. Alguns guardiões.

—Quanto mais longe? — Emi perguntou. —O estábulo ainda está dentro do terreno do santuário, não é?

—Claro. — Rina disse com desdém. —É bem próximo a esta curva. Eu sei que você não pode deixar o terreno sem o seu sohei.

A garota abriu caminho em uma curva fechada à esquerda no caminho. A floresta se abriu em um pequeno pasto cercado com um estábulo simples na frente. Quatro cavalos pastavam na grama polvilhada pela neve, dois marrons, um baio com pelagem escura e focinho preto e um preto com pintas brancas. O mais claro ergueu a cabeça e relinchou para elas, mas os outros três mantiveram o nariz no chão, mastigando obstinadamente.

Rina foi até a cerca de madeira e colocou as costas nela, apoiando os cotovelos na tinta branca desbotada da grade superior. Ela sorriu para Emi. — Então, Srta. Kamigakari, como é?

Emi suprimiu uma careta. Ela esperava que Rina esquecesse essa linha de questionamento. —É semelhante a ser uma miko, mas com mais... restrições.

—As restrições não podem ser tão ruins. — Rina chutou um pedaço de grama. —Você fica estragada, certo? Lindos sohei à sua disposição e outras miko fazendo todas as suas tarefas, então nada extenuante pode afetar sua saúde. Quer dizer, vamos. Isso soa muito bom.

Tentando não franzir a testa, Emi olhou para os cavalos do outro lado do pasto. Indiferente à neve, a baia voltou às suas forragens. O dia já estava esquentando. Na hora do almoço, a neve provavelmente teria acabado.

—Existem alguns luxos, eu suponho. — Emi murmurou.

—A kamigakari tem que permanecer pura. — Yui sussurrou para suas mãos enquanto as torcia juntas. —Para que ela possa receber o poder e o espírito do kami. Ela deve tomar banho duas vezes ao dia, meditar antes e depois de dormir, comer apenas alimentos saudáveis, beber apenas água purificada. Ela deve manter um espírito limpo e puro, bem como um corpo, e se abster de pensamentos ou impulsos maus ou impuros.

—Você memorizou livros didáticos de novo? — Rina murmurou para Yui antes de sorrir para Emi. —Impuros impulsos, hein? Então, acho que não devemos convidá-la para assistir ao treino dos sohei então. Eles estão aqui há apenas uma semana, mas já lutaram duas vezes por dia até agora.

Emi estremeceu enquanto velhas memórias lutavam para se libertar. Ela não estaria se esgueirando para assistir o treino dos Sohei. Ela cometeu esse erro uma vez. Nunca mais.

—Espere. — Rina disse pensativa. —É por isso que o enviado de Shion fez tanto alarde sobre como apenas miko podem tocar em você? — A voz dela saiu ofegante de descrença. —Homens não estão autorizados a tocar em você em tudo?

Emi estremeceu novamente.

—Você não pode tocar caras? Seriamente? Então, espere, você nunca foi beijada então, não é?

Sem saber como sair dessa conversa, Emi balançou a cabeça. Obviamente ela nunca foi beijada. Contato inocente ou necessário, como Katsuo pegando-a, estava bem. Não que os homens pudessem contaminá-la com não mais do que um toque breve e inofensivo, mas a regra ainda era necessária para proteger sua pureza.

Rina soltou uma gargalhada. —Eu não posso acreditar. Você tem o quê, dezoito? E você nunca beijou um cara!

A irritação fervia sob o desconforto de Emi. As restrições e sacrifícios necessários exigidos do kamigakari não eram uma piada para se rir.

Emi deu uma pequena reverência. —Obrigada por me mostrar o estábulo. Devo voltar para casa. Ainda não terminei minha meditação matinal.

—Desculpe, desculpe! — Rina falou, não parecendo remotamente arrependida. —Eu me empolgo às vezes. Vamos voltar. — Ela deu alguns passos e esperou que Emi e Yui a alcançassem. —Eles foram super insistentes que você permanecesse dentro do recinto a menos que você tivesse um sohei com você. Você está realmente em perigo quando não está em solo sagrado?

—É apenas uma precaução. — explicou Emi. Claramente, as perguntas não parariam até que ela se separasse de Rina. —Sohei me acompanharam na ida e volta para a escola todos os dias até eu me formar no verão passado, e nunca tivemos problemas.

—Mas você foi atacada por um yokai uma vez, certo? — Perguntou Rina. —Alguns anos atrás, no parque fora do Santuário Shion. Uma miko morreu, certo? Como era o yokai?

Sua última pergunta saiu em tons abafados de curiosidade mórbida.

Emi parou no meio do caminho, puxando-se para cima e apertando as mãos trêmulas.

—Miko Rina. — ela disse, convocando o tom mais comandante que pôde. —Uma garota inocente morreu naquele ataque. Por favor, mostre respeito por uma vida perdida. Ela tinha apenas quinze anos e morreu tragicamente e desnecessariamente. Peço que você deseje que sua alma encontre paz e sua família encontre conforto, em vez de preencher seus pensamentos com detalhes sujos sobre a maneira como ela morreu.

Yui obedientemente juntou as mãos em uma prece pela falecida, mas Rina não se mexeu. Seu sorriso não estava à vista enquanto ela olhava para Emi, os olhos estreitos e duros. Emi sustentou seu olhar até que a garota finalmente baixou o olhar.

Sem outra palavra, Emi se afastou delas, de volta para a casa. Ela manteve a compostura em um punho de ferro, não querendo deixar uma única rachadura aparecer. Em sua cabeça, ela ouvia o último grito de Hana repetidamente até que não conseguia ouvir mais nada.

O yokai pode ter matado Hana, mas a fraqueza de Emi, sua estupidez e egoísmo, foram os verdadeiros motivos de sua melhor amiga ter partido para sempre.

Capítulo Quatro

Na reclusão de seu quarto, Emi lutava para encontrar a tranquilidade interior para retomar sua meditação. Pelo menos estava quieto. Minoru e Katsuo haviam partido para algum lugar; dentro dos limites do terreno do santuário, eles não tinham muito o que fazer, exceto patrulhar a área e garantir que os talismãs ofuda e outros encantamentos de proteção estivessem totalmente funcionais. Salvo uma catástrofe, nenhum yokai, pelo menos nenhum com más intenções, poderia entrar no terreno do santuário.

Ela tentou se concentrar, mas seus olhos se abriram contra sua vontade. Ela os fechou novamente e cerrou os dentes. A voz de Rina continuou ecoando em seus ouvidos. Tato definitivamente não era o forte da garota. Todas essas perguntas, como se Emi fosse apenas uma fofoca emocionante em vez de uma pessoa real com sentimentos.

Suas pálpebras se levantaram novamente e ela se viu olhando para o chão. Talvez Rina não estivesse tão longe. Um kamigakari era primeiro um kamigakari e depois uma pessoa. Os sentimentos de Emi nunca foram levados em consideração. Não quando ela foi tirada de sua casa aos oito anos de idade e colocada em treinamento no Santuário Shion. Não quando ela foi enviada para uma escola privada, só para meninas, e proibida de fazer amigos fora do santuário. Não quando ela foi enviada para viver em diferentes santuários após o ataque yokai em Shion.

Se ela fosse honesta consigo mesma, ela teria que admitir que ninguém realmente se importava com seus sentimentos. Eles tentaram acomodá-la, mas não se importaram. Se eles tivessem que cortar suas mãos para evitar que ela falhasse como uma kamigakari, eles fariam isso sem pensar em seu bem-estar. Guji Ishida, o chefe kannushi em Shion e líder de todos os santuários dedicados à adoração de Amaterasu, tomou todas as decisões sobre o futuro dela e nunca a consultou sobre nada disso.

Desistindo da meditação, Emi puxou sua caixa de madeira de dentro da bagagem e recuperou seu diário. O marcador ficou onde ela havia escrito na noite anterior, observando suas experiências do dia e seus pensamentos sobre o novo santuário. Ela tinha sido razoavelmente cuidadosa para não incluir nada que pudesse colocá-la em sérios problemas, mas por outro lado, ela não conteve seus sentimentos. Nanako não ficaria feliz se ela colocasse as mãos no diário.

Soltando um longo suspiro, Emi folheou as páginas, parando em uma com uma foto colada nela. Seu rosto sorridente, três anos mais jovem, olhou para ela. Um lindo quimono em todos os tons de roxo girava em torno dela e seu cabelo voava atrás dela com o vento. Outra garota, vestida com o uniforme simples de miko, pendurada em seu braço, rindo tanto que ela mal conseguia ficar de pé.

Hana era tão jovem. As bochechas coradas e os olhos brilhantes faziam seus traços bastante simples parecerem vibrantes e adoráveis. Poucas pessoas teriam notado a outra garota ao lado de Emi. Um pouco alta demais, membros finos e esguios, rosto um pouco largo demais, olhos juntos. Mas Emi conhecia a pessoa maravilhosa dentro dela, a bondade e generosidade de Hana. Emi poderia ter a beleza mais tradicional, um rosto oval perfeito, olhos grandes,

uma boca pequena com lábios carnudos, mas ela achava que Hana era a pessoa mais bonita.

Emi tocou na borda da foto. Hana morreu três dias depois.

Com os dedos tremendo, ela folheou várias páginas. Escrito repetidamente com sua caligrafia elegante, o nome de Katsuo saltou para ela. Com cada vislumbre de seu nome, seu estômago se apertou um pouco mais.

Eu vi Katsuo treinando hoje com o outro sohei. Ele sorriu para mim.

Falei com Katsuo pela primeira vez. Ele me desejou um bom dia. Espero que ele não tenha me visto corar. Ele é tão lindo. É estranho eu querer tocar seu cabelo?

Acho que Katsuo é o melhor espadachim de sua classe. Hana riu de mim quando contei a ela. Ela perguntou como eu poderia saber quando mal conheço o cabo da lâmina.

Eu sei que não deveria estar pensando em meninos, mas não consigo tirar Katsuo da minha cabeça. Eu mal o conheço, mas ainda... fico pensando. E se eu não fosse a kamigakari? E se eu pudesse realmente falar com ele? E se eu pudesse tocá-lo? E se eu pudesse beijá-lo?

Não devo pensar nessas coisas, mas não consigo me conter. Hana diz que é só uma paixão e vai embora se eu o evitar.

Katsuo falou comigo hoje. Ele me chamou de 'minha dama' e eu pedi que ele me chamasse de Emi. Eu estou tão envergonhada. Eu não deveria ter feito isso, mas não quero ser 'a dama' para ele. Eu quero que ele me veja, veja Emi. Não apenas a kamigakari que todo mundo vê.

Em circunstâncias diferentes, os rabiscos tolos e imaturos de seu eu hormonal de quinze anos a fariam revirar os olhos. Em vez disso, ela engoliu o desejo de vomitar e, trêmula, virou a página.

Hana finalmente me sentou e me deu um sermão sobre como estou colocando todo o meu futuro em risco por uma paixão estúpida. Ela disse que estou entediada e ficar obcecada por Katsuo é mais interessante do que a meditação e a prática da cerimônia do chá.

Ela está certa. Estou sendo uma idiota. Nunca poderei estar com Katsuo e pensar nele é perigoso. É tão difícil.

Esta tarde, ouvi ele e o outro sohei conversando. Eles vão ao parque amanhã para uma batalha simulada. Parece muito emocionante. Convenci Hana de que deveríamos ir também, como minha última despedida para assistir Katsuo, e então paro. Teremos que fugir, mas não é longe, apenas um ou dois quilômetros. Acho que ela só concordou para que pudesse segurá-lo sobre minha cabeça mais tarde.

Seu olhar relutantemente voltou para a página oposta. Estava em branco, exceto pela data: vinte e cinco de agosto. Sua mão tremeu tanto ao escrever que as letras ficaram quase ilegíveis. Nada foi escrito abaixo da data, nem uma única palavra.

Ela fechou o diário. Enfiando de volta na caixa de madeira, ela jogou tudo na mala e enxugou as lágrimas do rosto. Se ela nem tentaria meditar, deveria pelo menos orar. Ela olhou para o pequeno santuário no canto do quarto, a primeira coisa que ela montou depois de desempacotar suas roupas, mas em vez disso se dirigiu para a porta. Ela precisava de ar fresco e do ritual calmante do santuário completo para clarear seus pensamentos.

Desta vez, ela cruzou a passarela sem incidentes, excluindo alguma hiperventilação menor. Alguns habitantes da cidade estavam espalhados ao redor do santuário: um casal de meia-idade curvado em oração, uma senhora idosa sentada no banco sob a árvore sagrada e um jovem empresário curvado sobre a mesa em frente ao estande onde os fiéis poderiam escrever um desejo

ou oração em uma pequena placa de madeira e pendurar para o prazer visual do kami.

Emi foi direto para o bebedouro para se limpar. Quando ela terminou o ritual de lavagem e recolocou a concha, alguém se juntou a ela na bacia.

—Ei. Lembra de mim?

Emi olhou em volta, surpresa ao ver a colegial da noite anterior, a mais alta que lhe ofereceu sorvete grátis. Hoje, ela usava um longo suéter verde e legging preta, seu cabelo torcido em um coque bagunçado. Sua falta de uniforme deu a Emi uma pista sobre o dia da semana. Era sábado. Isso explicava por que Rina e Yui estiveram no santuário naquela manhã. Nos dias de semana, elas ficavam por aí apenas algumas horas todas as noites.

A menina sorriu timidamente e Emi retribuiu. Inclinando a cabeça em direção ao santuário, Emi perguntou: —Voltando para orar?

—Hum sim. — A garota rapidamente se virou para a bacia para se lavar.

Emi se encolheu quando a garota lavou as mãos na ordem errada, azar, mas não disse nada. Juntas, eles caminharam para o corredor principal, passando pelo casal mais velho a caminho do torii.

Permitindo que a menina tivesse privacidade, Emi se concentrou em sua própria oração, nada específico, apenas um desejo geral de força e coragem. E talvez alguma sabedoria. A sabedoria sempre era boa.

Quando Emi se curvou para completar sua adoração, a garota a copiou imediatamente, obviamente apenas esperando que Emi terminasse. Elas se afastaram do santuário quando o empresário veio tomar seu lugar. Esperando que a menina a seguisse, Emi dirigiu-se à árvore sagrada, o carvalho antigo que dominava o pátio do santuário, e sentou-se no banco do lado oposto da senhora idosa, que estava orando ou cochilando.

Puxando nervosamente seu rabo de cavalo, a garota se abaixou ao lado de Emi.

—Eu sou Miyako. — ela deixou escapar. —Posso te fazer algumas perguntas?

—Claro. — disse Emi. —Meu nome é Emi.

Ela observou o lago enquanto esperava pacientemente que Miyako falasse. Garotas mais novas frequentemente achavam mais fácil abordar uma miko com mais idade do que um velho kannushi intimidante, então não era a primeira vez que Emi fazia isso.

Miyako se inquietou, então se inclinou na direção de Emi e baixou a voz. —Os kami são realmente reais?

Quase todas as miko passaram por uma fase de dúvida, se perguntando se os kami existiam, mas para Emi isso nunca existiu. Seus pais eram crentes devotos, e quando ela teve idade suficiente para questionar qualquer coisa, ela foi marcada como a kamigakari. Além disso, como ela poderia duvidar quando às vezes sentia a presença de Amaterasu enchê-la quando ela orava? O estranho aviso da kami passou por sua memória, mas ela o empurrou de lado.

—Mesmo que a maioria de nós nunca veja um único sinal de sua presença. — Emi respondeu. —Eles são tão reais quanto o calor do sol ou o frio do inverno.

—E eles respondem às orações?

—Às vezes... de certas maneiras. Um raio atingirá seu inimigo se você orar por sua morte? Você vai ganhar na loteria só porque pediu? Não para ambos. Os kami não satisfazem nossos caprichos. Mas se você orar por força, sabedoria ou sorte, os kami pode lhe dar um empurrãozinho na direção certa. Se você os ofender, eles podem te dar uma cutucada na direção oposta.

A testa de Miyako se enrugou. —Como você pode ter certeza? Você já ouviu um kami responder à sua oração?

—Sim, eu já.

—Hã. — Miyako, educadamente, não perguntou o que aquela oração tinha sido. —Você mencionou outro tipo de kami...

Emi se recostou, ficando confortável no banco. —Existem dois tipos de entidades espirituais: os kami e os yokai. Os kami residem no reino celestial, separados do nosso. Os mais poderosos dos kami são chamados de Amatsukami. Os quatro governam os céus e os outros kami.

—Este santuário é dedicado a Amaterasu, a Amatsukami do Vento. Os outros são Izanagi do Céu, o governante final dos kami; sua irmã Izanami da Terra; e Tsukiyomi da Água, irmão de Amaterasu.

—Terra e céu, vento e água. — Miyako murmurou. —E quanto aos yokai? Eles são como demônios, não são? Todo mundo conhece as histórias infantis sobre o trapaceiro tanuki ou crianças se afogando por causa dos kappa.

Emi se encolheu com a menção dos kappa. —Yokai são espíritos, não demônios. Eles são os kami do reino terreno. Como compartilhamos nosso mundo diretamente com eles, é mais provável que você entre em conflito com um yokai do que com um kami, daí as histórias. — Histórias bem merecidas, em sua opinião.

Yokais compartilhavam o mundo dos humanos, vivendo parcialmente dentro dele e parcialmente dentro de seu próprio reino espiritual. Como os kami, eles eram governados por seus quatro indivíduos mais poderosos, os Kunitsukami. Sarutahiko da Montanha era seu líder e Uzume da Floresta era sua esposa. O Susano da Tempestade e o Inari do Fogo completavam os quatro.

Kami poderiam canalizar seu poder para a terra através de um objeto sagrado, um shintai, ou usar um humano mortal como receptáculo de seu poder, mas os yokai não precisavam de tais ferramentas. Em algum lugar, os Kunitsukami caminhavam sobre a mesma terra e respiravam o mesmo ar que ela. Era um pensamento um tanto sinistro.

Miyako bateu um dedo contra os lábios dela. —Você não gosta dos yokai, não é?

Irritada com sua própria transparência, Emi balançou a cabeça.

—Kami e yokai são onmyo um para o outro. — explicou ela, referindo-se ao conceito yin-yang de equilíbrio dos opostos, céu e terra, escuridão e luz, bem e mal. Até os elementos estavam equilibrados. Os Amatsukami se equilibravam entre si e também os Kunitsukami, mantendo o mundo em harmonia. —Eles são iguais, mas opostos, e nenhum é melhor ou pior. Mas eu... tive um encontro ruim.

—Ah não. — A expressão da garota se suavizou. —O que aconteceu?

A preocupação genuína e simpatia em seus olhos violaram as defesas de Emi de uma forma que a curiosidade excessivamente ansiosa de Rina nunca poderia. Emi não queria compartilhar uma experiência tão pessoal e terrível com uma estranha, mas a memória, tão próxima da superfície desde que chegou aqui, era como uma toxina em seu sangue. Talvez falar sobre isso ajudasse. Com quem mais ela poderia falar? Uma estranha era melhor do que alguém que ela teria que ver todos os dias pelos próximos dois meses.

—Alguns anos atrás, minha melhor amiga e eu estávamos caminhando no parque. — Ela meio que murmurou. Caminhando no parque. A maneira como ela disse isso parecia tão simples, tão fácil, mas ela não queria mencionar o processo lento e enervante de escapar do terreno do santuário para chegar ao parque. —Estávamos seguindo alguns meninos. Eu... eu tinha uma queda por

um deles. Estávamos tentando ficar fora de vista e eu deixei os meninos irem muito longe. Perdemo-nos.

—Não me lembro exatamente por que fiquei com medo, mas podia sentir minha pele formigando e meu cabelo se arrepiando. — Emi olhou para o lago sem vê-lo. —Algo estava nos observando. Peguei a mão de Hana e começamos a correr de volta. Encontramos a trilha e corremos o mais rápido que podíamos. O terreno do santuário ficava logo adiante. Eu podia ver a ponte sobre o riacho. O torii estava do outro lado.

As profundas sombras verdes da floresta do final do verão encheram sua mente. As chuvas recentes haviam inchado o riacho e a água turva corria por baixo da ponte.

—Corri para a ponte. Hana estava bem atrás de mim, mas ela escorregou na lama em frente à ponte. Ela caiu e seus pés espirraram a água. Apenas seus pés. Parei e me virei para ajudá-la a se levantar.

—Algo na água agarrou seu tornozelo e a puxou para o riacho, tão rápido e forte. Eu me joguei na beira da ponte e agarrei a mão dela. Ela estava gritando. A coisa estava tentando puxá-la para baixo. Tentei levantá-la, mas era tão forte.

O horror contorceu o rosto de Miyako, mas Emi mal viu. Ela podia ouvir Hana gritando.

—Um segundo yokai pulou da água e me agarrou. — ela sussurrou. Do tamanho de uma criança, mas atarracado, com pele verde-azulada, cabeça completamente sem pelos, dedos palmados e presas que brilhavam intensamente enquanto sorria de prazer vicioso. Ela não conseguia se lembrar de seu rosto, mas se lembrava daquele sorriso. —Ele agarrou minhas pernas e me puxou para fora da ponte. Não sei como, mas mantive uma das mãos no parapeito e segurei Hana com a outra.

Mesmo em suas memórias, ela não sentia a dor, embora deveria ter doído. O yokai com suas garras em forma de gancho afundou em seus tornozelos, puxando-a para baixo. As lascas de madeira do poste em seus dedos. O aperto mortal de Hana em sua outra mão enquanto o segundo yokai a puxava em direção ao fundo do riacho. Hana engasgou com a água suja, mal conseguindo manter a cabeça erguida, enquanto gritava o nome de Emi sem parar.

Emi se lembrou do momento em que percebeu que as duas morreriam. Ela se lembrava de olhar para Hana e ver seu próprio terror refletido de volta, terror tão profundo que ela podia ver a alma de Hana em seus olhos.

E então a mão de Hana havia se afastado da dela.

Emi mordeu o lábio inferior com força, incapaz de evitar que as lágrimas deslizassem pelo seu rosto. Mesmo agora, ela não sabia. Ela não sabia o que tinha acontecido. O yokai tinha puxado Hana para longe? O aperto de Hana cedeu, permitindo que o yokai a arrastasse para baixo? Ou Emi percebeu que ela estava prestes a morrer... e ir embora? Ela tinha deixado sua melhor amiga morrer para se salvar?

Ela nunca teria certeza. Mas ela sempre temeria que, no fundo, ela soubesse a resposta.

Atraídos pelos gritos, Katsuo e o outro sohei chegaram poucos segundos depois e pularam na água para resgatar Emi. O yokai a soltou e desapareceu sob a superfície escura. Katsuo a arrastou até a margem e a protegeu enquanto os outros procuravam Hana no riacho, mas eles chegaram tarde demais para salvá-la.

—Emi?

A voz de Katsuo absorvida em suas memórias, seus gritos frenéticos, os passos correndo. Então ela piscou e o viu parado a poucos metros de distância, olhando para ela com as sobrancelhas franzidas.

Ofegante, ela girou para longe dele e levantou a manga sobre o rosto para esconder as lágrimas. Miyako passou furtivamente para ela um lenço de papel. Enquanto Emi enxugava as bochechas, a outra garota se aproximou, olhando para Katsuo.

—Quem é aquele?

—Ele é um sohei, um sacerdote guerreiro. — Com o rosto um pouco melhor, Emi baixou o braço. Ela olhou de soslaio para Katsuo. —Nos tempos antigos, os santuários protegidos por sohei e seus shintai de kami. As lendas dizem que uma vez eles expulsaram yokai perigosos e defenderam os inocentes dos kami malignos ou famintos por poder, mas hoje em dia seu propósito é principalmente cerimonial.

Katsuo ergueu uma sobrancelha, mas não fez comentários. Ele dificilmente era cerimonial. A espada em seu quadril não era para se exibir e ele tinha ainda mais truques na manga para lidar com um ou dois yokai errantes. Os yokai modernos eram, como regra geral, problema unicamente para as pessoas que os procuravam, Emi sendo a exceção.

Miyako se levantou, puxando a bainha do suéter e olhando rapidamente para Katsuo como se não tivesse certeza se deveria incluí-lo. —Obrigada, Emi. Eu gostaria de aprender mais sobre os kami. Posso voltar no próximo fim de semana?

—Claro, Miyako. Você é sempre bem-vinda aqui no Santuário Shirayuri.

Com um aceno de cabeça e outro olhar corado para Katsuo, Miyako se afastou. Emi apertou os lábios. Quanto Katsuo ouviu? Ele já sabia a maior parte da história, mas será que a ouviu dizer que seguiu os meninos até o

parque porque tinha uma queda por um deles? Ele poderia adivinhar que ele tinha sido o objeto de sua paixão?

—Você é muito boa nisso. — Comentou.

—Em quê?

Ele acenou com a mão na direção que Miyako tinha ido. —Conversar com as crianças, dar as boas-vindas às pessoas no santuário, explicar sobre os kami.

Então ele ouviu tudo o que ela disse. Ela precisaria ficar mais atenta a ele. Ela suspeitava que ele nunca estava longe.

—Eu não preciso de você respirando no meu pescoço a cada momento do dia. — ela disse categoricamente, levantando-se e passando por ele. —Não corro perigo aqui.

Ele a seguiu enquanto ela quase pisava, ela nunca pisaria de verdade, mas também não escondeu sua irritação, até a passarela. Sua frequência cardíaca disparou novamente, irritando-a ainda mais. Ela parou no meio da ponte e respirou fundo por entre os dentes cerrados. Quando se sentiu um pouco menos apavorada, colocou as mãos no corrimão de madeira lisa, quase como se estivesse apreciando a vista do lago e do jardim, em vez de tentar obstinadamente vencer o medo.

Ao lado dela, Katsuo apoiou o quadril no parapeito, mostrando seu total destemor da pequena e inocente ponte ou tentando ajudá-la dando um bom exemplo.



—Eu sei que tenho sido muito zeloso em cuidar de você, mas este lugar... Eu não sei por que o Guji escolheu mandar você para este santuário. — ele disse, referindo-se a Ishida, o kannushi chefe de Shion. —É remoto, sim, mas é um pouco remoto demais. Tudo ao norte e oeste daqui são montanhas desabitadas. Você sabe o que as paisagens selvagens significam.

Seus olhos se voltaram do lago para o perfil dele. Ele olhou para o norte, para a montanha mais próxima, envolta em cores de outono, que se erguia acima do topo das árvores. Ela realmente sabia o que paisagens remotas e selvagens significavam: yokai. Uma vez que os kami precisavam de um hospedeiro humano para ter uma presença no reino terreno, eles eram mais frequentemente encontrados onde os humanos também estavam presentes. Mas muitos tipos de yokai preferiam áreas selvagens remotas, e não aceitavam intrusos humanos.

—Cheguei aqui uma semana antes de você. — continuou Katsuo. — então tive algum tempo para explorar. Encontrei sinais de yokai a menos de dezesseis quilômetros do santuário e eles são muito mais ousados do que o normal. Normalmente, eles evitam humanos, especialmente sohei, mas Minoru e eu encontramos seus rastros misturados com os nossos depois de explorar uma área. Eles estavam nos seguindo.

Ele passou a mão pelo cabelo desgrenhado. —E yokai em várias outras áreas têm agido de forma estranha por um tempo. Minha última tarefa foi investigar os ataques yokai a leste de Shion. Animais mortos e duas crianças desaparecidas. — Ele balançou levemente a cabeça. —Eu verifiquei todos os ofuda assim que cheguei aqui. Kannushi Fujimoto os tem mantido em boas condições, então o terreno do santuário está seguro, mas isso ainda me preocupa. Por que Guji Ishida não escolheu um pequeno santuário perto de uma cidade ou em outro lugar além dessas montanhas infestadas de yokai?

Suas mãos apertaram o corrimão e ela desejou não ter parado na ponte para sua demonstração de vencer o medo. Partir agora seria como admitir a derrota, mas a ideia de montanhas selvagens infestadas de yokai cercando o santuário fez sua pele arrepiar. Talvez Amaterasu estivesse tentando alertá-la para ter cuidado extra por causa dos perigos que cercam o santuário.

Ela resistiu ao impulso de verificar se os ofudas que sempre carregava estavam enfiados nos bolsos escondidos de suas mangas. Os talismãs de papel podiam proteger contra ataques yokai, mas ela nunca tinha usado um antes. Enquanto ela permanecesse em solo sagrado, ela nunca precisaria testar suas habilidades.

—Guji Ishida escolheu este santuário. — disse ela, fazendo um esforço para parecer calma. —Porque é tão pequeno e remoto que ninguém imaginaria que estou aqui, mas também porque o local da cerimônia do solstício é relativamente próximo e acessível.

Os ombros de Katsuo se contraíram. Ela olhou para ele com o canto do olho, tentando vê-lo como Miyako. Alto, de ombros largos e bonito, ele não tinha mudado muito desde o jovem de dezessete anos que ela teve uma queda três anos atrás, mas ela não sentia a mesma paixão formigante. Ele era bonito, mas aquele rosto bonito evocava muitas lembranças ruins, a tristeza e a culpa e a humilhação.

—A cerimônia... — ele repetiu, sua voz um tanto monótona. —O solstício está em menos de dois meses agora. Tão pouco tempo…

Ignorando a onda suave de ansiedade em sua barriga, ela ofereceu um sorriso confiante. —Não pode vir logo. Tenho temido cada sombra nos últimos três anos, mas depois do solstício, serão os yokai temendo-me.

Ele olhou para ela, seus olhos escuros intensos. —Você não tem nenhuma razão para ter medo enquanto eu estou com você. Eu não vou permitir que nada te machuque.

Seu estômago vibrou, borboletas quentes dançando loucamente. Oh não, não esse sentimento. Ela não tinha acabado de determinar que ela havia superado totalmente sua paixão? Ela afastou o olhar, silenciosamente o amaldiçoando.

—Eu tenho a maior fé que você cumprirá seus deveres com dedicação e habilidade. — Ela disse em um tom tão formal quanto ela pode reunir. Ela não ousou olhar para ele para ver sua reação. Sua promessa de protegê-la não parecia uma declaração de dever.

Um silêncio caiu sobre eles, quebrado apenas pela lagoa ondulante. Um corvo crocitou alto nas árvores além do salão principal.

—Como será a cerimônia? — ele finalmente perguntou. —Os kannushi são bastante mudos sobre isso.

—Eu não faço ideia. Eles não compartilharam nenhum detalhe comigo também.

Ele se endireitou de sua postura relaxada. —O que? Você não sabe?

Ela lançou um olhar para ele, levemente surpresa com sua indignação. —Vou descobrir em algum momento de antemão, tenho certeza.

—Como eles poderiam não te dizer? Você é a kamigakari, é a sua cerimônia. Você deve saber tudo o que há para saber.

Ela encolheu os ombros. —Eu não acho que tenho que fazer nada além de estar lá.

—Bem, e depois? Você sabe o que acontece então?

Ela encolheu os ombros novamente.

Descrença e desaprovação competiam em seu rosto. —Você não está nem curiosa? É o seu futuro. Você não se importa com o que vem a seguir?

Aproximando-se do corrimão, ela timidamente se inclinou contra ele. — É exatamente isso. Não é meu futuro. Não é sobre mim ou o que eu quero. É sobre Amaterasu e o que ela precisa. Se eu conheço os detalhes, não importa. Eu não posso mudar nada, e eu não quero.

Ela suspirou em sua carranca infeliz.

—Katsuo, desde o dia em que fui marcada como a kamigakari, meu futuro não era mais meu. Eu vivo para a vontade de Amaterasu, que é, por enquanto, promulgada por Guji Ishida e o outro kannushi em Shion. No solstício, a vontade dela passa a ser minha e a minha dela. Nosso futuro será algo totalmente novo a ser descoberto. Eu mal posso fazer planos para isso. — Sua voz se suavizou. —Isso é o que significa ser uma kamigakari. De certa forma, além mesmo do kannushi ou miko mais dedicados, minha vida pertence a minha kami.

Sua carranca desapareceu e algo mais tocou seus olhos. A emoção estranha, quase triste, demorou um momento para ser identificada: pena.

Ela recuou dele. Pena? Por ela? Ser uma kamigakari era seu sonho. Seu propósito. Ela poderia permitir brevemente uma dúvida ocasional ou o desejo de experimentar algo diferente, mas ela nunca iria realmente querer mudar seu destino. Ela devotou sua vida a sua kami desde que conseguia se lembrar. Entre milhares de Miko, Amaterasu tinha escolhido ela, Emi, como sua anfitriã.

Ele não perdeu sua reação furiosa e ergueu a mão apaziguadora. —Eu sei que ser a kamigakari é uma grande honra e você vai experimentar coisas que nem posso imaginar. Estou apenas surpreso que você não... você não se arrepende das coisas que não vai experimentar.

—Qual é o ponto? — ela retrucou. —Lamentar coisas que nunca terei dificilmente animará meu dia.

Ele resmungou um acordo e agarrou o punho da espada com uma das mãos, um gesto inconsciente, ela suspeitou. Talvez sua espada o fizesse se sentir mais forte e no controle.

—Você já sentiu a presença dela? — Ela perguntou, sua raiva esfriando.

—Hã?

—Você já sentiu a presença de Amaterasu quando você orou no santuário?

Suas sobrancelhas se curvaram. —Não.

—Eu já senti. Eu senti seu poder me tocar. Ela é... magnífica, divina... gentil. — A brisa soltou uma mecha de sua longa franja do rabo de cavalo e ela a colocou atrás da orelha. —Já fiz a escolha mais importante que poderia fazer. Você também escolheu. Você se tornou um sohei para servir aos kami. Não é tão diferente.

Ele balançou sua cabeça. —Você é tão devota e comprometida, Emi, que acha que todos são tão altruístas e dedicados quanto você. Tornei-me um sohei porque aprender a lutar contra yokai parecia muito legal quando eu tinha doze anos. Eu gostei e fiz muitos amigos, então continuei. Só quando você quase morreu, três anos atrás, percebi que não era apenas um hobby. Foi a primeira vez que vi um yokai. Não tenho certeza se realmente acreditava que eles existiam até aquele dia.

Ela olhou para ele. Ele treinou por anos sem nem acreditar em yokai?

—Depois disso, comecei a levar a sério. Mas é diferente para mim porque posso ir embora quando quiser. Hoje, amanhã, no próximo ano, daqui a dez anos... Posso decidir que prefiro ser contador ou advogado e me casar com uma garota legal e ter uma família. Mas você não pode. Você desistiu de tudo e não

tenho certeza se realmente considerou todo o escopo do que está escrevendo. Você acabou de fazer dezoito anos. Como você pode saber o que quer da vida? Em dois meses, você nunca mais terá a chance.

Ela franziu a testa para ele. Ele sabia que o aniversário dela tinha sido no mês passado? Por que ele saberia aquele pequeno detalhe sobre ela?

—Já perdi a chance. — disse ela. —Eu me tornei a kamigakari quando tinha oito anos e isso não pode ser desfeito. Não há como voltar atrás. Mesmo se eu pudesse voltar no tempo, eu não mudaria isso.

Ele fez uma careta, então soltou um bufo derrotado e gesticulou em direção à casa. —Está quase na hora do almoço.

Ela acenou com a cabeça e o seguiu para fora da ponte, observando suas costas. Isso o incomodava tanto que ela havia deixado de lado todos os sonhos mundanos que outras pessoas tinham? Por que ela iria querer essas coisas? Desistir de ser uma kamigakari para se tornar uma contadora ou mãe, criar filhos e preparar o jantar todas as noites? Por que diabos ela escolheria um futuro tão comum em vez do destino de outro mundo que a esperava?

No solstício de inverno, a Amatsukami do Vento descerá do reino celestial para juntar seu poder e vontade com o corpo mortal de Emi. Amaterasu a escolheu como o recipiente mais forte, puro e digno. Sem Emi, Amaterasu não poderia descer e o poder da kami permaneceria dolorosamente limitado. Cem anos se passaram desde que Amaterasu caminhou pela última vez neste mundo. Emi não falharia com sua kami.

Além de seus flertes condenados com Katsuo três anos atrás, Emi nunca havia traído os requisitos impostos a ela como uma kamigakari. Ela não correria nenhum risco que pudesse causar o fracasso da cerimônia de descida. As impurezas poderiam torná-la incompatível com o poder divinamente puro de Amaterasu. Emi meditava e tomava banho fielmente,

seguia as restrições alimentares, exercitava seu corpo para mantê-lo forte e evitava pensamentos inadequados e emoções corruptas. Amaterasu estava contando com ela. Ela sabia disso. Ela podia sentir a necessidade da kami quando orava.

Um kami médio poderia escolher qualquer humano como recipiente. Um anfitrião disposto e puro era melhor, já que um recipiente impuro não duraria muito sob o estresse do poder dos kami. Um Amatsukami, entretanto, era poderoso demais para aceitar qualquer mortal comum como hospedeiro; Amaterasu poderia possuir Nanako neste exato momento se a kami quisesse, mas seu poder provavelmente mataria a mulher em minutos.

Em vez disso, um Amatsukami precisava de um kamigakari, um recipiente especialmente escolhido e preparado, para hospedar seu espírito. Emi estava se preparando para receber o espírito de Amaterasu por dez anos. Ela não apenas praticou todos os preparativos e rituais necessários, mas a marca em seu peito era em si um canal para o poder de Amaterasu. A marca era tão tênue que era quase invisível quando apareceu pela primeira vez, mas havia escurecido com o passar dos anos. E conforme escurecia, a ligação entre Emi e os kami ficava mais forte, aclimatando seu corpo ao poder que um dia a preencheria.

O poder da kami estava nela, ou em uma fração minúscula dele, pelo menos, mas não era algo que ela pudesse sentir ou usar conscientemente. Mas isso mudaria no solstício, quando Amaterasu descesse e se juntasse a ela.

Emi não sabia como seria exatamente. Em algum lugar lá fora, três kamigakari abrigavam o poder de Izanagi, Izanami e Tsukiyomi, mas ela mal podia entrar em outro santuário e pedir para conversar sobre suas experiências. Ela iria descobrir quando isso acontecesse com ela.

Receber um kami em seu corpo tinha algumas desvantagens, a maior era que, apesar de todos os preparativos, isso poderia matá-la. Ela inevitavelmente perderia um certo grau de autonomia, mas essa era uma troca justa para se livrar dos limites da mortalidade e, em essência, se tornar um kami. Ela e Amaterasu se misturariam em uma só mente e vontade? Elas existiriam separadamente e compartilhariam seu corpo? De qualquer forma, ver, fazer e experimentar tudo junto com a Amaterasu, para se tornar uma parte da kami, valia mais do que abrir mão de outros tipos de experiências. Afinal, ela desistiu delas há muito tempo.

Mas ver Katsuo olhando para ela com pena nos olhos...

A raiva a sufocou, fechando sua garganta. Como ele ousava ter pena dela. Ele não entendia. Ele só viu o que ela perderia, não o que ganharia. Uma vida imortal enquanto sua kami precisasse dela, para se tornar uma força divina neste mundo, como ele poderia ter pena dela por isso?

Ele simplesmente não entendia. Se ele não tinha acreditado em yokai, talvez houvesse outras coisas em que ele não acreditasse. Talvez ele não acreditasse nos kami e foi por isso que ele nunca sentiu o toque de Amaterasu dentro dele.

Bem, ela acreditava. E depois do solstício, ela faria questão de visitá-lo e deixá-lo ver exatamente o quão real os kami eram. Ela sorriu com o pensamento.

Capítulo Cinco

— Sente-se em linha reta, Yui!

Emi estremeceu com o tom ácido de Nanako. Seu braço doía de segurar a flecha cerimonial estendida à sua frente, equilibrada em sua palma. Borlas vermelhas e brancas pendiam do poço em cada extremidade e balançavam com a brisa. A neve derretia na tarde quente, mas conforme o sol se punha em direção às montanhas do oeste, o ar começou a esfriar.

—Você será motivo de chacota no festival de inverno se intuir sua performance. — Nanako continuou implacavelmente. —Não faça essa cara. Você está chorando? Você precisará de uma pele mais grossa se pretende se apresentar na frente de centenas de pessoas.

Emi apertou os lábios. A poucos metros de distância, Rina segurava sua flecha na mesma posição que Emi, seu arco igualmente decorativo na outra mão. A jovem miko mudou de posição, olhando ansiosamente por cima do ombro de Emi para Nanako e Yui atrás dela.

—Seu desempenho no ritual de bênção representa todo o santuário, Yui. Você vai nos envergonhar na frente de toda a cidade?

Fazendo uma careta quando a voz de Nanako ecoou no palco aberto do santuário, Emi olhou para a flecha em sua mão e suspirou. Ela inclinou a mão, deixando a flecha deslizar. Ela bateu no chão de madeira com um barulho alto.

Emi se abaixou para pegá-la e se levantou para encontrar Nanako na frente dela, olhando feio.

—Oh, minhas sinceras desculpas, minha dama. — A mulher mal se preocupou em conter seu sorriso de escárnio. —Você se cansou tão cedo? Os rituais da miko devem ser tão exigentes para alguém com sua constituição frágil. Talvez você prefira voltar para o seu quarto e descansar durante a tarde.

Emi poderia fazer um ritual de bênção em seu sono, e com muito mais graça do que Nanako havia demonstrado antes, mas ela não disse isso. Ela não reconheceu o insulto na sugestão da mulher de tirar uma soneca como se fosse totalmente inútil e incapaz. Em vez disso, ela olhou para o chão e esperou. Nanako não conseguiria fazê-la chorar.

Quando Emi não respondeu, Nanako invadiu a frente do palco e ergueu seu arco e flecha.

—Comecem de novo. — ela latiu. —Sem erros desta vez!

Emi recuou alguns passos para a posição inicial. Quando Rina ocupou seu lugar, ela lançou a Emi um sorriso breve e agradecido.

Nanako bateu palmas com força. —Comecem!

Emi ergueu a flecha acima de sua cabeça e, simultaneamente, girou exatamente quarenta e cinco graus como uma bússola. Ao abaixar a flecha novamente e estendê-la à sua frente, ela moveu o pé direito para frente, girando em uma direção enquanto girava a flecha em um movimento contrário para mantê-la apontada exatamente para sudeste. Para um espectador, os movimentos calmos eram incrivelmente graciosos, mas executar cada movimento preciso em câmera lenta era excepcionalmente difícil.

A dança ritual continuou, uma série intrincada de movimentos cuidadosos de flecha e arco, mãos e pés e corpo. Emi se perdeu nos movimentos familiares, deixando-os fluir através dela, sentindo o brilho fraco de poder subir da terra. A maioria das pessoas pensava que as danças rituais

eram apenas apresentações tradicionais destinadas a entreter, mas havia verdadeiro poder nelas, se o artista as fizesse direito.

Enquanto ela se movia para a posição final, formando um quadrado voltado para dentro com Nanako, Yui e Rina como as outras três pontas, Emi encaixou a flecha na corda. Em uníssono com as outras miko, ela puxou o cordão de volta para sua bochecha, seus músculos queimando. Ela ergueu o arco, apontando a flecha em direção ao teto do palco. Os braços de Rina e Yui tremiam visivelmente com o esforço de manter a posição. Elas baixaram seus arcos, direcionando as flechas para a bússola de madeira de quatro pontas colocada no chão no meio do palco.

Juntas, eles atiraram. Emi estava tão focada em acertar o ponto certo, o ponto da bússola norte, que ela não estava prestando atenção nas outras, até que uma flecha ricocheteando passou por seu rosto, quase acertando sua bochecha.

—Rina! — Nanako gritou.

Rina largou o arco com horror. Ela lamentou desculpas incoerentes enquanto Yui encarava Emi com olhos do tamanho de xícaras de chá.

Katsuo e Minoru apareceram do nada, armas levantadas. Rina ficou em silêncio, seu rosto vermelho como uma beterraba.

Katsuo saltou para o palco, sem se preocupar com os degraus. —O que aconteceu?

Emi piscou, reunindo seu juízo. Um pedaço de madeira havia se estilhaçado do chão trinta centímetros além da bússola de madeira. Rina havia ultrapassado sua marca e o ângulo fez a flecha ricochetear no chão e girar passando por Emi, girando como um bumerangue.

Ainda segurando seu arco, Emi juntou as mãos e deu às duas um sorriso deslumbrante. —Oh, nada para se preocupar! Apenas um pequeno contratempo com a dança.

Rina lançou-lhe outro olhar agradecido.

Katsuo olhou em volta com desconfiança. —É isso?

Nanako pigarreou. —Vamos deixar os treinos por hoje. Garotas, espero que vocês pratiquem o arco e flecha por pelo menos duas horas todos os dias pelo resto da semana, sem desculpas. Agora coloquem tudo isso de lado e rezem pela sorte dos kami, vocês duas precisam disso!

Emi ficou surpresa por Nanako não ter aproveitado a oportunidade para humilhar Rina, mas talvez ela não quisesse que os sohei pensasse que ela era uma professora incompetente.

Para alívio de Emi, Katsuo finalmente relaxou sua postura e embainhou sua espada. O palco não era grande o suficiente para cinco pessoas e mais de meio metro de aço mortal. Dando às meninas um último olhar furioso, Nanako empurrou seu arco para Yui e desceu correndo os degraus.

—Você está livre agora? — Katsuo perguntou a Emi.

Consternação e uma pontada de raiva acenderam dentro dela, mas ela não permitiu que seus sentimentos aparecessem em seu rosto. Ela não tinha falado com ele desde o final desagradável da conversa deles ontem. Talvez ele quisesse se desculpar, ou talvez ele quisesse continuar sua busca para convencê-la de que todas as decisões que ela tomou em sua vida estavam erradas.

—Estou livre até o jantar. — Ela olhou para Rina. —Você se importaria…?

A garota rapidamente aceitou o arco de Emi e começou a reunir os outros itens cerimoniais junto com Yui. Emi desceu as escadas atrás de

Katsuo. Minoru acenou com a cabeça educadamente, lançou um olhar questionador para Katsuo e se afastou sem dizer uma palavra, provavelmente voltando para onde quer que estivesse antes que todos os gritos o fizessem correr.

—Eu queria mostrar uma coisa a você. — Explicou Katsuo enquanto eles se afastavam do palco. O salão principal e o palco formavam uma forma de L ao redor do pátio de pedra. Atrás do palco havia um prédio simples com escritórios e arquivos onde Fujimoto e Nanako passavam a maior parte do dia quando não estavam cuidando do santuário ou ajudando os fiéis. Katsuo a conduziu para fora da calçada e para a grama mal cuidada atrás dos escritórios.

—Onde estamos indo? — Ela perguntou.

—Bem aqui.

Ele segurou os galhos de um arbusto crescido fora do caminho para que ela pudesse se espremer ao longo da parede. Um pouco além, uma pequena construção na arquitetura tradicional de um santuário ficava confortavelmente entre os arbustos, seu telhado pontiagudo e beirais curvos pintados de amarelo e laranja por folhas caídas.

—É um antigo armazém. — disse ele com entusiasmo. —Kannushi Fujimoto obviamente não o tem mantido. Os depósitos regulares estão nos escritórios.

Ele agarrou a porta da frente e puxou, arrastando o painel pesado para o lado para revelar o interior, mal iluminado pela luz do sol que entrava pelas janelas sujas no alto das paredes. Prateleiras cobriam cada parede e uma prateleira tão alta quanto o teto ocupava o centro da sala, deixando apenas um corredor estreito e retangular para entrar. Katsuo entrou sem hesitar, gesticulando para que Emi o seguisse. Ela cruzou a soleira com dificuldade, fechando as mangas para que não roçassem nas prateleiras sujas. Seu nariz

enrugou com o cheiro de papel mofado. Livros com capa de couro, caixas amassadas e caixas de madeira em todos os tamanhos ocupavam todos os cantos e recantos disponíveis.

—Este lugar é uma mina de ouro. Kannushi Fujimoto ao menos se preocupou em olhar o que está aqui? — Katsuo apontou para uma caixa longa e estreita empoleirada precariamente em cima de outra caixa. Papel ofuda cobria a maior parte de sua superfície, os talismãs escritos provavelmente pretendiam selar o suposto poder sobrenatural dentro dele. —Este aqui é rotulado como Fudo Masamune. Se for a katana real, vale uma fortuna.

Ela ofereceu um ruído educado de interesse, totalmente sem noção de por que ele pensava que ela se importaria com espadas famosas ou qualquer outra coisa neste armazém. Ele sorriu para ela por cima do ombro.

—Você está se perguntando por que eu trouxe você aqui, certo? Há uma tonelada de livros misturados com todo esse lixo. Vim ontem à noite para ver se algum deles mencionou algo sobre kamigakari ou a cerimônia. — Ele parou no fundo e se agachou. —Olhe aqui.

Ela se juntou a ele, tentando não tossir enquanto o ar ficava ainda mais viciado. Decidindo que não se ajoelharia naquele chão imundo, ela se abaixou para olhar a prateleira. Os livros estavam empilhados ao acaso em pilhas de dez de altura e três de profundidade.

—Todas essas são histórias de santuários. — disse ele. Ele pegou os três em cima. —Eu só olhei alguns, mas esses falam sobre kamigakari do passado, Amaterasu e outros. Aposto que mais desses livros têm informações sobre kamigakari, talvez até detalhes sobre a cerimônia e outras coisas.

Ele olhou para ela, os olhos brilhantes mesmo na luz fraca. —Eu sei que você está contente em esperar até que o Guji a informe sobre a cerimônia, mas eu achei que você gostaria de descobrir mais sobre os kamigakari do passado

e todas as coisas que eles fizeram. Este aqui... — Ele ergueu um livro. — Fala sobre o kamigakari de Tsukiyomi afastando um furacão da costa. Você pode acreditar nisso? E neste realmente antigo, o kamigakari de Izanagi forçou um imperador a encerrar uma guerra.

A excitação dele desapareceu enquanto esperava que ela respondesse, mas ela não conseguiu encontrar sua voz para tranquilizá-lo de que ele não a ofendera novamente. Quanto tempo ele passou procurando por este depósito sujo, procurando por livros sobre kamigakari? Há quanto tempo ele ficou sentado aqui na noite anterior, vasculhando histórias chatas, quando deveria estar dormindo? O livro que ele estava sacudindo devia ter quinhentas páginas. Ele deve ter passado horas aqui.

Ela temeu que ele tentasse convencê-la de que ela estava cometendo um grande erro, mas era o contrário. Ele parecia completamente surpreso com os dois exemplos de poder kamigakari nos livros, e ele queria compartilhar isso com ela.

No rastro de seu silêncio, ele murchou como um pneu furado. —Eu sinto muito. Eu não deveria ter...

—N-não. Isso é maravilhoso. — Ela esboçou um sorriso vacilante, lutando para conter suas emoções. —Obrigada, Katsuo. Isso é incrível. Eu não sei muito sobre a história dos kamigakari, especialmente não as histórias dos outros kami.

Ele hesitou, tentando lê-la, talvez duvidando de sua sinceridade. Ela deve ter passado em seu exame, porque seu sorriso voltou. Ele entregou-lhe os três livros, ela resistiu a se encolher diante das capas cobertas de poeira, e se levantou.

—Eu não posso ficar, Minoru e eu estamos fazendo uma patrulha rápida nas trilhas do norte antes do jantar, mas você deveria ficar e verificar alguns dos outros livros. Tenho certeza de que há coisas mais interessantes.

Antes que ela pudesse responder, ele estava fora da porta e ela o ouviu sair correndo. Sozinha no interior sombrio, ela se permitiu afundar nos calcanhares e olhou para os livros em suas mãos. A bondade de Katsuo a fez doer por dentro. Ele estava tentando compensar por não ter salvado Hana? Não, ela reconheceu sua boa natureza quando ela desenvolveu uma queda por ele. Ele era atencioso com todos ao seu redor.

Sorrindo para si mesma, ela colocou os três livros de lado e rapidamente examinou o resto da pilha. Alguns estavam muito desbotados ou mofados para decifrar, mas entre o restante, ela selecionou mais seis, quatro outras histórias, um manual kannushi de algum tipo e um diário que pertencera a uma miko de cem anos atrás. Juntando os nove livros, ela os carregou até a varanda da frente e se sentou. Os degraus, expostos a chuvas regulares durante todo o verão, eram significativamente mais limpos do que o interior do depósito.

A luz do sol manchada dançava sobre as páginas do livro que detalhava o kamigakari de Tsukiyomi em combate a um furacão. Ela rapidamente localizou uma página recém-dobrada e leu o relato mais seco e tedioso de magia fantástica que ela poderia ter imaginado. Quando ela terminou o segmento, ela teve que respirar fundo algumas vezes. Assumindo que a história não foi exagerada, ela teria muito mais poder como kamigakari de Amaterasu do que ela imaginou.

A excitação rapidamente substituiu seus nervos e ela devorou várias páginas do próximo livro. Quando ficou sem material sinalizado por Katsuo, ela folheou as outras histórias. A ansiedade deu lugar à frustração enquanto

folheava página após página de impressão apertada, não encontrando nada além de descrições sombrias da política antiga. Talvez ela tenha subestimado quanto tempo Katsuo levou para encontrar as passagens que marcou.

Ela abandonou as histórias e folheou o diário. Outra falta. A miko que escreveu todos os detalhes de sua existência diária levou uma vida excepcionalmente monótona. Não que Emi, pudesse criticar, mas as reflexões da mulher dificilmente eram o fruto de uma obra-prima. Colocando o diário de lado, ela pegou o manual do kannushi e o abriu. Seu coração afundou. Página após página de instruções enfadonhas sobre cada faceta da administração de um santuário.

Ela bufou, querendo coçar o nariz, mas sem vontade de tocar o rosto até que pudesse lavar as mãos. Parecia que ela precisaria praticar a paciência se quisesse aprender mais. Enquanto ela planejava mentalmente como poderia colocar alguns dos livros de volta em seu quarto, ela distraidamente folheou as páginas de tinta desbotada, mal prestando atenção no que estava fazendo. Somente quando uma mancha preta no papel passou, sua atenção voltou para o livro. Ela retrocedeu até encontrar uma página com uma imagem espalhada nela:



As linhas cuidadosamente pintadas representavam uma ilustração perfeita da marca de Amaterasu , a própria marca estampada sobre o coração de Emi.

Com o pulso acelerado, ela ergueu o livro mais perto de seu rosto. O autor descreveu como a marca escurecia com o passar dos anos e como julgar quando estava totalmente formada, indicando, portanto, que a cerimônia deveria ser realizada no próximo solstício.

Não demore, pois o ki crescente dentro do kamigakari atuará como um farol para todos os espíritos. Yokai serão atraídos por ela como mariposas por uma chama. Leal a seus mestres, os yokai farão todos os esforços para matar o kamigakari antes da descida da Sagrada Kami dos céus. Os Kunitsukami procuram preservar seu domínio sobre o reino terreno e não permitirão passivamente que A Sagrada Kami desafie seu governo. Eles ficarão cada vez mais descarados à medida que a cerimônia se aproxima.

Emi engoliu em seco. Ela sabia que o poder do Amaterasu lentamente se infiltraria dentro dela, mas ela não tinha percebido que também atrairia yokai para ela. Com os dedos dormentes, ela enfiou a mão sob a gola do quimono e puxou o omamori, uma pequena bolsa de pano plana com um cordão em volta do pescoço. Dentro da bolsa retangular havia um poderoso ofuda, um talismã para protegê-la. Ishida tinha feito isso sozinho. Ele tinha dado a ela um novo a cada seis meses nos últimos três anos. A cada substituição do talismã, ele a advertia para nunca, jamais, tirá-lo. Enquanto ela o tivesse em volta do pescoço, yokais não a reconheceriam como nada além de uma miko.

Ki, conforme referenciado pelo autor do livro, significava energia espiritual ou força vital. Era o poder exercido por kami e yokai, e os humanos também o possuíam, embora em uma escala muito menor. A maioria dos humanos não podia fazer nada de especial com seu ki, mas kannushi, sohei e miko eram treinados para usar seu ki para realizar rituais, criar ofuda e omamori e proteger o terreno do santuário. Com uma conexão próxima com seu kami, o ki de um kannushi ou sohei poderia ganhar potência extra, pois o kami emprestava um toque de seu poder para complementar o que um mero

mortal poderia fazer. Pureza de coração e mente, bem como uma vontade focada, tornavam o ki mais poderoso.

De todos os elementos de seu treinamento de miko, o ki era a única fraqueza real de Emi. Ela conhecia todos os tipos de teoria e podia tecnicamente criar ofuda. Eles eram bastante diretos: um retângulo de papel branco puro sobre o qual ela escreveria as palavras rituais, imbuindo-os de seu ki e de sua vontade. O problema era que, exceto se convidasse um ataque yokai, ela não tinha como saber se havia conseguido. Um ofuda de proteção não faria nada a menos que alguém realmente tivesse a intenção de fazer mal a ela.

Se o poder de Amaterasu já estava começando a preencher seu corpo, Emi poderia criar um ofuda mais poderoso que até mesmo Ishida. Mas, novamente, ela não tinha como testar isso. Se ela estava ganhando poder, ela poderia sentir isso de alguma forma? Ela ergueu o livro de volta ao nariz e examinou o texto em busca de mais informações. Certamente havia uma maneira de confirmar se...

Seus olhos se detiveram na passagem no final da página.

Não fale com o kamigakari da cerimônia. Independentemente de suas indagações, você não deve esclarecê-las sobre a realidade de imbuir um espírito divino. Universalmente, eles reagiriam ao conhecimento com pouca graça, alguns indo tão longe a ponto de sabotar a cerimônia. Um kamigakari comprometido não é adequado para o espírito do Sagrado Kami e qualquer dissonância resultará na morte rápida do kamigakari.

Também é recomendado disfarçar a verdade de outros servos do santuário. O entendimento de que o ser do kamigakari deixará de existir após a descida do Sagrado Kami em seu receptáculo raramente é bem recebido, mesmo pelo mais devoto dos seguidores.

Saiba que o sacrifício do kamigakari é tão necessário quanto negar esse fato. Não sofra pelo kamigakari, cuja mente e alma serão consumidas pela glória final do espírito do Sagrado Kami, um destino que todos podemos desejar como nosso último fim.

Ela olhou para a página, as palavras trovejando em seu cérebro.

O ser do kamigakari deixará de existir...

O sacrifício do kamigakari...

A mente e a alma serão consumidas...

As palavras giraram, se retorceram e se enterraram profundamente, repetindo-se continuamente até que ela não conseguiu respirar. *Deixar de existir. Sacrifício. Consumida.*

Não pode ser verdade. Não poderia. Alguém teria contado a ela. Alguém a teria avisado. Seus próprios pais a encorajaram a buscar esse caminho. Alguém teria dito a ela que seu destino não era se unir com seu kami, mas ser consumida por seu kami, mente e alma.

Ela não conseguia respirar. Não era verdade. Se este livro estivesse certo, ela dedicou toda a sua vida a se preparar como a hospedeira perfeita para sua kami e, em dois meses, Amaterasu recompensaria todos os seus sacrifícios destruindo-a.

O livro caiu de seus dedos dormentes. Toda sua vida foi forjada por uma terrível mentira, e não havia nada que ela pudesse fazer para mudar seu destino.

Capítulo Seis

Voando de costas em seu futon, Emi olhou para o teto. Suas lágrimas secaram. Seus músculos doíam. A fome mordia sua barriga.

Ela levou o manual kannushi de volta para seu quarto e se recusou a sair, mandando Nanako embora quando ela apareceu para perguntar por que a dama não tinha vindo jantar. Emi tinha lido todo o manual de capa a capa, centenas de páginas de exposição seca sobre como administrar um santuário. A maior parte da seção sobre kamigakari era familiar para ela. Tudo, desde as orações especiais que as meninas diziam na esperança de serem escolhidas, até a dieta exata que ela seguiu nos últimos dez anos, até o omamori protetor que ela precisava usar, estava tudo ali. Tudo preciso e verdadeiro para suas experiências.

O que significava que era altamente improvável que uma passagem estivesse errada. O manual descreveu sua vida com tanta perfeição que ele teve certeza de que Ishida tinha sua própria cópia idêntica.

E se o livro estava correto, então toda a sua vida foi baseada em uma mentira.

Para ela, se tornar a kamigakari sempre significou se tornar uma kami. Ela não sabia exatamente o que sua união com Amaterasu acarretaria, mas ninguém nunca tinha sugerido que sua mente não sobreviveria. Antes de Amaterasu escolher Emi, centenas de jovens miko esperavam e rezavam para que os kami os escolhessem, mas muito poucas delas teriam se interessado em

se tornar uma kamigakari se soubessem que estavam voluntariamente acabando com suas vidas.

Em menos de dois meses, a vida de Emi terminaria. Seu corpo continuaria a viver, mas ela iria embora, consumida pelo espírito todo-poderoso de Amaterasu. Destruída por ela.

Seu primeiro pensamento foi escapar daquele destino. Dezenas de planos desesperados passaram por sua mente, mas o livro derrubou todos. Ela não podia fugir. A cerimônia, como o autor explicou, era um ritual para ajudar a descida do Amaterasu da maneira mais suave possível, mas poderia ser movida para um local diferente ou até mesmo ignorada caso as circunstâncias se tornassem terríveis. Nada impediria Amaterasu de descer e levar o corpo de Emi no solstício. Ela poderia estar no topo da montanha mais alta ou no fundo do oceano, e a kami ainda a reivindicaria.

Sabotar sua pureza também não a salvaria. Outros kamigakari tentaram e Amaterasu desceu de qualquer maneira. Danificar sua pureza só aumentaria as chances de que seu corpo morresse junto com sua mente e alma. De qualquer forma, a garota chamada Emi não existiria mais. A vida dela, acabaria aos dezoito.

Que tipo de vida ela viveu? Dia após dia, devotada aos estudos e orações das miko, para permanecer pura. Ela não tinha lido livros populares, visto filmes ou comido alimentos interessantes. Ela nunca dirigiu um carro ou voou em um avião ou viu novos lugares que não fossem santuários. Ela nunca tinha andado de bicicleta ou esquiado montanha abaixo ou feito qualquer uma das outras coisas que as garotas das escolas particulares falavam. Seu deleite favorito era chocolate, e a última vez que ela comera foi em seu sétimo aniversário, um bolo de chocolate que sua mãe tinha feito para ela.

Novas lágrimas se formaram e escorreram por suas bochechas. Ela se sacrificou muito para ser a kamigakari perfeita, incluindo seus pais. Depois que a marca apareceu, ela foi levada ao Santuário Shion para proteção e para começar seu treinamento. Seus pais a visitavam com frequência no início, mas Emi estava tão ocupada e concentrada que às vezes passava apenas quinze minutos com eles, embora tivessem viajado horas para vê-la. Ela não podia culpá-los por reduzir as visitas para algumas por ano. Mas não importa o pouco tempo que ela passou com eles, sua mãe sempre sorria com orgulho a cada minuto de sua visita.

Quando Emi tinha doze anos, seu pai chegou para vê-la... sozinho. Sua mãe havia perdido uma batalha de dois anos contra o câncer. Emi nem sabia que estava doente. Não querendo ser uma distração, sua mãe manteve sua doença em segredo. Seu pai, com lágrimas nos olhos, disse a ela que sua mãe morrera segurando uma foto de Emi em um festival recente, tirada no meio da multidão porque Emi não teve a chance, não fez nenhum esforço, de ver eles antes ou depois de sua apresentação. Então ele foi embora. Foi a última vez que ela o viu. Ela fez alguns esforços para alcançá-lo ao longo dos anos, mas suas respostas frias, quando ele se incomodou em responder, foram para assegurar a ela que ele não a distrairia de seus deveres. A mensagem não dita era clara: ela escolheu um futuro como kamigakari ao invés de uma vida com seus pais nela.

Ela não pretendia fazer isso. Simplesmente tinha acontecido. Ela nem sempre estava ocupada, mas sempre que seus pais a visitavam, sua agenda estava lotada. Ela sempre dizia a si mesma que da próxima vez, ela arranjaria tempo; da próxima vez, ela pediria a Ishida para limpar sua agenda de um dia inteiro para que ela pudesse visitar seus pais. Mas isso nunca aconteceu, e agora era tarde demais.

Lágrimas deslizaram por suas bochechas em seus cabelos. Antes deste momento, ela nunca tinha percebido o quão verdadeiramente sozinha ela estava. Sua mãe morta, seu pai desinteressado em perdoá-la por machucar sua mãe. Sua melhor amiga também morreu. Entre suas constantes mudanças e ansiedade por fazer alguém se machucar, ela não tinha feito nenhuma amizade próxima desde Hana.

Enxugando as lágrimas, ela se sentou e tirou sua caixa de lembranças. Enquanto ela vasculhava o conteúdo, ela ficava mais frenética com cada pedra, pena ou flor sem valor que ela afastava. Cada item representava uma memória preciosa, e cada um estava de alguma forma relacionado a ser uma kamigakari. Ela tinha que ter uma memória importante que não tivesse nada a ver com os santuários, algo que ela viu ou fez que não estava ligada à teia de mentiras.

Mas não havia nada. Ela tinha sido tão boa em ser uma kamigakari fiel e obediente.

Ela tinha mais dois meses e nada para mostrar, nenhuma experiência única, nenhuma memória especial fora de seus deveres. A negação desesperada cresceu até bloquear sua garganta, sufocando-a. Era isso? Era esta a vida dela? Estaria acabada em poucas semanas?

Ela fechou os olhos com força e agarrou-se às bordas da caixa. Mesmo se ela pudesse escapar de seu destino no solstício, ela iria? Ela poderia fazer isso? Ela poderia virar as costas para seu dever, sua responsabilidade? Ela se ofereceu para essa tarefa, e abandonar suas obrigações na véspera da cerimônia seria o pior tipo de desonra. Amaterasu precisava de uma hospedeira. Se Emi não conseguisse se tornar o recipiente de Amaterasu, a kami teria que começar tudo de novo com outra kamigakari, atrasando sua descida por mais dez anos. E alguma outra garota sem querer jogaria sua vida fora.

Emi voltou-se para o pequeno santuário instalado no canto. O ornamento de madeira foi esculpido em uma réplica em miniatura perfeita de um santuário, com um vaso branco de cada lado e pequenos pratos para oferendas de comida. No centro, um pequeno espelho representava o shintai para transmitir o poder do Amaterasu durante a oração.

Emi amava Amaterasu, a mais gentil dos Amatsukami, desde que ela era uma criança. Ela estava tão animada para se unir ao espírito da kami, mesmo que isso significasse perder parte de quem ela era. Seu verdadeiro destino era tão diferente? Ela perderia toda a sua mente e seu ser; estava mais perto de morrer do que se unir. E, no entanto, morrer era um risco desde o início. Agora, em vez de sua morte ser uma possibilidade, era uma garantia.

Mas ela escolheu este caminho. Amaterasu precisava dela. O mundo precisava de Amaterasu. A Amatsukami do Vento estivera ausente por cem anos, cem anos de desequilíbrio, de onmyo díspar, que só piorava com o passar do tempo.

Ela se ofereceu, mas eles mentiram sobre o destino que ela estava escolhendo. Ela havia comprometido sua vida com isso, mas eles nunca lhe disseram que ela não sobreviveria. Era seu dever cuidar disso, *mas eles mentiram.*

Levantando-se abruptamente, ela deixou a caixa cair de seu colo, espalhando seu conteúdo pelo chão. Ela não conseguia mais sentar. Ela não conseguia ficar parada. Suas mãos cerradas e abertas. Bufando, ela pegou um haori pesado de seu armário e saiu correndo pela porta. Uma luz suave derramou de seu quarto para a passarela, fechada para a noite com painéis de madeira. O resto da casa estava às escuras; ninguém iria acordar até depois do nascer do sol. Correndo para a entrada, ela calçou as sandálias e abriu a porta externa.

Uma cortina de flocos de neve gigantes desceu do céu. O gramado estava coberto por uma camada imaculada de branco; deve ter nevado a noite toda. O mundo tinha assumido a tonalidade azulada do amanhecer que se aproximava, escuro, mas não a escuridão profunda da noite inteira.

Tirando as sandálias, ela se agachou em frente à prateleira ao lado da porta e tirou os sapatos do antigo uniforme escolar, colocado ali ontem para o caso de mau tempo. Ela calçou os sapatos e desceu os degraus, a neve molhada grudando em suas solas.

A poucos passos de distância da casa, ela parou. Ela precisava se mover, para exorcizar o turbilhão de emoções conflitantes para que ela pudesse pensar direito e descobrir isso. Mas o santuário era o último lugar que ela queria ir.

Ela começou a ir em direção a ele de qualquer maneira, considerando brevemente outra visita ao armazém, mas se viu indo para o norte em vez disso. Depois da casa, um caminho, visível apenas como uma extensão perfeitamente lisa de neve entre as árvores, acenou. O estábulo. Ar puro, espaço aberto. Muito melhor do que um armazém abafado e mofado.

Acelerando seus passos, ela se dirigiu para o bosque nevado. O céu azul profundo refletido na neve, criando luz suficiente para ver, mesmo nas sombras escuras sob as árvores. Caminhando pelo mar de flocos de neve girando, todo o resto quieto e imóvel, ela se sentiu como se tivesse entrado em outro mundo. A casa desapareceu atrás dela e tudo o que ela via eram as árvores próximas, seus galhos cobertos por uma camada de neve como cobertura de bolo. Apesar da neve tranquila e calmante, ela não conseguia se livrar das emoções turbulentas que mantinham seus pés em movimento.

As árvores diminuíam e desapareciam conforme o pasto assumia. As formas escuras dos cavalos estavam no campo. Ela abriu o portão e moveu-se em direção ao mais próximo, o preto com uma única mancha branca na perna

esquerda traseira. Ele animou as orelhas em sua direção e ela fez o palpite inculto de que era o castrado.

—Olá. — ela murmurou. Ela timidamente estendeu a mão e ele permitiu que ela acariciasse seu focinho macio enquanto suas narinas dilatavam, sentindo o cheiro dela. Ela sorriu e se aproximou. —Você é um menino bonito, não é?

Antes de a kami marcá-la como kamigakari, ela adorava cavalos e até planejou começar as aulas de equitação no verão seguinte. Cavalos eram usados em algumas cerimônias e festivais, a mesma razão pela qual o Santuário Shirayuri tinha quatro. Assim que recebeu a marca, no entanto, a cavalgada foi colocada no topo da lista de atividades perigosas demais para ela. Afinal, uma kamigakari não podia arriscar quebrar o pescoço.

—Eles levaram tudo embora. — ela sussurrou enquanto escovava a neve da crina do cavalo e a alisava. —Eles tiraram tudo de mim em troca de uma promessa que sabiam ser uma mentira. Como eles puderam fazer isso? Como eles puderam ser tão cruéis?

Ela encostou a testa no pescoço quente do cavalo. Eles a enganaram para desistir de sua vida, mas o sacrifício fazia parte de ser a kamigakari. Talvez eles tivessem ocultado a verdade, não para traí-la, mas para tornar as coisas mais fáceis para ela... ou talvez eles pensassem que não conseguiriam nenhum voluntário se revelassem a verdade.

Ela soltou um suspiro trêmulo. O que estava feito, estava feito. Ela foi marcada e nada do que fizesse poderia mudar o que aconteceria no solstício. Este era seu destino, seu futuro, seu dever. Não era o que ela esperava, o que ela tinha feito como voluntária, mas ela iria ver até o fim. Ela não tinha escolha.

Apertando os lábios trêmulos, ela lutou contra as ondas de emoção que empurravam e puxavam seu coração em um terrível cabo de guerra. O desespero, a resignação e o medo lutavam contra uma raiva abrasadora pela traição de todos aqueles que a haviam enviado por esse caminho.

O cavalo esfregou o nariz no ombro dela, quase como se a estivesse confortando. Ela ergueu a cabeça e olhou em seus olhos escuros. Ela desistiu de muito por causa de suas mentiras. Ela já tinha feito tantos sacrifícios, e logo, ela faria o último.

Ela ficou imóvel, olhando para o cavalo. As ondas de desespero e resignação vacilaram. Talvez ela pudesse reivindicar uma pequena experiência para si mesma. Uma pequena experiência egoísta era justa, não era?

Levou apenas um minuto para encontrar um cabo de chumbo coberto de neve pendurado sobre a cerca e prendê-lo nas rédeas que prendeu ao cabresto do cavalo. Ele sem resistência a seguiu até um fardo de feno retangular e esperou enquanto ela subia nele. Parada no fardo com as costas do cavalo à sua frente e as rédeas em uma das mãos, ela hesitou, o coração batendo forte. O chão já estava terrivelmente longe, e o dorso do cavalo estava ainda mais alto do que o fardo. Ela estava sozinha em um pasto e ninguém sabia onde ela estava se algo acontecesse. Era realmente uma boa ideia?

Uma experiência que não tinha nada a ver com ser uma kamigakari, era algo que ela queria fazer, apenas para si mesma, era tudo o que ela queria. E se ela não fizesse isso agora, ela nunca teria a chance.

Engolindo seu medo, ela agarrou bem a crina do cavalo e passou a perna por cima de suas costas nuas. Deslizar para o lugar era quase fácil demais. Ela se acomodou, desconfortável, mas satisfeita. O castrado virou as orelhas para ela e bufou uma nuvem de ar branco que fez os flocos de neve girarem.

Ela se sentou orgulhosamente no cavalo com um largo sorriso. Olhe para ela cavalgando! Bem, não exatamente cavalgando. Sentada. Perto o suficiente. Ela tinha conseguido! Um arrepio de rebelião a percorreu. Ela sempre foi tão obediente. Decidir algo por si mesma, especialmente algo proibido, era surpreendentemente inebriante. Ela acariciou o pescoço do cavalo, saboreando o momento o máximo que pôde: o calor e a força do cavalo sob ela, o belo arco de seu pescoço, suas orelhas girando preguiçosamente para frente e para trás. Fechando os olhos, ela se imaginou galopando pelo pasto, o cabelo voando atrás dela, o vento frio em seu rosto e os flocos de neve girando loucamente enquanto passavam.

Depois de mais um minuto, ela soltou um suspiro melancólico, satisfeita com sua pequena e ousada experiência, mas também tomada por um desejo poderoso e melancólico pelas coisas que ela nunca viveria. A pena de Katsuo fazia muito sentido para ela agora. Com outro suspiro, ela se inclinou para o lado e esticou os dedos dos pés em direção ao fardo de feno para uma desmontagem fácil.

O cavalo bateu com o casco e as orelhas erguidas para a frente. Ela congelou no meio do movimento, olhando para ver o que havia chamado sua atenção. Suas orelhas estavam apontadas diretamente para a frente, e emoldurado entre elas estava o portão do pasto. O portão aberto.

Ela deixou o portão aberto.

Ele bufou novamente. Seus músculos se contraíram sob ela. Ela agarrou as rédeas para esticá-las. O cavalo sacudiu a cabeça para baixo, puxando-a para frente e então se lançou em movimento.

Ela gritou quando ele decolou com cascos trovejantes. Agarrando as rédeas, ela se segurou para salvar sua vida enquanto o vento chicoteava seu rabo de cavalo atrás dela. O cavalo disparou pelo portão aberto e desceu o

caminho, cambaleando para a esquerda com a neve voando de seus cascos. Os outros três cavalos relincharam como se o animassem enquanto ele galopava ao lado da cerca, deixando o estábulo para trás.

Emi agarrou-se às suas costas, gritando em sua cabeça, mas incapaz de fazer um som. Ela puxou as rédeas, mas o puxão no cabresto não perturbou o cavalo nem um pouco. Ele alongou o passo e correu de pura alegria. O pasto passou rápido e então eles estavam nas árvores. A neve girou em volta, deixando o mundo branco. O vento gelado, muito mais frio do que em sua fantasia, anestesiou seu rosto.

O tempo desapareceu quando o pânico esvaziou sua mente. Tudo o que ela podia fazer era esperar. As árvores passavam rapidamente enquanto o terreno se inclinava para cima. Cada vez mais alto, mais íngreme e mais íngreme. O cavalo parecia conhecer a trilha, pegando cada curva sem hesitação e às vezes diminuindo a velocidade para um galope fácil para fazer uma curva. A encosta da montanha aumentava à esquerda e diminuía à direita.

O cavalo acelerou em outra curva. Uma árvore caída poucos metros à frente bloqueou a rota de neve.

Ele gritou, e então Emi estava voando sobre sua cabeça quando ele deslizou para uma parada violenta.

Ela voou direto por cima da árvore caída e caiu no chão na beira da trilha. Ela caiu pela neve em um borrão de dor, e então o chão caiu embaixo dela. Deslizando fora de controle em suas costas, ela cambaleou os pés primeiro descendo a encosta íngreme, perdendo árvores por centímetros de cada lado. Folhas e neve voaram para todos os lados, cegando-a enquanto formas escuras passavam.

Gradualmente, a encosta se nivelou e ela deslizou até parar. Com a cabeça girando, ela se deitou de costas, a neve derretendo em seu cabelo. Ela

flexionou os dedos, cravando-os na folha úmida. Seu corpo inteiro doía da cabeça aos pés.

Respirando com dificuldade, ela cuidadosamente se sentou e piscou metodicamente. Árvores. Ela estava cercada por pinheiros verdes, abetos cerrados e galhos entrelaçados de bordos e carvalhos, decorados com folhas coloridas. Flocos de neve dançavam ao seu redor, as sombras profundas da noite suavizadas pela insinuação do amanhecer. O solo estava quase nivelado aqui. Ela olhou na direção de onde havia caído, claramente marcada pela trilha que ela havia cavado na neve, e sua barriga mergulhou com o quão íngreme a encosta era. Subia cada vez mais até que ela não conseguia ver o topo através da neve. Ela não conseguia ver o cavalo nem a trilha.

O medo percorreu suas veias, ganhando força rapidamente.

Ela estava sozinha na floresta. Nas montanhas do norte. As próprias montanhas que Katsuo a advertira estavam repletas de yokai. E nem uma única alma sabia que ela havia deixado seu quarto.

Capítulo Sete

Ela não podia se permitir entrar em pânico. Entrar em pânico seria ruim. Se ela entrasse em pânico, ela não seria capaz de pensar, e ela realmente precisava pensar.

Emi ficou onde estava, sem vontade de se mover, como se abrir mão de seu lugar na neve fosse de alguma forma piorar tudo. Ela estava sozinha na floresta. Ela estava sozinha, mas não podia estar tão longe do santuário. Sua aterrorizante cavalgada fora de controle no cavalo durou apenas alguns minutos, então, não mais do que alguns quilômetros, certo?

Alguns quilômetros do santuário. Isso não era tão ruim. Ela poderia andar em menos de uma hora, não poderia? Talvez ela pudesse voltar antes que alguém se levantasse. O céu havia clareado, mas o amanhecer ainda não tinha tocado o horizonte leste. Ela olhou em volta. Qual caminho era o leste? Em que direção ficava o santuário? Embora a trilha tivesse se dirigido para o norte a princípio, ela fazia uma curva para seguir os contornos da montanha e poderia facilmente virar para leste ou oeste.

O pânico mal contido dançou em seu estômago. Ela havia caído em uma encosta. O santuário ficava próximo ao final da encosta sul. Tudo o que ela precisava fazer era se afastar do penhasco e ela estaria indo na direção correta.

Ela se levantou e limpou a neve de suas roupas. Seu corpo doía e seus músculos puxavam dolorosamente, mesmo com pequenos movimentos, mas tudo estava funcionando. Ela ignorou a dor e se concentrou em endireitar as

roupas e tirar as folhas do cabelo. Uma vozinha em pânico gargalhou com sua tolice por se preocupar com sua aparência em um momento como este, mas os movimentos familiares ajudaram a acalmá-la. Ela poderia lidar com isso.

Olhando novamente para a encosta íngreme, ela caminhou na direção oposta. Ela poderia fazer isso. Apenas ande em linha reta e ela estará de volta ao santuário antes que perceba. As folhas estalavam sob a neve a cada passo que ela dava, o único som na floresta. Entre a escuridão e a neve caindo, ela não conseguia ver muito longe. Ela apertou os olhos à frente e se abraçou com força.

A floresta estava tão silenciosa que sua respiração soava forte em seus ouvidos. Seus olhos vasculharam a neve, passando de folha em galho e sombra em busca de movimento. Ela congelou a meio passo ao ver rastros estranhos na neve. Depois de estudá-los por um momento, ela decidiu que as pegadas de cascos em miniatura deviam ser rastros de javali. Os javalis eram comuns nas montanhas. Ela forçou seu olhar para longe e continuou se movendo. Os animais da floresta a preocupavam muito menos do que seus habitantes yokai, mas era menos provável que ela visse sinais dos últimos, pelo menos não antes que fosse tarde demais.

Enquanto ela contornava as árvores e arbustos baixos, pensamentos frenéticos rasgaram sua compostura como uma matilha de lobos raivosos. Qual era o problema com ela? Agindo em rebelião infantil? Como correr para fora no meio da noite e subir um cavalo desconhecido consertava alguma coisa? Alguns minutos de adrenalina valeriam a pena paralisar a si mesma?

O que aconteceria se os outros descobrissem que ela se foi? Ela deixou seu quarto em ruínas com suas lembranças espalhadas pelo chão. Seu diário estava aberto, junto com o manual kannushi. Ela tinha que voltar antes que a

encontrassem desaparecida. Se o fizesse, eles nunca saberiam que ela se aventurou a qualquer lugar perto do estábulo. O cavalo perdido pode ser atribuído ao portão que se abriu. Tudo ficaria bem.

A visão da neve agitada violentamente alguns metros à frente interrompeu sua linha de pensamento. Ela parou bruscamente. Algo grande havia se debatido no solo, muito recentemente, a julgar pela fina camada de neve que cobria o solo perturbado. Teria sido um yokai? Quão perto estava? Ela se esforçou para ver através da neve que caía. A trilha violenta subia por uma encosta íngreme e desaparecia no escuro.

Ela olhou em volta novamente, e viu pegadas se afastando, nas árvores. Suas pegadas. Esta não era a trilha de alguma criatura monstruosa subindo a encosta; era a trilha que ela fizera ao cair ladeira abaixo. Ela estava de volta ao ponto de partida.

O pânico que ela estava lutando explodiu por ela, quase levando o pensamento coerente com ele. Ela andou em um círculo? Como ela andou em um círculo? Ela tinha certeza de que estava indo em linha reta!

Depois de torcer as mãos e hiperventilar por um minuto, ela se controlou. Ela enfrentou a encosta, girou cento e oitenta graus e escolheu uma árvore ao longe, o mais longe que ela podia ver através da escuridão e da neve. Ela começou a andar novamente, concentrando-se na árvore selecionada. Quando ela a alcançou, ela escolheu outra e caminhou até ela. Em seguida, outra árvore e outra árvore.

A floresta estava silenciosa e imóvel, a atmosfera sonolenta na escuridão persistente. Há quanto tempo ela estava caminhando? Vinte minutos? Trinta? Sua respiração medida formou pequenas nuvens na frente de seu rosto. Nenhum sinal do santuário, do pasto ou mesmo de uma trilha. Com o manto de neve escondendo o chão da floresta, ela poderia ter caminhado por

uma dúzia de trilhas sem saber. Ela nem tinha certeza de que ainda estava descendo a colina. O solo subia e descia em pequenos solavancos e quedas, obscurecendo a nota geral até que ela não tinha certeza de nada. Ela olhou desesperadamente para a próxima árvore que estava mirando, esperando que ela ainda estivesse indo para o sul, se ela estivesse indo para o sul em primeiro lugar.

—*Caw!*

Ela recuou, perdeu o equilíbrio e quase caiu. Sua cabeça estalou para trás, flocos de neve salpicando seu rosto. Acima dela, nos galhos de um carvalho, um corvo negro estava empoleirado. Sua cabeça se inclinou e grasnou novamente, o grito áspero quebrando a quietude da floresta.

—Shhh! — Ela sibilou inutilmente.

—*Caw!*

Lançando um olhar furioso para o pássaro, ela olhou para baixo e percebeu que não tinha ideia de para qual árvore estava se dirigindo. Ela estava parada no centro de uma clareira de neve intocada de três metros de largura, sem nenhuma maneira de saber em que direção estava indo.

—*Caw caw caw!*

—Quieto. — Ela rosnou, encolhendo os ombros. Qual árvore ela estava buscando? Ela não pensou que tivesse se virado, mas ela saltou dois pés no ar com a primeira chamada do corvo. Olhando para trás, para suas pegadas na neve, ela tentou avaliar se formavam uma linha reta ou se curvavam um pouco para a esquerda.

—*Caw caw caw!*

Ela cerrou os dentes. O pássaro ficou quieto inesperadamente.

Ela não pôde evitar, ela olhou para cima novamente. O corvo estava olhando para as árvores à sua direita, imóvel como uma estátua. O silêncio

pressionou, muito espesso e pesado. Seu coração batia forte em seu peito e o medo corria por suas veias, um medo novo e diferente. Um medo que deslizou pelo chão e envolveu seus tornozelos, subindo com dedos gelados para seu coração.

Ela sentiu esse medo uma vez antes, no mesmo dia em que Hana morreu.

Cambaleando alguns passos para trás, ela enfiou a mão direita na manga oposta do quimono. De dentro do minúsculo bolso costurado no forro, ela tirou um punhado de ofuda de papel. Com dedos trêmulos, ela abriu os talismãs retangulares e examinou as linhas escuras escritas em cada um.

De volta às árvores onde o corvo havia olhado, um galho quebrou. Passos suaves, quase inaudíveis, bateram no chão, passos rápidos.

Correndo em sua direção.

Ela caiu de joelhos e desenhou um círculo na neve ao seu redor. Passos rápidos e bestiais, algo correndo em direção a ela, sem se preocupar em ser furtivo. A escuridão ficou subitamente impenetrável. Cada sombra escondendo uma ameaça intangível. Ela agarrou o ofuda, acidentalmente amassando-o, em pânico demais para lembrar qual era o feitiço de barreira. Os feitiços de barreira eram difíceis, exigiam muito ki e serviam apenas para emergências. Mais perto, mais perto. Muito perto!

O arbusto dois metros à frente dela explodiu em uma rajada de neve quando algo o rasgou em alta velocidade. Um borrão branco disparou para ela. Ela não teve a chance de levantar seu punhado de ofuda antes que batesse em seu peito, derrubando-a. O ofuda voou de sua mão.

Ofegante, ela rolou e girou para enfrentar seu agressor, um grito arranhando sua garganta.

A criatura estava esparramada no chão, o peito arfando e coberto da cabeça às patas por uma camada de neve emaranhada. Ele cambaleou e

sacudiu todo o corpo, fazendo voar neve e folhas. Emi piscou, lutando para organizar seus pensamentos.

Era uma raposa. Uma raposa branca, não um monstro. Ele virou a cabeça em sua direção, suas grandes orelhas fofas se ergueram para frente.

E então seus olhos vermelho rubi fixaram-se nos dela, penetrantes e inteligentes.

Seu coração gaguejou. Aqueles olhos. Não, não uma raposa normal. Tinha que ser um kitsune, um yokai.



—*Caw!*

O grito do corvo soou com um aviso urgente. O kitsune girou para encará-la, puxando seus lábios para expor suas presas. Seu sangue gelou antes de perceber que não estava olhando para ela, mas para além dela, na direção de onde tinha vindo.

O medo estava rastejando por ela novamente, ficando ainda mais forte. Ela girou para enfrentar o arbusto, virando as costas ao kitsune. Seus instintos gritaram com ela, uivando freneticamente que a pequena raposa branca não era o que ela deveria temer.

Uma sombra escura tomou forma nas árvores, aproximando-se com um silêncio assustador. O arbusto estremeceu violentamente antes de ser arrancado do chão e jogado de lado.

Uma besta passou pela lacuna recém-criada. Elevando-se com mais de dois metros e meio de altura, sua figura de aparência humana inchada com músculos cheios de veias. A pele avermelhada e opaca cobria seu corpo e o cabelo preto emaranhado caía por suas costas como uma juba escura. Chifres se projetavam de sua cabeça como um touro e presas se projetavam de sua boca larga. Uma tanga feita de pele de veado estava decorada com crânios de animais, e um único crânio humano pendurado no meio como um emblema de honra, suas órbitas ocas fixadas em uma expressão de horror.

Os olhos amarelos do monstro, sombreados sob uma sobrancelha grotescamente pesada, pousaram sobre ela, e ele parou em clara surpresa. Sua cabeça girou, seus pulmões vazios. O terror a imobilizou, acorrentando-a com algemas de gelo.

A hesitação da besta foi breve, apenas um instante antes de sua boca se abrir em um sorriso vulgar. Ele deu um passo à frente, um passo cobrindo

metade da distância entre eles. Deu mais um passo e pairou sobre ela, impossivelmente grande. Uma mão enorme, dedos nas pontas com garras más e manchadas, se esticou em sua direção. Ela não conseguia se mover, não conseguia nem respirar. A mão monstruosa alcançou seu rosto, enchendo sua visão.

Em um lampejo de branco, a raposa saltou na frente dela e cravou os dentes na mão da fera.

O monstro rugiu e recuou. O berro chocou Emi como um bastão elétrico, quebrando sua paralisia. O kitsune se agachou ao lado dela, as presas à mostra enquanto soltava um rosnado agudo que era tão ameaçador quanto o miado de um gatinho. O monstro se endireitou, bufando com raiva, e puxou o braço para trás para atacar.

Emi agarrou o ofuda que estava ao lado dela e o jogou na linha que havia desenhado na neve. O monstro se lançou para ela, as garras estendidas para rasgá-la.

—*Sekisho no seishin!* — Ela gritou.

Quando o encantamento deixou seus lábios, o ofuda aqueceu sob sua mão e o ar tremeluziu. A mão do monstro desceu, e bateu no ar iridescente. A luz azul brilhou no ponto de impacto e a besta uivou furiosamente.

Uma cúpula azul brilhante se arqueou sobre ela, formada ao longo do círculo que ela havia desenhado na neve que, de alguma forma, o kitsune não havia interrompido. A raposa yokai se aninhou ao lado dela dentro da barreira, os olhos vermelhos fixos no monstro, um oni, ela lembrou tardiamente. Um yokai da montanha, o tipo terrível e violento que os humanos só podiam tentar evitar ou apaziguar.

O oni rugiu novamente e bateu com o punho na barreira. A luz azul brilhou uma segunda vez. Emi recuou, mal mantendo a mão no ofuda. O braço

do oni quicou como se tivesse batido em uma parede de tijolos. Ele rosnou e atingiu a barreira novamente. Novamente, ela estremeceu. Até o kitsune saltou.

Mais três vezes o oni atingiu a barreira, e a cada vez seu ataque não fez nada além de enfurecê-lo ainda mais. A besta rugiu e espreitou ao redor da barreira, atacando diferentes pontos em busca de um ponto fraco. Ela virou a cabeça para olhar, cada centímetro de seu corpo tremendo, mas sua mão no ofuda se manteve firme. Ela não se atreveria a deixar isso passar. Ela não achava que precisava continuar tocando nele, mas se o oni de alguma forma deslocasse o papel de seu círculo de neve frágil, a barreira iria falhar.

Quando o oni pisou em outro círculo raivoso ao redor deles, ela desviou o olhar, incapaz de olhar mais. Se ela continuasse assistindo, pensando em como aquelas mãos gigantes poderiam esmagar seu crânio como uma casca de ovo, ela perderia todo o controle sobre seu pânico. Em vez disso, ela olhou para o kitsune. A raposa se deitou ao lado dela, ofegante enquanto observava o oni circulá-los. Ela provavelmente deveria ter ficado com medo de ter um yokai dentro da barreira com ela, mas a pobrezinha parecia quase tão assustada quanto ela.

—O que você fez para irritar um oni? — Ela sussurrou.

A raposa olhou para ela e abriu a boca, a língua rosa pendurada em um sorriso canino que gritava *encrenqueiro*. Ok, talvez não tão assustado.

—Oh, entendo. — ela murmurou. —Você teve que me arrastar para a sua bagunça?

A raposa inclinou a cabeça como se dissesse: *Você está me culpando?*

O oni deu um soco no topo da barreira, fazendo-a pular. Ela curvou os ombros, como se ao se afastar da barreira, estivesse de alguma forma mais segura.

—O que fazemos agora? — Ela perguntou, mal fazendo um som.

O kitsune gemeu baixinho e achatou as orelhas. Ele também não sabia. Enquanto ela olhava para a raposa em desespero, ela notou as manchas vermelhas na neve ao redor dela.

—Você está sangrando?

Ele achatou as orelhas com mais força contra a cabeça. O kitsune estava ferido. Quão mal? Ela o pegou com a mão livre, sem saber o que pretendia fazer. Ele estava de pé em um lampejo, dançando para longe de sua mão enquanto permanecia bem dentro da barreira. Ela congelou, sua atenção se concentrando na neve vermelho-escura onde o yokai estava deitado. O pelo da perna dianteira direita e do lado direito estava coberto de sangue fresco.

O oni rosnou faminto.

—Sinto o cheiro do seu sangue, filhote de Inari. — a besta rugiu, sua voz tão profunda que era mais vibração do que som. Seus olhos redondos se voltaram para Emi. —Vou jantar carne de raposa e carne humana esta manhã. Uma donzela de santuário. Tanta pureza em seu perfume.

—Você terá uma longa espera. — Ela disse corajosamente, pegando-se de surpresa.

O oni riu, o som maligno fazendo-a estremecer. Ele apontou para o chão. —Não muito, miko. Não por muito tempo.

Ela olhou para baixo. O ofuda sob sua mão brilhava com uma luz azul fraca, mas as bordas do papel haviam ficado pretas, como se um fogo invisível o estivesse consumindo. O sangue foi drenado de sua cabeça. O ofuda estava queimando. Quando ficasse totalmente preto, o feitiço seria desfeito e a barreira cairia.

O oni sorriu com seu medo óbvio e se aproximou da barreira. —Onde está seu kami agora, miko?

Em mais alguns minutos, no máximo, o feitiço iria falhar. O que ela deveria fazer? Ela não tinha outro; seu outro ofuda havia pousado fora do círculo quando ela os deixou cair.

—Minha -minha kami está me protegendo. — ela gaguejou. —Ela sempre me protege. Ela está sempre comigo.

O oni riu cruelmente.

O calor subiu por ela, reunindo-se em seu peito. O ponto bem acima de seu coração ardia quente e o brilho azul da barreira se iluminou em um brilho feroz que iluminou as árvores. Recuando, o oni jogou os dois braços sobre o rosto. A barreira ficou mais brilhante até que a luz se ergueu como fitas estranhas que ondulavam e dançavam em um vento fantasmagórico.

Um sinalizador azul atingiu o oni. A besta uivou e cambaleou para trás. Seu braço, onde a luz o tocou, empolou e sangrou um fluido verde. O oni olhou para ela dentro da barreira ondulante e rosnou uma maldição cruel. Virando-se, ele se afastou como uma tempestade, quebrando a floresta até que o silêncio caiu.

Sob seus dedos, uma luz azul irrompeu sobre o ofuda e morreu um instante depois. Ela ergueu a mão, os dedos revestidos de cinza. O papel havia queimado, seu feitiço acabou. Ela baixou a mão trêmula e olhou em volta.

O kitsune já estava a meia dúzia de metros de distância, observando-a com olhos vermelhos cautelosos. O sangue escorria lentamente de sua barriga para a neve.

—Espere. — ela começou, levantando a mão em direção à raposa. — não...

Em seu movimento, o kitsune girou e saiu correndo. Em um piscar de olhos, ele se foi, misturando-se com a neve e a escuridão.

—Vá. — Ela terminou em um murmúrio.

Ainda muito fraca e trêmula para se levantar, ela olhou ao redor da clareira, inexplicavelmente exausta. Entre o sangue kitsune vermelho, o oni verde com sangue escorrendo, e os rastros e marcas onde ela caiu, a clareira parecia uma zona de guerra em miniatura. A besta havia partido, mas nada a impedia de retornar. Talvez o kitsune tenha tido a ideia certa de fugir desse lugar.

Com uma respiração profunda, ela ficou de pé, cambaleando até encontrar o equilíbrio. Ela recolheu seu ofuda encharcado e olhou em volta desamparadamente. Ela não tinha ideia de em que direção estava viajando. Dando seu melhor palpite, ela começou a andar novamente.

—*Caw.* — Disse o corvo, que observara a coisa toda da segurança de seu poleiro nas árvores.

—Cale a boca. — Ela murmurou e caminhou pela floresta sem fim.

Capítulo Oito

Emi curvou sua cabeça e tentou prestar atenção na voz de Fujimoto. Não deveria ser difícil. No momento em que Katsuo depositou sua forma úmida e trêmula diante dele, a raiva transformou o velho doce e desajeitado em algo notavelmente semelhante ao oni de pele vermelha. Ele estava sentado à mesa baixa em seu escritório, a sala esparsa refletindo cada palavra cortante de volta para ela. Sua palestra escaldante já havia durado meia hora, cobrindo tudo o que ela esperava: sua total falta de responsabilidade, seu desrespeito por todos que se preocupavam com ela e procuravam por ela, seu desprezo por seu papel como kamigakari, e vários referências não muito afirmadas à sua estupidez geral.

Cerca de dez minutos após o ataque do oni, ela tropeçou na trilha, com pegadas de cascos e tudo. Para seu desgosto, ela estava caminhando para o noroeste em vez de para o sul e cruzou a trilha por puro acaso. Ela estava na metade do caminho de volta para o pasto quando Katsuo e Minoru avançaram a cavalo, seguindo as pegadas do cavalo em fuga. Ambos sohei ficaram furiosos com ela; se ela tivesse morrido na floresta, suas carreiras teriam acabado.

Mordendo o lábio, ela curvou a cabeça um pouco mais enquanto as palavras de Fujimoto se acumulavam. Quando decidiu subir no cavalo, não havia considerado as consequências para Katsuo e Minoru caso algo

acontecesse com ela. Então, novamente, ela realmente não pretendia montar o cavalo em qualquer lugar.

Fujimoto pigarreou furiosamente e recostou-se. —Bem, Kamigakari Kimura? — ele exigiu, usando seu nome de família. —O que você tem a dizer sobre você? Você não ofereceu nenhuma explicação para o seu comportamento vergonhoso.

Ela não encontrou seus olhos. A vergonha lutava contra a raiva silenciosa, mas inextinguível, que ela nutria desde a leitura do manual kannushi. Palavras amargas se contorceram em sua garganta, lutando para serem ditas. Mas revelar que sabia a verdade sobre seu destino não mudaria nada, exceto tornar seus meses restantes mais desagradáveis.

—Eu tive um pesadelo. — ela murmurou. —Fui até o estábulo para limpar minha mente e...

—E você decidiu fazer um passeio noturno solitário pelas montanhas? — Ele perguntou acidamente.

—O cavalo saiu correndo do pasto...

Fujimoto fez um som de nojo, nenhum sinal do velho gago restando. — De agora em diante, você está proibida de se aproximar do estábulo. Não sei o que motivou esse seu comportamento imprudente, mas até que eu possa discutir isso com Guji Ishida, você está restrita à casa e ao jardim. Preciso atribuir a você supervisão constante para garantir que obedeça a essas regras, Kamigakari Kimura?

—Não, Kannushi Fujimoto.

—Você está dispensada. — Ele olhou para a porta. —Katsuo, leve-a para o quarto dela. Além disso, alerte Miko Nanako que a dama precisa de um banho quente, comida quente e um pouco de chá de ervas para combater a doença depois de sua noite no frio.

Emi se levantou quando a porta atrás dela se abriu. Ela não olhou para Katsuo ao sair, e ele fechou a porta atrás dela. Seu olhar zangado pesou em suas costas enquanto ela passava pelo palco e pelo corredor principal em direção à passarela. Ele a seguiu silenciosamente até que ela alcançou seu quarto, mas quando ela tentou abrir a porta, ele bateu com a mão nela, segurando-a no lugar.

—O que diabos foi isso, Emi? — Embora ele sussurrasse, cada palavra vibrava com fúria contida. —Você teve um pesadelo? Eu não compro por um segundo.

Ela deveria contar a verdade a ele? Não, isso só iria machucá-lo. Ele já lamentou o que ela perderia. Se ele soubesse que ela iria perder tudo e que nada poderia mudar seu destino...

Ele se aproximou. —Você não aprendeu nada depois do que aconteceu com Hana? Como você pôde desrespeitá-la se colocando em perigo como...

Ela se virou para encará-lo antes que pudesse se conter.

—Claro que aprendi! — Ela sibilou, mal conseguindo não gritar. —Foi um acidente. Não pensei em fechar o portão e o cavalo fugiu. Tudo que eu queria fazer era sentar nele por um minuto!

—Por que você quis sentar em cima dele? — Ele rosnou.

—Porque eu amo cavalos! Porque nunca tive permissão para cavalgar e queria tentar apenas uma vez.

Ele recuou como se ela o tivesse esbofeteado, sua raiva se dissolvendo em espanto. Seus ombros caíram e ele pressionou a mão no rosto, cobrindo os olhos.

—Sinto muito, Emi. — ele murmurou. —Isto é minha culpa. Eu nunca deveria ter dito essas coisas para você sobre lamentar o que estava perdendo. Eu sou um idiota sem consideração.

—Não, você não é. — Sua raiva evaporou, substituída por vergonha de arquear os ombros. —Não é sua culpa. Eu não deveria ter ido lá sozinha. Eu fui estúpida. Nunca imaginei que o cavalo fugiria comigo.

Ele abaixou a mão o suficiente para espiá-la. —O nome dele não foi suficiente avisando?

—O nome dele?

—O cavalo é chamado de Tornado.

—Eu... não sabia disso.

—As três éguas são muito calmas. Nenhuma delas teria fugido.

Ela fez uma careta. Que sorte a dela ter escolhido o cavalo mal-humorado. Katsuo finalmente tirou a mão da porta para que ela pudesse abri-la.

Por dentro, a bagunça que ela havia deixado tinha sido limpa. Seu futon e a roupa de cama foram guardados no armário e sua bagagem colocada ordenadamente no canto. Não havia sinal de sua caixa de madeira, lembranças, diário ou o manual kannushi.

Antes que ela pudesse entrar em pânico, Katsuo colocou a mão nas costas, sob seu haori, e puxou os dois livros. Ele sorriu ao oferecê-los a ela.

—Eu os agarrei quando ninguém estava olhando. Acho que ninguém os notou em todo o pânico sobre o que aconteceu e onde você estava. No início, pensamos que alguém tinha atacado você e levado você.

Sentindo outra pontada de culpa pela preocupação que causou a todos, ela pegou os livros e os abraçou contra o peito. Ela quase perguntou se ele tinha lido, mas quando ele teria tempo? Ele dificilmente teria ficado sentado examinando seu diário enquanto ela estava desaparecida e provavelmente em perigo. Ela deve ter assustado muito a todos.

—Obrigada. — Ela sussurrou.

—Sem problemas. — Ele hesitou. —Emi, se você decidir que realmente quer experimentar outra coisa, pergunte-me da próxima vez, certo? Novas experiências são ótimas e tudo, mas não se você se machucar... ou pior.

Ela lutou contra a picada de lágrimas. Depois de tudo que ela o fez passar, ele ainda era muito bom para ela.

Ele deu um passo para trás. —Você deveria se trocar e ir para o banho.

Ela balançou a cabeça em um aceno. Suas meias molhadas rangeram desagradavelmente quando ela entrou no quarto e Katsuo fechou a porta. Ela ouviu seus passos na passarela, sabendo que ele estava fora para entregar instruções a Nanako. Ela se encolheu. Outra palestra era inevitável.

Sozinha em seu quarto imaculado, ela tinha que se perguntar que insanidade a infectou para fazê-la sair furiosa noite adentro e subir naquele cavalo. A força do dever e o desespero lutando contra sua necessidade de se rebelar contra a traição que ela sofreu tirou a racionalidade de sua mente, mas à luz da manhã, ela sabia que sentar em um cavalo por alguns minutos não valia a pena problemas e preocupações que ela causou a todos.

Erguendo a mão, ela olhou para os dedos, ainda manchados com cinzas escuras. Montar a cavalo não valia a pena, mas ela também escalou as montanhas sozinha, enfrentou um oni e se defendeu com um ofuda. Ela poderia até ter salvado a vida daquele kitsune, assumindo que ele sobreviveu aos ferimentos.

Ela queria uma experiência fora do regime estrito de um kamigakari, e ela conseguiu muito mais do que ela poderia ter imaginado. Aterrorizante, dolorosa, ela podia sentir cada hematoma, e exaustiva, mas valeu a pena. Defendendo-se de um monstro, aliando-se a um pequeno yokai estranho, vagando sozinha pela floresta selvagem. Cada memória era uma imagem vibrante em sua mente que pulsava com sua própria vida, fazendo-a

se sentir viva, mais viva do que ela se sentia em anos. Uma experiência única e estimulante, e apesar do constrangimento e da culpa, ela não conseguia se arrepender.

Se Fujimoto soubesse o que ela realmente sentia sobre sua aventura, ele provavelmente estouraria uma artéria.

Depois de um banho, uma refeição, uma xícara de chá e um cochilo, Emi se viu sentada em seu quarto, olhando pela janela para o jardim coberto de neve. Ela não tinha mais nada para fazer. O manual kannushi e seu diário estavam escondidos no armário por enquanto. Sua caixa de lembranças não existia mais; Nanako jogou tudo fora, alegando que pensava que era tudo lixo. Apesar do desgosto de Emi com as lembranças centradas em kamigakari na noite anterior, perder suas lembranças doeu mais do que ela queria admitir.

Com o cotovelo no parapeito da janela, ela apoiou o queixo na palma da mão. Em sua outra mão, ela segurava a haste de uma longa pena negra. A luz brilhou sobre ela enquanto ela o girava entre o indicador e o polegar. Ela a trouxe da floresta, com a intenção de adicioná-lo à sua caixa de lembranças, sua primeira lembrança que não estava diretamente relacionada aos seus deveres kamigakari. Infelizmente, ela não tinha mais uma caixa para colocá-la.

Ela colocou a pena no parapeito da janela e afastou o cabelo dos ombros, espalhando-o nas costas. Pendurado abaixo de seus quadris, as pontas roçaram o chão. Ela deslizou uma mecha por entre os dedos enquanto observava as rajadas do lado de fora da janela caindo em direção ao chão, uma neve muito mais leve do que aquela manhã. Seu cabelo era outra parte de ser uma

kamigakari; ela não tinha permissão para cortá-lo em dez anos, exceto para aparar ocasionalmente para mantê-lo limpo. Ela certamente não teria escolhido manter o cabelo tão comprido, mas pensava-se que o cabelo tinha um significado espiritual.

A miséria desanimada envolveu seus pensamentos, tentando puxar sua mente para o poço de escuridão dentro dela. Seu destino inevitável se aproximava. Se ela tivesse escolha, talvez não fosse tão difícil de aceitar. Se eles não tivessem mentido para ela... se ela soubesse desde o início, ainda teria buscado esse caminho quando criança? Uma criança de oito anos tinha pouca noção de mortalidade. Talvez ela tivesse feito isso de qualquer maneira.

De qualquer forma, era tarde demais. Não havia como escapar de seu destino no solstício. Se ela iria perder sua vida, ela deveria fazer o seu melhor para ser a hospedeira perfeita para Amaterasu, pelo bem do mundo, para restaurar Onmyo. Ela só precisava parar de pensar sobre isso e fingir que nada havia mudado.

Ela soltou um longo suspiro, tentando ignorar a ansiedade escorregadia e a estranha urgência que a fazia querer pular e começar a andar. Enquanto ela olhava pela janela sem realmente ver o jardim, uma mancha vermelha brilhante na neve chamou sua atenção: folhas de outono vermelhas. À distância, eles pareciam sangue na neve, como o sangue do kitsune.

A raposa yokai provavelmente foi a parte mais surpreendente de sua aventura. Uma yokai não hostil... o próprio conceito era absurdo para ela. Um kitsune, entretanto, estava entre os yokai mais neutros que ela poderia pensar. Eles eram conhecidos como trapaceiros, mais do que capazes de causar sérios problemas aos humanos, mas não tinham uma reputação perversa como a maioria dos outros yokai. Ela poderia ter motivos para se preocupar se o kitsune da floresta tivesse mais de uma cauda, uma indicação de idade e poder,

de acordo com as histórias, mas a pequena raposa nem mesmo tinha sido forte o suficiente para escapar do oni.

Kitsunes, entretanto, também eram os mensageiros de Inari, o Kunitsukami do Fogo; o oni até havia chamado a raposa de filhote de Inari. Talvez ela devesse ter se preocupado mais. Inari sem dúvida iria querer a kamigakari de Amaterasu morta, e poderia até mesmo estar encorajando os yokai a caçá-la. Se ela fosse inteligente, ela não teria salvado o kitsune, embora ela não tivesse planejado essa parte.

Ela mordeu o lábio. Ela salvou a vida da raposa, sim, mas ela salvou sua vida primeiro. Quando o oni veio pela primeira vez para ela, ela estava paralisada de terror para agir. O kitsune pulou na frente dela e mordeu o oni. Isso a salvou e ela o deixou para morrer.

Não. Ela balançou a cabeça, balançando-a para frente e para trás em seus braços. O kitsune havia fugido. Ela não o abandonou. O que ela deveria fazer, persegui-lo? Ele não sabia que ela era uma kamigakari, mas isso não significava que não pudesse descobrir a verdade. A raposa yokai poderia não ser um monstro do mal, mas ainda assim era perigosa.

Ela mordeu o lábio com mais força. Tanta inteligência naqueles olhos de rubi. Aquele sorriso canino encrenqueiro. Todo aquele sangue.

Mas não, não havia nada que ela pudesse fazer. Yokais eram perigosos. Ela não podia correr esse tipo de risco.

Erguendo a cabeça, ela deixou cair os braços do parapeito da janela. Ela não podia correr riscos porque Amaterasu precisava de seu corpo, vivo e inteiro, não atacado por yokai. Mas ela tinha uma dívida com o kitsune e, com um pouco de planejamento, não teria que correr nenhum risco para ajudar o pequeno yokai, nenhum risco importante, pelo menos. Ela tinha apenas algumas semanas para viver sua vida, e com o pouco tempo que restava, ela

queria fazer algo significativo, algo pessoal para ela em vez de servir Amaterasu. Ela poderia pagar sua dívida e, talvez, salvar uma vida no processo.

Com severa determinação, ela se levantou e rapidamente trançou o cabelo, então o torceu em um coque pesado e o amarrou no lugar. Seu haori branco foi o próximo, seco e apenas um pouco manchado depois de sua queda montanha abaixo. Como um pensamento final, ela enfiou a pena preta brilhante em seu diário como um marcador e colocou-a de volta no canto de seu armário. Então ela se dirigiu para a porta e a abriu. Seu plano exigia alguns suprimentos.

Ela estava na cozinha há apenas alguns minutos quando Katsuo apareceu na porta, franzindo a testa para ela.

—Emi, você não deveria estar cochilando? O que você está fazendo?

Olhando para ele, ela puxou um pacote de costeletas de porco da geladeira e jogou-as na sacola de pano na frente dela.

—Ah, Katsuo, aí está você. Existe um kit de primeiros socorros por aqui?

O alarme aguçou sua voz. —Você está machucada? O que...

—Não, não, estou bem. Eu só preciso de um kit. Nós temos um?

—Sim mas...

—Você poderia pegá-lo, por favor?

Ele franziu a testa mais profundamente e saiu da cozinha. Ela pegou alguns restos de peixe grelhado e duas garrafas de água para adicionar à sacola. Ele voltou com uma caixa de plástico branca e ela segurou a sacola aberta para ele colocar dentro. Seus olhos se estreitaram quando ele a colocou lentamente dentro com os outros itens.

—O que você está fazendo, Emi?

—Nós. — disse ela com um sorriso. —Vamos dar um passeio.

—Um passeio?

—Sim.

—Onde? — Ele a seguiu para fora da cozinha e pelo corredor até a entrada. —Kannushi Fujimoto disse que você está confinada em casa.

—Ele e Nanako ficarão no escritório do santuário a tarde toda.

—Emi. — Ele parou e cruzou os braços enquanto ela calçava os sapatos. —Eu não vou te ajudar a quebrar as regras dele. Você vai nos colocar em problemas.

Ela se endireitou, erguendo as sobrancelhas. —Achei que você disse que queria que eu o trouxesse para minha próxima *experiência*.

Ele estremeceu, provavelmente lamentando aquela promessa precipitada. —Eu disse isso, mas também é meu trabalho protegê-la e não posso deixar você ir embora depois de tudo o que aconteceu esta manhã.

—Na verdade. — ela disse alegremente. —Você não pode me impedir de ir aonde eu quiser. Você não tem permissão para me tocar.

Sua boca se abriu.

—Então, realmente, você tem que vir comigo se pretende me proteger. Kannushi Fujimoto vai entender, não se preocupe.

Ele balbuciou sem palavras. Emi sorriu e desceu os degraus da frente para o caminho, deixando-o lutando para colocar os sapatos. Ele a alcançou quando ela passou pelo canto norte da casa e começou a subir a trilha.

—O estábulo de novo? — Ele perguntou cautelosamente. —Por que estamos indo para o estábulo? Achei que você já tivesse cavalos o suficiente por um dia.

—Estamos indo um pouco além do estábulo.

—Mais? Você quer deixar o terreno do santuário? Você é louca?

—Eu não sou louca! — Ela retrucou, seu bom humor desaparecendo, principalmente porque ela também estava se perguntando se ela tinha enlouquecido. A cada passo para longe da casa e em direção à montanha iminente, ela ficava mais incerta. O que ela estava pensando? O kitsune não estaria apenas esperando no mesmo lugar de antes, e ela não poderia procurar uma única raposa em quilômetros quadradas de floresta. E ela realmente queria ajudar um yokai? Ele iria querer a ajuda dela? Ele havia fugido dela.

Katsuo a seguiu em um silêncio rígido enquanto ela caminhava até o estábulo e seguia a cerca do pasto além. Ela não pôde evitar um olhar culpado para o campo, onde apenas três cavalos pastavam. Minoru procurou nas trilhas por horas, mas Tornado não estava em lugar nenhum. Esperançosamente, o oni não o encontrou.

Uma dúzia de metros além do pasto, um torii vermelho marcava o final do terreno do santuário. Emi parou na frente dele e engoliu em seco, nervosa. Ela estivera tão ocupada se segurando no cavalo que galopava que não notou o torii no caminho da primeira vez. Desta vez, ela estava de boa vontade deixando a proteção que o terreno do santuário fornecia. Os portões torii formavam sua própria barreira, muito mais poderosa do que qualquer humano poderia criar, que circundava o terreno e impedia yokais mal intencionados de entrar.

Ela hesitou na frente do torii. Curvar-se a um torii denotava respeito pelo kami, mas seus sentimentos em relação a Amaterasu eram uma confusão emaranhada e dolorosa. Parte dela odiava sua kami, que logo a destruiria. Parte dela sabia que Amaterasu era um ser divino que não podia se preocupar com a vida de uma única garota mortal, não quando a kami precisava desesperadamente de uma hospedeira. Amaterasu deveria ser a

gentil e compassiva Amatsukami, mas em todas as vezes que Emi sentiu a presença de Amaterasu, a kami nunca a avisou.

Emi tentou forçar os pés para frente, mas não conseguiu controlar esse nível de desrespeito. Ela fez uma reverência rápida e rígida antes de se precipitar entre os pilares vermelhos.

Enquanto ela se afastava do torii, Katsuo trotou ao lado dela e lançou-lhe um olhar estreito. —Então, para onde estamos indo?

Ela mordeu o interior da bochecha. —Bem, você vê, eu tive um... encontro... enquanto estava aqui esta manhã.

—Que tipo de *encontro*?

Ela se preparou para a reação dele. —Um oni me atacou.

—Um oni? — Ele explodiu, sua exclamação ecoando pelas árvores. —Você foi atacado por um oni da montanha? O que aconteceu?

—Usei uma barreira ofuda. O oni não conseguiu passar por ela, então ele decolou.

—Decolou?

Ela encolheu os ombros. Ela não tinha ideia de como explicar a forma como sua barreira havia queimado o oni.

—E esse *encontro* faz você querer voltar?

—O oni teria me matado antes que eu pudesse fazer a barreira, mas um kitsune me salvou. Ele pulou na minha frente e mordeu o oni, dando-me tempo suficiente para usar o ofuda. Mas estava machucado... sangrando por toda parte. — Ela franziu a testa para o chão, muito covarde para olhar para ele. —O kitsune salvou minha vida, então quero voltar e ver se ainda está lá e deixar um pouco de comida... apenas algo para agradecer.

—Emi…

—Eu sei que é tolice. — ela disse rapidamente. —Mas os yokai são kami também, e é apropriado fazer uma oferenda a um kami que nos protege.

—Você espera que o kitsune ainda esteja lá, mas e se o oni também estiver por perto?

—É por isso que eu trouxe você comigo.

—Sorte minha. — ele murmurou baixinho. —Eu deveria ter agarrado Minoru.

Ela olhou para seu rosto sombrio. —O oni seria um problema para você?

Ele bufou uma risada seca. —Estou lisonjeado com sua fé em mim, mas um oni da montanha não é um oponente que qualquer sohei consideraria levianamente.

Ela parou. Ele deu mais alguns passos antes de se recompor e se virar.

—Devemos voltar. — disse ela, segurando sua sacola de comida, água e suprimentos de primeiros socorros. Ela não arriscaria a vida de Katsuo. Ele tinha todo o seu futuro pela frente, não apenas algumas semanas. —Isso não vale a pena sua vida.

Suas sobrancelhas baixaram enquanto a estudava. Eles ficaram de frente um para o outro na trilha de neve, as árvores se elevando ao redor deles.

—Não vale a pena minha vida... — disse ele suavemente, quase pensativo. — ...mas vale a sua?

Ela não sabia como responder a isso. Antes que ela pudesse descobrir como, ele acenou para ela começar a se mover novamente.

—Não vamos perder tempo. Precisamos voltar antes que Fujimoto e Nanako terminem no escritório.

—Mas...— Ela correu para alcançá-la. —Mas e o oni?

—Seu ki deve ser bastante perceptível. Podemos sair daqui como um coelho, se eu sentir alguma coisa.

Ela se lembrou daquele medo rastejante que parecia subir por seu corpo e sob sua pele. Ki poderoso vazou, avisando aos outros que um ser perigoso se aproximava. Pela mesma razão, ela teve que usar o omamori de Ishida, para suprimir seu ki infundido com da kami para que não alertasse os yokai próximos sobre sua verdadeira identidade.

Simultaneamente preocupada e aliviada, ela assumiu a liderança novamente. Dez minutos além do torii, eles passaram pelo local onde Katsuo e Minoru a encontraram naquela manhã. Oitocentos metros subindo a trilha, ela encontrou a lacuna na vegetação rasteira onde havia quebrado a linha das árvores. Era fácil seguir suas pegadas na neve através da floresta. À luz do dia, a floresta era muito menos ameaçadora. Os pássaros cantavam alto entre as árvores e um esquilo vermelho com a barriga branca e imaculada correu por seu caminho e subiu em uma árvore próxima. Ele se empoleirou em um galho com uma noz em suas mãos minúsculas enquanto observava os humanos em alerta.

Os meandros tortuosos de sua trilha tornaram-se embaraçosamente óbvios enquanto seguiam suas pegadas na neve. Ela era claramente incapaz de andar em linha reta, mesmo quando sua vida literalmente dependia disso. Apesar da serenata alegre de cantos de pássaros, sua ansiedade se intensificou quanto mais eles avançavam na floresta. Katsuo andava quase nos calcanhares, tão perto que ela podia sentir o calor emanando dele. Ele manteve a mão no punho da espada.

Eles chegaram abruptamente à pequena clareira. Ela parou, seu olhar deslizando pelos rastros na neve, o sangue, o escoamento verde do oni. Katsuo passou por ela, examinando a cena. Ele soltou um assobio baixo enquanto se ajoelhava ao lado dos rastros oni, suavizados pela neve que caía, e estendeu a

mão acima deles. Seus dedos estendidos cabem dentro da pegada sem tocar nas bordas.

—Um grande problema. — ele murmurou. —Os rastros que encontramos ao longo das trilhas do oeste não chegavam nem perto desse tamanho.

Ela passou por ele, focada nas pequenas faixas do kitsune. O sangue tornou o rastro mais óbvio, gotejamentos e gotas marcando seu voo para fora da clareira.

—Por aqui. — disse ela, segurando sua sacola de suprimentos firmemente sob um braço. —Depressa, Katsuo.

Com passos rápidos, ela seguiu os rastros do kitsune no mato mais denso. Fazia horas; a raposa poderia estar a quilômetros de distância. Mas o sangue... estava muito ferido. Ela não achou que poderia ter corrido por quilômetros.

À medida que as árvores se aglomeravam e a vegetação rasteira se adensava, Katsuo assumiu a liderança, agachando-se a cada poucos metros conforme a trilha ficava mais difícil de ver. Depois de passar por várias dezenas de metros de floresta, Katsuo parou com um suspiro.

—Não consigo encontrar nenhuma trilha. O kitsune sabia para onde correr para esconder seu rastro. Com falta de um cão de caça, não podemos rastreá-lo.

Os ombros de Emi murcharam. Tinha sido esperar demais.

—Ainda podemos deixar uma oferenda. — ele disse suavemente. —Se estiver por aqui, vai sentir o cheiro da comida.

Ela acenou com a cabeça, mordendo o lábio. Se isso fosse tudo que ela pudesse fazer, ela teria que ficar satisfeita com isso.

—*Caw*.

O grito alto cortou todos os outros cantos de pássaros. Sua cabeça se ergueu. Em um galho no alto, um corvo negro a observava.

—Você de novo. — Ela murmurou.

A cabeça do corvo se inclinou de um lado para o outro. Abriu as asas e saltou do galho. Deslizando silenciosamente, ele voou por entre as árvores e pousou no galho de um abeto a trinta metros de distância.

—*Caw caw!* — O corvo gritou.

—Emi, o que... — Katsuo começou.

Focada no corvo à distância, ela ergueu a mão, acalmando-o.

—*Caw!*

O grito do pássaro estava comandando, exigindo até. Ela quase podia ouvir o significado dentro, as palavras que não conseguia falar. *Venha*.

Talvez o kitsune não fosse o único yokai em forma de animal na floresta hoje.

—Vamos. — disse ela a Katsuo. —Por aqui.

—O que...

Ela correu para frente, sem esperar para responder a sua pergunta, e começou a correr rápido pelo mato. Galhos chicotearam seu rosto e grudaram em suas roupas, mas ela continuou correndo, seguindo o corvo. Quando ela se aproximou, o pássaro alçou voo mais uma vez, chamando alto. Voou por entre as árvores e pousou novamente para esperar por ela.

Talvez fosse apenas um corvo. Ela estava perseguindo um pássaro aleatório pela floresta? Não, ela tinha certeza. O corvo já estivera lá. Ele chamou o kitsune para ela. Ele os avisou quando o oni estava se aproximando. Ela estava certa. Nem todos os yokai, ou kami, eram seres grandes e poderosos. Havia yokai menores e mais fracos, animais tocados por

espíritos com apenas um sussurro de ki. O corvo era um yokai e a estava chamando, embora ela não pudesse ter certeza do porquê.

O pássaro preto voou de árvore em árvore enquanto ela corria. Em seguida, voou baixo e pousou a cerca de três metros do solo no galho de um bordo sem folhas. Desta vez, ele não voou. Ela diminuiu a velocidade até parar, com medo de chegar muito perto.

Ele virou a cabeça e olhou para ela com um olho roxo. Então ele olhou para baixo, apontando seu bico para o chão.

Na base de seu poleiro, um abeto caído pousou em uma pedra. Seus galhos morrendo criavam uma cortina espessa que escondia principalmente a pequena cavidade abaixo dela. Emi cautelosamente se aproximou e estendeu a mão para os galhos.

Katsuo deu um passo à frente dela. Dando a ela um olhar severo, ele desembainhou sua espada.

—*Caw caw caw!* — O corvo gritou furiosamente, repreendendo-o por desembainhar a arma.

Katsuo o ignorou e usou a espada para empurrar os galhos para o lado. Na pequena depressão, uma forma branca peluda estava enrolada em uma bola compacta.

—O kitsune! — Emi empurrou Katsuo. Ela caiu de joelhos e se inclinou para mais perto. —Kitsune?

Não se moveu. Seu coração despencou. Não. Ela veio tarde demais. Ele havia morrido de seus ferimentos. Com lágrimas se formando em seus olhos, ela estendeu a mão e gentilmente pegou a pequena criatura. Quando ela o puxou, um pequeno som de dor escapou da raposa.

Ela engasgou. Ela deslizou o kitsune para a neve e ele caiu frouxamente, inconsciente. O sangue manchava seu belo pelo branco.

—Está vivo? — Embainhando sua espada e ajoelhando-se ao lado dela, Katsuo cuidadosamente separou o pelo encharcado de sangue, procurando pelos ferimentos. —Droga. Um corte na pata dianteira aqui e um mais profundo no ombro e no peito.

—Você acha que vai sobreviver? — Ela perguntou, sua voz trêmula. A visão de todo aquele sangue a deixou tonta. Como um corpo tão pequeno ainda poderia viver depois de perder tanto? O kitsune era, ela supôs, uma raposa de tamanho decente, mas tinha no máximo o dobro do peso de um gato doméstico comum.

—Yokai não tem corpos mortais como nós. — Katsuo disse distraidamente, ainda examinando os ferimentos do kitsune. —Ele não morrerá a menos que seu ki esteja totalmente esgotado, mas com ferimentos como este, suas chances não são grandes.

—Ele? — Ela murmurou.

—Sim, um homem. Eu acho que...

—*Caw!*

Emi ergueu os olhos, irritada com a interrupção. —O que? — Ela gritou com o corvo.

O pássaro abriu as asas e bateu no ar. —*Caw caw caw!*

Ela reconheceu aquele grito urgente e ficou imóvel, ouvindo. Todos os pássaros ficaram quietos, mergulhando a floresta no silêncio. Um medo escorregadio e trêmulo percorreu o chão, roçando seus tornozelos.

—Katsuo. — ela engasgou. —O oni. Está chegando.

—O que? Eu não consigo sentir...

—Eu posso, e está chegando agora!

Ela arrancou seu haori e o espalhou no chão. Katsuo ergueu o kitsune sobre ele e embrulhou a raposa. Ele o pegou em seus braços enquanto se

levantava. O corvo soltou outro grito urgente e saiu correndo, voando tão perto de sua cabeça que ela sentiu o vento soprar em suas asas. Ele voou para as árvores em uma direção diferente daquela de onde vieram.

—Siga o corvo, Katsuo.

—Emi, você tem certeza...

—Sim!

Sabendo que ele iria aonde ela fosse de qualquer maneira, ela saltou à frente dele, correndo a toda velocidade. O corvo voou à frente, deslizando de galho em galho, marcando o caminho mais fácil sem obstáculos que parassem os humanos sem asas. O som dos passos de Katsuo disse a ela que ele estava logo atrás. Ela se concentrou em correr, grata por seus requisitos de kamigakari incluírem boa preparação física; uma kamigakari frágil ou obesa não seria aceitável.

Mas ela não poderia correr para sempre. O ar frio já atingiu seus pulmões. Ela não diminuiu a velocidade, nem mesmo considerou isso. Não quando aquele medo rastejante estava correndo atrás dela, ficando mais forte a cada passo forte.

Um rugido irrompeu em algum lugar atrás deles. Emi tropeçou, quase caindo. Katsuo agarrou seu cotovelo, segurando o kitsune em seu outro braço. Seus olhos estavam arregalados, quase com medo. Seu medo fez o dela disparar.

O corvo deu outro grito urgente. *Apressem*.

Ela correu mais forte, mais rápido, com Katsuo bem atrás dela. O oni rugiu novamente, o som crescendo ainda mais alto, e mais perto. Muito mais perto.

Eles saltaram das árvores para a trilha. Ela derrapou na neve, agitando os braços para se equilibrar, a sacola balançando em seu ombro. O corvo a

chamou da trilha, e quando ela se virou, ela avistou um vislumbre de vermelho. Bem longe no caminho, o torii mal era visível entre as árvores.

Katsuo empurrou o kitsune em seus braços e puxou sua espada entre um passo e outro. Ela correu em direção ao torii, Katsuo ao lado dela. Atrás deles, galhos estalaram ruidosamente. Ela arriscou um olhar para trás no momento em que o monstruoso oni se espatifou no mato e caiu na trilha. Ele girou em direção a eles e atacou, seus passos largos fechando a lacuna rápido demais.

Seus músculos queimaram. Ela apertou o kitsune contra o peito, as pernas bombeando, os pulmões se esforçando. O torii estava cada vez mais perto. O medo a envolveu, sugando sua força minguante. Quase lá.

O corvo gritou em advertência. O oni berrou em triunfo. Ela não olhou para trás. Tão perto!

Katsuo parou e girou, a espada estendida. Ela não teve fôlego para gritar para ele não parar. Ela olhou para trás, o coração batendo forte no peito quando o oni se lançou sobre Katsuo, rápido demais para parar.

Ele puxou sua espada de volta. A lâmina brilhou em azul.

—*Sotei no shinketsu!* — Ele gritou.

Ele cortou a espada no ar. Uma linha de luz azul saiu da lâmina e atingiu o peito do oni. O yokai parou como se tivesse sido pego em um campo de força. Katsuo saltou para trás, depois se virou e saiu correndo. Tão ocupada olhando para trás, Emi quase tropeçou ao passar por baixo do torii.

O oni rugiu. Ela girou e observou enquanto a faixa de luz azul brilhante em torno de seu peito explodiu, dissolvendo-se em partículas brilhantes. Ele atacou novamente, correndo atrás deles, mas Katsuo estava quase chegando ao torii. Ele mergulhou e girou, a espada erguida e pronta. O torii representava o limite do terreno do santuário, mas para seus olhos, era uma trilha aberta, não algo que pudesse impedir um monstro de alcançá-los.

O oni diminuiu a velocidade ao se aproximar dos torii, parando do outro lado. Seus lábios se puxaram para trás, mostrando suas presas e dentes pontiagudos.

—Miko. — ele rosnou. —Dê-me o filhote de Inari e vou poupá-la do castigo de me negar duas vezes o que é meu.

Katsuo ergueu sua espada, os pés bem abertos em uma postura pronta. —Você não vai colocar a mão nela, oni. Volte para a sua montanha.

—Eu permiti que você invadisse minhas montanhas nos últimos dias, humano, mas não mais. Desafie-me e eu irei matar qualquer um que colocar os pés além de sua barreira covarde.

As mãos de Emi cerraram-se em torno de punhados de seu pacote haori.

—Você ousa nos ameaçar? — Ela disse em voz alta, sem saber de onde vinham as palavras de comando. —Você não tem poder aqui, yokai. Saia do meu domínio!

Quando as palavras finais explodiram dela, o espaço vazio no centro do torii tremeluziu levemente e começou a brilhar. Ele se iluminou e se estendeu além do portão em qualquer direção, a barreira que protegia o terreno do santuário subitamente visível como nunca antes.

O oni se encolheu. Ele rosnou e caminhou na frente do torii brilhante antes de rugir e cambalear para longe. Ele caiu nas árvores e desapareceu nas sombras, a floresta absorvendo seus passos estrondosos.

O silêncio caiu e a luz azul desapareceu. Emi cambaleou, inesperadamente exausta. Katsuo a segurou pelo cotovelo, firmando-a, depois puxou a mão para trás, lembrando que não deveria tocá-la.

—O que é que foi isso? — ele perguntou, pasmo. —Você fez isso? Fez o torii brilhar?

—Eu, eu acho que não. Acho... acho que a Amaterasu estava nos ajudando.

Seus olhos se arregalaram ainda mais.

—*Caw*.

Emi contornou-o para olhar as árvores. Do outro lado da barreira invisível, o corvo estava empoleirado em um galho, observando-os.

—Obrigada. — ela disse, curvando-se apesar de seu pacote kitsune. — Cuidaremos dele o melhor que pudermos. Ele estará seguro aqui.

O pássaro inclinou a cabeça, então se curvou para a frente em uma saudação distinta. Abrindo as asas, ele alçou voo mais uma vez, deslizando para o meio das árvores.

—Uau. — sussurrou Katsuo. —Era realmente um yokai. Admito que pensei que você tivesse perdido a cabeça por um tempo. Como você sabia?

—Palpite de sorte. — Ela murmurou. Ela olhou para o pacote em seus braços. Ela prometeu ao corvo yokai que manteria o kitsune seguro. Era mais fácil falar do que fazer, considerando que ela acabara de contrabandear um yokai para um santuário Amatsukami, um com um kannushi que era especialmente paranoico com yokai enquanto sua kamigakari estava morando lá. —O que agora?

Katsuo olhou para o pacote também. —É melhor descobrirmos algo rápido. Não sei por que esse oni está tão determinado a matar o kitsune, mas acho que quanto menos tempo tivermos yokai aqui, melhor.

Ela acenou com a cabeça e, juntos, começaram a ir para o estábulo. Katsuo se ofereceu para levar o kitsune, mas ela recusou, mantendo-o apertado em seus braços. Ela o salvou. Ela o salvou daquele oni, e agora ela só precisava que ele vivesse.

Capítulo Nove

Emi manteu o ritmo até seu quarto.

Depois de retornar ao santuário, Katsuo levou o kitsune para o armazém. As feridas do yokai não estavam mais sangrando, então tudo que Katsuo pôde fazer foi limpar o pior do sangue, envolvê-lo em cobertores e deixar comida e água para o caso de ele acordar durante a noite.

Emi não poderia ajudar em nada. Ela teve que voltar para seu quarto e sentar lá inutilmente, pronta para parecer obediente e arrependida sempre que Fujimoto e Nanako a verificassem, o que eles fizeram várias vezes antes e depois do jantar. Observando a falta de entretenimento de Emi, Nanako deixou um manual de etiqueta, um livro infantil sobre boas maneiras e comportamento respeitoso. Estava intocado em sua mesa.

Ela caminhou pelo quarto novamente. Do lado de fora da janela, o vento uivava por causa da tempestade de outono, mais como uma tempestade de inverno, apesar da estação atual, que havia chegado pouco depois de escurecer. A neve passou rapidamente, carregada horizontalmente por violentas rajadas. Ela já havia puxado um aquecedor elétrico do armário e conectado, então seu quarto estava quentinho, mas um frio desagradável emanava da janela.

O armazém, entretanto, não estava aquecido. Ela não deveria se preocupar. O kitsune tinha muito pelo e viveu na floresta todo o inverno sem problemas. Mas ele foi ferido. E se o frio fosse demais para ele em sua condição

debilitada? E se ele morresse no escuro e congelante armazém enquanto ela se sentava em seu quarto aquecido, presumindo que ele estava bem?

Ela rosnou baixinho. Ela nunca seria capaz de dormir a menos que verificasse o kitsune. Abrindo o armário, ela vestiu seu haori mais pesado por cima do quimono. Resumidamente, ela considerou amarrar o cabelo, que atualmente caía solto nas costas em ondas suaves de sua trança anterior. Decidindo que não valia a pena demorar, ela enfiou tudo embaixo do haori e abriu a porta. O vento sacudiu as paredes apaineladas que cercavam a passarela do jardim. Ela olhou com cautela para o outro lado da casa. Tudo estava escuro, sem sinais de vida. Deslizando pela esquina, ela caminhou em direção à entrada.

O vento gelado soprou em seu rosto no momento em que ela abriu a porta da frente. Ela correu para fora e fechou a porta atrás de si antes que muita neve entrasse. Tremendo, ela se dirigiu ao santuário com um braço sobre o rosto. A neve a atingia e o vento raivoso arrancou seu cabelo, enredando-o em volta dela.

A passarela estava coberta de gelo quase invisível na escuridão. Após uma breve hesitação, ela agarrou o corrimão com força e avançou com passos cuidadosos. As luzes do santuário, que ardiam dia e noite, guiaram-na para o pátio. Apertando o haori com força, ela circulou o escritório e pisou na neve até os tornozelos atrás do prédio. O armazém se ergueu, uma forma escura no turbilhão de vento branco.

Ela empurrou a porta deslizante aberta, correu para dentro e empurrou a porta fechada novamente. A iluminação apenas o suficiente das luzes do santuário brilhava através das janelas altas, permitindo que ela encontrasse o caminho para os fundos. Um pacote de cobertores estava empilhado no canto

oposto, e ao lado dele estava uma tigela de água e os peixes que ela havia carregado para a floresta mais cedo.

Um focinho branco com nariz preto projetava-se por baixo dos cobertores. Katsuo havia enterrado completamente o kitsune, ou ele havia se enterrado nos cobertores sozinho?

Ajoelhando-se, ela sussurrou: —Kitsune?

A raposa não se moveu. Cautelosamente, ela levantou a ponta do cobertor, descobrindo a cabeça do kitsune. Seus olhos estavam fechados e ele não se mexeu. Ela afastou o cobertor. A ideia de Katsuo de limpar o pior do sangue era muito diferente da dela. Metade da raposa ainda estava manchada de vermelho, seu pelo emaranhado e sujo.

Ela olhou para a tigela de água; o gelo escorregou no topo. O vento batia nas paredes e ela estremeceu, sua respiração embaçando o ar. Com uma sacudida rápida de sua cabeça, ela embrulhou o kitsune e o ergueu em seus braços. Estava muito frio aqui. Ela iria devolver o kitsune ao armazém assim que a tempestade diminuísse.

Ela voltou para seu quarto através do frio congelante o mais rápido que pôde e depositou o kitsune no chão antes de ir para o banheiro. Carregando uma tigela de água quente e uma braçada de toalhas, ela voltou para o quarto na ponta dos pés e fechou a porta. Arrumando algumas toalhas sobre a cama como forro, ela colocou o kitsune sobre o lado ileso dele. Ele parecia tão pequeno e frágil. Ela acariciou levemente a pele sedosa de sua orelha. Um yokai. Que estranho. Ela pensava neles como monstros por tanto tempo que uma raposa bonita simplesmente não se encaixava em suas percepções.

Mergulhando uma toalha na água, ela o limpou cuidadosamente. O sangue deixou uma mancha rosa em seu pelo branco que não queria sair. Ela trabalhou cuidadosamente em torno do ferimento em seu peito e ombro e

continuou descendo pela perna dianteira. As mãos dela pararam, o pano suspenso acima dele.

Envolvido várias vezes em torno de sua perna, logo acima da pata até a junta do cotovelo, estava um fio de *onenju*. As contas de oração, de um vermelho brilhante e do tamanho de pequenas bolas de gude, combinavam tão bem com seu pelo manchado de sangue que ela não as notara antes. Ela se inclinou mais perto, as sobrancelhas franzidas. Por que um yokai usaria contas de oração? Como ele as colocou na perna? Alguém deve tê-las colocado nele.

Sem saber o que fazer com elas, ela fez uma tentativa indiferente de limpar as contas, mas elas estavam atrapalhando. Com um encolher de ombros mental, ela enganchou dois dedos através do laço inferior e puxou-o sobre a pata do kitsune.

Seu cérebro demorou um pouco demais para acompanhar a explosão repentina de calor que subiu por seu braço assim que ela tocou as contas.

O poder explodiu do onenju. Arremessada para trás, ela derrapou no chão. O vidro se estilhaçou quando os vasos caíram do pequeno santuário no canto. Sua pele formigou com o toque trêmulo de um ki poderoso liberado pelas contas, um ki estranhamente familiar. Ofegando, ela se levantou e se virou, com medo de encontrar o kitsune dilacerado pela descarga de poder.

Mas o kitsune se foi, e algo totalmente diferente estava em sua cama.

Por um longo momento, seu choque foi tão completo que até seu batimento cardíaco congelou. Em seguida, ele voltou à vida, martelando contra suas costelas. Ela se empurrou ao longo do chão até que suas costas bateram na parede. Ela piscou, e piscou novamente, mas a visão não mudou.

No lugar do kitsune, um homem com forma humana estava esparramado em sua cama. Um kosode branco sem mangas cobria seus ombros, mas deixava seus braços musculosos nus. Material preto amarrado

por laços vermelhos, as pontas espalhadas pelo chão como fitas de sangue, cobriam seus antebraços, desde os pulsos até vários centímetros acima dos cotovelos. Um obi estreito preto e vermelho estava enrolado em sua cintura acima do hakama preto, e seus pés estavam amarrados com calçados de couro. Sem armas, mas o onenju vermelho brilhou em torno de seu antebraço direito.

Enquanto ela tentava respirar normalmente, o kitsune que virou homem não se moveu, exceto pelo leve subir e descer de seu peito. Ele ainda estava inconsciente. Ela engoliu em seco, um toque de coerência voltando a seus pensamentos. Nas histórias, os kitsune eram metamorfos, não eram? Mas este não mudou de forma por conta própria; ele estava tão em coma nesta forma quanto quando era uma raposa. O toque dela no onenju em torno de seu braço deve ter desencadeado sua transformação.

Ela respirou fundo mais algumas vezes. O yokai estava inconsciente. Ele não podia machucá-la, ainda. Ela não tinha medo do kitsune, mas este yokai era um assunto totalmente diferente. Exceto que ele estava inconsciente. Isso era bom.

Tremendo, ela se levantou, deu alguns passos cautelosos para mais perto e olhou para ele. Cabelo branco como a neve, tão macio quanto o pelo de uma raposa, roçava sua testa em uma bagunça desgrenhada, e saindo de seu cabelo havia um par de orelhas de raposa brancas. Seu corpo era humano, mas ele manteve as orelhas. Seus olhos estavam fechados. Seu rosto, frouxo na inconsciência, tinha uma qualidade estranhamente eterna; ele poderia ter a idade dela ou uma década mais velho. Ela simplesmente não sabia dizer.

Ela se aproximou, incapaz de parar de olhar. Um yokai deitado em sua cama. De alguma forma, era muito maior agora do que quando ele era apenas uma raposa. Talvez fosse o aumento da massa, mas sua presença parecia

encher seu quarto. Ela se aproximou, observando seu rosto. Nenhuma mudança, nem mesmo uma contração.



Antes que ela pudesse se acovardar, ela se abaixou e passou os dedos pela orelha direita dele, idêntica à da raposa, exceto um pouco maior, o pelo quente e sedoso. Bizarro. Ela deslizou os dedos pelo cabelo dele até encontrar a borda de sua mandíbula. Nenhuma orelha humana se escondia em seu cabelo. Ela supôs que dois pares de orelhas seriam ainda mais estranhos.

Era tão estranho. Yokai deveriam ser bestas, animais como o corvo ou monstros como o oni. No entanto, esta criatura em sua cama poderia ser humana se não fosse pelo cabelo branco anormal e orelhas de raposa.

Quando seu coração finalmente desacelerou, ela sentou-se sobre os calcanhares, sem saber o que fazer. Ela não poderia carregá-lo de volta para o armazém, e ela não poderia deixá-lo aqui; um homem adulto era muito mais difícil de esconder do que uma pequena raposa.

Seu olhar viajou sobre ele novamente, gaguejando até parar em seu braço direito. Uma ferida irregular se estendia por seu braço, vazando um pequeno fio de sangue. Ele ainda estava ferido nesta forma. Ela deveria ter percebido que suas feridas não iriam simplesmente desaparecer. Preparando-se mentalmente, ela recuperou sua toalha e o kit de primeiros socorros dos escombros; seu quarto parecia como se um furacão tivesse girado por ele. Se não fosse pela tempestade lá fora, Fujimoto e Nanako estariam estourando pela porta dela. Ela teria se divertido tentando explicar o yokai inconsciente em sua cama.

Ela se ajoelhou ao lado dele. Observando seu rosto em busca de qualquer sinal de retomada da consciência, ela cuidadosamente enxugou o sangue e tirou algumas compressas de gaze. Ela pressionou uma fileira de algodão no ferimento e envolveu uma gaze branca em torno de seu braço para mantê-los no lugar. Com outro olhar cauteloso em seu rosto, ela puxou seu kosode para

expor o segundo sulco que corria de seu ombro para um lado de seu peito, um peito muito bem tonificado.

Suas bochechas aqueceram quando ela aplicou outro algodão em seu ferimento, ignorando o músculo rígido sob suas mãos. Ela nunca havia tocado em um homem assim. Na verdade, ela quase não tocou em ninguém do sexo masculino, além da colisão ocasional. Katsuo agarrando seu cotovelo para firmá-la foi o contato mais íntimo que ela teve desde que se tornou a kamigakari. Agora aqui estava ela com as mãos no peito nu de um homem, bem, um yokai.

Ele não tinha apenas uma construção atraente. Ele era realmente incrivelmente bonito, com traços esculpidos que eram definidos, mas não muito nítidos, suavizados por seu cabelo bagunçado, pelo? Ele até superava Katsuo, e isso queria dizer algo.

Não que ela se importasse, é claro. Ele era um yokai, um ser espiritual, não humano, por mais humano que parecesse. Ela olhou para suas orelhas de raposa para reforçar o pensamento. Definitivamente não era humano.

Já que ela não podia envolver seu torso inteiro, ela retirou a fita adesiva e prendeu o algodão no lugar. Então ela se recostou e admirou seu trabalho. Muito bom. Ele não iria sangrar por todo o seu kosode branco, pelo menos. Ela reembalou o kit de primeiros socorros e o colocou de lado. O que agora?

Franzindo os lábios, ela o alcançou e puxou seu kosode de volta ao lugar, arrumando-o perfeitamente. Muito melhor. Menos distração para ela de qualquer maneira. Ela estava realmente admirando o físico de um yokai? Ela precisava se controlar. Colocando uma mão sobre os olhos, ela respirou longa e profundamente. Sentindo-se mais centrada, ela largou a mão.

E encontrou olhos de rubi brilhantes olhando para ela.

Por um breve instante, ela não conseguiu se mover, presa no olhar encoberto e meio acordado do yokai e na ruga intrigada entre suas sobrancelhas.

Então o pânico a invadiu e ela se jogou para longe.

Quando ela se virou para fugir, ele se lançou. Um puxão forte na manga comprida de seu quimono a puxou para trás. Ela caiu em cima dele. Se contorcendo loucamente, ela rolou para longe, apenas para ele agarrá-la e puxá-la de volta. Um braço, forte como uma barra de aço, prendeu em torno de sua cintura, prendendo seus braços e prendendo-a contra seu peito.

Sua outra mão se fechou ao redor de sua garganta e apertou, aplicando pressão suficiente para congelá-la no lugar.

Ela ofegou, tonta de terror. Seus braços estavam presos. Ela não conseguia alcançar o ofuda no bolso da manga. Ela estava indefesa. Nunca em sua vida ela havia sido contida fisicamente assim. O pânico turvou os limites de seus pensamentos. Por que ela não foi buscar Katsuo quando o kitsune se transformou? Por que ela o trouxe de volta para seu quarto em primeiro lugar?

O yokai não se moveu, apenas a segurou no lugar com uma força que ela não conseguia lutar. Ela inclinou a cabeça para trás para ver seu rosto, para avaliar sua intenção, mas ele não estava olhando para ela. Seu olhar viajou pelo quarto, atento e analisando. A inteligência brilhou em seus olhos de rubi, a mesma de quando ele era uma raposa.

Então aqueles olhos piscaram para baixo e ele pareceu quase surpreso ao vê-la olhando para ele. Sua boca se curvou em um sorriso malicioso, exibindo caninos pontiagudos que lembravam muito mais sua forma de raposa do que a humana.

Sua diversão com o terror dela despertou uma pequena onda de raiva. — Me deixe ir!

—Ah, pequena miko, ninguém nunca te disse para não fugir de yokai? — Sua voz profunda e ronronante enviou um arrepio em sua pele. Ele se inclinou enquanto sua mão em sua garganta forçava sua cabeça para trás. Ele roçou o nariz ao longo de sua mandíbula, do queixo até a orelha. —É a maneira mais certa de nos fazer atacar. — Ele sussurrou, sua respiração fazendo cócegas em sua orelha.

Arrepios percorreram sua nuca e ela apertou a mandíbula. —Tire suas mãos de mim.

Ele cantarolou enquanto enfiava o rosto nos cabelos dela, inalando pelo nariz. —Mas você não colocou suas mãos em mim primeiro?

—Eu estava tratando suas feridas. — Ela convocou seu tom mais autoritário, esperando desesperadamente que sua voz não tremesse. —Você está provando que a reputação de sua espécie é bem merecida com tanto desrespeito e ingratidão para com a pessoa que salvou sua vida.

Sua cabeça levantou e o medo percorreu seu corpo de que o tivesse ofendido, de que ele certamente a mataria agora. Em vez disso, ele fez um barulho pensativo e suas mãos caíram, soltando-a.

Ela quase saltou do colo dele, mas se lembrou de seu comentário sobre fugir de yokai. Com mais autocontrole do que ela pensava que tinha, ela cuidadosamente se levantou, deu quatro passos e se virou para encará-lo. Ele ficou onde estava, recostado meio na cama com as pernas no chão, casualmente apoiado em um braço. Sua cabeça se inclinou para um lado enquanto a observava, o movimento muito semelhante ao de uma raposa com as orelhas vulpinas reais. Aquele sorriso leve e conhecedor brincou em seus lábios.

Ela se ajoelhou no chão, principalmente porque suas pernas tremiam tanto que ela teve medo que ele notasse. O mais indiferente possível, ela

deslizou as mãos nas mangas opostas do quimono e apertou o ofuda escondido entre dois dedos, pronta para puxá-los para fora.

—Não há necessidade disso, pequena miko. — ele comentou, cada palavra quase a acariciando. Como ele poderia ter uma voz de outro mundo, mas ainda assim humana? —Eu não vou te machucar.

Ela corou, envergonhada por ter sido tão óbvia, mas não largou a ofuda. —O que foi aquilo, aquele ataque então?

—Assalto, você chama isso? Esse pequeno abraço?

—Você... — Ela parou com uma pequena sacudida de sua cabeça. Se ele estava determinado a ignorar a inadequação de segurar com força uma mulher contra ele e esfregar seu rosto nela, nada do que ela dissesse o faria mudar de ideia. —Você tem as maneiras de um cachorro.

—Bem... mesma família, você sabe. Raposas, cachorros. — Ele encolheu os ombros. —O que você esperava? As saudações rituais da corte imperial?

—Teria sido bem-vindo algum respeito pela pessoa que salvou sua vida.

—Ah, sim, você me salvou, e estou muito grato. — Ele se curvou de onde estava sentado, de alguma forma conseguindo uma graça perfeita, apesar de sua posição estranha. Para sua surpresa, ele segurou o arco por vários segundos, denotando profunda gratidão.

Sentando-se, ele preguiçosamente puxou uma mecha de seu cabelo branco enquanto seu olhar deslizava para baixo e para cima novamente. — Estou em débito com você. Diga-me o seu desejo e eu o cumprirei.

—Meu, meu desejo? — Ela engasgou.

Ele sorriu novamente. —Um favor, pequena miko. Estou dizendo que te devo um favor.

—Ah-Oh. Certo, sim. — Suas bochechas queimaram de vergonha. — Meu nome não é 'pequena miko'.

—Senhorita Miko do Santuário Amaterasu?

—Meu nome é Emi. — Ela disse rigidamente, não achando graça.

Seu sorriso só cresceu. Dar a ele seu primeiro nome era inapropriado por si só, mas ela não queria que ele soubesse o nome de sua família; havia uma chance de que até mesmo o yokai das montanhas tivesse ouvido falar de Kimura kamigakari.

—Emi. — Ele ronronou, fazendo seu rosto esquentar novamente.

Ela cerrou os dentes. —Você tem um nome?

—Eu? — Suas orelhas de raposa estremeceram. —Você pode me chamar de Shiro.

—Shiro. — Ela repetiu incrédula. Não que fosse um nome ruim, mas um de seus significados era literalmente branco. De alguma forma, ela duvidou que esse fosse seu nome verdadeiro.

—Agora, Emi do santuário, diga-me o que você deseja de mim. Estou ao seu comando.

Desta vez, sem a distração do choque ou desconforto, ela reconheceu o ritual de seu pedido. Para pagar sua dívida para com ela, ele estava se oferecendo para cumprir algum tipo de tarefa ou favor, semelhante à adoração e oferendas dadas em um santuário em troca da boa vontade ou ajuda do kami. Os Kitsune eram conhecidos por serem extremamente persistentes no pagamento de suas dívidas. A característica gerou muitas histórias infantis, muitas vezes bem-humoradas, sobre eles, pois seus esforços para retribuir frequentemente causavam ao ser humano mais problemas do que o favor valia.

—Você me salvou primeiro. — disse ela com cautela. —Não há dívida entre nós.

O brilho perverso de humor que dançou em seus olhos de rubi quase desde o momento em que ele acordou se desvaneceu, e seu repentino comportamento sombrio a fez parar.

—Não. — ele murmurou, sua voz mais suave e profunda e de alguma forma mais velha. —Você voltou por mim. Eu devo a você e não aceitarei sua recusa.

Ela mordeu o interior da bochecha para manter a expressão neutra. Sem aquele sorriso malicioso que a fez querer bater nele, seu rosto era ainda mais atraente, seus olhos puxando-a e mantendo-a prisioneira. Ele não iria embora até que a retribuísse. Ele a seguiria por anos se precisasse, porque uma dívida não paga era um golpe contra sua honra que ele não podia permitir. Não que ela tivesse anos.

A solução mais fácil seria nomear uma pequena tarefa que ele pudesse completar por ela, algo sério o suficiente para ele aceitar como uma troca justa. Mas ela não conseguia pensar em uma única coisa que ele pudesse fazer por ela que iria satisfazer a dívida entre eles. O que ela precisava de um yokai? Seus únicos problemas estavam diretamente relacionados a ser uma kamigakari, principalmente, sua morte iminente, e isso dificilmente era algo que um kitsune poderia ajudá-la. Uma Amatsukami havia reivindicado seu corpo e alma, e o único poder no céu ou na terra que poderia mudar isso era outro Amatsukami.

Sua respiração parou em seu peito com o pensamento. Poderia outro Amatsukami mudar seu destino? Por que eles fariam isso? Eles queriam que Amaterasu se juntasse a eles. Mas ela poderia pelo menos perguntar a verdade, perguntar se o poder de Amaterasu realmente a consumiria. Talvez o manual do kannushi estivesse errado. Não faria mal perguntar, saber com certeza.

Ela não poderia ir em busca de um Amatsukami, mas o yokai na frente dela estava se oferecendo para completar um favor para ela. O pedido era ridículo, mas se por acaso ele concordasse, pelo menos estaria fazendo algo útil por ela. E o mais importante, isso o afastaria do santuário antes que Fujimoto ou Nanako o descobrissem.

Ela deu a ele um olhar avaliador. —Eu tenho um pedido.

Ele inclinou a cabeça, as orelhas se mexendo novamente. Além das janelas, a tempestade continuava.

—Eu quero que você encontre um Amatsukami e me leve até ele.

Sua boca se abriu, todos os sinais de humor astuto desaparecendo sob a descrença confusa. —Você quer que eu faça o quê?

—Encontre-me um Amatsukami. — ela repetiu. —Eu preciso falar com um deles.

—Você está em um santuário Amatsukami. Se você quiser falar com um, vá orar.

— Pessoalmente, obviamente.

Ele olhou para ela, sua reação quase exatamente o que ela esperava. Se ele recusasse, ela poderia mandá-lo embora. Problema resolvido.

Finalmente, ele disse: —Achei que você fosse uma miko. Você não sabe que os humanos não falam com Amatsukami? Apenas os servos humanos mais graduados dos kamis os verão no mundo mortal.

—É por isso que preciso da sua ajuda.

—Eu? — Ele suspirou de forma sofrida, revirando os olhos para o teto. — Pequena miko, eu sou um yokai, não um kami. Na verdade, somos bem diferentes, sabe.

—Estou totalmente ciente disso. — Ela encolheu os ombros. —Você disse que tem uma dívida comigo, e essa é a única coisa em que preciso de ajuda.

Suas orelhas giraram para trás, quase achatando em sua cabeça quando uma espécie de fogo perigoso acendeu em seus olhos. Então aquele sorriso malicioso esticou seus lábios e ele ergueu o queixo.

—Agora, agora, pequena miko. Eu devo a você um favor proporcional à dívida. O que você pergunta... —Ele estalou a língua. —Um yokai como eu indo para qualquer lugar perto de um Amatsukami, quanto mais procurando um... Eu estaria arriscando minha vida e integridade física a cada passo. — Ele abriu as mãos, o onenju vermelho brilhando em torno de seu pulso. —Eu ficaria indefeso. Você acha que é um pedido justo?

Ela não tinha feito todo aquele esforço para salvá-lo, apenas para matá-lo enquanto ele tentava completar um favor absurdamente difícil e perigoso, para um yokai. Além disso, ela tinha certeza de que, mesmo que ele aceitasse, não teria sucesso, pelo menos não a tempo para fazer diferença para ela.

—Acho que não. — disse ela. —Mas isso significa que não há mais nada que você possa fazer por mim, então você pode ir embora.

Sua boca se torceu em surpresa com a facilidade com que ela desistiu de seu pedido. —Pode haver uma maneira de ajudá-la.

Apesar de si mesma, sua curiosidade se acendeu. —Oh?

Erguendo o braço, ele olhou para o onenju enrolado três vezes em seu antebraço, em cima do material preto que envolvia seu braço do pulso ao cotovelo. Ele estendeu o braço no espaço entre eles, as pontas das contas vermelhas da manga balançando em seu cotovelo.

—Você pode puxar as contas?

Ela automaticamente pegou o colar de contas antes de se segurar. E sobre a perigosa explosão de poder que o onenju lançou da última vez que ela mexeu com eles?

—Por que você não faz isso sozinho? — Ela perguntou desconfiada, sua mão parada logo acima do pulso dele.

—Me dê humor.

—Não. — disse ela, retirando a mão. —Acho que não.

Emoção sombria passou por seu rosto em um rosnado cruel que foi tão rápido que ela não tinha certeza de ter visto. Ele deixou cair o braço e se inclinou para trás, soprando o cabelo da testa em uma longa expiração. Os cachos brancos voltaram a se acomodar em seus olhos, mais desgrenhados do que antes.

—Então, infelizmente, não posso ajudá-la. — Disse ele, dando de ombros.

—Por que não?

Ele balançou o braço envolto em um onenju. —Não posso removê-las sozinho.

—Sim?

—Elas estão amaldiçoadas. O feitiço dentro delas interfere no meu ki. Com o onenju no lugar, estou indefeso; não consigo nem superar um oni. No entanto, se você remover as contas, me libertando da maldição, eu poderia cumprir seu pedido de encontrar um Amatsukami.

Ela cruzou as mãos no colo, ganhando algum tempo para pensar. Esse tinha sido o seu plano desde o momento em que lhe ofereceu um favor? Ele teria reivindicado seu pedido muito difícil ou perigoso para ele com o onenju enrolado em seu braço, independentemente do que ela perguntasse? Quer ele tivesse planejado ou não, ele queria que ela removesse as contas e estava usando o favor que devia a ela como uma forma de manobrá-la para isso.

Alguém o amaldiçoou. Só um ser muito poderoso poderia fazer um feitiço como aquele, outro yokai ou um kami, e ela não tinha como descobrir o porquê. Ele mentiria se ela perguntasse, ela tinha certeza. Por tudo que ela

sabia, ele poderia ser amaldiçoado porque era um psicopata assassino. Ela ousaria liberar seu poder? Ele poderia se voltar contra ela no instante em que ela o fizesse.

—Não acho que remover essas contas seja uma boa ideia. — Disse ela.

—Você não vai removê-las mesmo para uma reunião com um Amatsukami, como você solicitou?

O brilho perigoso em seus olhos enviou um arrepio por sua espinha. — Você recusou meu pedido porque é muito perigoso. Eu te liberto de qualquer dívida para comigo. Você pode sair.

Um grunhido surgiu em seus tons ronronantes. —Não funciona assim.

Ela cruzou os braços, rezando para que ele não pudesse sentir seu pulso acelerado. —Eu não tenho nenhum outro pedido para você. Por favor saia.

Seus olhos se estreitaram em fendas de rubi. Ele se desenrolou de sua postura relaxada, ficando de pé com uma graça líquida. Antes que ela pudesse reagir, ele estava na frente dela, sua mão deslizando em seu cabelo atrás de sua cabeça e forçando seu rosto para cima. Ele se inclinou até que seus narizes quase se tocassem, seu olhar capturando o dela como correntes escaldantes.

—Eu aceito seu pedido, pequena miko. — ele sussurrou em tons de fogo e gelo, sua voz queimando sua alma. —Reze para não se arrepender.

Ele a soltou tão repentinamente que ela caiu para trás, seus pulmões ainda bloqueados. A luz brilhou sobre ele, cintilando como chamas vermelhas e azuis. Queimou, cegando-a, e quando ela pôde ver novamente, uma pequena raposa branca estava em seu lugar. O kitsune lançou mais um brilho de rubi em chamas sobre ela antes de se virar e trotar em direção à parede externa de seu quarto. As chamas brilharam através dele e ele pulou na parede. Seu corpo passou pela madeira sólida como se fosse nada mais do que uma ilusão, ou ele não era mais do que um espectro. Então ele se foi.

Ofegando pela primeira vez desde que ele a agarrou, ela rastejou sobre os membros trêmulos até a parede e pressionou a mão contra sua superfície inflexível. De fato, um ser espiritual.

Tremendo e exausta, ela caiu contra a parede. Ela acidentalmente fez uma barganha com um yokai, um yokai que ela suspeitava ser muito mais perigoso do que ela imaginava. E ela não sabia que perspectiva fazia seu coração bater mais forte: que ele falharia e nunca mais voltaria, ou que poderia ter sucesso.

Capítulo Dez

Batidas silenciosas em sua porta a arrastaram de um sono agitado. Seus olhos se abriram. A lembrança veio, despertando-a completamente. Shiro estava de volta, batendo em sua porta? Mas por que o yokai iria bater em sua porta se ele poderia atravessar paredes? Do lado de fora da janela, a luz fraca do amanhecer vazou pelas nuvens. Mal passava do amanhecer e ela só dormiu por algumas horas.

Ignorando sua apreensão, ela se levantou e ajeitou seu robe de dormir. Rastejando para a porta, ela abriu uma fresta.

Katsuo estava parado no corredor fechado, mudando seu peso nervosamente de um pé para o outro; guardião ou não, não era apropriado para um homem ficar em seu quarto. Uma memória passou por ela: Shiro deslizando o nariz ao longo da parte inferior de sua mandíbula, seu hálito quente em sua orelha. O calor subiu para seu rosto e ela empurrou a memória de lado.

—Katsuo. — Ela sussurrou.

—Emi. — Seu olhar percorreu o cabelo desgrenhado e emaranhado de sono e o fino robe branco de dormir.

Ela inconscientemente fechou o robe com mais força. O rosa tingiu suas bochechas.

—O kitsune se foi. — ele desabafou. —Acabei de verificar o armazém e ele não está em lugar nenhum. Não consegui nem encontrar rastros na neve. O

cobertor também sumiu... — Ele parou, semicerrando os olhos para ela. —Por que você não parece surpresa?

Ela piscou. —Uh…

Ele ficou na ponta dos pés para olhar por cima da cabeça dela. Descrença ondulou em seu rosto e ele agarrou a porta dela, forçando-a a abrir mais um pé. —Esse é o cobertor do armazém? E, e toalhas ensanguentadas? O que você fez, Emi?

A culpa cresceu em seu intestino quando ela olhou de volta para seu quarto para o cobertor extra, toalhas ensanguentadas e kit de primeiros socorros que ela jogou no canto antes de desabar na cama e cair direto no sono.

—Hum. — ela murmurou. —Bem, a tempestade ontem à noite foi muito forte. Eu estava preocupada que o kitsune congelaria...

—Ele é uma raposa yokai, Emi. Ele tem pelo. Ele passa todo inverno lá fora.

—Eu sei. — ela disse defensivamente, tentando não murchar sob sua raiva. —Mas ele estava gravemente ferido. Eu estava preocupada. Trouxe ele aqui para se aquecer, só isso. Ele estava inconsciente, então...

—Onde ele está agora?

—Bem, ele não ficou inconsciente a noite toda...

Katsuo estava quase vibrando de raiva. Ele esfregou as têmporas com uma das mãos. —Por que você está tão determinada a se colocar em tanto perigo quanto possível?

—Foi bom. — disse ela apressada, carrancuda. —Estou bem. Nem mesmo um arranhão. O kitsune se foi. Ele decolou no meio da noite, provavelmente de volta para a floresta.

Ele suspirou, colocando a mão no punho da espada, um gesto inconsciente, ela esperava. —Bem, pelo menos não temos que nos preocupar mais com ele. Você pagou sua dívida.

Ela assentiu. Não há necessidade de dizer a ele que o kitsune decidiu que ele tinha uma dívida com ela. E ela não via nenhum ponto em mencionar que o kitsune poderia mudar de forma em um homem quase humano. Ela também não tinha planos de revelar seu acordo acidental com o yokai a ninguém, nem mesmo a Katsuo.

—É melhor eu limpar o armazém. — disse ele. —Eu não acho que Kannushi Fujimoto alguma vez vá lá, mas apenas no caso...

Com uma reverência bastante mal-humorada, ele recuou pelo corredor. Ela fechou a porta e encostou-se a ela, examinando seu quarto. Toalhas e panos ensanguentados, a bacia de água tingida de rosa que de alguma forma não tinha derramado, os vasos quebrados, talvez ela devesse limpar também. Enquanto recolhia as toalhas, ela olhou para a cama. Ela quase podia vê-lo sentado ali, seu cabelo branco brilhando e seus olhos de rubi brilhando enquanto ele sorria maliciosamente para ela.

Balançando a cabeça, ela retomou a limpeza e tentou não pensar nele... e na barganha perigosa que ela fez sem querer.

Emi lutava para manter sua mente em sua tarefa, mas era difícil.

Ela arrastou roboticamente a vassoura pela escada, enviando uma rajada de neve voando a cada movimento. Vários degraus abaixo dela, Yui e Rina varriam o pior da neve, deixando Emi limpar o resto de cada degrau. Na parte

inferior, os torii vermelhos que marcavam a borda do terreno do santuário contrastavam fortemente com a neve branca ao redor.

Minoru estava encostado no torii, seus olhos constantemente examinando a floresta sombria. Com o sol da tarde se pondo atrás do pico oeste, ele girava preguiçosamente seu bastão laminado de forma que a luz dourada brilhava sobre o aço curvo. Tão perto da borda do terreno, ele e Katsuo eram excessivamente cautelosos em garantir a segurança dela.

Ela mal prestou atenção nele ou nas meninas. Seu monólogo interno, uma análise contínua de seu encontro com o kitsune na noite anterior, era muito perturbador. Ela continuou repassando sua conversa, seu acordo, sua ameaça não muito falada. Ela não pretendia seriamente entrar em um acordo com ele; ela esperava que ele recusasse seu pedido. Era injusto, exigente e perigoso. Por que ele aceitou? Sua honra era tão importante para ele?

Talvez ele tivesse concordado pelo bem da integridade, mas faria apenas um esforço simbólico para concluí-lo, apenas o suficiente para satisfazer seu orgulho. Mas e se ele conseguisse encontrar um Amatsukami para ela? E se ela realmente tivesse a chance de descobrir a verdade, de confirmar de uma vez por todas que enfrentaria seu fim no solstício?

E se ela tivesse a chance, ela pediria ao Amatsukami para mudar seu destino?

Os pensamentos continuaram girando; cada vez que se convencia de que seu destino havia sido selado dez anos atrás, uma esperança tênue e rastejante perturbava sua frágil aceitação. E, por alguma razão estranha, o rosto de Shiro interrompia sua luta com suas emoções. Os pensamentos ilegíveis que deslizaram por aqueles olhos de rubi, a contração de suas orelhas vulpinas, a astúcia, embora de alguma forma provocante, seus lábios, certamente aqueles movimentos minúsculos significavam algo. O yokai existia como um

desconhecido perigoso por tanto tempo que era desconcertantemente bizarro ver o quão real Shiro era, falar com ele como se ele fosse uma pessoa como ela.

—Entãããão. — Rina falou lentamente, interrompendo os pensamentos de Emi. —Ouvimos sobre sua aventura na outra noite.

Emi franziu a testa e varreu o degrau com um pouco mais de força.

—Você realmente montou Tornado nas montanhas no meio da noite?

Ela cravou a vassoura no canto de um degrau e murmurou: —Não exatamente.

Rina subiu as escadas ao lado de Emi. —Eu não posso acreditar! Kannushi Fujimoto deve ter ficado tãão zangado. Nanako também pirou? Eu adoraria ver isso.

Emi olhou para Rina pela primeira vez. A garota estava sorrindo para ela, não com condenação ou desaprovação, mas com admiração e humor.

—Eu... sim, eles estavam chateados. Eu não queria preocupar a todos, no entanto. Eu só…

—Não aguentava mais ficar presa, certo? — Rina disse com um aceno de cabeça. —Entendi. Eu fugi umas quatro vezes no ano passado só para ficar longe dos meus pais por uma noite. E depois do solstício, você não vai conseguir se divertir, sabe?

Emi resmungou um acordo sem palavras. Yui se aproximou, ainda varrendo obedientemente enquanto ouvia.

—Honestamente. — disse Rina, baixando a voz. —Não posso acreditar o quão perfeita você foi ao seguir todas essas regras ridículas. — O jeito que ela disse *perfeito* sugeria que não era um elogio. —Toda aquela meditação e oração e dietas especiais e outras coisas? Quando foi a última vez que você comeu um hambúrguer gostoso e suculento?

—Hum... Eu nunca comi um hambúrguer.

— Nunca? Oh meu Deus. — Rina deu um tapinha em seu braço. —Isso é péssimo.

Yui pigarreou muito baixinho. —A kamigakari não pode quebrar as regras sem colocar sua vida em risco. Se ela não for pura o suficiente na cerimônia...

—Você realmente acha que um hambúrguer ou dois farão a diferença? — Rina interrompeu. Ela olhou para Emi. —O que você acha?

As mãos de Emi apertaram o cabo da vassoura até que os nós dos dedos ficaram brancos. Ela suspeitava que muitas das regras estritas que ela suportou eram menos sobre proteger sua pureza e mais sobre minimizar distrações e manter a kamigakari a mais dócil e isolada possível. Pureza tinha muito mais a ver com seu estado de espírito do que com o que ela tinha comido no café da manhã.

Rina esperou a resposta de Emi, então deu de ombros. —Bem, eu não te culpo por ficar farta de tudo e por querer um tempo. É uma pena que você caiu de Tornado e não voltou a tempo.

—Sim. — Emi murmurou, sem se preocupar em corrigir a compreensão de Rina dos eventos.

—Eu ouvi Minoru e Kannushi Fujimoto conversando ontem. — Rina baixou ainda mais a voz, forçando Emi a se aproximar para ouvir. —Kannushi Fujimoto estava perguntando a Minoru se ele achava que Katsuo era experiente o suficiente para ser seu sohei. Ele estava preocupado com o comportamento de Katsuo quando você foi encontrado desaparecida.

—O comportamento dele? — Emi gaguejou.

—Ele estava pirando. — Rina sussurrou. —Isso é o que Kannushi Fujimoto parecia pensar, de qualquer maneira. Minoru disse que o que falta em experiência a Katsuo, ele compensa em talento e dedicação.

Emi retomou a varredura sem muito entusiasmo. Ela deve ter realmente assustado Katsuo, e agora sua carreira poderia estar em risco. Ela não podia deixar Fujimoto descobrir que ela arrastou Katsuo para as montanhas novamente e o fez esconder um fugitivo yokai dentro do terreno do santuário.

Rina agarrou a vassoura de Emi para parar seu movimento, inclinando-se tão perto que seus rostos estavam quase se tocando. —Você conhece Katsuo de Shion, certo? — ela respirou. —Vocês têm uma história? Há algo acontecendo entre vocês?

Emi recuou, suas bochechas corando.

—Ei, Emi!

Ela girou em direção ao topo da escada quando Katsuo apareceu. Suas bochechas ficaram mais quentes enquanto ele trotava escada abaixo.

—Oi, Rina, Yui. — ele disse rapidamente para as duas garotas. —Emi, Kannushi Fujimoto pediu para ver você.

—Oh? — Seu coração afundou. Ela estava com problemas de novo? Ou pior, Katsuo estava com problemas por causa dela? Ela silenciosamente entregou sua vassoura para Rina, sem encontrar os olhos da outra garota para que ela não corasse novamente, e subiu a escada correndo para se juntar a Katsuo. Ela o seguiu até o pátio do santuário.

—Você tem um minuto primeiro? — Ele disse. —Há algo que eu quero mostrar a você.

—Outro armazém? — Ela perguntou com cautela. Ela conseguiu muito mais do que ela esperava com aquele.

Ele deu uma risadinha. —Não, apenas uma... uma nova experiência para compartilhar.

Ela piscou, curiosa apesar de si mesma. —Que tipo de experiência?

Ele sorriu. —Isso.

Ele a conduziu pela ponte em direção à casa. Eles passaram pela entrada da frente, seus pés pisando no caminho de cascalho fino que conduzia às árvores. A trilha se bifurcou, e quando ela olhou para as árvores, ela viu uma casinha entre a neve e a folhagem no mesmo estilo da casa principal.

—Essa é a casa de hóspedes. — disse Katsuo. —Minoru e eu temos tudo para nós. É muito fofo.

Então era onde eles estavam hospedados; ela estava se perguntando. Ele não a levou para a casa de hóspedes, mas em vez disso continuou o caminho. Ela corria paralela aos degraus que ela estava varrendo com Rina e Yui, indo na direção da estrada para Kiroibara. O som escorrendo de um riacho ficou mais alto.

Katsuo colocou um dedo nos lábios e saiu cuidadosamente do caminho para as árvores. Ignorando uma pequena vibração de desconforto, ela o seguiu, agora queimando de curiosidade. Ele rastejou para o denso arbusto enquanto o som de água corrente enchia a floresta tranquila. Nas árvores, onde o sol baixo não conseguia alcançar, as sombras eram profundas, a escuridão já se fechando. Finalmente, ele parou, agachando-se enquanto gesticulava para que ela se juntasse a ele.

Agachando-se, ela avançou mais perto até que ela estava ao lado dele, arbustos nevados de cada lado deles. Um pouco além, o riacho borbulhava sobre pedras, serpenteando encosta abaixo em direção à estrada invisível. Ela deu a ele um olhar questionador, e ele apontou rio abaixo. Inclinando-se para frente, ela apertou os olhos nas sombras.

A uns quatro metros de distância, um punhado de luzes brilhantes flutuava acima do riacho. Um pouco maiores do que seu punho, as orbes branco-azuladas não eram luzes muito sólidas, mas também não eram

exatamente o brilho bruxuleante das chamas. Elas flutuavam trinta centímetros acima da água, tecendo uma dança errática, mas graciosa.

—O que eles são? — Ela respirou.

—Eles são chamados de ayakashi. — ele sussurrou. —Um tipo de yokai. Eles só são vistos ao pôr do sol e sempre perto da água.

—Eles são yokai? — Ela prendeu a respiração, olhando para as luzes que dançavam lentamente. Eles eram lindos. —Porque eles estão aqui?

—É seguro aqui. — ele murmurou. —Apenas dentro da barreira torii, eles estão protegidos de outros yokai. Pensei em expulsá-los, visto que devo manter todos os yokai longe de você, mas desde que não os perturbemos, eles são inofensivos.

A barreira torii impedia os yokai de entrarem apenas se pretendessem causar algum mal dentro do terreno do santuário. Isso não impedia aqueles com uma mente pacífica de entrar. Katsuo realmente deveria ter ejetado o ayakashi, porque o yokai poderia se tornar violento uma vez dentro da barreira. O solo sagrado os rejeitaria e tentaria expulsá-los, mas não os pararia como a barreira teria feito.

Essa era parte da razão pela qual trazer o kitsune para dentro do santuário tinha sido perigoso. Na verdade, sem ela para carregá-lo através da barreira, ele poderia não ser capaz de entrar no terreno novamente.

Os minúsculos yokai brilhantes, suas formas dentro da luz indiscerníveis, mudaram de sua flutuação aleatória para formar um círculo perfeito. Eles começaram a girar, girando no sentido horário enquanto balançavam para cima e para baixo em um estranho padrão de ondas giratórias. Então eles se uniram, suas luzes brilhando e se fundindo, e com um lampejo, eles desapareceram.

—Oh! — ela engasgou. —Eles foram embora.

—Talvez eles tenham nos notado. — disse Katsuo. —Devíamos voltar para a casa. Kannushi Fujimoto está esperando por você.

—Certo. — disse ela, o pensamento quase obscurecendo seu bom humor. Ainda agachada nos arbustos, ela se virou para Katsuo. —Obrigada. Eles eram adoráveis.

Ele sorriu e, na escuridão, ela não tinha certeza se ele estava corando ou se era apenas um truque de luz. —Depois do ataque oni e de um kitsune sangrando, achei que você gostaria de ver um tipo diferente de yokai. Poucas pessoas já viram os ayakashi. Eles são muito tímidos com os humanos.

Ela hesitou. Com movimentos afetados, ela estendeu a mão e agarrou a mão dele. Seus olhos se arregalaram com o desrespeito dela pelas regras do kamigakari. Seus dedos eram quentes e a mão dela parecia tão pequena na dele.

—Obrigada, Katsuo. — ela murmurou. —Você foi mais gentil do que eu mereço, especialmente depois dos problemas e preocupações que causei a você.

Ele virou a mão e fechou os dedos ao redor dos dela. —Você não é problema, Emi. Tirando o oni, na verdade tem sido muito divertido.

Ela riu e gentilmente extraiu sua mão. Ela ainda podia sentir o calor da pele dele persistindo na dela e esmagou um lampejo de tristeza amarga e raivosa por outra coisa que ela sacrificou sem saber ao longo dos anos: o conforto do toque de outra pessoa. Embora ela só fosse proibida de tocar em homens, quase ninguém a tocou com cuidado ou afeto desde que Hana morreu. Ela não conseguia se lembrar da última vez que alguém a abraçou.

O forte *abraço* de Shiro na noite passada definitivamente não contava, não importa como ele escolheu chamá-lo.

Katsuo a acompanhou de volta para casa e ela entrou sozinha. Fujimoto estava esperando por ela na sala principal, sentado à mesa com uma xícara de chá na frente dele. Ela curvou-se na porta aberta.

—Ah, minha dama, entre, entre! — Ele ajeitou o chapéu kannushi enquanto ela se ajoelhava à mesa em frente a ele. —Você está gostando da neve? Certamente é o início deste ano, mas podemos esperar que a primavera chegue ainda mais cedo.

—O tempo está adorável, senão típico. — Ela respondeu educadamente.

Ela o observou soprar sua xícara fumegante antes de tomar um gole. Ele havia retornado ao seu eu ingênuo imediatamente após sua dura palestra na manhã anterior, mas ela suspeitava que não havia sido perdoada. Uma bandeja com um bule fumegante e uma segunda xícara estava ao lado de seu cotovelo, mas foi só quando ela olhou para ela que ele se ofereceu para servir uma xícara.

Colocando seu chá na frente dela, ele sorriu, suas rugas se aprofundando. A expressão não atingiu seus olhos. —Falei com Guji Ishida esta manhã. Ele e alguns poucos kannushi de confiança estarão visitando no domingo para verificar seu conforto aqui no Santuário de Shirayuri, bem como para ajudá-la com os primeiros preparativos para a cerimônia.

Ele tomou outro gole de chá. —Existe algum aspecto do seu conforto que não atenda aos seus padrões, minha dama, para que possamos abordá-lo antes de domingo?

Ela tocou a xícara, mas estava quente demais para beber. —Estou muito confortável aqui, Kannushi Fujimoto.

—Tem certeza, minha dama? Nada, ou ninguém, que possa encorajá-la a deixar o local ou distraí-la de seus deveres?

Ele estava falando sobre Katsuo? Ou ele descobriu sobre o kitsune de alguma forma? Ninguém sabia sobre a habilidade de mudança de forma de

Shiro ou o favor que ela havia pedido, disso ela tinha certeza. Mas se Fujimoto suspeitasse que um yokai estivera em seu quarto, ele estaria em alerta máximo.

—Estou muito certa. — respondeu ela, aparentemente calma enquanto sua mente disparava. —Vou permanecer focada em minhas funções.

—Excelente, excelente! — Ele exclamou, quase derramando o chá de sua xícara. —Tenho certeza de que você vai gostar da visita de seu mentor no domingo. Guji Ishida praticamente criou você, não foi? Sim, sim, muito bom. Está ficando tarde, minha senhora. Está quase na hora do seu banho noturno e meditação.

Ela olhou para o chá intocado, mas sua rejeição foi clara. Curvando-se, ela saiu da sala, sentindo-se enjoada. Ishida certamente desempenhou um papel importante durante a maior parte de sua infância, mas não a criou como um pai criaria sua filha. Ele a criou como um fazendeiro preparando uma vaca perfeita para o abate. Ele a guiou a cada passo, sabendo que a estava conduzindo à morte. Só porque seu corpo continuaria vivo não significava que ele não a mataria.

Voltando para seu quarto, Emi abriu a porta e entrou, sua mente já no banho que tomaria assim que pudesse reunir seus suprimentos para o banheiro. Ela fechou a porta.

—Já era hora, pequena miko.

Emi engasgou com um grito e caiu para trás na porta, quase esmurrando o cotovelo na madeira fina.

Descansando casualmente sob a janela, com uma perna esticada na frente dele, Shiro deu a ela seu sorriso preguiçoso. As contas vermelhas do onenju brilharam em seu braço, mas ficaram embotadas em comparação com o brilho perigoso em seus olhos de rubi.

—Você... — ela engasgou. —O que você está fazendo aqui?

Aparentemente, ele não teve nenhum problema em entrar no solo sagrado do santuário por conta própria. Isso, ou ele nunca tinha partido. Ela pressionou as costas contra a porta. Fujimoto estava no final do corredor, Nanako estava em algum lugar próximo, e Rina e Yui estariam voltando de suas tarefas em breve. Qualquer um deles poderia passar e ouvir a voz masculina desconhecida vindo de seu quarto.

—Você mudou de ideia então? — Ele inclinou a cabeça. —Você não deseja mais que eu cumpra seu pedido?

—Você não tem negócios aqui até encontrar um Amatsukami. Rejeite meu pedido e saia ou vá em frente.

—Tão pouca fé. Somos mais fortes quando você acredita em nós, você sabe.

Sua testa se enrugou em confusão e ela cautelosamente se afastou da porta. —Você é o que?

Ele acenou com a mão. —Você está pronta para ir? A noite acaba, pequena miko.

—Meu nome é Emi. — disse ela categoricamente. —Pronta para ir para onde? Você não pode ter encontrado...

—Terei todo o prazer em responder a todas as suas perguntas, assim que estivermos em movimento. — Ele puxou a perna estendida para dentro e rolou para a frente na ponta dos pés, pronto para ficar de pé. —Eu recomendo roupas quentes. Vai ser uma pequena caminhada.

—Espera. Você já encontrou um Amatsukami?

—Você está reclamando? — Ele revirou os olhos para o teto. —Vamos, ou você prefere nos encontrar novamente na primavera para que possamos desfrutar de um clima mais agradável?

Ela não tinha até a primavera. Borboletas dançavam em seu meio; ela não esperava que ele completasse sua missão, muito menos tão rapidamente. Tanto por ser uma tarefa tão perigosa e difícil. Ela nem havia decidido o que faria se realmente tivesse a chance de falar com um Amatsukami. Ela deveria ir ou apenas aceitar seu destino? Se ela fosse, o que deveria dizer ou perguntar?

Ela não tinha mais tempo para pensar sobre isso. Ficar ou partir?

Não sofra pela kamigakari, cuja mente e alma serão consumidas na glória final do espírito de Seu Sagrado Kami. As palavras do manual kannushi floresceram em sua visão até que ela não pudesse mais ver o quarto. Ela tinha que saber a verdade, tinha que saber com certeza. E apenas um Amatsukami poderia confirmar isso para ela, sem qualquer dúvida.

Sem outra palavra, ela correu para o armário e vestiu seu haori mais quente. Do fundo do armário, ela tirou um par de botas de cano alto. Embora fossem bastante delicados para calçados de inverno, ela odiava seu peso desajeitado e forma volumosa; ela estava muito acostumada com sandálias leves. Ela enfiou os pés e os amarrou, embora fosse inescrupulosamente rude usar calçados para atividades ao ar livre em casa.

Shiro se levantou. —Pronta?

—Mais uma coisa.

Ela puxou seu futon dobrado para fora do armário. Colocando-o para fora, ela juntou os travesseiros e alguns cobertores extras, fazendo-os parecer uma figura adormecida, e colocou o cobertor final por cima, arrumando-o para parecer o mais realista possível. Não aguentaria o escrutínio, mas se alguém passasse por seu quarto para ver como ela estava, com alguma sorte, eles presumiriam que ela estava dormindo. Tanto por suas garantias a Fujimoto, minutos antes, de que ela não deixaria o terreno novamente.

Ela se endireitou e se virou, e quase colidiu com Shiro, que estava parado bem atrás dela. Ela esticou o pescoço para trás para ver o rosto dele, o coração na garganta. Ele era mais alto do que ela percebeu. Ela estava no lado pequeno, mas ainda assim. Ele era uma cabeça mais alto que ela, além das orelhas de raposa.

—Vou esperar por você no torii além do estábulo. — disse ele. —Não perca tempo.

—Eu, sim, eu conheço o local.

A luz brilhou sobre ele. Em um lampejo, ele voltou à sua forma de raposa. Com um balançar de cauda e um lampejo de chamas multicoloridas, ele saltou através da parede. Ela estremeceu ao vê-lo desaparecendo através da madeira sólida; doeu seu cérebro.

Antes que ela pudesse se questionar, ela saiu de seu quarto e se dirigiu para o corredor. Lá fora, a noite caíra nas montanhas desde que ela assistira ao ayakashi com Katsuo, e o ar frio estava agradavelmente fresco. Estrelas brilhavam acima e uma lua quase cheia brilhava no céu, lançando uma luz prateada em todo o jardim coberto de neve.

Enquanto ela descia apressada os degraus da frente, o murmúrio silencioso da conversa foi transportado pelas árvores da direção da casa de hóspedes. A voz suave de Katsuo, intercalada com os tons lentos e profundos de Minoru, ficou mais alta quando os dois sohei se aproximaram da casa. Respirando fundo, ela contornou a esquina do prédio e passou pelo jardim. Ela olhou para trás ao começar a subir o caminho em direção ao estábulo, mas o sohei não a seguiu. Com sorte, eles não iriam verificar seu quarto agora vazio.

Shiro não estava à vista e nenhuma trilha na leve camada de neve no caminho traía sua passagem. A trilha estava limpa até o estábulo, mas além

dela, quinze centímetros de neve cobriam o solo. Ela pisou na neve, seus passos esmagando o único som no pasto silencioso. Os três cavalos estavam agrupados perto do estábulo, orelhas em pé enquanto a observavam.

A neve abriu caminho até o topo de suas botas, gelando seus tornozelos. Ela cerrou os dentes e aguentou. O ar ainda estava abaixo do céu claro, a tranquilidade um forte contraste com a violenta tempestade da noite anterior. O luar brilhante refletia nos campos brancos, iluminando claramente o pasto.

Enquanto ela se aproximava do torii além do fim do pasto, ela franziu a testa, seu olhar percorrendo o caminho em busca de Shiro. Se ele não estivesse esperando por ela como disse que estaria, ela daria a ele um pedaço de sua mente na próxima vez que o visse. Ela estava começando a ficar com raiva quando viu um brilho vermelho, um par de olhos de rubi a observando. Ele estava sentado na neve bem na frente do torii, seu pelo branco o camuflando perfeitamente. Ela se perguntou como ele conseguiu tirar as manchas de sangue.

Ela parou na frente dele. Ele inclinou a cabeça, as orelhas se mexendo para trás e para a frente novamente.

—Estou aqui. — disse ela desnecessariamente. —O que agora?

Ele se levantou e trotou pelo torii. Ela engoliu o coração batendo forte e se curvou para o torii antes de segui-lo. Os bolsos internos de suas mangas estavam cheios de ofuda, mas ela não se confortou. Entrar na floresta com um yokai perigoso e imprevisível não era a ideia mais inteligente que ela já teve. Mesmo sabendo disso, ela não estava disposta a voltar atrás. Esta era sua única chance.

Ela seguiu atrás da raposa enquanto ela meio trotava, meio saltava pela neve. Observando-o, ela se perguntou para onde iam suas roupas e as

bandagens que colocara quando ele mudava de forma. Yokais, como kamis, eram verdadeiramente mágicos, seres não do reino mortal e mundano. Por um momento, ela ficou maravilhada por estar na companhia de um kitsune que muda de forma, uma criatura lendária.

Em seguida, ele pulou em um pedaço liso de neve e, em uma explosão branca, ele desapareceu em um monte profundo. Sua cabeça apareceu, coberta de penugem branca. Ele piscou e balançou a cabeça violentamente para desalojar a neve.

Cobrindo a boca com uma mão, ela lutou contra uma risada e cuidadosamente contornou a tendência enganosa. Ele resmungou e saltou da neve. Depois de se livrar, ele trotou à frente, levando-a ao longo do caminho. Ela compassou sua respiração enquanto o terreno ficava mais íngreme. A trilha subia ao longo da encosta da montanha e a segurança do santuário diminuía a cada passo.

Meia hora depois, eles dobraram uma curva e uma árvore caída bloqueou o caminho. Ela se encolheu, reconhecendo-o como o local onde ela havia caído de Tornado depois de sua selvagem cavalgada montanha acima. Shiro trotou até o abeto e se escondeu em uma fenda sob os galhos, desaparecendo sob o tronco. Emi parou na frente do obstáculo, olhando para ele com desânimo. A enorme árvore havia prendido suas companheiras ao descer e bloqueado a trilha com o tronco na altura da cintura. Embaixo, havia um emaranhado de galhos e longas agulhas tão densas que nada maior do que uma raposa conseguia passar. Galhos irregulares e quebrados cobriam o resto.

Após um rápido exame, ela se aproximou de uma pequena lacuna que oferecia a única passagem possível. Agarrando cuidadosamente um galho, ela se levantou, tentando escalar o tronco enquanto suas roupas se prendiam nos

galhos e a casca áspera raspava em suas mãos. Seu haori emaranhado em um galho irregular. Balançando, ela o puxou inutilmente.

As mãos seguraram sua cintura e ela gritou ao ser puxada com força do tronco da árvore. Seu haori se soltou com um forte som de rasgo. Ela caiu para trás, agitando os braços. Seus pés pousaram levemente na neve do outro lado da árvore caída.

Shiro estava atrás dela, de volta em sua forma quase humana, as mãos em sua cintura. Ela congelou, seu cérebro tentando alcançá-la. Afastando-se dele, ela se virou. Ele ergueu uma sobrancelha.

—Eu não precisava de nenhuma ajuda. — Ela retrucou. Ela estava administrando sozinha, e ela não teria rasgado seu haori.

—Isso vai demorar mais do que eu esperava. — Ele suspirou. —Eu não esperava ter que carregar você sobre todos os obstáculos menores.

—Eu não preciso ser carregada. Além disso, não fui eu que fui nadar em um monte de neve, foi?

Ele bufou e começou a andar. Ela imediatamente lamentou sua mudança de forma; seu passo mais longo a deixou lutando para acompanhá-lo. Correndo para frente, ela caminhou ao lado dele.

—Quanto falta para o Amatsukami? — Ela perguntou, um pouco sem fôlego. Ela correu alguns passos para ficar ao lado dele.

—Eu não faço ideia.

—Você, você não? Para onde vamos então? Como você pode me levar ao Amatsukami se não... —Ela parou. O ar de repente ficou muito mais frio e a noite muito mais escura. O medo a percorreu e ela parou no caminho. —Não vamos ver um Amatsukami, vamos?

O que um Amatsukami estaria fazendo no meio dessas montanhas? Claro que não havia kami aqui; este era o território yokai. Por que ela não percebeu isso antes de deixá-lo levá-la para tão longe da segurança?

Ele deu mais alguns passos antes de se virar para encará-la. A lua iluminava seu cabelo em tons de prata e branco, mas lançava sombras inconstantes em seu rosto. Um canino pontudo brilhou em seu sorriso torto.

—Eu nunca disse que íamos ver um Amatsukami. — Sua voz profunda e ronronante parecia harmonizar-se com a floresta e estremeceu sobre a pele dela, deixando-a arrepiada.

—Você me enganou. — ela sussurrou. Ela deslizou as mãos nas mangas, agarrando o ofuda. O papel fino parecia pateticamente frágil. —Por que você me trouxe aqui, então?

Ele ergueu as mãos em um encolher de ombros. —Você casualmente pede o impossível, pequena miko. Eu sou apenas um yokai com um mundo inteiro para pesquisar. Já que não posso atender razoavelmente seu pedido sozinho, vou levá-la a alguém que pode.

—De quem, exatamente, estamos falando?

—Digamos simplesmente um aliado com muito mais recursos do que você ou eu possuímos.

Ela apertou as mãos em volta do ofuda. —Por que você precisa de mim para isso? Você deveria pedir ajuda a esse aliado.

—Se você quer resultados, sua presença será necessária. Você está vindo? — Seu sorriso se alargou, provocando-a. —Ou você já deseja desistir?

Sem esperar pela resposta dela, ele se virou e voltou a andar. Tremendo de frio e desejando estar de volta ao quarto, ela ficou olhando para ele. Ela desejou nunca ter conhecido o kitsune ou falado com ele. Desejou nunca ter aberto o manual do kannushi. Se não fosse por aquele livro, ela teria sido

felizmente ignorante de seu destino, aproveitando cada momento até o solstício com antecipação e excitação, e então tudo teria acabado antes que ela soubesse o que tinha acontecido. Não teria sido melhor?

Com um olhar de volta para a árvore que bloqueava o caminho, ela correu atrás dele até que estava mais uma vez caminhando ao seu lado. — Quão longe está esse aliado, então?

—Não tenho certeza. Mais profundamente nas montanhas, eu imagino.

—Você não sabe para onde estamos indo em tudo?

—Nós só temos que nos aproximar dentro de uma certa vizinhança. Este yokai é o tipo que virá até nós. — Ele lançou-lhe um olhar divertido de lado. — Nem todo mundo segue regras e regimes rígidos, pequena miko. Nós yokai somos um grupo casual. Raramente fazemos cerimônia.

Ela cerrou os dentes. Este aliado era outro yokai. Claro. O que mais havia nessas montanhas? Ela tinha que confiar que Shiro não a estava levando a uma armadilha, apenas porque isso seria um esforço inútil da parte dele. Ela já estava praticamente indefesa contra ele. Mas isso era o máximo que ela confiaria nele.

—Não estamos tentando nos encontrar com aquele oni, estamos? Porque eu não acho que ele estaria interessado em nos ajudar.

—O oni? Não, definitivamente não é o oni.

—Por que ele estava tão decidido a matar você?

Seu olhar foi em direção ao dela. —Preocupada comigo, pequena miko?

—Preocupada por mim. Eu não quero me envolver em qualquer rancor que o oni tenha contra você.

—Eu não chamaria de rancor. — Ele gesticulou grandiosamente para a floresta, as pontas dos laços vermelhos em seus braços balançando em seus cotovelos. —Os oni decidiram que essas montanhas pertencem a eles, e eles

acham que é muito bom eliminar qualquer um que possa lhes causar problemas por causa disso.

—Então eles estão matando todos os outros yokai aqui? — Ela perguntou, chocada.

—Nem todos eles.

—Por que você então? É porque você é o mensageiro de Inari e eles não querem que você conte a Inari sobre o comportamento deles?

—Mensageiro. — ele meditou. —O que isso implicaria, exatamente? Que mensagens Inari pode querer enviar? Eu não faço ideia.

Ela franziu a testa, irritada por não conseguir obter uma resposta direta dele. —Então você não é um kitsune de Inari?

—Tão curiosa, pequena miko. Por que uma miko está interessada em assuntos yokai?

—Eu só estava perguntando. Guarde seus segredos se quiser, eu não me importo.

—Você deveria. — Ele lançou seus olhos para as montanhas antes de virar um sorriso malicioso para ela. —A menos que você tenha gostado do seu encontro com o oni no outro dia. Você terá muitos mais se continuar a se aventurar fora do seu santuário.

—Por que?

—Os oni da montanha querem governar esta terra. É apenas uma questão de tempo antes que ataquem o santuário.

—Eles atacariam o santuário?

—Claro. Um santuário inimigo no meio de seu território? Por que eles não o destruiriam?

—Yokai normalmente não saem por aí atacando santuários kami, não é? — Ela exigiu.

—Normalmente não, não.

—Por que os Kunitsukami não estão fazendo nada sobre isso? Eles não governam todos os yokai?

—Os Kunitsukami não mandam, pequena miko. Essa é uma fixação kami. Os Kunitsukami se contentam em encorajar o comportamento civilizado entre os yokai, nada mais. — Ele fez uma pausa. —Bem, eles costumavam.

—Costumavam?

—Pessoalmente, prefiro um comportamento menos civilizado nessas terras selvagens. É mais fácil matar seus inimigos do que apaziguá-los, sabe?

Ela esperava que ele não notasse seu estremecimento, mas seu sorriso malicioso dizia o contrário. —Você não parece melhor do que o oni.

—Eu disse inimigos, não pequenos inconvenientes.

—Se você não gosta do que os oni estão fazendo, por que não conta a Inari então? Certamente Inari ouviria um kitsune, mesmo que você não seja um vassalo ou algo assim.

—Isso seria uma tarefa ainda mais irritante do que a que você me deu. Pelo menos o Amatsukami pode ser encontrado.

Ela esperou que ele explicasse, mas ele não disse nada.

—O que você quer dizer? — Ela perguntou.

Ele deu alguns passos, sombras deslizando em seu rosto.

—Inari está ausente. — As palavras eram monótonas, sem tom, quase como se a frase trouxesse tanta emoção que ele não pudesse expressar nada.

—Ausente? Desde quando?

—Por muito tempo. — Seu sorriso reapareceu, mas parecia forçado. —Se fosse apenas Inari, bem, tanto faz. Inari não tem reputação de ser particularmente útil. São mais os outros Kunitsukami que são o problema. Pelo menos Sarutahiko sabia como fazer as coisas.

—E quanto aos outros Kunitsukami? — Ela perguntou, um arrepio de pavor correndo por sua espinha.

—Em falta também. Inari está desaparecido há décadas, mas os outros desapareceram um a um nos últimos anos.

Emi não conseguia pensar no que dizer. Katsuo não havia mencionado como os yokai estavam se tornando mais ousados e violentos ultimamente? Era porque ninguém os estava controlando?

Ela não gostava de yokai e, como kamigakari, os Kunitsukami eram tão bons quanto seus inimigos pessoais, mas ela ainda não gostava de pensar que eles haviam partido; eles controlavam os yokai e compensavam o poder do Amatsukami. Toda a existência, os céus e a terra, era um equilíbrio cuidadoso de onmyo rodopiante que diminuía e fluía entre a escuridão e a luz. Os Kunitsukami eram tão essenciais para esse equilíbrio quanto suas contrapartes celestiais.

Shiro parou no caminho, um braço estalando na frente dela para bloquear seu caminho. Sua clara tensão silenciou suas perguntas. Suas orelhas giraram para trás e ele virou a cabeça para olhar para trás.

—Temos companhia. — Ele murmurou.

—Seu aliado? — Ela sussurrou.

Antes que ele pudesse responder, ela sentiu, o medo vagando pelo chão, roçando seus sentidos e deixando-a tremendo. Oni. De novo não.

—Eu acho que talvez devêssemos correr. — Ele comentou.

—Correr?

—Sim. Devemos?

Sua mão se fechou em torno da dela, pegando-a de surpresa. Ele a puxou para frente enquanto saltava da trilha para a floresta. Ela correu atrás dele, puxou impotente, mal conseguindo acompanhá-lo. A neve não era tão

profunda sob as árvores, mas a confusão de arbustos e pedras tornava o solo traiçoeiro. Ela tropeçou e cambaleou a cada poucos passos, dependendo do aperto firme de Shiro para mantê-la em pé. Ele corria com a graça ligeira da raposa, desimpedido pelo terreno.

Enquanto seus pulmões queimavam e ela desejava que eles pudessem parar, um rugido irrompeu pela floresta, vindo de trás deles.

Entre um passo e outro, Shiro soltou sua mão, e a segurou por baixo do braço, levantando-a do chão sem diminuir o passo. Ela mal teve tempo de soltar um grito chocado quando ele saltou para frente, sua marcha mudando de uma corrida para um salto de cervo que nenhum humano poderia duplicar. Ela se pendurou de seu aperto em torno de sua cintura, pressionada contra seu lado. Árvores passaram rapidamente, galhos chicoteando-os, mas ele não diminuiu a velocidade.

O oni berrou novamente, mais perto.

Shiro olhou para trás entre os limites e depois desviou para a direita. Uma dúzia de metros à frente, o solo diminuiu, mergulhando pela encosta da montanha. Emi não conseguia nem gritar quando saltou da beira do penhasco.

Seus pés atingiram a encosta coberta de neve e escorregaram. Ele derrapou alguns metros, espalhando neve por toda parte, então saltou novamente. Outro pouso forçado na encosta quase vertical, outro deslizamento selvagem. Ele saltou de novo antes de perder o controle. Ele pulou pela encosta da montanha, de alguma forma esquivando-se de árvores e pedras, enquanto Emi agarrava seu braço pela cintura, apavorada demais para fazer um som.

Ele pousou em terreno plano na parte inferior e se lançou para frente novamente. Sua corrida saltitante os levou por outro trecho da floresta antes

que ele finalmente diminuísse a velocidade até parar, seu peito ofegando por ar. Ainda segurando-a com um braço, ele respirou fundo e a prendeu, a cabeça inclinada enquanto ouvia.

—Amaldiçoe-os. — Disse ele em uma exalação explosiva, então girou para a esquerda e saltou para o movimento.

O som alto atrás deles a fez virar para olhar. Dois onis enormes se chocavam contra as árvores e avançavam atrás deles.

Shiro corria, cada passo saltando levando-os um pouco mais longe dos oni que os perseguiam. Emi se agarrou a ele, petrificada, mesmo quando um fio de alívio a percorreu. Nenhum humano poderia ter ultrapassado o oni, mas Shiro era rápido. Os oni estavam ficando para trás. Eles escapariam.

Com um uivo triunfante, um terceiro oni voou das árvores direto para o caminho deles.

Shiro se esquivou das garras do oni, mas sua segurança finalmente falhou. Ele bateu no chão sobre os calcanhares e caiu para trás, levando Emi com ele. Eles rolaram juntos pela neve e derraparam até parar a alguns centímetros de uma pedra que teria rachado seu crânio.

Atordoada com a queda, Emi deitou-se de bruços enquanto Shiro se levantava, de costas para a pedra e Emi no chão logo atrás dele.

—Bem, bem. — uma voz profunda rosnou. —O filhote de Inari pode mudar de forma. Por que você demorou tanto, rato?

—Tempo é um conceito relativo. — Shiro respondeu casualmente. Ele não parecia nem remotamente assustado. Ele deve ter ficado com medo, já que acabara de correr mais quilômetros do que um cavalo poderia galopar para fugir deles.

—E você nos trouxe uma miko. — continuou o oni. —Oferecê-la como um sacrifício não vai te salvar.

Se recompondo, Emi ficou de pé. Ela olhou além de Shiro para os três oni altos posicionados em um semicírculo ao redor deles, bloqueando qualquer fuga. Três. Eles estavam mortos.

—Sacrificar a miko parece divertido. — disse Shiro. — Mas não é exatamente o que eu tinha em mente.

O oni do meio balançou a enorme clava cravejada de metal em sua mão. —Se você nos contar onde os Tengu nidificam, podemos reconsiderar seu destino.

—A menos que você tenha aprendido a voar, não acho que isso o ajudaria muito.

O oni rosnou, a baba pingando de uma presa. Ele ergueu sua clava e os três oni os atacaram.

Shiro empurrou Emi para o lado, derrubando-a no chão e mergulhou na direção oposta. Emi pousou de bruços e se virou, esperando ver uma clava com espinhos correndo para seu rosto. Mas o oni havia se aglomerado em direção a Shiro, corretamente identificando-o como a maior ameaça, ou talvez o maior risco de fuga. Se Shiro decolasse sem que seu peso o retardasse, ele poderia ter uma chance de ultrapassá-los.

Mas ele não correu, ou talvez ainda não tivesse uma vaga. Ele se abaixou para passar por outra clava e saltou do agrupamento antes que pudessem prendê-lo, mas os oni eram mais rápidos do que ela pensara ser possível e correram ao redor dele. Ele girou e saltou para trás, ficando fora de alcance, mas por quanto tempo? Ele não poderia evitá-los para sempre, e ele não tinha armas para lutar. Correr, não lutar, era claramente sua especialidade.

Ficando de pé, ela puxou sua pilha de ofuda e selecionou um. Enquanto o oni circulava Shiro, ela se aproximou, as pernas tremendo. Quando um

apresentou as costas para ela, ela saltou para frente e deu um tapa no ofuda contra sua espinha.

—*Sotei no shinketsu!* — Ela gritou.

Uma luz azul cintilou através do ofuda antes que o brilho de fogo soprasse sobre todo o corpo do oni, envolvendo-o. Ele congelou no lugar, imóvel como uma estátua.

Emi cambaleou para trás. O feitiço de ligação de Katsuo havia criado apenas uma barra de luz restritiva. Por que o dela era tão diferente? Seus olhos caíram para o ofuda e seu medo saltou, as bordas do papel já estavam ficando pretas.

Um grunhido indignado explodiu acima dela. Os dois oni restantes avançaram sobre ela, os bastões já balançando em sua cabeça.

Shiro surgiu do nada. Ele a agarrou enquanto mergulhava, levando-a para baixo com ele. Ela atingiu o chão pela terceira vez em poucos minutos, e ele caiu em cima dela, seu peso esmagando o ar de seus pulmões. Ele a agarrou e os rolou juntos. Quando ele a girou em cima dele, uma clava bateu no chão bem onde eles estavam. O oni berrou com raiva.

Com outro giro rápido, Shiro saltou, puxando-a com ele. Ela cambaleou, tonta de tanto cair e girar. Ele recuou, empurrando-a atrás dele enquanto o oni avançava.

—Não suponha que você tenha mais daqueles ofuda vinculativos. — Ele disse calmamente, mesmo enquanto a afastava mais alguns passos, ficando entre ela e o oni.

—Dois, mas eu não acho que eles vão ficar parados por tempo suficiente para que eu os enfie com um. — Ela disse, sua voz trêmula traindo seu terror. —E eles não duram muito, apenas alguns minutos.

—Hmm. Podemos ter problemas então.

Ela piscou. Eles já não estavam com problemas?

Os dois oni atacaram. Shiro a agarrou enquanto mergulhava para fora do caminho, puxando-a com ele. Ele a jogou de volta para a pedra, literalmente a jogou, enquanto se esquivava. Aterrissando em pé, ela girou enquanto ele mergulhava em um rolo, aparecendo entre os oni. Ele agarrou um pelo braço e o usou para pular por cima do ombro do oni. Ele pousou na frente dela e girou para enfrentar o inimigo.

—Qual é o plano? — Ela perguntou com urgência, recuando.

—Os planos são superestimados, você não acha? — Ele dançou para trás quando o primeiro oni balançou a clava em sua cabeça. —Eu sou mais do tipo 'improviso'.

Ele estava realmente brincando com ela enquanto oni tentava espirrar seu cérebro no chão da floresta? Ele não conhecia o medo? Quando ele saltou sobre o golpe da clava do oni e disparou para longe, levando os dois oni atrás dele, e para longe dela, ela apertou as mãos, amassando seu ofuda inútil. Embora ainda mais derrotado do que Shiro, Katsuo tinha pelo menos uma espada quando enfrentou o oni. Desarmado, Shiro estava indefeso.

—Você não pode evitá-los para sempre. — ela gritou desesperadamente. —Você precisa de uma arma!

—Uma arma? — Ele derrapou até parar na neve quando um olhar estranho e preso cruzou seu rosto. —Sim, uma arma seria bom.

Com uma explosão de luz azul, o terceiro oni se libertou de seu ofuda. Ele rugiu com uma raiva estúpida e correu nas costas de Shiro como um touro enquanto os outros dois atacavam pela frente.

Shiro não se mexeu. Sua expressão ficou em branco, os olhos quase fechados deslizando quando ele ergueu os braços e os estendeu para os lados

do corpo. Fogo vermelho estourou em suas mãos, girando sobre seus pulsos e braços. Então o fogo explodiu de suas palmas em uma linha ondulante.

As chamas evaporaram e ele estava segurando duas lâminas curvas idênticas.

Ele girou as espadas curtas em suas mãos enquanto os três oni se aproximavam dele. Ela teve um vislumbre dele se lançando em direção à besta mais próxima com suas lâminas assobiando no ar, então ele desapareceu atrás de uma massa de pele vermelha e cabelo preto selvagem.

Membros se contorcendo, um grito de animal, um jato de líquido verde.

Shiro saltou da luta e caiu na neve de costas para o trio oni. Sangue verde revestia suas lâminas. Um por um, com gemidos borbulhantes, os oni desabaram no chão antes de ficarem completamente imóveis. Sem vida. Mortos, todos os três.

Sem se mover de seu lugar, Shiro levantou uma lâmina e a inclinou em direção à lua acima. Sangue verde brilhava na lâmina curva, com um pé e meio de comprimento e um cabo parecido com uma katana. O kitsune ficou em silêncio e imóvel enquanto olhava para a lâmina. Cautelosamente, com seus membros ainda tremendo de adrenalina, ela circulou o oni morto e parou a alguns metros dele.

—Shiro? Você está bem?

—Hmm? — Sua atenção ainda estava fixada na espada. —Sim, estou bem.

Ela hesitou, sem saber como interpretar seu estranho humor. —Por que você não usou suas espadas antes?

Ele as juntou e as segurou diante de si como se nunca as tivesse visto antes.

—Acabei de me lembrar que as tinha. — As palavras eram suaves, pouco mais que um sussurro. Então sua cabeça se virou para ela e aquele sorriso torto apareceu. Chamas vermelhas saltaram das lâminas. Ele abriu as mãos e o fogo se dissolveu, levando as armas com eles.

Ela olhou para suas mãos vazias antes de olhar para seu rosto. —Como você fez isso, fazê-las aparecer e desaparecer?

—Fogo de raposa tem muitos usos.

Ela o olhou com desconfiança. Como ele poderia ter esquecido que tinha as espadas? Por que ele passou tanto tempo evitando golpes mortais quando ele poderia ter convocado suas armas a qualquer momento? Armas que ele claramente sabia usar muito bem, a julgar pela rapidez com que despachou os três oni.

—*Caw.*

A cabeça de Emi sacudiu para cima. Do alto de um pinheiro imponente, um corvo negro farfalhou suas asas enquanto os observava.

—Finalmente. — Shiro disse em voz alta. —Até onde você ia nos fazer andar?

—*Caw*.

Uma nota clara de diversão soou no canto do pássaro. Ele abriu as asas lentamente antes de pular do galho. Ele desceu, passando por cima da cabeça de Shiro e deslizando entre as árvores.

—Nosso aliado se dignou a permitir uma audiência. — Shiro disse a ela. —Você está pronta?

Não, claro que ela não estava pronta. Seu corpo inteiro doía, seus músculos tremiam e seus batimentos cardíacos ainda não tinham desacelerado para o ritmo normal. Ela estava exausta, congelada e com medo.

—Sim. — ela disse. —Vamos acabar com isso.

Ele partiu atrás do corvo, sem mostrar sinais de cansaço, apesar de tê-la carregado pelas montanhas em alta velocidade e lutado contra três enormes onis. Ela marchou atrás dele, cansaço em todos os ossos. Sua mente girou com muitas perguntas e seu olhar caiu para as mãos vazias.

Acabei de me lembrar. Como ele poderia ter se esquecido de suas espadas? Ela pode ter suspeitado que ele estava mentindo, mas ela viu a expressão em seu rosto no momento em que ele se lembrou que as tinha, logo depois que ela gritou com ele que ele precisava de uma arma para lutar. Mas era tão improvável esquecer que ela não conseguia afastar a sensação de que algo muito estranho estava acontecendo.

Capítulo Onze

O corvo os guiou em um vale densamente florestado. Neste ponto, Emi não tinha ideia do quão profundo nas montanhas eles estavam. A lua pairava acima, iluminando seu caminho, mas não oferecendo nenhum indício de tempo ou direção. Há quanto tempo ela se foi? Quanto tempo até alguém notar sua ausência? Katsuo encontraria seus rastros na neve além do estábulo e os seguiria? Ela esperava que não. Ela não o queria em perigo.

Enquanto desciam para o vale, ela se viu caminhando cada vez mais perto de Shiro até que sua manga roçasse o braço dele. Uma quietude não natural permeava o vale, uma espécie de atenção à espera. A nuca dela formigava incessantemente.

Aproximar-se de Shiro não deveria ter sido seu primeiro instinto. Ela deveria estar apavorada com o kitsune. Ele matou aqueles oni sem esforço, uma vez que ele se lembrou que tinha um par de espadas para lutar, e mostrou nenhum remorso pelo ato. Ele mesmo disse que preferia matar seus inimigos. Não que ela achasse que ele deveria ter poupado os oni, mas uma pitada de arrependimento dele por tirar três vidas a teria confortado um pouco.

Sua primeira impressão de Shiro foi que ele tinha mais probabilidade de fugir do que lutar, mas agora ela suspeitava que ele fosse simplesmente pragmático. Ele lutaria quando precisasse ou quisesse, mas não tinha problemas em virar o rabo se essa fosse a decisão mais lógica.

—Então. — ela disse, suas palavras suaves muito altas no silêncio. —Que tipo de yokai estamos encontrando?

Ele ergueu os olhos para o céu. —Não é óbvio?

Ela piscou em confusão e olhou para cima. O olhar de Shiro não estava no céu, mas na copa das árvores. Espalhados entre a folhagem de outono e galhos nevados estavam dezenas e dezenas de corvos negros. Silencioso. Ainda. Assistindo.

Seus passos vacilaram e ela teve que se esforçar para continuar se movendo. Os corvos os observavam passar, assustadoramente imóveis. O único que se movia era o guia, que deslizava de galho em galho. Ela estava tão focada no único corvo que os conduzia que não notou os outros.

Corvos. Por que ela não percebeu isso antes? O oni até mencionou o yokai, perguntando a Shiro onde a criatura se aninhava.

—Um tengu? — Ela perguntou sem fôlego. —Você está nos levando para ver um tengu?

Ele sorriu com a nota assustada em sua voz. —Não é um tengu. *O* Tengu. O Senhor dos Corvos é diferente de qualquer outro.

Ela abriu a boca para falar, mas apenas um guincho de som escapou dela. Todas as histórias que ela leu, datando de mil anos atrás, que mencionavam que um tengu fazia referência a um yokai? Todas aquelas histórias sobre guardiões das florestas montanhosas e arautos da guerra não falavam de uma raça de yokai, mas de um único indivíduo?

—Ele não é tão ruim assim. — Shiro continuou conversando, alheio ao pânico dela ou gostando disso. —Ele provavelmente não vai te matar.

Ela quase se virou e saiu correndo antes de se lembrar que Shiro estava fazendo isso para cumprir sua obrigação para com ela. Se ele realmente

pensasse que a vida dela estava em risco, ele não a teria trazido, a menos que ela tivesse interpretado mal seus motivos.

A multidão de corvos espectadores ficou mais densa, até que mais de cem pássaros lotavam as copas das árvores. Incontáveis olhos negros redondos os observavam. Emi caminhava ao lado de Shiro, batendo em seu braço a cada passo, seu olhar se movendo de uma árvore para a outra, inconscientemente tentando contar os pássaros que a observavam tão atentamente.

Shiro parou. Ela deu meio passo adiante antes de se controlar e desviar sua atenção da copa da floresta para o caminho à frente deles.

Um grande carvalho há muito caíra na trilha sinuosa. A maioria de seus galhos havia se quebrado ou apodrecido, mas um punhado de galhos grossos permaneceu. Cada um estava alinhado com corvos, dezenas deles. No galho mais grosso, que se projetava do tronco para formar um poleiro nivelado e perfeito, estava o maior pássaro que ela já tinha visto.

Parecia um corvo de bico preto, se os corvos pudessem crescer até o tamanho de crianças. O pássaro tinha um metro de altura e ela não conseguia imaginar sua envergadura. Suas penas de obsidiana lustrosas brilhavam ao luar e ele estava tão imóvel quanto os outros muito menores. Olhos tão pálidos quanto a lua acima os observavam.

Ela olhou de volta para aqueles olhos de prata sólida, sem saber se o pássaro era cego. Ele poderia vê-los?

Shiro fez uma reverência superficial e excessivamente casual de saudação. —Teria te matado voar alguns quilômetros para me encontrar? Não finja que você não sabia que eu estava procurando por você.

A boca de Emi caiu aberta com sua grosseria. Ela se curvou rapidamente, muito mais fundo do que a reverência quase insultante de Shiro. Eles não estavam aqui para pedir ajuda? Por que Shiro estava sendo tão desagradável?

O corvo gigante finalmente se moveu. Sua cabeça balançou para frente e para trás, então ele abriu as asas, enormes penas estendendo-se até cobrir todo o caminho. A luz escura emanou do pássaro, espalhando-se em fitas ondulantes de poder. Um brilho vermelho veio do esplendor escuro ao dominar o corpo do corvo, suavizando sua forma até que não passasse de um espectro de luz de ébano. O corvo saltou do galho enquanto a luz simultaneamente diminuía para dentro e se estendia para cima.

Quando tocou o solo, a forma do corvo se solidificou mais uma vez, mas não era mais um corvo. Os olhos do Tengu, íris prateadas pálidas contornadas em uma linha preta, passaram por ela. Seu rosto era jovem e bonito, mas com a mesma idade atemporal que Shiro possuía. Cabelo escuro balançava com a brisa fraca e penas curtas de ébano se misturavam com seu cabelo atrás de cada orelha pontuda. O kosode preto e o hakama com detalhes em vermelho e prata eram tão finos quanto qualquer outra roupa que ela tinha visto.



O olhar do Tengu a soltou e mudou para Shiro.

—Você é tão impertinente nesta forma quanto na última. — Sua voz era suave, nada parecido com os gritos ásperos dos corvos, e tão inexpressiva quanto seu rosto, não traindo nenhum aborrecimento apesar de suas palavras. Seu foco, tão cortante quanto uma lâmina brilhante, voltou para Emi. —Quem é ela?

Um corvo nas árvores acima grasnou.

—A miko. Entendo. — Ele a estudou novamente. —Este insolente kitsune deve sua vida a você. Ele não faz a gentileza de levá-la para as profundezas da floresta, tão longe da proteção de seu kami.

Sua boca ficou seca. Ele a estava ameaçando?

—Emi é uma miko do santuário Amaterasu no vale ao sul. — Shiro olhou para ela. —Este é Yumei, o Tengu. Ele é mais mal-humorado do que uma bruxa com uma ressaca, mas não é totalmente insuportável.

Pressionando as mãos contra as coxas para esconder o tremor, ela se curvou novamente. O Tengu inclinou a cabeça em direção a ela. Ela decidiu que isso era um bom sinal. Ele tinha melhores maneiras do que Shiro.

—Por que você está aqui, kitsune? — Yumei perguntou categoricamente. —Sua nova forma não é razão suficiente para eu suportar a irritação de sua presença.

Todos os sinais de humor desapareceram do rosto de Shiro. —Você estava errado.

Os olhos de Yumei se estreitaram, o primeiro indício de uma reação real dele. —Eu estava?

—Você me disse que nada menos do que o poder de um Kunitsukami poderia me libertar dos onenju. — Shiro inclinou a cabeça em direção a Emi. — Ela puxou o primeiro laço na noite passada.

Yumei deu um passo à frente, seus movimentos rápidos. Sua mão se fechou ao redor do braço de Shiro e puxou-o para cima. Ele deslizou os dedos pelas contas vermelhas brilhantes. A longa corda estava enrolada três vezes ao redor do antebraço de Shiro em cima do envoltório preto que cobria seu braço do pulso ao cotovelo; as contas deveriam ter deslizado enquanto ele se movia, mas ela percebeu que nunca as tinha visto se mexer, como se estivessem coladas no lugar.

—A remoção do primeiro anel desvinculado desta forma? — Yumei perguntou.

—E um pouco mais. — Shiro respondeu enigmaticamente.

O Tengu examinou as contas por mais um longo minuto, então agarrou firmemente o cotovelo de Shiro e enganchou seus dedos no laço em volta do pulso do kitsune. Prata encontrou Vermelho em um breve olhar compartilhado, então Yumei puxou o laço.

O poder explodiu do onenju como o calor de um inferno. Emi cambaleou para longe enquanto Yumei agarrava as contas, um vento repentino açoitando suas roupas. Uma luz branca estalou sobre as contas, então irrompeu em uma dúzia de raios que explodiram para fora. Com um estrondo, os dois yokai foram separados.

Yumei caiu de pé com o braço estendido para longe do corpo. A fumaça subiu da pele queimada de sua mão e o sangue gotejava lentamente de seus dedos na neve branca abaixo.

Shiro caiu de costas, esparramado no chão, imóvel.

—Shiro! — Emi engasgou.

Sem pensar, ela correu para o lado dele e caiu de joelhos. Seus olhos estavam semicerrados, com nada além do branco aparecendo. Ela deu um tapinha em sua bochecha em uma tentativa fraca de acordá-lo e sentiu o calor saindo de sua pele, como se ele tivesse absorvido o calor intenso que Yumei havia desencadeado no onenju. Ela agarrou um punhado de neve e pressionou contra sua testa. Ela derreteu em sua pele, gotas de água escorrendo pelo rosto.

Suas orelhas se contraíram e ele engasgou. Seus olhos se abriram, vermelhos brilhantes e queimando com uma raiva terrível.

Então ele piscou e confusão foi tudo o que ela pôde ver em seu olhar. Ela rapidamente limpou a neve e sentou-se nos calcanhares. Ele se sentou, estremecendo e flexionando os dedos da mão direita. O onenju brilhou inocentemente em seu braço, não marcado pelo calor ou raio que eles lançaram.

—Acho que não funcionou. — Observou ele.

Ela recuou quando ele pulou, tão ágil quanto antes da explosão de poder. Yumei ainda segurava sua mão para o lado, aparentemente despreocupado com seu ferimento enquanto o sangue escorria das bolhas em sua pele. A manga comprida de seu kosode preto balançava suavemente com a brisa, uma reminiscência das penas escuras de sua outra forma.

—O feitiço não se deteriorou. — disse o Tengu. —A anomalia está na garota.

Com a mesma rapidez de antes, ele caminhou até ela. Antes que ela pudesse recuar, os dedos de sua mão ilesa se fecharam em seu queixo. Não muito gentilmente, ele forçou sua cabeça de um lado para o outro, examinando-a. Empurrando a cabeça dela para trás, ele baixou o rosto até o pescoço dela e inalou pelo nariz.

—Ela é humana? — Ele perguntou a Shiro, endireitando-se. Ele não soltou seu queixo. —Ela cheira a mulher humana e você. Você dormiu com ela?

Ela engasgou, ultraje e constrangimento inundando seu rosto com calor. Ela tentou se afastar, mas os dedos dele se apertaram dolorosamente, segurando-a no lugar.

—Nós rolamos na neve juntos um pouco. — Shiro disse, a boca se curvando naquele sorriso malicioso quando encontrou seu olhar furioso. — mas foi um ato de sobrevivência, não de paixão. Os oni foram um grande desafio.

Yumei virou o rosto para um lado e para trás novamente. —Tem certeza de que foi ela quem removeu a primeira?

—Não havia mais ninguém.

O Tengu a estudou por mais um momento, então soltou seu queixo. Ela teve tempo de respirar aliviada antes que ele agarrasse seu pulso. Ele puxou a mão dela até o rosto, virou a palma da mão para cima e mordeu o lado da mão dela sob o polegar.

Ela gritou e tentou puxar o braço para longe dele. Sua força era como o aperto de um torno de aço, inabalável. Ele segurou a mão dela em sua boca, seu olhar distante. Ele a soltou tão repentinamente que ela perdeu o equilíbrio e caiu com o traseiro na neve.

—Humana. — Yumei disse decisivamente. —Mas eu posso sentir o gosto do poder kami em seu sangue.

Emi virou a mão para ver um pequeno ferimento na palma de seu canino. Uma única gota de sangue escorreu por seu pulso, traçando uma linha carmesim em sua pele pálida.

Uma sombra bloqueou a lua acima. Shiro se abaixou e tocou com o polegar o rastro de sangue. Ele deslizou o polegar por seu pulso até o

ferimento, então o levou aos lábios. Ele sorriu para ela enquanto lambia o sangue de sua pele. Ela olhou para ele, muito chocada e horrorizada para falar.

—Definitivamente humana. — ele disse a Yumei sem quebrar o contato visual com ela, desafiando-a a protestar pelo tratamento que deram a ela. — Miko normalmente tem gosto de kami?

—Eu não tenho certeza. — Yumei admitiu. —Eu nunca provei uma verdadeira serva de um santuário.

Ela apertou o peito, a mão pressionada contra a marca oculta sobre o coração. Seu pulso batia forte em seus ouvidos, seu medo era quase demais para suportar. Ela não tinha gosto de poder kami porque era uma miko dedicada, mas porque era uma kamigakari. Se eles percebessem a verdade, eles iriam matá-la no local.

Olhando entre o kitsune e o Tengu, ela percebeu que Shiro a havia enganado duas vezes em uma noite. Primeiro, atraindo-a para fora do santuário sob o pretexto de encontrar um Amatsukami. Segundo, convencê-la a vir de boa vontade para encontrar o Tengu sob o pretexto de conseguir sua ajuda para encontrar um Amatsukami. Mas não era por isso que eles estavam aqui. Shiro a trouxe para que Yumei pudesse ajudá-lo a descobrir como ela havia mexido com o onenju. A viagem perigosa não tinha nada a ver com o pedido que Shiro concordou em cumprir.

—Minha pergunta agora, kitsune. — Yumei murmurou. —É por que você a traz para mim com a maldição ainda sobre você.

Os olhos de rubi de Shiro deslizaram por Emi, sem qualquer brilho de humor. —Ela se recusou a removê-la.

Yumei olhou para Shiro e, quando ele falou, suas palavras foram vazias de descrença. —Você permite que uma humana recuse você?

—Tenho uma dívida com ela.

—Ah. — A cabeça de Yumei inclinou-se em um breve aceno. —Sim, claro. Compreendo.

Enquanto ela ainda estava intrigada com a resposta de Yumei, ele agarrou seu cabelo. A dor percorreu seu couro cabeludo enquanto ele a colocava de pé. Ele mais uma vez segurou sua mandíbula, mas desta vez, garras afiadas picaram sua garganta, garras que ele não tinha usado nela antes. Sua expressão estava vazia, revelando nem malícia nem misericórdia.

—Miko. — ele disse suavemente. —Como eu não estou sobrecarregado por uma dívida com você, eu não sou obrigado a permitir seu desafio. Você entende?

Ela olhou para ele, seu coração martelando contra suas costelas.

—Você entende?

Incapaz de se mover com suas garras tão perto de romper sua pele, ela sussurrou: —Sim.

Ele soltou sua garganta. —Remova o onenju do kitsune.

Ela não se moveu, seu cérebro em pânico incapaz de pensar em qualquer coisa útil, nada que ela pudesse dizer, nada que ela pudesse fazer para impedir isso.

Sua mão fechou dolorosamente em seu ombro e ele a girou para enfrentar Shiro. —Remova. Seu sangue vai correr antes que eu me repita.

Shiro estendeu o braço na direção dela. Seu rosto estava tão impassível quanto o de Yumei. Não havia bondade em seus olhos, nem compaixão. Ele não poderia machucá-la sem manchar sua honra, mas sua preciosa honra não o impedia de permitir que Yumei completasse o ato sujo em seu lugar. Ele a trouxera aqui com esse propósito, para que um yokai que não estivesse em sua dívida pudesse forçá-la, sob ameaça de violência, a fazer o que ele queria?

Ela ergueu a mão, o tremor de seus dedos dolorosamente óbvio. Com o coração na garganta, ela segurou a alça mais baixa do onenju. Seus dedos se apertaram ao redor das contas e o calor cresceu contra sua pele.

Ela encontrou o olhar de Shiro e sibilou: —Você é desprezível.

Ele não disse nada, apenas esperou. Ela fechou os olhos com força. O que a fez pensar que podia confiar em um yokai? Ela quase começou a pensar que Shiro não era tão ruim, mas só porque ele parecia mais civilizado na superfície não mudava o fato de que sua alma era tão negra quanto os monstros que arrastaram Hana da ponte para ela morte. Ele era um mentiroso manipulador, um trapaceiro, como dizem os contos.

Com fúria e traição atravessando-a, ela puxou as contas.

O poder subiu por seu braço e a luz brilhou tão forte que ela podia ver através de suas pálpebras. O ki violento das contas incendiou seu peito, então ricocheteou em seu braço e colidiu com o poder que ainda percorria o onenju.

Ele explodiu.

A detonação a jogou para trás, arrancando o onenju de sua mão. Ela caiu de costas, seus pulmões congelados e queimando, seu braço latejando e dormente. Ao redor, corvos gritavam seus gritos ásperos, enchendo a floresta com uma raquete profana. Seus pulmões desbloquearam e ela engasgou em uma respiração. Empurrando-se para cima, ela piscou atordoada.

Shiro caiu pela segunda vez, amassado na neve a três metros de onde ele estava, o braço ainda preso pelas contas vermelhas. Yumei estava caído contra a árvore caída na qual ele estava empoleirado. O sangue escorria por seu rosto; sua cabeça deve ter batido no tronco. Quão forte aquela explosão de poder atingiu os dois yokai?

As pálpebras de Yumei se abriram. Empurrando o tronco, ele deu um único passo cambaleante antes de recuperar o equilíbrio. Ele a encarou, os

olhos prateados acesos com o ki que engrossou o ar até que ela pudesse sentir o peso dele em seus pulmões. Todos os corvos silenciaram ao mesmo tempo.

Ela não reconheceu o perigo até que ele se moveu.

Um grito curto e aterrorizado escapou dela, então ele estava em cima dela. Sua mão se fechou ao redor de sua garganta, cortando seu ar quando ele a ergueu do chão. Ela agarrou a mão dele, tentando soltar seus dedos. Suas garras perfuraram seu pescoço e sangue quente correu por sua pele. Ele olhou para ela sem emoção, seu rosto uma máscara que não revelava nada. Seu ofuda. Onde estava seu ofuda? Ela não conseguia se lembrar. Seus pulmões gritaram e sua visão turvou. A fraqueza varreu seus braços e, apesar de seu desespero, eles caíram frouxamente para os lados enquanto o yokai a sufocava calmamente até a morte.

Um braço deslizou ao redor de sua cintura, tirando o peso de seu pescoço e puxando-a de volta para um corpo quente. Uma mão, o pulso envolto em material preto, tiras vermelhas e contas carmesim, segurou o pulso do yokai.

—Deixe-a ir, Yumei.

—Não vou permitir que nenhum humano me derrube.

—Foi o onenju, não ela.

—Ela refletiu o lançamento.

—Nenhum humano tem tal poder. Você a provou. Ela é humana, nada mais. — Ele apertou a mão no pulso de Yumei e sua voz endureceu. —Solte-a.

—Você se atreve a me comandar, kitsune? — Yumei sussurrou.

—Sim, eu ouso. Solte-a agora.

Os lábios de Yumei se curvaram quando a raiva passou brevemente por seu rosto. Sua mão se abriu e Shiro soltou seu pulso.

O ar invadiu os pulmões de Emi em um suspiro agonizante. Ela se dobrou, tossindo e engasgando. Os braços de Shiro a envolveram, apoiando-a

enquanto ela convulsionava. Ele a abaixou, agachando-se com os braços ainda ao redor dela enquanto ela lutava para respirar novamente, as pernas esparramadas na neve. Os músculos dela estremeciam de fraqueza e os braços dele eram sua única âncora enquanto o mundo balançava e girava.

No momento em que um pingo de força voltou a seus músculos, ela se soltou dos braços sem resistência de Shiro. Ela começou a se levantar, mas suas pernas cederam. Aterrando de quatro, ela rastejou para longe de ambos os yokai, ofegando por ar. Sua garganta doía sem piedade, mas ela conseguiu engolir em seco. Seus braços tremeram e ela parou, virando-se para sentar na neve, de frente para os dois yokai. Eles a observavam, sem se mover.

—Por que não funcionou? — Shiro finalmente perguntou. —Ela removeu sem nenhum problema na noite passada.

—Ela não queria. — Yumei respondeu. Ele parecia calmo, quase tranquilo, como se não tivesse acabado de tentar matá-la. Então, novamente, ele não parecia com raiva quando a estava estrangulando também. —A força começou a ser liberada, depois ricocheteou e nos derrubou. Supondo que ela não refletiu deliberadamente para nos prejudicar, sua capacidade de remover o onenju pode depender de sua inclinação genuína para completar o ato.

A boca de Shiro se achatou em uma linha fina. Ele deu um passo em direção a ela e ela se encolheu, pronta para forçar seu corpo dolorido e trêmulo para que pudesse correr dele. Isso não adiantaria muito, mas ela não se sentaria ali e deixaria os dois yokai continuarem a abusar dela.

Ele hesitou, então se agachou para que eles ficassem no mesmo nível, não chegando mais perto.

—Você vai remover as contas, Emi? — Ele perguntou a ela, suas palavras inesperadamente suaves. —Eu juro por minha honra e vida que irei encontrar um Amatsukami para você depois. Vou encontrar todos eles, se você pedir.

O tremor em seus membros aumentou enquanto a fúria crescia por ela, competindo com sua dor e fraqueza.

—Você está me perguntando agora? — Cada palavra doía e sua voz estava tão rouca que ela mal a reconheceu como sua. Depois que ele a enganou para vir a este lugar e deixar outro yokai quase matá-la, ela não podia acreditar que ele teve a ousadia de pedir um favor a ela. —Eu não confiaria em sua palavra, mesmo que você jurasse pela vida de Inari em vez da sua.

Os olhos de Shiro se fecharam, seu rosto ilegível. Abruptamente, ele se levantou, seus olhos abrindo e piscando sobre ela. Ele encolheu os ombros com indiferença. —Inari é imortal. Jurar pela vida de um Kunitsukami é um juramento bastante vazio.

—Você sabe o que eu quis dizer. — Ela retrucou.

—Você ainda quer falar com um Amatsukami?

—Eu sim. Claro que eu quero.

Ele se virou para Yumei. —Esse é o pedido dela para mim. Como você sabe, estou mal equipado para realizar essa tarefa sozinho.

—Por que ela deseja uma audiência com um Amatsukami?

Shiro encolheu os ombros.

—Eu vou ajudar com isso. — disse Yumei, distraidamente enxugando o sangue de sua bochecha. —Mas em troca, seu poder recuperado pertencerá a mim até que eu considere sua dívida paga.

Emi piscou. Uma demanda tão casual de servidão ilimitada.

A atenção de Shiro voltou para ela. —Sozinho, não posso cumprir seu pedido, embora tentarei, já que concordei com isso. No entanto, Yumei pode realizar seu desejo com muito mais eficiência. Se eu assumir essa dívida por você, você concorda em remover o onenju?

Ele estava disposto a concordar com uma dívida não especificada para com o Tengu, uma obrigação infinita puramente a critério do outro yokai, a fim de cumprir seu pedido? Era tão importante para ele tirar o onenju?

Ela olhou de um yokai para o outro. Ela deveria dizer não. Ela deveria se afastar e terminar totalmente sua associação com esses yokai. Mas as palavras do manual kannushi ficavam se repetindo em sua cabeça e, mesmo sem isso, ela duvidava que a deixassem ir embora se ela dissesse não.

—Depois de me encontrar com o Amatsukami. — ela resmungou. —E nem um momento antes. E se você mentir para mim ou me enganar novamente, estamos feitos.

—E depois de se encontrar com o Amatsukami, você removerá o onenju livremente?

—Sim.

Ele acenou com a cabeça, seus olhos brilhando brevemente como fogo carmesim, um calor mortal que prometia vingança caso ela o traísse. Seu olhar mudou para Yumei, permitindo que ela respirasse novamente.

—Eu concordo com a dívida em troca de sua ajuda. Quando você pode localizar um Amatsukami?

—Em breve. — Yumei inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo algo que só ele podia ouvir. —Os oni descobriram os corpos dos três que você matou. Eles se reúnem e vêm aqui.

Shiro fez uma careta, as orelhas girando para trás como um cachorro infeliz. —Eu acho que não vamos voltar da mesma forma então. Ela precisa voltar para seu santuário esta noite.

—Reúna a miko. Eu vou te levar de volta.

Com um olhar surpreso para Yumei, Shiro foi em sua direção. Ela cambaleou para trás, mas ele facilmente a ergueu do chão em seus braços.

—Ponha-me no chão!

Ele a ignorou e se virou para Yumei. A forma do Tengu brilhava com luz negra e vermelha, suavizando nas bordas. Sua forma sombria se transformou e seu corpo encolheu quando as asas emplumadas se espalharam. O grande corvo abriu suas asas e disparou em direção a eles, fitas de poder preto e vermelho arrastando-se atrás dele.

Suas enormes garras se fecharam em torno dos ombros de Shiro, arrancando-os do chão. Ela engasgou, agarrando o pescoço de Shiro enquanto o corvo voava em direção à lua. Ki enchia o ar, sufocando-a. A luz negra girou, misturando-se com o vento. Fechou-se em torno deles, envolvendo o corvo, Shiro e ela. Ela abriu a boca para gritar, mas o ar foi sugado de seus pulmões enquanto o mundo escurecia e o nada a esmagava.

Então ela estava caindo.

O mundo voltou em um borrão de neve e árvores enquanto ela caía no ar, os braços de Shiro ainda ao redor dela. O chão subiu rapidamente.

Shiro caiu de pé primeiro, as pernas dobrando com o impacto. Ele se torceu ao cair e ela pousou em cima dele, espalmada sobre seu peito. Ela ergueu a cabeça, seu olhar em pânico piscando pela paisagem. Nenhuma árvore caída, nenhum enxame de corvos observadores, nenhum corvo gigante no céu. Minúsculos flocos de neve caíram ao redor deles, a neve ao redor intacta por rastros de qualquer tipo.

O corvo os jogou em um local completamente diferente nas montanhas, e ela não tinha ideia de onde eles estavam.

Capítulo Doze

Emi seguia atrás de Shiro, cada passo um esforço extraído de algum poço interno de teimosia que ela não sabia que possuía.

Yumei os largou a cinco quilômetros do santuário, ou assim Shiro disse a ela. Ela não entendia como era possível que o Tengu os teletransportassem quilômetros em um único instante, mas ela também não entendia como Shiro conseguia atravessar paredes. De qualquer forma, a magia de Yumei os salvou de outro confronto com os oni, que estavam se dirigindo para o fundo das montanhas em direção ao vale dos Tengu.

Ela não tinha falado uma palavra com Shiro desde que começaram a andar. Ela não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Seu corpo doía em um nível de dor que ela nunca experimentou. Seu pescoço estava em agonia com o aperto esmagador de Yumei e as garras apunhaladas, e sua garganta queimava a cada respiração. Ela teve sorte que ele não abriu sua jugular, em vez disso perfurou os músculos perto da nuca.

Além de seu desconforto, ela estava exausta. Cansada até os ossos, mal conseguia colocar um pé na frente do outro. Ela não conseguia parar de tremer. A floresta de neve durava para sempre, o terreno subindo e descendo, rochoso em um ponto, neve acumulada em outros. A cada dois minutos, ela tropeçava e tropeçava em nada. Duas vezes, ela caiu, os músculos muito fracos para ela se segurar.

Shiro tentou ajudar, tentou andar ao lado dela, mas seu brilho o afastou. Ela não permitiria que ele apaziguasse sua consciência culpada, supondo que ele tivesse uma consciência, jogando de bonzinho. Fúria e orgulho eram tudo que a mantinham andando.

Confiar em um yokai. O que ela estava pensando? A tênue esperança de que um Amatsukami lhe dissesse que o manual do kannushi estava errado nublou seus pensamentos. O que ela tinha a mostrar por seus esforços tolos? Um pescoço machucado e sangrento.

Ela manteve o olhar no chão para não tropeçar novamente e seguiu os passos de Shiro na neve. Yumei havia chamado a forma humanóide de Shiro de sua nova forma, como se nunca a tivesse visto antes. Ele comentou que ela havia removido a primeira 'ligação', puxando um laço das contas. Parecia que o onenju havia cortado a segunda forma de Shiro e ele só recuperou a habilidade de se transformar depois que ela removeu o primeiro círculo de contas. Com mais três laços restantes e, portanto, mais três ligações, que outras habilidades e poderes ainda estavam selados?

A biblioteca do Santuário Shion incluía relatos escritos de yokai datando de mais de mil anos, e pelo menos alguns desses contos antigos mencionavam encontros com tengu. Se todos faziam referência a Yumei, isso significava que ele tinha mais de mil anos? Quantos anos tinha Shiro? Há quanto tempo ele ficou preso em sua forma de raposa? Tempo suficiente para esquecer que ele tinha armas, aparentemente, mas não o suficiente para esquecer como usá-las.

De acordo com Yumei, apenas um Kunitsukami poderia libertar Shiro, mas eles estavam desaparecidos. Ela suspeitava que, no que dizia respeito a Shiro, ela era sua única chance de libertar o onenju, o que explicava por que ele concordou com o alto preço do Tengu. Qualquer que fosse seu raciocínio, ela não gostava de ser amarrada a nenhum dos yokai.

A única coisa trabalhando a seu favor era a incapacidade de Yumei e Shiro de adivinhar porque ela, uma humana, poderia afetar um feitiço que apenas um Kunitsukami deveria ser capaz de tocar. O poder de Amaterasu foi filtrado em Emi por anos, e ela só absorveria mais do ki de Amaterasu até a cerimônia do solstício. Essa tinha que ser a razão pela qual ela podia fazer o que Yumei não podia. Embora o poderoso omamori que ela usava ao redor do pescoço escondesse a presença do poder kami dos sentidos dos outros, os dois yokai o haviam provado em seu sangue. Pelo menos eles não haviam descoberto o porquê, ainda.

Ela precisava que essa barganha fosse concluída rapidamente, antes que os dois yokai percebessem o que ela realmente era. Com o Kunitsukami ausente e incapaz de equilibrar o poder do Amatsukami, Yumei e Shiro estariam ainda mais ansiosos para matar um kamigakari.

Um sentimento inesperado de pânico se espalhou por seu peito. Quando sua cabeça apareceu, ela percebeu que um som de enervar os nervos estava crescendo à distância por alguns minutos agora, um som que enviou o medo em espiral para baixo em seu centro.

Um pequeno rio corria por entre as árvores, serpenteando pela encosta, sua água espirrando e rodopiando violentamente. Pedregulhos, suas superfícies brilhando úmidas ao luar, estavam espalhados pelo rio, a água batendo neles sem piedade. Não havia ponte.

Shiro, ignorando-a totalmente desde sua última rejeição silenciosa, caminhou até a margem e pulou facilmente em uma pedra. Com pés ágeis, ele saltou de pedra em pedra, totalmente sem medo da correnteza ao redor dele.

Seus pés tropeçaram e pararam enquanto ela olhava para a água. O som encheu sua cabeça, e abaixo dele, ela podia ouvir os gritos de Hana. Ela podia sentir a mão fria e escorregadia de sua amiga segurando a dela com tanta força

que ela teve hematomas por duas semanas depois. Seu peito apertou, gelo se formando em seus pulmões como se ela estivesse debaixo d'água, respirando na corrente ártica, presa e se afogando com Hana.

—Emi?

Ela piscou rapidamente. O rosto de Shiro entrou em foco, os olhos de rubi fixos nela. Ele estava na frente dela, bloqueando sua visão do rio. Ele já não tinha passado a maior parte do caminho? Há quanto tempo ela estava parada ali, hiperventilando com uma memória?

—Onde estamos? — Ela resmungou. Eles não cruzaram um rio no caminho para o Tengu.

—Oeste do santuário. — Ele estendeu a mão para ela. —Eu vou te carregar...

—Não me toque! — Seu grito era rouco, sua voz desconhecida para seus ouvidos. Ela se afastou dele, abraçando a si mesma. Ela não queria sua ajuda, não queria confiar nele para carregá-la com segurança sobre a água aterrorizante. Mas se ele não a carregasse, como ela iria passar?

Shiro baixou a mão. Eles ficaram em silêncio, a floresta quieta e silenciosa. Ela estremeceu, apertando os braços em volta da cintura. Ela queria deitar na neve e dormir. Ela queria estar em casa, não no Santuário Shirayuri, mas no quarto de sua infância, com a mãe na cozinha, cantarolando enquanto cozinhava, e o pai reclinado no sofá, assistindo ao noticiário na pequena televisão. Ela queria abraçar a mãe, dizer o quanto a amava, dizer que ela nunca teve a intenção de deixar o relacionamento de lado. Ela queria voltar e mudar tudo.

—Eu não pretendia que você se machucasse. — Shiro disse suavemente.

Ela fechou os olhos, não querendo ver seu rosto. Mentiroso. Ele era um mentiroso.

—As ações contam. — ela murmurou. —Não intenções.

—Não para yokai. — ele murmurou. —As ações mudam nosso curso, influenciam nosso futuro, mas as intenções nos definem, nos fortalecem. Sem intenção, não somos nada.

Seus olhos se abriram, e contra seu melhor julgamento, ela olhou para ele. Ele estava olhando para o céu polvilhado de estrelas, sua expressão tão ilegível quanto a lua. Aquela qualidade atemporal de seus traços era ainda mais evidente quando a luz fraca e prateada lançava sombras estranhas em seu rosto. Às vezes, ele falava como se tivesse saído de uma escola ontem, tão casual e grosseiro como um adolescente, mas outras vezes, ele soava como Yumei, sua fala mais lenta, mais suave, mais formal e antiga.

—Há quanto tempo o onenju amarra você? — A pergunta escapou antes que ela pudesse detê-la.

Seu olhar caiu do céu para a neve, sem encontrar o dela. Ele distraidamente passou a mão pelas contas.

—Eu não me lembro. — ele sussurrou. —Não me lembro de não os ter usado. Não consigo me lembrar de uma época em que não tenham queimado minha alma e devorado meu ki tão rápido quanto ele cresce dentro de mim.

Ele era um mentiroso, ela se lembrou. Ele a estava enganando, jogando com suas emoções para ganhar sua simpatia. Ele era um mentiroso. Ela cantou as palavras em sua cabeça, mas ela não podia acreditar nelas, não desta vez.

—Por que você não me contou? — Ela perguntou amargamente. —Por que você não me disse que as contas estavam doendo e me pediu para tirá-las?

—Eu perguntei a você.

—Você não me disse por quê.

—Teria feito diferença? Você não confiou em mim. — Ele desviou o olhar dela. —E os yokai sabem que também não devem confiar na boa vontade dos humanos.

Ela hesitou, pega de surpresa por suas palavras. Os yokai tinham seus próprios contos, onde os humanos eram os cruéis ou indignos de confiança? Talvez eles não estivessem totalmente errados. Se ele tivesse dito a ela que os onenju eram tão terríveis desde o início, ela os teria removido livremente? Ela não tinha certeza.

Ele se virou para ela. Ela engasgou quando os braços dele vieram ao redor dela, pegando-a.

—Shiro!

—Ou eu carrego você, ou ficaremos aqui até você desmaiar e então eu carrego você. — Ele foi em direção ao rio. —Você prefere ficar inconsciente?

Sem se preocupar em responder, ela observou o rio se aproximar a cada passo que ele dava, o terror crescendo dentro dela. A água parecia a mesma daquele dia. Abandonando a dignidade, ela agarrou um punhado duplo da frente de seu kosode e enterrou o rosto em seu ombro para esconder a visão. Seus passos hesitaram, mas voltaram com um pouco mais de velocidade. Ela o sentiu se recompor para o primeiro salto.

O vento soprou sobre ela quando ele saltou. Seu coração congelou. Ele pousou levemente e saltou novamente. Ela só podia ouvir a água e os gritos distantes em sua memória. Outra aterrissagem, outro salto.

Com um baque e o ruído da neve caindo, ele pousou novamente e seu andar mudou para uma caminhada fácil. Cautelosamente, ela ergueu a cabeça e espiou além do cabelo emaranhado. Eles estavam do outro lado do rio. Ela olhou de volta para a água correndo. Ele cruzou o rio em três saltos?

Ela se contorceu, tentando mexer as pernas para poder ficar de pé. Seus braços se apertaram, um enrolado sob os joelhos, o outro na parte superior das costas.

—Apenas relaxe. — ele murmurou. —É apenas um quilômetro e meio adiante.

—Eu não preciso que você me carregue. Coloque-me no chão.

—Você está exausta.

—Ponha-me no chão!

—Exausta e teimosa. — ele observou secamente. Ele abaixou o rosto em direção ao dela até que sua respiração aquecesse sua bochecha. —Te incomoda me tocar, pequena miko?

Ela agarrou sua orelha peluda de raposa, apertando-a com força entre os dedos e o polegar. —Isso te incomoda? — Ela perguntou docemente.

—Ow ow ow! — Seu rosto se contorceu, os olhos franzidos enquanto ele inclinava a cabeça, se afastando e tentando aliviar a pressão. —Solte!

—Ponha-me no chão.

Ele baixou os braços.

Ela gritou ao cair de costas em direção ao chão. Ele a pegou no ar e de volta em seus braços, mas ela já tinha soltado sua orelha.

Ela olhou para ele. —Por que você não me coloca no chão?

—Porque você está caminhando tão irritantemente lenta que vamos levar a noite toda para voltar. — ele rosnou, parecendo extremamente descontente com o beliscão de orelha. —Se você calar a boca e ficar quieta, estaremos de volta ao seu santuário em alguns minutos.

Ele começou a avançar, seus passos largos devorando o chão tão rapidamente que a diferença na velocidade era constrangedora. Ela ainda poderia ter insistido em andar sozinha, mas no minuto em que ela se levantou,

uma dor terrível e cansativa se instalou profundamente em seus músculos da panturrilha. Ela desistiu e caiu em seus braços. Ele a empurrou um pouco, conseguindo uma pegada mais confortável, e realmente acelerou o ritmo ainda mais. Para ainda ter tanta força, ele era totalmente incansável? Ou ela era tão pateticamente fraca?

A cabeça dela balançava no ritmo dos passos dele e ela, cansada, encostou-a no ombro dele. Depois de alguns minutos, ela percebeu que tinha fechado os olhos. Seu peito estava maravilhosamente quente. Isso era muito mais confortável do que quando ele correu com ela debaixo do braço como um saco de arroz. Era bom, braços fortes e quentes ao redor dela, o coração dele batendo em sua orelha. Seus passos eram suaves e regulares, quase calmantes. Ela estava tão cansada.

—Emi.

O peso sonolento manteve suas pálpebras firmemente fechadas. Ela murmurou sem palavras.

—Emi, acorde.

Seus olhos se abriram e ela olhou para a frente da casa, confusa. Ela estava de volta? Ela piscou sonolenta e olhou para Shiro, então de volta para a casa. O alarme passou por ela, afugentando sua sonolência. Ela estava nos braços de um yokai, com uma visão perfeita de várias janelas. Era meio da noite, mas ainda era muito arriscado. A julgar pelas janelas escuras, sua ausência deve ter passado despercebida.

Vendo seu alerta, ele a inclinou, os pés primeiro, em direção ao chão. Assim que ela se levantou, ela se afastou dele, e suas pernas ameaçaram dobrar. Ele a pegou pelos braços e a apontou para a entrada.

—Por ali.

—Eu sei. — ela murmurou. Ela realmente tinha adormecido pelo resto da caminhada? Ela olhou por cima do ombro e semicerrou os olhos para ele. —Onde você vai dormir?

—Oh... em algum lugar. — Ele a empurrou em direção à porta. —Vá para a cama antes que você caia.

—Eu não sou uma donzela fraca que precisa ser mimada. — Ela disse com firmeza, dando um passo vacilante para longe dele.

—Se você diz.

Carrancuda, ela deu um passo pisando forte em direção à porta da frente antes de perceber que precisava ficar quieta. Subindo os degraus na ponta dos pés, ela abriu a porta e olhou para trás. —Mas e você?

Seu sorriso se alargou, mostrando a ponta de um canino afiado. —Você está se oferecendo para compartilhar sua cama, pequena miko?

—Não!

—Então, verei você quando tiver uma pista sobre um Amatsukami. — Ele fez uma pequena reverência. —Durma bem, dama do santuário.

Ela o viu se afastar e desaparecer na esquina da casa, sem deixar rastros. Mordendo o lábio, ela se perguntou se ele estaria dormindo na neve. Ele também devia estar cansado. Talvez ela devesse ter oferecido deixá-lo ficar...

Ela balançou a cabeça bruscamente. Ficar no quarto dela? O que ela estava pensando? Tirando as botas, ela fechou a porta silenciosamente e correu pelo corredor. Ele ficaria bem. Ele sobreviveu sabe-se lá quantos anos sozinho; ele não precisava dela, exceto para remover o onenju. Era tudo o que ele precisava dela.

Sua mão parou no ar quando ela alcançou a porta do quarto. Com outro suspiro, ela saiu de seu quarto e andou na ponta dos pés pelo corredor até o

banheiro. Trancando-se, ela tirou as roupas sujas e, com muita relutância, se virou para o espelho.

A bagunça emaranhada de seu cabelo foi a primeira e mais óbvia vítima de seu passeio. Galhos e folhas se projetavam de seus longos cabelos, as ondas de sua trança anterior não passavam de nós. Manchas vermelhas em sua garganta provavelmente iriam se transformar em hematomas impressionantes pela manhã, e sangue escorria pelas laterais de seu pescoço e pelo ombro. Ela empurrou o cabelo para o lado e se encolheu nas quatro feridas de punção em um lado do pescoço, com uma quinta no outro lado. Pelo menos seu cabelo cobria isso.

Seus cotovelos e joelhos estavam machucados e já mudando de cor. As palmas de suas mãos foram raspadas, uma perfurada pelos dentes de Yumei, e suas costelas doíam de onde o braço de Shiro a esmagou contra o seu lado enquanto ele fugia do oni. Tudo doía.

A marca mais óbvia em seu corpo não era um ferimento, mas o símbolo preto estampado em seu peito, no centro do esterno, logo acima dos seios. Marca kamigakari de Amaterasu. No dia em que apareceu, estava tão fraca quanto uma sombra em sua pele, mas agora estava escura como breu. Ela pressionou a mão sobre ela, escondendo-a de sua vista, desejando que rasgá-la de sua carne pudesse arrancá-la de sua alma também, mas a magia não funcionava dessa forma.

Embora ela tivesse tirado a roupa, o único item que ela não removeu, nunca removia, era a pequena bolsa de seda em volta do pescoço em um cordão de couro simples. A bolsa plana, decorada com flores bordadas para se parecer com os amuletos da sorte que os santuários vendiam nos festivais, continha o poderoso omamori que escondia seu ki dos sentidos dos yokai. Sem

isso, ela não tinha dúvidas de que Yumei teria descoberto exatamente o que ela era, mesmo que Shiro não tivesse.

Ela molhou uma toalha e limpou as feridas no pescoço. Sangue fresco manchou o pano e, na privacidade do banheiro, ela se permitiu chorar. Ela chorou silenciosamente pelo terror da noite, a dor que ela sofreu, a exaustão, as mentiras e a traição. Ela chorou por sua idiotice ingênua, pela facilidade com que ela deixou Shiro manipulá-la.

Quando ela estava razoavelmente limpa, com os ferimentos esfregados e enfaixados e o cabelo penteado, ela entrou no quarto e vestiu o roupão macio. Ela desabou na cama, o rosto no travesseiro e os cobertores emaranhados em volta das pernas porque estava cansada demais para endireitá-los. Olhos fechados, ela deixou o cansaço rolar sobre ela em ondas, entorpecendo as dores e sofrimentos. Enquanto o sono a puxava para baixo, ela se perguntou por que os pensamentos em que morava não eram sobre o perigo, o terror ou mesmo a informação sinistra que ela ganhou naquela noite. Em vez disso, a memória de Shiro admitindo que não conseguia se lembrar de um tempo antes de ser amaldiçoado pelo onenju permanecer em sua mente... a luz das estrelas em seu rosto, o som de sua voz e o olhar que ela vislumbrou em seus olhos, um redemoinho, desespero sem esperança tão profundo quanto um oceano à meia-noite.

Capítulo Treze

A porta para o armazém se abriu com um estalo.

—Emi? — Katsuo chamou.

—Bom dia. — ela respondeu, colocando a cabeça para fora de uma prateleira para vê-lo parado na porta, emoldurado por um retângulo de luz solar. —Estou de volta aqui.

Ela voltou sua atenção para a variedade de livros espalhados ao seu redor. Juntando-se a ela, Katsuo se agachou para olhar confuso para a pilha.

—É aqui que você se escondeu hoje. — disse ele. —Achei que você ainda estava enfurnada em seu quarto.

Ela nervosamente ajustou o lenço em volta do pescoço. Depois de sua noite de aventuras na floresta com Shiro, ela passou os próximos dois dias em seu quarto, alegando um leve resfriado para que ninguém visse os machucados espetaculares que Yumei havia deixado em seu pescoço. Fujimoto e Nanako ficaram preocupados, então ela se aventurou a sair, usando a desculpa do tempo frio para vestir um lenço estrategicamente arranjado.

—Estou me sentindo muito melhor. — disse ela, sem olhar bem nos olhos dele. Mentir era uma daquelas atividades impuras nas quais os kamigakari não deveriam se envolver, então ela não tinha muita prática. —Eu queria tomar um pouco de ar fresco.

—Eu não chamaria o ar aqui de 'fresco'. — observou ele. —O que é tudo isso?

Ela fez uma careta para os livros. —Eu só queria... bem, depois do nosso encontro com o oni, eu queria procurar um ofuda de autodefesa melhor. A barreira e as amarras não duram muito.

O encontro com o oni que ela compartilhou com Katsuo não era seu único motivo para encontrar uma maneira melhor de se defender, mas ela não precisava mencionar isso para ele.

—Em geral, ofuda reflete força. — disse ele. —Uma linha na neve carece de permanência, então uma barreira deuda não duraria muito nesse caso, mas uma linha esculpida na pedra seria mais duradoura e mais poderosa. Amarrar um yokai acertando-o diretamente com o feitiço também não funciona bem. É melhor prender o yokai dentro de algo e amarrá-lo. — Ele bateu um dedo contra o queixo. —Se você realmente quiser amarrar um yokai, você precisará de um marugata adequado.

—Você quer dizer um círculo de exorcismo?

—Sim. Um círculo simples é a forma mais básica, mas a marugata pode ser extremamente complexa. Você pode usá-las para prender um yokai e forçar seu ki em um recipiente que você pode ligar permanentemente. É como o antigo sohei lidou com yokai imortais que não podiam ser mortos.

Um arrepio percorreu sua espinha. —Alguns yokai não podem morrer?

—Não, todos os yokai podem morrer. — ele corrigiu. — Ki é energia vital e, seja você humano, yokai ou kami, se ficar sem ki, você morre. Porém, yokai muito poderosos voltarão à vida depois de um tempo. Lembra da história de Orochi, o dragão de oito cabeças? Ele aterrorizou a terra e exigiu mulheres jovens como um sacrifício ou destruiria cidades inteiras. Os kamis menores da área queriam matá-lo, mas sabiam que ele ressuscitaria e os destruiria. Então eles esperaram, deixando o dragão devastar e matar humanos e yokai até que chamasse a atenção de um Kunitsukami. Por fim, Susano desafiou Orochi e o

matou. O kami inferior sabia que se um ser tão poderoso como Susano matasse Orochi, o dragão permaneceria morto por muito mais tempo. Mas os contos ainda avisam que algum dia o dragão retornará para se vingar de Susano.

Ela tinha ouvido a história antes, mas não considerou os detalhes. — Então você está dizendo que se um humano fraco sohei conseguir matar um yokai poderoso, ele pode potencialmente voltar à vida e buscar vingança contra a humanidade?

—Sim. É por isso que o sohei selou os yokai em vez disso. Selar o ki de um yokai poderoso é a única maneira infalível de tirá-lo de cena permanentemente. Os selos desaparecem com o tempo, mas enquanto alguém estiver por perto para renová-los, o yokai permanecerá selado para sempre. — Ele gesticulou para a parede, indicando o mundo mais amplo, ela assumiu. —Dizem que há muitas famílias que ainda, até hoje, guardam nos yokai mais poderosos que outrora aterrorizaram a terra.

—Posso aprender a fazer um desses marugata? — Ela perguntou.

—Você sabe como fazer a dança das Cinco Flores do Jardim Celestial para os festivais de primavera?

—Claro.

—Então você já conhece uma. — Ele disse com um sorriso.

—A... a dança é uma marugata?

—Não a dança em si, mas o círculo que você desenha enquanto dança. É um dos marugata mais simples e nem requer encantamento. Se um yokai entrar nele, ficará paralisado e incapaz de se mover enquanto estiver dentro do círculo. Não faz nada mais, mas é mais poderoso do que um ofuda.

Ela apertou os olhos, imaginando a dança. A popular e desafiadora dança solo era executada por uma miko todos os anos, e Emi a conhecia bem. A miko não apenas tinha que dançar, ela também tinha que desenhar em uma

enorme folha de papel branco com carvão como parte da coreografia. Desenhar um círculo perfeito enquanto dançava graciosamente era difícil, mesmo para uma miko experiente.

—Você desenha no chão, geralmente no papel. — explicou Katsuo. — Você não tem que fazer os movimentos da dança, mas tem que desenhar o círculo na ordem e direções precisas da dança, caso contrário, não funcionará. Parte do poder do marugata está no ritual de criá-lo.

Ela assentiu em compreensão. Muitas das danças que miko executava tinham um poder extraído da terra pelos movimentos rituais precisos.

—Eu não seria capaz de desenhar isso muito rapidamente. — Ela disse em dúvida.

—Não, não é prático para autodefesa imediata. — admitiu. —Mas você não precisará se defender se permanecer dentro do terreno do santuário. Minoru e eu iremos proteger você.

Minoru não estava tão presente quanto Katsuo e parecia ter um talento para evitá-la, mas ela não podia culpá-lo por isso. Pelo que ele sabia, nenhum yokai poderia entrar no terreno do santuário, e ela não deveria sair. Ele não tinha nada para fazer.

Shiro, entretanto, era perfeitamente capaz de entrar no terreno do santuário; a barreira torii nem mesmo o atrasava. Teoricamente, isso significava que ele não tinha má vontade em relação a ninguém no santuário, mas ele sempre poderia mudar de ideia sobre machucar alguém uma vez que estivesse lá dentro.

—Ainda acho que deveria ter algum tipo de defesa pronta para ir. E se eu for atacada e você não estiver bem aí? — Ela bateu o dedo na capa de um livro. —Este aqui fala sobre armas e ataques infundidos com ki, como a amarração que você lança com sua espada, mas eu não sei como usar nenhuma

arma. Marugata demora muito, então isso deixa um ofuda com um alcance maior ou... algo assim.

Ele franziu a testa para ela. —Você não sabe como usar um arco?

—Uma reverência cerimonial. Eu sempre atiro em blocos de madeira.

Ele revirou os olhos. —Emi, há muito pouca diferença entre atirar em um pedaço de madeira e atirar em um yokai. É mais provável que um se mova do que o outro.

Ela piscou. —Mas é cerimonial.

—É uma arma. E você é boa com isso. Você pode superar Nanako sem problemas.

Ela nunca tinha pensado no arco e flechas cerimoniais que ela usava para festivais como uma arma. As armas eram elegantes e eficientes, como a espada de Katsuo, não eram ornamentadas e eram cobertas por fitas coloridas e laços de papel dobrados. Ela praticava mais duro do que a maioria das miko porque, como a kamigakari, ela sempre sentiu a pressão para ser a melhor em tudo relacionado a miko, mas ela nunca considerou isso uma habilidade prática.

—Acho que sei como atirar com um arco, mas flechas normais não vão machucar muito um oni, presumindo que eu possa acertar um alvo em movimento.

—Um oni é muito maior do que seus alvos habituais. E para ferir um oni, tudo que você precisa fazer é embrulhar suas flechas em ofuda de purificação. Existem técnicas mais sofisticadas, mas um ofuda em uma flecha bastaria.

Ela distraidamente examinou os títulos dos livros. A purificação era um conceito próximo ao coração de qualquer kamigakari e desempenhava um papel importante na vida de cada kannushi, miko e sohei.

Ki era a energia da alma, e era mais poderosa quando nascida de uma alma pura. Pureza não era necessariamente baseada em moralidade ou salubridade, embora isso desempenhasse um papel. Em vez disso, a pureza nascia de uma mente e alma bem equilibradas. Raiva, ódio, luxúria, ganância, egoísmo, todas essas emoções corrompiam o ki. Embora o ki impuro fosse poderoso em alguns aspectos, o ki puro era inerentemente mais forte.

Para kannushi e miko, seu maior objetivo era alcançar makoto no kokoro, que significava aproximadamente 'pureza do coração'. Eles buscavam trazer seu ki ao mesmo equilíbrio perfeito de um kami, que possuía o espírito puro supremo. Também se acreditava que um kannushi ou miko que alcançasse makoto no kokoro poderia então comungar em harmonia com seu kami e até mesmo compartilhar um toque do poder do kami, tornando-se muito mais poderoso.

Emi passou os últimos dez anos aperfeiçoando a pureza de sua mente, corpo e alma para estar em um estado perfeito de makoto no kokoro no solstício. Em teoria, Amaterasu iria gradualmente imbuir Emi com seu ki, permitindo que Emi se ajustasse ao poder do kami. Na noite em que Amaterasu descesse, Emi já estaria em perfeita harmonia com seu ki e preparada para suportar o peso e a tensão do poder de um kami.

Ela se concentrou em Katsuo novamente. —Você mencionou técnicas mais sofisticadas?

—É possível imbuir uma arma de ki sem um ofuda, mas é mais difícil e requer muita prática.

—É melhor?

—É mais rápido.

Ela hesitou, mastigando o interior da bochecha. Rápido parecia bom. —Você poderia me mostrar?

—Eu acho que eu poderia...— Ele fez uma careta. —Eu posso te mostrar, mas leva anos de prática e, como ofuda, você não pode ter certeza de ter dominado a habilidade até usá-la contra um yokai.

—Gostaria de saber como. — disse ela, levantando-se. —Não estou chegando a lugar nenhum com esses livros.

Ele a seguiu para fora do armazém e para os escritórios, onde ela pegou seu arco cerimonial e meia dúzia de flechas. Ele a conduziu até as árvores cobertas de neve atrás do armazém e, após vários minutos de caminhada, a vegetação se abriu em uma pequena clareira que formou um círculo quase perfeito.

—Isso é bonito. — Ela comentou enquanto se dirigiam para o centro.

—Sim, eu encontrei na semana passada quando...

Seu pé prendeu em algo sob a neve e ela tropeçou. Ele agarrou brevemente o braço dela para firmá-la, depois puxou a mão ansiosamente.

—Não se preocupe com isso. — Disse ela antes que ele pudesse se desculpar.

—Desculpe. — disse ele timidamente. —Eu deveria ter te avisado. Há um antigo círculo feito de pedras sob a neve.

—Um círculo?

—Sim, para desenhar marugata. A borda da pedra torna-o mais poderoso. O antigo kannushi provavelmente o usava para cerimônias de purificação e outras coisas. — Ele sorriu para ela. —Se você quiser praticar, posso limpar para você.

—Vamos ficar com o arco por enquanto. — Ela disse secamente enquanto selecionava uma flecha e a encaixava frouxamente na corda do arco. Ela olhou para ele com expectativa.

Ele pigarreou. —Primeiro, para canalizar o ki, você precisa estar calma e centrada.

Cerimônias, orações, meditação, ela praticava exatamente o mesmo o tempo todo. Provavelmente mais do que ele. Mesmo com sua turbulência interna, ela poderia ficar bem por um curto período de tempo.

—O ki vem do seu centro. — ele continuou. —Seu coração, sua alma, não importa como você queira imaginar, o ki vem de dentro de você. Você precisa colocar seu ki em sua flecha da mesma forma que colocaria em um ofuda. Mas sua arma não tem o encantamento escrito para dar forma, então você precisa realmente se concentrar no que está tentando fazer.

Ela assentiu. Ela não teve nenhum problema em ativar seu ofuda, então talvez isso não fosse tão difícil.

—O encantamento para purificação é *shukusei no tama*. Pronunciar o encantamento antes de disparar ajudará a dar forma ao seu ki. Pronta para experimentar?

Inalando profundamente, ela ergueu o arco e puxou a penugem de volta para sua bochecha. Seus braços queimavam com o esforço de segurar o arco puxado, mas ela ignorou e se concentrou no nó em um tronco de árvore a quinze metros de distância. Purificação. Ela estreitou os olhos.

—Shukusei no tama! — Ela gritou e lançou a flecha.

Ele voou direto e atingiu o lado do nó. Não estava ruim, mas não há como saber se seu ki a havia impregnado.

—Devo sentir alguma coisa? — ela perguntou. —Algum sinal de que meu ki fez alguma coisa?

Ele encolheu os ombros. —Os sohei mais experientes dizem que podem sentir seu ki quando o usam, mas nunca senti nada de especial.

—Hmm. — Ela pegou outra flecha. — Shukusei no tama!

A segunda golpeou ao lado da primeira, um pouco mais perto do nó. Ela disparou todas as seis flechas, dobrando sua concentração em infundir as armas com seu ki. Katsuo as coletou e atirou com todas novamente, mas sua pontaria ficou mais desleixada à medida que seus braços se cansaram.

Ela disparou a última flecha e baixou o arco. —Acho que vai exigir mais prática.

—Bem, como ofuda, você não saberá com certeza até experimentar em um yokai.

—Como os sohei podem saber se estão fazendo certo então?

Ele pareceu surpreso. —Nós vamos caçar.

—Caçar?

—Existem muitas áreas com yokai local suficiente para que você possa encontrá-las se souber onde procurar. —Suas sobrancelhas se juntaram quando ele percebeu sua expressão horrorizada. —A purificação não mata o yokai médio; apenas os enfraquece e os afasta. Não há razão para os yokai ficarem perto de populações humanas. É melhor eliminá-los periodicamente antes que comecem a causar problemas.

Ela franziu os lábios. Yokai como oni e kappa não tinham nada que viver perto de humanos. Mas e quanto ao diminutivo e brilhante ayakashi? Eles eram inofensivos.

Ele bateu os dedos no punho da espada. —Tenho me perguntado se aquele kitsune ainda está por aí.

Sua cabeça se ergueu. —O que? Por quê?

—Os torii ofuda mostram sinais de que foram comprometidos.

Ela tentou não parecer em pânico. —Comprometidos?

Ele caminhou até a árvore e puxou as flechas. —Nada para se preocupar. Significa apenas que yokai tem andado por aí, como o ayakashi,

lembra? — Ele sorriu tranquilizador. —Os torii ofuda não permitem que eles entrem no terreno se tiverem más intenções, e Minoru e eu verificamos as fronteiras duas vezes por dia.

—Você acha que o kitsune comprometeu o torii ofuda? — ela perguntou enquanto ele lhe entregava as flechas. —Não acho que ele tenha ki impuro, não como o oni.

—Um yokai não precisa ser impuro para comprometer o ofuda. Ki de Yokai e ki de kami são inerentemente incompatíveis. Eles não podem coexistir no mesmo espaço.

—Oh. Acho que faz sentido. — Ela não sabia disso sobre ki de kami versus ki de yokai. Ela pensava que os yokai prejudicavam o ki kami puro porque eram, bem, maus. Mas ela era muito preconceituosa.

Ela agradeceu a Katsuo pela lição e, após pisar cuidadosamente sobre a linha de pedras escondidas na neve, vagou de volta para a casa, perdida em pensamentos sobre as diferenças entre kami e yokai. Um nascido dos céus, um nascido da terra; ambos os seres espirituais, ambos poderosos em ki; opostos por natureza e incompatíveis. Ela sempre pensou nos kami como seres do bem e yokai como seres das trevas e do mal, mas agora...

Abrindo a porta do quarto, ela fez malabarismos com o arco e as flechas em uma das mãos enquanto tirava o braço do haori. No meio do movimento, ela percebeu que tinha esquecido de devolver a arma ao escritório do santuário no caminho de volta.

—Espero que essas flechas não sejam para mim.

O arco e as flechas caíram de sua mão quando ela saltou para trás como um coelho assustado, contendo um grito.

Shiro estava encostado na parede oposta, um bolinho de arroz comido pela metade em uma das mãos. A sujeira manchava generosamente suas

roupas e uma mancha verde-escura cobria um ombro anteriormente branco de seu kosode. Respingos vermelho-acastanhados que pareciam suspeitosamente com sangue seco completavam a tapeçaria de cores.

—Você está imundo! — ela deixou escapar, encolhendo-se por tê-lo em seu quarto limpo e agradável naquela condição. Fechando a porta, ela tirou o haori e o jogou no armário. —O que você tem feito? Rolando na lama?

Ele deu de ombros e deu outra mordida no bolinho de arroz. —Yumei tem me mantido ocupado.

Ela o observou mastigar, então olhou da bola de arroz para o pequeno santuário ao lado dele. O pequeno prato de oferendas, onde ela havia deixado uma bola de arroz naquela manhã, estava vazio.

—Você está comendo a oferenda de Amaterasu? — Ela engasgou, horrorizada com sua grosseria.

Ele sorriu e colocou a última mordida em sua boca. —Ela não ia comer.

Rangendo os dentes, ela pegou o arco e as flechas e os colocou no canto. —Por que você continua aparecendo no meu quarto?

—Onde mais eu iria te encontrar? Eu deveria ter me juntado a você e seu sohei no armazém?

Ela decidiu não perguntar se ele a estava espionando. Ela não queria saber. —Este é o meu quarto. É inapropriado.

Um sorriso lento e preguiçoso curvou seus lábios enquanto seu olhar deslizava sobre ela. —Se é assim que você quer pensar nas minhas visitas, pequena miko, fico feliz em concordar com quaisquer pensamentos que estiverem em sua linda cabeça.

Suas bochechas aqueceram. Ela apertou a mandíbula novamente. —Você tem uma pista?

—Obviamente.

—Sério dessa vez?

—Sim, de verdade. Eu disse que voltaria quando tivesse uma pista, não disse? Yumei encontrou uma presença kami ativa em um santuário Izanami em um lugar chamado Kigiku.

Kigiku era uma cidade a cerca de sessenta quilômetros a sudoeste de Kiroibara, a menos de uma hora de carro. Ela torceu as mãos, o coração batendo forte nos ouvidos. Izanami, a outra mulher Amatsukami e Kami da Terra.

—Então ela está definitivamente aí? — Ela pressionou.

—Bem, é isso. — Ele esfregou inutilmente um respingo de lama em sua manga preta. —Yumei tem certeza que há um kami no santuário, mas não há como confirmar que é realmente Izanami, a não ser falar com ela, o que ele não fará. Isso é contigo.

—Mas deveria ser ela, certo? Por que um kami diferente estaria em seu santuário?

—Nossos pensamentos exatamente. Acho que é uma aposta segura. — Ele limpou as mãos. —Ele vai bisbilhotar um pouco mais, ou, bem, seus corvos vão, eu deveria dizer, para ter a maior certeza possível. Ele recomendou que fôssemos amanhã.

—Amanhã?

—Estou lhe dizendo agora para que você tenha tempo de descobrir como chegaremos lá.

—Eu? — Ela semicerrou os olhos para ele. —Eu pensei que nosso acordo era para você me levar para um Amatsukami, não o contrário.

—Eu poderia levá-la, mas meu caminho envolveria caminhar pelas montanhas. — Ele sorriu. —Já vimos como você lida bem com longas caminhadas.

Levaria o dia todo para caminhar até Kigiku e mais um dia para voltar. Ela teria que descobrir outra coisa.

—Você vem comigo de qualquer maneira? — Ela perguntou.

—Essa é a nossa barganha.

—E Yumei?

—Não é provável. Fazer qualquer coisa por um humano o deixa de mau humor.

Ela balançou a cabeça em um aceno ausente, sua mente já girando. Havia trens e ônibus que iam de Kiroibara, a cidade ao sul do santuário, para Kigiku, mas o transporte público exigia dinheiro. Ela nunca teve dinheiro para gastar. As necessidades de um kamigakari eram atendidas inteiramente pelos santuários. Ela considerou suas opções. Roubar estava muito baixo em sua lista.

Ela quase esqueceu que Shiro estava lá até que sua mandíbula se quebrou em um grande bocejo. Ela se concentrou nele, deixando de lado todo o resto. — Por que você está tão sujo?

—Eu te disse, Yumei tem me mantido ocupado.

—Fazendo o que?

—Gerenciar algumas centenas de corvos na caça a um Amatsukami requer muito foco, então ele me fez cuidar da questão oni. — Ele sorriu, mostrando seus caninos pontudos. —Tenho reeducado a tribo sobre o seu devido lugar no mundo.

Ela olhou para seu estado lamentável. —Parece que eles podem ter lhe ensinado uma lição ou duas no processo.

Ele acenou com a mão. —Fui superado em número algumas vezes, só isso.

—Você estava em menor número quando eu estava com você.

—Realmente em menor número.

—Entendo. E quando foi a última vez que você comeu?

—Agora mesmo?

—Antes disso.

Ele encolheu os ombros.

—E a última vez que você dormiu?

Outro encolher de ombros.

Três dias se passaram desde que ela o viu pela última vez, e ela se perguntou se ele tinha comido ou dormido durante todo esse tempo. Yokais podiam não ter corpos mortais que precisassem de cuidados diligentes como os humanos, mas ela tinha certeza de que eles ainda precisavam das necessidades básicas.

—Você não sabe como cuidar de si mesmo? — Ela não esperou por uma resposta e gesticulou para que ele a seguisse. —Venha comigo.

Suas sobrancelhas se ergueram, mas ele empurrou a parede e cruzou o quarto em sua direção enquanto ela deslizava a porta aberta e espiava pelo corredor. Com Ishida e outro kannushi importante visitando em alguns dias, Fujimoto e Nanako estavam em uma farra de limpeza extrema no santuário; a casa estava vazia e ficaria por mais algumas horas. Ela deveria estar meditando, orando e refletindo sobre seu mau comportamento no início da semana, não que eles tivessem ideia de como ela tinha sido desobediente.

Ela o conduziu pelo corredor e abriu a porta. Shiro olhou por cima do ombro para o banheiro.

—Lave bem antes de entrar no banho. — ela instruiu, apontando para o chuveiro de mão na parede ao lado da banheira. —E me dê seu kosode. Posso lavá-lo com meu quimono. Você está preso ao seu hakama porque não tenho nada preto para lavar com ele e não tenho tempo para fazer duas cargas.

Ele olhou para ela, sem palavras pela primeira vez. Ela deu a ele um olhar de expectativa.

—Eu posso cuidar de mim mesmo sem a sua ajuda. — ele disse friamente. —Eu não preciso disso.

Ela bufou, já considerando como ela tiraria as manchas de sangue do tecido branco. —Não estou lhe oferecendo um banho por pena, Shiro. É muito para mim. Não quero passar o dia todo amanhã com você assim.

Quando ele não respondeu, ela olhou para cima. Sua expressão dura enviou uma onda de surpresa por ela. A raiva brilhava em seu olhar, raiva e... suspeita? Ela quase perguntou do que ele estava desconfiado quando se lembrou de seu comentário sobre não confiar na boa vontade dos humanos. Ele estava tentando descobrir qual era o problema, se ela estava zombando dele, enganando-o, manipulando-o...

—Eu sei que você não precisa da minha ajuda. — ela disse calmamente. —Eu não precisava que você me carregasse para casa também, mas eu deixei porque era mais fácil. Isso também é mais fácil. Por favor aceite.

Ele ficou no corredor, a mandíbula flexionada e as orelhas voltadas para trás enquanto examinava o rosto dela. Suspirando, ele passou por ela e entrou no banheiro e tirou o kosode do hakama. Quando ele deu de ombros, ele escorregou por suas costas, revelando sulcos vermelhos e raivosos que marcavam a parte de trás de seu braço esquerdo e ombro, sua pele manchada de sangue velho.

—O que aconteceu? — Ela engasgou, alcançando seu ombro.

Ele se afastou de sua mão. —É só um arranhão.

—Não foi limpo. Precisa...

—Não é nada.

Ela congelou em seu tom gelado, sua voz mergulhando perigosamente perto do sussurro ameaçador da primeira noite em que se conheceram.

—Tudo bem. — Ela retrucou, arrancando seu kosode de sua mão. Ela saiu do banheiro e fechou a porta deslizante com um pouco mais de força do que o necessário.

Resmungando baixinho, ela voltou para seu quarto para pegar sua própria roupa branca, incluindo o haori e quimono totalmente manchado que ela usou durante seu encontro com Yumei. A irritação aguçou seus movimentos. Ele não precisava ser tão rude, tão áspero. Ela estava apenas se oferecendo para ajudar. Ele não queria, não gostava de estar em dívida com um humano. Ele não confiava que sua bondade não tivesse nenhum compromisso. Ele provavelmente atacou porque estava se sentindo na defensiva.

Ela marchou para o lado oposto da casa. Na lavanderia, ela passou vários minutos tratando todas as manchas antes de carregar a máquina de lavar. Kamigakari normalmente não lavava suas próprias roupas, mas ela aprendeu isso um ano atrás, depois que a velha miko do minúsculo santuário onde ela morava machucou suas costas e precisou de ajuda extra. Assim que a roupa foi lavada, ela invadiu a cozinha para pegar as sobras do dia anterior. Com uma tigela de guisado de carne e batatas que Nanako não ficaria feliz em descobrir que faltava e um par de pauzinhos na mão, ela voltou para seu quarto.

Para sua surpresa, Shiro já estava lá. Ele estava sentado embaixo da janela, a cabeça encostada na parede e o cabelo despenteado por ter sido seco com a toalha. Seus olhos se abriram com o som da porta, fendas de rubi virando preguiçosamente em sua direção.

Seus pés enraizaram-se no chão, recusando-se a se mover quando um estranho calor a invadiu. Seu ombro ferido a distraiu antes, mas desta vez seria necessário um meteoro atingir a casa para desviar sua atenção de seu torso sem camisa. Ela não sabia que o corpo masculino poderia parecer tão... tão perfeito. A maneira como os músculos de seus ombros transitavam suavemente para as curvas de seus bíceps. O mergulho sombreado entre suas clavículas. A extensão plana de seu peito acima de seu abdômen liso e magro. Os laços escuros de seu hakama enrolados em volta de seus quadris, um contraste marcante com sua pele clara.

Ela engoliu em seco, respirou fundo e arrastou o olhar para o rosto dele. Um sorriso malicioso e torto ergueu um canto de sua boca. Suas bochechas queimaram mais quentes.

—Eu... — Isso saiu em um guincho. Ela engoliu novamente, com mais força. —Eu trouxe algo para você comer.

Seu olhar se voltou para o prato em suas mãos. Ela se forçou a se mover. Cada passo mais perto dele parecia aumentar a temperatura no quarto. Esticando os braços ao máximo, ela estendeu a tigela para ele.

A diversão brilhou em seus olhos quando ele alcançou o prato. Os dedos dele roçaram sua mão e um formigamento quente percorreu seu braço. Ela recuou, deixando cair a tigela como se estivesse pegando fogo. Ele a pegou, mas os hashis caíram em seu colo.

Ela recuou em direção à porta o mais rápido que pôde, sem correr. — Eu... eu preciso verificar a roupa lavada.

Mergulhando no corredor, ela fechou a porta e saiu correndo de seu quarto, respirando com dificuldade. O que havia de errado com ela? Ele ficava bem sem camisa. Sua reação foi ridícula. Absolutamente ridícula. Ela se retirou para a lavanderia e acabou andando de um lado para o outro, resmungando

severamente para si mesma. Sua falta de exposição a homens atraentes no passado a fez reagir exageradamente à nudez parcial de Shiro. Ela tinha visto homens sem camisa antes... em capas de revistas... ou à distância. Não a alguns metros de distância. Não em seu quarto. Não homens sem camisa que a tocaram, carregaram, salvaram sua vida.

Mas ele também a enganou. Yokai. Ele era um yokai.

Quando teve certeza de que estava no controle e não faria papel de boba novamente, ela voltou para o corredor fora de seu quarto. Ela parou na frente da porta, respirou fundo novamente e a abriu.

Shiro estava exatamente onde ela o havia deixado. A tigela vazia e os hashis estavam ao lado dele, seu conteúdo já devorado. Sua cabeça descansava contra a parede mais uma vez, mas desta vez ele não abriu os olhos. Agora que seu cérebro estava funcionando, ela notou que as feridas que quase o mataram quando se encontraram pela primeira vez haviam se transformado em marcas vermelhas que logo desapareceriam, e os novos ferimentos já estavam curando.

Ela deu um passo hesitante para o quarto. —Shiro?

Sua orelha esquerda se contraiu em direção a ela, mas por outro lado, ele não reagiu.

Ela se aproximou. Ele estava brincando com ela? —Shiro?

Seus olhos não abriram. Ele estava dormindo.

Ela colocou as mãos nos quadris, considerando-o. Ela deveria acordá-lo e mandá-lo embora? Ela não podia deixá-lo aqui, dormindo. Se Fujimoto ou Nanako aparecessem, eles o descobririam. Ela deveria chutá-lo para fora e deixá-lo dormir em outro lugar. Mas onde? E se ele fosse embora, ele realmente dormiria ou voltaria para caçar oni sob o comando de Yumei?

Seu kosode ainda estava lavando. Ela não poderia mandá-lo embora sem ele. Assentindo para si mesma, ela passou por ele na ponta dos pés até sua mesa e se sentou. Sim, ela o deixaria dormir até que seu kosode estivesse fora da lavagem. Ela precisava secar também. Isso levaria mais uma hora. Ele poderia dormir um pouco até então.

Ela pegou um dos livros que pegou emprestado do antigo depósito e começou a ler uma história do kamigakari que ela esperava poder fornecer mais pistas sobre a precisão do manual do kannushi. Suas mãos apertaram o livro. Se tudo corresse bem amanhã, ela não precisaria fazer mais pesquisas; Izanami diria a ela o que estava por vir no solstício. E se tudo fosse verdade? Emi poderia aceitar seu destino e esperar por sua morte inevitável? Ou ela imploraria a kami para poupar sua vida? Ela poderia fazer isso? Apesar das mentiras que a levaram a este tempo e lugar, ela poderia virar as costas ao dever e à honra?

Não querendo pensar sobre isso, ela olhou por cima do ombro para Shiro. Depois de observá-lo por um momento, com o rosto suave e tranquilo no sono, ela virou a cadeira para poder vê-lo com mais facilidade. Esta era uma boa oportunidade para se dessensibilizar à visão e proximidade de um homem parcialmente despido. Ela só precisava se acostumar com isso, só isso. Ela não estava olhando para ele por qualquer outro motivo.

Repetindo isso para si mesma, ela voltou sua atenção para o livro e tentou não olhar para cima com mais freqüência do que a cada parágrafo ou dois.

Capítulo Quatorze

Trocando o peso de um pé para o outro, Emi fez o possível para não parecer culpada.

Ela estava no meio de um grupo de adoradores misturados ao redor do pátio do santuário. As tardes de sábado trouxeram uma pequena corrida de moradores da cidade visitando o santuário. Alguns vieram para orar e outros para desfrutar de um passeio social. As crianças brincavam de pega-pega, entrando e saindo de grupos de adultos, e um grupo de jovens adolescentes estavam sentados no banco sob a árvore sagrada, comparando algum tipo de cartão colecionável.

Emi vagou entre os habitantes da cidade, misturando-se tanto quanto podia. Seu cabelo comprido estava preso no menor coque que ela conseguia, e ela usava uma touca de tricô cinza por cima. Combinava com a neve suave caindo do céu nublado, embora a temperatura fosse bastante quente e os flocos de neve derretessem nas pedras sob seus pés.

Ela abandonou o quimono e o hakama por uma roupa ligeiramente incompatível composta por xadrez, saia plissada de seu antigo uniforme escolar, uma blusa branca simples, o logotipo da escola cuidadosamente removido na noite anterior, e um lenço em volta do pescoço e ombros. Foi o melhor que ela pôde fazer; além de seus uniformes escolares, os santuários nunca lhe forneceram roupas modernas. Debaixo de um braço, ela carregava

uma sacola de tecido enorme. As alças cortaram seu ombro, mas ela tentou não mostrar nenhum sinal de desconforto.

A tarde estava terminando e a cada minuto que passava, ela ficava mais nervosa. Ela havia enviado Katsuo em uma missão inventada e Fujimoto estava em seu escritório, mas Nanako estava obedientemente cumprimentando e ajudando os visitantes do santuário. Ela ficou ao lado do torii, curvando-se para as pessoas que iam e vinham. Emi mordeu o lábio. Tudo que ela precisava era de um grande grupo para sair para que ela pudesse escapar com eles e evitar Nanako. Por que ninguém ia embora?

Ela empurrou a sacola até o ombro, sacudindo-a um pouco por causa dos nervos. Ele tilintou ruidosamente e um rosnado baixo retumbou dele.

—Fique quieto. — Ela sibilou, então olhou em volta alarmada, esperando que ninguém a tivesse notado falando com sua sacola.

Abrindo um pouco, ela olhou para dentro. Uma bolsa de pano continha uma variedade de pequenas moedas que ela roubou da caixa de doações do santuário na noite anterior. Ela teria se sentido culpada por roubar de Fujimoto ou Nanako, mas roubar de Amaterasu ela poderia sobreviver. Sua kami devia a ela pelo menos isso.

Na sacola com o dinheiro mal recebido, a raposa branca olhou para ela com olhos de rubi, as orelhas pregadas na cabeça.

—Você me disse para descobrir como chegar lá. — ela sussurrou, tentando não mover os lábios. —Pare de reclamar só porque você não gosta.

Ele rosnou novamente. Ela casualmente fechou a parte de cima da sacola com o cotovelo para que ninguém percebesse inadvertidamente que ela estava carregando uma raposa em sua sacola de compras. Ela poderia ter pego Shiro fora do terreno do santuário, mas de qualquer maneira, ela precisava contrabandear ele para o trem e isso era mais fácil.

Ela olhou para o torii. Nanako ainda estava lá. Quando ela franziu a testa na direção da miko, um rosto familiar passou. Emi se endireitou, sua cabeça girando.

—Miyako?

A garota se virou, seu rabo de cavalo balançando. Por um momento, ela pareceu confusa, então seu rosto se iluminou.

—Emi! Eu não te reconheci por um segundo lá. Você tem hoje de folga?

—Eu, sim, é meu dia de folga.

—Impressionante! Você está indo para a cidade? Eu já fiz a oração. — Ela fez uma careta. —Não tenho certeza se estou fazendo certo. De qualquer forma, quer companhia?

—Oh. Sim, sim, isso seria ótimo.

Enquanto ela falava, uma grande família estendida, incluindo as crianças indisciplinadas que estavam brincando de pega-pega, se dirigiu para o torii. Emi olhou em volta freneticamente, agarrou a mão de Miyako e puxou-a atrás da família.

—Vamos lá! — Ela sorriu, esperando que não parecesse forçado.

O grupo barulhento se comprimiu para caber no torii, os adultos sorrindo e se curvando para Nanako. Emi abaixou a cabeça, colocando Miyako entre ela e Nanako. Eles passaram pelo torii com breves reverências enquanto Nanako saudava amigavelmente outra família. Só quando Emi chegou ao fim da escada ela relaxou.

—Você já foi para a cidade? — Miyako perguntou.

—Ainda não.

—Eu posso te levar em um passeio! Não há muito para ver, mas você também pode ver de qualquer maneira, certo?

Emi ergueu os olhos nervosamente enquanto elas passavam sob o segundo torii. Ela estava fora do terreno do santuário mais uma vez, mas com um grande grupo de humanos tagarelas à sua frente, ela não estava muito preocupada com os yokai.

—É muito gentil da sua parte. — respondeu Emi. —Na verdade, eu preciso visitar Kigiku hoje. Você se importaria de me mostrar a estação de trem?

—Não acho que haja trens para Kigiku nos fins de semana. — Miyako pegou seu celular, perdendo a expressão aflita de Emi. Seus dedos dançaram sobre a tela brilhante. —Vamos ver... não, não há trens, mas há um ônibus. Parte em meia hora.

—Oh, um ônibus! — Ela deu um suspiro de alívio. —Isso vai funcionar.

—Posso mostrar-lhe a estação, com uma condição! — Ela ergueu um dedo dramaticamente.

Emi piscou. —Qual condição?

—Eu também quero ir! — Ela sorriu. —Kigiku tem minha loja de música favorita. Faz semanas que pretendo ir, mas não queria ir sozinha e nenhuma das minhas amigas queria perder uma tarde inteira na viagem.

—Oh. Hum. Eu ia encontrar alguns, alguns parentes, então não voltarei esta noite.

—Isso é bom. Posso pegar o ônibus de volta depois do jantar.

—Eu... — Ela não conseguia encontrar um bom motivo para impedir Miyako de vir junto. Para ser honesta, ela estava mais do que um pouco nervosa para pegar o ônibus para uma cidade desconhecida sozinha. Bem, ela e Shiro, mas ele realmente não contava. —Isso parece ótimo.

Miyako sorriu e lançou-se em uma descrição detalhada da guitarra que ela estava economizando desde seu aniversário. Ela ainda não tinha dinheiro para comprá-la, mas queria visitar a loja e admirar um pouco mais.

Enquanto falava, Emi acenou com a cabeça, seu estômago revirando com uma nova onda de apreensão. Ela escapou do santuário, mas agora ela estava muito mais perto de encontrar Izanami e descobrir a verdade de uma vez por todas.

Situada entre um par de montanhas, a cidade de Kiroibara era uma pequena comunidade de cerca de cinco mil pessoas. Tinha duas estradas principais, e Emi e Miyako tiveram que caminhar pela maior parte da cidade para chegar à estação de ônibus. Miyako preencheu o silêncio com conversas alegres, apontando as casas de pessoas que ela conhecia e outros pontos de referência. Casas pequenas e um pouco maltrapilhas alinhavam-se nas ruas tranquilas, mas, apesar da aparência desgastada de suas casas, os proprietários mantinham as ruas escrupulosamente livres de neve.

Pegar o ônibus foi algo simples, embora Emi se envergonhasse de pagar a passagem com um punhado de moedas. No ônibus, Miyako liderou o caminho até o banco comprido bem no fundo. Poucos minutos depois, o ônibus entrou em movimento, o motor roncando alto. Meia dúzia de outros passageiros olhavam pela janela ou olhavam roboticamente para seus telefones.

—Ufa. — Miyako comentou, afundando em seu banco e esticando as pernas calçadas com calça e bota. —Quase perdemos isso.

—Sim, isso foi perto. — Emi colocou sua sacola suavemente no banco ao lado dela, resistindo à vontade de verificar Shiro. Ela se inclinou para trás, tentando ficar confortável. —Como foram as coisas com aquele garoto... Yasu?

—Hmm? Oh, ele chamou minha amiga em vez disso. — Ela deu um suspiro. —Tanto faz. Se ele não estiver interessado, não vou persegui-lo.

—Oh. — disse Emi, sem saber como responder. —Você, uh, não precisa de um cara assim. — Era esse o tipo certo de resposta?

Um bufo baixo, quase absorvido pelo som do ônibus, veio de sua bolsa.

—Definitivamente não. — Miyako se sentou. —Eu realmente pensei que ele gostava de mim. Você sabe como um cara olha nos seus olhos quando está falando com você, mesmo quando o que ele está dizendo não é tão sério?

—Hum. — Ela sabe? Ela supôs que Katsuo às vezes fazia isso. Será que... Katsuo gostava dela desse jeito? Ela assumiu que sua atenção era uma combinação de ele ansiosamente cumprindo seus deveres sohei e sua bondade natural.

—Yasu estava sempre fazendo isso. Acho que estava lendo muito sobre isso. — Ela afastou o cabelo do rosto. —Não vamos falar de caras. Como você gostou da sua primeira semana aqui?

—Tem sido muito bom. — Emi mentiu. —As montanhas são lindas e...

O motorista do ônibus pisou no freio. Miyako e Emi cambalearam para frente e, antes que Emi pudesse pegá-la, sua sacola tombou do assento, e Shiro tombou no chão do ônibus com um grito assustado. Emi congelou.

Miyako engasgou. Quando o motorista do ônibus gritou um pedido de desculpas pela parada repentina, vários outros passageiros olharam ao redor em busca da origem do som de ganido. Suas bocas se abriram. Emi se encolheu, sem muito entusiasmo se abaixando para Shiro.

—Oh meu Deus! — Todo o rosto de Miyako se iluminou. —Esse é *o* cachorro mais fofo que eu já vi!

Emi congelou novamente. Cachorro? Ele ainda parecia muito com uma raposa de olhos de rubi para ela.

—Oh, que fofinha! Ela é amigável? — Miyako saltou e pegou Shiro em seus braços, apertando-o contra seu peito. —Oh, você não é adorável? Oh, tão adorável, sim, você é.

Ela caiu de volta em seu assento ao lado de Emi, segurando a raposa com força. Shiro olhou para Emi, orelhas achatadas contra sua cabeça. Ela olhou para ele desamparadamente.

—Qual é o nome dela? — Miyako perguntou, acariciando sua cabeça. — Ela é tãão fofa!

—Hum, na verdade, ele é um menino...

—Aww, um cachorrinho menino? Qual é o nome dele então?

—Shiro. — ela disse fracamente. —Ele é, hum, ele é um pouco tímido. Talvez eu deva…?

Quando ela alcançou Shiro, ela temeu que Miyako não o abandonasse. Mas a garota fez beicinho de uma forma alegre e deixou Emi puxá-lo de seu colo.

—Que raça ele é? — Perguntou um homem de meia-idade alguns assentos à frente deles, virando-se para observá-las enquanto o ônibus ganhava velocidade, deixando a cidade para trás. —Nunca vi um cachorro assim.

—Ele é um... uma raça mista. Não tenho certeza. — Ela puxou a sacola diretamente.

—Oh, você não precisa escondê-lo. — disse o passageiro com um sorriso educado. —O motorista não vai se importar. Você não se importa, não é, Takahashi? — Ele informou a extensão do ônibus.

—Animais não são permitidos! — Gritou o motorista por cima do som do motor. —Mas contanto que se comporte...

—Hum. — Emi murmurou. —Obrigada…

Shiro saiu de seus braços e pulou no assento ao lado dela. Ele se sentou com seu lado pressionado contra o dela e observou os outros passageiros, suas orelhas alternando entre girar rapidamente e achatar contra sua cabeça em desgosto. A cada momento ou dois, ele a encarava.

Enquanto Miyako e o passageiro de meia-idade falavam sobre suas raças de cães favoritas, Emi recostou-se no assento, tentando relaxar. Pelo menos ninguém havia reconhecido Shiro como um yokai, ou mesmo como uma raposa. Ou eles não sabiam como era uma raposa, ou ele não parecia o mesmo para eles como parecia para ela. Para ela, kami e yokai eram mais reais do que os programas populares de televisão de que todos falavam. Mas para a pessoa comum, kamis eram apenas os nomes atribuídos aos santuários onde ocasionalmente oravam, e yokais eram mitos e contos de um tempo muito antigo.

À medida que o cenário do lado de fora das janelas do ônibus mudava de terras agrícolas para montanhas com florestas, Emi mordeu o lábio com tensão crescente. De jeito nenhum sua ausência do santuário passaria despercebida desta vez. Ela havia deixado um bilhete em seu quarto explicando que tinha algo importante para fazer e voltaria o mais rápido possível, mas Fujimoto e Nanako, para não mencionar Katsuo e Minoru, estariam todos furiosos com ela. E com Ishida chegando para ver como ela estava amanhã...

Miyako esticou os braços sobre a cabeça e bocejou antes de se virar para Emi. —Eu falei demais sobre minha obsessão por guitarra. E você? O que você faz para se divertir quando não está fazendo coisas de miko?

O coração de Emi afundou. —Eu... eu realmente não faço muito.

Miyako piscou confusa. —Você não tem nenhum passatempo? Em absoluto?

—Os santuários monopolizaram meu tempo desde que eu era bem jovem. — Disse Emi, escolhendo as palavras com cuidado. Shiro sentou-se ao lado dela, olhando para as montanhas que passavam com óbvio tédio, mas uma de suas orelhas estava voltada para ela.

—Mas você tem dias de folga, como hoje. — Miyako protestou. —Você deve fazer alguma coisa.

—Eu normalmente apenas pratico... — Ela parou, suas bochechas corando de vergonha. No passado, sua rejeição a qualquer coisa que pudesse prejudicar sua dedicação como kamigakari era motivo de orgulho. Agora ela se sentia sem noção e protegida.

Miyako ajeitou a bolsa no ombro. —Eu não sabia que ser uma miko era tão...

—Normalmente não é. — admitiu Emi. —Mas minha família tem fortes ligações com os santuários, então minha educação foi bem diferente.

Não era uma mentira total, mas ela definitivamente estava manipulando a verdade para esconder certos fatos perigosos de Shiro.

—Bem, agora é sua chance de expandir seus horizontes. — Miyako disse com um sorriso. —Em quê você está interessada?

—Eu não sei.

Miyako franziu o rosto em pensamento. —Como você gosta de passar o seu tempo? Dentro de casa ou ao ar livre? Alto ou baixo? Aventura ou relaxamento?

—Eu... eu não tenho certeza. — Ela teria dito calmamente relaxando dentro de casa, mas apenas porque era tudo o que ela estava familiarizada. — Acho que gosto do ar livre.

Shiro bufou baixinho, discordando claramente.

—Há muito que você pode fazer então! — Miyako disse, parecendo aliviada ao saber que Emi tinha pelo menos uma opinião sobre seus possíveis interesses. —Kiroibara tem belos parques com trilhas para caminhada e ciclismo, e conheço algumas pessoas que fazem parte de um grupo de caminhada. Um amigo meu faz observação de pássaros e passeios a cavalo são populares. Ah, e pescar também. Você já tentou pescar? Não é minha praia, mas meu irmão adora.

Emi lutou para controlar sua expressão enquanto dizia fracamente: — Todos parecem adoráveis.

Trilhas para caminhada, clubes de caminhada e ciclismo, ela nem sabia andar de bicicleta. Ela nunca tinha tentado pescar antes. Todas essas coisas simples que ela nunca experimentou em sua vida. A dor atingiu seu peito. Como ela deu por certo por tanto tempo todas as coisas que estava perdendo como a kamigakari? Tantos prazeres simples que ela nunca teria a chance de desfrutar. Ela nem mesmo tinha a liberdade de andar fora do terreno do santuário.

Ela se afastou de Miyako, puxando a bainha da saia sobre os joelhos. Tanta coisa que ela nunca experimentou, mas mais do que isso, as perguntas de Miyako iluminaram sua própria desconexão interior. Emi reclamou para si mesma que ninguém a tratou como uma pessoa, apenas como uma kamigakari, mas ela não percebeu que era tão culpada quanto eles pelo mesmo descuido. Ela se moldou no papel de kamigakari tão profundamente, tão completamente, que agora estava descobrindo algo horrível: ela não sabia quem ela era.

Emi, a Kamigakari, era uma pessoa que ela conhecia bem, mas Emi, a Garota, era uma total estranha. O que Emi a garota gostava? O que Emi, a

garota, queria fazer? Quais eram seus interesses e paixões? Com o que ela se preocupa?

Ela não tinha ideia. A preferência mais específica que ela poderia propor era o ar livre. Quão patético era isso? Talvez ela não perdesse tanto quando Amaterasu tomasse seu corpo; ela havia muito se posto de lado para se tornar a kamigakari.

Elas desceram do ônibus no centro de Kigiku, cercadas por edifícios de escritórios altos e calçadas largas. Embora menor, Kigiku a lembrava de Shion, a cidade onde ela passou seus primeiros sete anos como kamigakari. As cidades tinham um excesso de energia que ela ficou surpresa ao perceber que havia perdido. O tráfego aumentou, aumentando o ruído constante, e a agitação das pessoas nas calçadas criava uma colagem de cores sempre em movimento contra o pano de fundo de placas brilhantes e fachadas de lojas.

Miyako abriu o caminho com confiança. Depois de mais suspiros, arrulhos e vários comentários preocupados de outros pedestres dizendo que Emi realmente deveria ter seu cachorro na coleira, ela enfiou Shiro de volta em sua sacola e o carregou. Os olhos de Emi saltaram de um transeunte para outro, trabalhadores de escritório, os homens em ternos justos e as mulheres com saias justas e sapatos de salto alto; alunos, seus uniformes combinando em contraste com seus estilos de cabelo e cores às vezes muito variados; mães com filhos pequenos, correndo de uma tarefa para a outra. Com cada pessoa, ela se perguntava como era sua vida, o que os preocupava, o que os encantava. Como era um mundo sem kami, yokai e kamigakari?

A loja de música ficava situada entre um café e uma sapataria. Miyako arrastou Emi para cima e para baixo nas fileiras de instrumentos antes de levá-la a uma extensa parede de guitarras na parte de trás. Ela apontou para uma

guitarra elétrica fina com detalhes em prata brilhante e um corpo vermelho que escurecia quase até o preto nas bordas.

—Não é linda? — a garota jorrou. —Se minha tia me pagar para pintar sua sala no mês que vem e minha mãe me der dinheiro como presente de Natal, poderei comprá-la em janeiro e, finalmente, substituir meu modelo iniciante.

Emi examinou o instrumento, admirando o grão da madeira sob o rico verniz vermelho brilhante. —É adoravel.

—Espere até ouvir! É incrível. Os tons são, ah, tão bons. Muito melhor do que a que tenho agora. É uma ótima guitarra para iniciantes, mas...

Enquanto Miyako se entregava a uma comparação técnica dos dois instrumentos, Emi se esforçou para conter o sorriso. Ela nunca ouviria a nova guitarra de Miyako porque em janeiro ela teria partido, com uma kami vivendo em sua carne ao invés. Amaterasu usaria seus ouvidos para ouvir belas músicas? Ela provaria uma comida deliciosa e sentiria o calor suave do sol da manhã em sua pele humana? Amaterasu apreciaria qualquer um dos pequenos momentos especiais que Emi perderia ou as coisas que ela nunca teve a chance de experimentar? Ou Amaterasu estaria muito ocupada com seus deveres de Amatsukami para pensar em coisas mortais idiotas como essa?

Quando Miyako sugeriu que fossem ao café ao lado para jantar mais cedo, Emi corou de um vermelho vivo e admitiu que não tinha dinheiro suficiente. E ainda assim, de alguma forma, elas acabaram sentadas em uma pequena mesa com menus à sua frente. Miyako insistiu em tratá-la, ignorou sua recusa e a arrastou para dentro. Os protestos de Emi para que Miyako economizasse seu dinheiro para o fundo de guitarra caíram em ouvidos surdos e ela acabou desistindo.

Emi fez o possível para manter o rosto alegre, não querendo que Miyako pensasse que ela era ingrata. Comer em um restaurante era algo que ela não

fazia desde criança, desde antes de Amaterasu marcá-la. Ela hesitou por um longo tempo no menu, considerando as opções seguras que eram semelhantes à sua dieta kamigakari antes de escolher um hambúrguer ao estilo ocidental. Uma refeição fora de suas restrições usuais não a machucaria, ela tinha certeza de qualquer maneira, então por que não tentar, só para saber como era?

Quando a comida chegou, Emi levou um minuto para inspecionar sua refeição e inalar os aromas. Pegá-la nas mãos foi a coisa mais estranha, e Miyako caiu na gargalhada ao ver a expressão no rosto de Emi enquanto ela tentava graciosamente dar sua primeira mordida. A outra garota terminou de comer bem antes de Emi, mas Miyako encheu o silêncio com uma conversa feliz enquanto ela não tão sutilmente roubava algumas sobras de seu prato debaixo da mesa para Shiro.

O dever e a honra exigiam que Emi cumprisse seu destino como kamigakari, independentemente do custo pessoal para ela, independentemente das mentiras e enganos. Mas enquanto ela mastigava lentamente cada pequena mordida, saboreando cada novo sabor que tocava sua língua, ela esperou mais do que antes que qualquer verdade que Izanami tivesse dado a ela aliviasse o peso esmagador da perda de sua alma.

A escuridão tinha caído sobre a cidade de Kigiku uma hora atrás. Emi desceu a rua, Shiro trotando ao lado dela em sua forma de raposa. A cidade do vale havia escapado da neve que caía sobre Kiroibara e o Santuário Shirayuri,

e as folhas de outono espalharam o pó nas ruas secas. Em intervalos regulares, os postes iluminavam a calçada com um brilho quente e reconfortante.

Ela se perguntou ansiosamente se eles estavam indo no caminho certo. Ela não pedira direções a Miyako quando se separaram após o jantar, com muito medo de que a garota decidisse ir com ela, mas os pedestres aleatórios que ela consultou a haviam indicado na direção certa.

—Não deveríamos estar lá agora? — Ela murmurou.

As orelhas de Shiro se voltaram para ela, mas ele não diminuiu a velocidade. Os nervos se torceram em sua barriga, tão insuportáveis que ela estava quase pronta para gritar de tensão. Apesar de suas incontáveis orações para Amaterasu, ela nunca havia falado com um kami antes. Ela nunca tinha visto um kami em carne e osso.

—*Caw*.

Emi ergueu os olhos. Saindo da escuridão, um corvo pousou no poste mais próximo e inclinou a cabeça. Ela franziu o cenho. Yumei estava usando seus corvos para assistir sua jornada? Ela apressou seus passos, deixando o corvo para trás, pelo menos até ele decolar novamente e voar acima. Ele pousou a um quarteirão de distância e esperou.

Do outro lado do poste onde o corvo estava empoleirado, quatro enormes torii vermelhos, um atrás do outro, marcavam o terreno do santuário. Além deles, incontáveis degraus subiam, subindo uma colina através de um parque densamente arborizado. Luminárias de pedra em postes esculpidos iluminavam o caminho.

A luz bruxuleante brilhava intensamente em sua visão periférica. Shiro completou sua transformação e encolheu os ombros como se seus músculos estivessem rígidos.

—O que você está fazendo? — ela assobiou. —Alguém vai ver você!

—Os humanos só veem o que esperam ver. — disse ele com desdém. — É por isso que eles viram um cachorro e não uma raposa no ônibus. Você vê o que eu sou porque seus olhos estão abertos para o plano espiritual.

—Mas...— Ela olhou em volta com cautela, mas a rua tranquila estava deserta. De qualquer maneira, ela não via sentido em permanecer ao ar livre. Ela se aproximou do primeiro torii e se curvou profundamente antes de caminhar sob ele. O poder quente subiu por seus sapatos e formigou em suas pernas. Ela olhou ansiosamente para os pés, perguntando-se se isso era normal. Talvez fosse a diferença entre um santuário com os kami presentes em vez de ausentes.

À medida que a onda de poder desaparecia, outra onda surgiu atrás dela, desta vez vindo de dentro dela. O poder quente pulsou em seu peito, soando por ela como uma campainha de alarme. Urgência e advertência soaram em sua cabeça. Ela pressionou a mão na testa enquanto sua frequência cardíaca disparava. O medo repentino que ela sentiu... não era dela. Parecia o aviso estranho que Amaterasu deu a ela quando ela orou em sua primeira noite no Santuário Shirayuri. Amaterasu estava tentando avisá-la sobre algo?

Ou Amaterasu estava tentando assustá-la para que voltasse? Talvez Amaterasu não quisesse que ela soubesse a verdade. Severamente, ela começou a subir os degraus. Shiro a seguiu, com os pés silenciosos na pedra.

—Como os humanos suportam o cheiro? — Ele resmungou.

Olhando para trás, ela o viu olhando ao redor com o nariz enrugado. — Que cheiro?

—A fumaça do motor, produtos químicos e lixo. Posso sentir o cheiro até nas árvores. As cidades humanas são sujas.

Ela ergueu uma sobrancelha enquanto continuava subindo os degraus. —Não achei que yokais gostassem de cidades.

—Geralmente não. Alguns dos parques maiores não são tão ruins. Yokais que gostam de presas fáceis gostam de visitar com frequência. — Ele sorriu para ela, mais para mostrar seus dentes pontiagudos do que para expressar diversão. —Os humanos não se aventuram na selva com a frequência que costumavam fazer, então yokai famintos vão até eles.

Ela não deixou seu desgosto transparecer, não querendo dar a ele a satisfação de obter uma reação dela. —Você come humanos com frequência?

Antes que Shiro pudesse responder, outra pessoa respondeu.

—Apenas os mais humildes de nossa espécie consomem carne humana. — A voz suave e sem inflexão saiu da escuridão.

Ela parou e olhou em volta. Yumei saiu das sombras para os degraus acima dela, seu kosode preto e hakama se misturando à noite.

—Aqueles de nós com poder próprio... — continuou ele. — ...não precisam consumir um humano para fortalecer nosso ki com o deles.

—É por isso que os yokai comem humanos? — ela perguntou, tentando não se encolher para longe do Tengu. Seu pescoço em cura latejava ao vê-lo. — Você come o ki deles também?

—Não precisamos comer humanos. — disse Shiro atrás dela. —Mas praticamente qualquer yokai faria uma exceção para o ki tão puro quanto o seu.

Ignorando-o, ela perguntou a Yumei: —Por que você está aqui? Achei que você não viesse.

—Ele está aqui para se certificar de que eu não a pague sem pagar minha dívida. — Shiro disse enquanto passava por ela para se juntar a Yumei. Seus olhos voltaram para ela, captando a luz e o vermelho brilhante. —Depois de remover o onenju, quero dizer.

Ela suspeitava que Yumei estava realmente aqui para garantir que ela removesse o onenju, como prometido. Apesar do que ele disse, Shiro provavelmente sabia que o Tengu estaria por perto. Outra mentira, embora ela não visse nenhum propósito em apontá-la. Com um pouco de sorte, ela teria terminado definitivamente com os dois yokai em uma hora.

—Assim que meu encontro com Izanami terminar, eu removerei o onenju. — ela disse a Shiro. —Então, podemos acabar com isso?

Ele continuou subindo os degraus com Yumei ao seu lado. Por trás, ela observou seus ouvidos se contorcerem em direção a cada pequeno som e suspeitou que ele estava quase tão tenso quanto ela. Remover as contas de seu braço liberaria seu poder e mudaria completamente seu destino. Talvez ela devesse pedir proteção a Izanami. Ela não achava que Shiro iria atacá-la assim que ela tirasse o onenju dele, mas ela não podia ter certeza. Ela não tinha esquecido que ele a enganou, mentiu para ela e deixou Yumei machucá-la. Mas ela também não conseguia imaginar que o yokai que a carregou para casa, que a deixou alimentá-lo antes de adormecer em seu quarto, iria matá-la por cumprir sua parte do acordo.

Outro grande torii estava no topo da escada. Shiro e Yumei pararam antes de alcançá-lo e se separaram, abrindo um caminho para ela entre eles. Os torii emolduravam o santuário além, um enorme complexo de edifícios interconectados com belos telhados pontiagudos e beirais ondulados. Não era tão impressionante quanto o santuário Amaterasu em Shion, mas perto.

Ela passou dos yokais para o torii e parou, curvando-se profundamente. Com uma respiração profunda, ela passou pelo portão. Outro formigamento de poder subiu por seus pés e suas pernas, seguido por outra pulsação de medo de sua marca kamigakari. Ela a ignorou e se virou.

Shiro e Yumei estavam nos degraus abaixo do torii, olhos vermelhos e prateados olhando para ela.

—Vocês dois esperem aqui. — Ela puxou a touca e o cachecol e os jogou para Shiro. —Volto assim que falar com Izanami.

—Você faria? — As palavras saíram em um sussurro suave e perigoso.

—Sim. — ela disse, segurando seu olhar desafiador. —Eu vou. Vou manter minha parte em nosso acordo, Shiro.

Ele a estudou por mais um momento, então assentiu. Ela se voltou para o pátio.

—Emi?

Ela olhou para ele, surpresa ao ouvir a nota estranha em sua voz.

Sua atenção mudou para o salão de adoração. —Seja cuidadosa. Kami são muito mais experientes nas artes da decepção do que yokai.

Ela piscou. —Eu, eu terei cuidado. Obrigada.

Lambendo os lábios nervosamente, ela olhou para ele e Yumei mais uma vez antes de atravessar o pátio. Parando no bebedouro, ela usou uma concha polida com cabo de bambu para limpar as mãos e enxaguar a boca. Seus passos ficaram menos certos quando ela se aproximou do salão de adoração. Aradelas penduradas nos beirais, lançando luz brilhante sobre o pátio vazio. Passando entre as enormes estátuas koma-inu, ela subiu os degraus, usados pelos pés de milhares de adoradores, e olhou para as placas de madeira pintadas que retratavam Izanami, uma bela mulher com longos cabelos negros, montanhas se erguendo ao seu redor. Izanami da Terra.

Ela passou pela caixa de doações e cordas do sino onde os fiéis ofereciam suas orações. Além, portas altas pareciam sentinelas. As portas nunca foram abertas, exceto pelo kannushi e miko do santuário. Ela olhou em volta, meio

que esperando que alguém a impedisse. Abrindo a porta, ela olhou para o interior sombrio. Com os nervos à flor da pele, ela entrou incontestada.

Um salão escuro, tão amplo quanto o prédio e vazio, se estendia para as sombras. Deixando a porta aberta para deixar entrar alguma luz, ela caminhou hesitante para dentro. Seus sapatos estalaram no chão de madeira brilhante. Izanami estava aqui. Emi não precisava de Yumei para confirmar; o poder divino de um kami emanava de todas as superfícies, irradiando da terra e das árvores, das paredes e do chão.

As sombras engolfaram a outra extremidade do salão, mas quando ela se aproximou, a luz da porta aberta pareceu se estender na frente dela. Um estrado elevado gradualmente se tornou visível. Atrás dele, um santuário elaboradamente esculpido cobria a parede de trás com um grande espelho oval em seu centro, um shintai através do qual Izanami podia canalizar seu poder quando ela não estava na área.

Quando Emi baixou o olhar do espelho, ela viu o que não era visível um momento antes: uma figura envolta em sombras, sentada imóvel no estrado em frente ao santuário interno.

—Quem transgride no santuário de Izanami, Amatsukami da Terra?

A voz de comando veio de sua esquerda. Ela parou bruscamente quando as sombras mudaram, permitindo que ela visse o homem parado perto da parede, bem em frente ao estrado. Outro homem estava em frente ao orador, também vestido com as vestes escuras de um kannushi.

Ela voltou seu olhar para a figura no estrado, que estava observando em silêncio, não mais do que uma forma escura nas sombras. Abaixando-se de joelhos, ela se curvou para frente em uma reverência completa.

—Por favor, perdoe minha intrusão. — ela disse, suas palavras trêmulas ecoando pela sala enorme. —Venho implorar uma audiência com Izanami.

—Quem é você para fazer tal exigência? — O orador latiu.

—Eu, eu sou Kimura Emi, miko de Amaterasu. Eu venho...

—Como uma miko de Amaterasu ousa entrar na santidade do santuário interno de Izanami.

Emi se encolheu, seu rosto ainda no chão.

—Você não tem o direito de estar aqui... — disse o kannushi severamente. —Você...

Ele se interrompeu. Lentamente, Emi levantou a cabeça. A figura no estrado levantou uma das mãos, silenciando o kannushi.

—Aproxime-se, Kimura Emi. — Sussurrou a figura.

Ela se levantou da proa e caminhou para frente. A luz mudou novamente, as sombras se afastando. Seus passos vacilaram.

A pessoa sentada de pernas cruzadas em uma almofada, envolta em um quimono formal e olhando para ela com olhos escuros e astutos, não poderia ser Izanami. Izanami era uma mulher, e este homem não.

Capítulo Quinze

—Você, você não é Izanami. — Ela disse. Sua voz falhou com o nome do Amatsukami, o desapontamento correndo por ela com tanta força que seus joelhos quase dobraram.

—Eu sou Koyane. — disse o homem. O poder reverberou em cada palavra e estremeceu sobre ela. —Eu sou um vassalo de minha senhora Izanami e presido seus negócios quando ela não pode estar presente.

—Você é um kami?

—Sim. — Disse ele com um sorriso gentil. Seu rosto era liso, sem rugas pela idade. Cabelo preto comprido estava preso no alto da nuca, a cauda lisa caindo pelas costas. Camadas de roupas formais, quimono, hakama, haori longo, em tons de vinho e marrom se espalhavam pelo estrado ao redor dele. Ela o encarou enquanto percebia que ela estava olhando para um corpo humano habitado por um kami. Se o manual kannushi estivesse correto, o homem que ela olhava não existia mais agora que o kami o havia levado.

—Aproxime-se, criança, e diga-me o que a trouxe aqui do santuário de Amaterasu.

Ela avançou lentamente em direção ao estrado e se ajoelhou na frente do degrau, cruzando as mãos cuidadosamente no colo. Ela desejou ter trazido seu uniforme de miko; suas roupas modernas pareciam constrangedoramente erradas. Depois de outro breve olhar para Koyane, ela baixou o olhar; era inapropriado encontrar os olhos de um kami.

—Vim aqui para falar com Izanami. — Disse ela lentamente. Ela queria perguntar a este kami a verdade? Um pensamento minúsculo e traidor tinha permanecido em sua mente desde que fizera seu pedido a Shiro: se o Amatsukami comprovasse que ela seria destruída no solstício, ela deveria implorar por sua vida? Ela ainda não tinha decidido se ela estava disposta a pedir tal coisa. Se ela perguntasse, isso confirmaria irrevogavelmente que ela não era a pessoa de honra que queria ser, que era egoísta demais para sacrificar sua vida. Até que ela perguntasse, ela poderia se agarrar à esperança de que ela não fosse tão desprezível.

—Diga-me o que a incomoda, criança. — Murmurou Koyane com uma pitada de impaciência. Quando ela olhou para cima, ele ofereceu outro sorriso gentil, amenizando seu tom.

—Eu estou...— Ela fez uma pausa, olhando para os dois kannushi, que a observavam em silêncio.

—Meus assistentes são meus vassalos. — disse Koyane, compreendendo sua hesitação. —Eles agem apenas à minha vontade.

Os kannushi eram kami também? Eles tinham que ser kami inferiores; ela não conseguia sentir nenhum poder deles do jeito que ela podia sentir o ki irradiando de Koyane como o calor de um fogo. Sua presença era tão dominante quanto o sol, impossível de ignorar e muito diferente de qualquer um dos yokai que ela conheceu, mas era semelhante ao poder caloroso que às vezes fluía através dela quando orava.

A ansiedade percorreu seu corpo, fluindo de dentro dela. O aviso de Amaterasu bateu em sua cabeça no ritmo de seu pulso, mas ela o ignorou.

—Eu sou a kamigakari de Amaterasu. — ela disse. —Eu vim para Izanami em busca da verdade sobre os kamigakari.

O silêncio pressionou o salão. O ki de Koyane parecia fervilhar ao redor dela antes de se acalmar. A presença de Amaterasu dentro dela também ficou quieta, quase como se o Amatsukami estivesse esperando para ver o que Koyane diria.

—A verdade? — Ele repetiu, quase com cautela.

Emi fechou os olhos com força. Sua voz tremeu com emoção que ela mal podia conter. —Dediquei minha vida inteira a Amaterasu, antes mesmo de me tornar a kamigakari. Desisti de tudo, minha família, amizades, liberdade, autonomia, para ser a melhor kamigakari para Amaterasu porque pensei, quando ela descesse, compartilharíamos meu corpo juntas e eu conseguiria viver e experimentar toda sua grandeza com ela.

Ela abriu os olhos e olhou para Koyane. —Recentemente, descobri que a mente e a alma do kamigakari são destruídas quando o Amatsukami desce. Eu preciso saber: isso é verdade?

Ele olhou para ela, sem mostrar surpresa, absolutamente nenhuma. Seu coração encolheu em seu peito quando um peso terrível e gelado caiu sobre ela.

—A decisão dos servos de Amaterasu de enganar você é lamentável, criança. — Koyane disse, seu tom suave com compaixão. —Lamento muito dizer que o que você descobriu é verdade.

O desespero baixou sua cabeça e ela lutou contra as lágrimas.

—É uma necessidade trágica. — murmurou o kami. —Se pudéssemos poupar nossos anfitriões desse destino, certamente o faríamos. O sacrifício de um kamigakari é realmente grande, e não saber com que preço você concordou... você deve se sentir traída, criança.

Ela balançou a cabeça em silêncio, lutando para se recompor. Koyane havia confirmado seu pior medo e ela não sabia o que fazer. A tênue esperança

de que o livro estivesse errado foi tudo o que a manteve sã nos últimos dias. O que agora? Aceitar seu destino? Implorar pela vida dela?

—Restam apenas algumas semanas até o solstício. — disse ele, pensativo. —Que trágico, muito trágico.

Ele se levantou, seu longo haori varrendo o chão atrás dele. Saindo do estrado, ele gesticulou para que ela se levantasse. Confusa, ela fez, seus joelhos tremendo com a força das emoções que a percorriam.

—Deixe-me ver sua marca kamigakari, criança.

Com confusão crescente, ela desabotoou a blusa e a abriu. A marca negra brilhou em sua pele. Ela tentou não corar quando ele olhou para seu peito, para o decote, essencialmente. Ela se encolheu quando ele estendeu a mão, mas ele apenas enganchou um dedo pelo cordão do omamori pendurado em seu pescoço. Ele o ergueu de forma que a bolsa de seda pendurada acima do peito.

—Um omamori para esconder seu ki? Claro. Quão sábio. Perdoe-me, criança, mas não pude sentir a presença de Amaterasu dentro de você com o omamori no lugar. — Com o cordão ainda em um dedo, ele usou o polegar para enxugar uma lágrima de sua bochecha; ela não tinha percebido que ela havia derramado. —Você sofreu muito, não foi, criança? Ter vindo de Shion até aqui, na esperança de que Izanami tivesse uma verdade diferente para você.

—Não era tão longe. — ela murmurou, fechando alguns botões, embora ele ainda segurasse seu omamori. —Estou hospedada no Santuário Shirayuri em Kiroibara.

Ele acenou com a cabeça, o movimento lento e pensativo. —Um pequeno santuário onde ninguém pensaria em procurar por você. — ele murmurou. — Os servos de Amaterasu se tornaram mais espertos.

Soltando o omamori e deixando-o cair contra seu peito, ele segurou seu queixo gentilmente entre os dedos. —Inteligente, mas não vigilante. De forma alguma, para permitir que um tesouro tão vulnerável escape de sua proteção.

A ansiedade, dela própria desta vez em vez de Amaterasu, deslizou sobre ela como uma brisa de inverno.

—Tanto sofrimento, tanta tragédia. — Ele suspirou e inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. —Você tem sido muito corajosa, criança. Você deseja se libertar de seu destino como o kamigakari?

Ela ficou completamente imóvel. Libertar? Ela não planejou perguntar. Quando ele verificou a verdade, a pergunta agarrou sua garganta, mas ela engoliu, negando. Covardia e egoísmo, essas eram as qualidades definidoras que ela adotaria em sua nova vida se abandonasse seu dever.

Mas agora ele estava se oferecendo para libertá-la, e a necessidade de sobreviver, de continuar vivendo, queimava seu corpo inteiro.

—Posso ver em seus olhos. — declarou ele. —Você deseja ser libertada. Kimura Emi, atenderei seu pedido, embora você seja muito corajosa e honrada para dizê-lo.

Lágrimas escorreram por suas bochechas, embora ela não tivesse certeza se nasceram de alívio ou medo. —Eu, eu não...

Seu sorriso terno floresceu e seu aperto suave em seu queixo aumentou. A luz brilhou fortemente sob seus dedos e o poder surgiu nela, queimando seus nervos como fogo. Sua gagueira confusa foi interrompida e sua boca se abriu em um grito silencioso. Todos os seus músculos travaram no lugar, paralisando-a.

—Você é uma criança doce, kamigakari. — ele disse placidamente enquanto ela estava congelada. —Séria e muito inocente.

—O que...— ela engasgou, as palavras saindo de sua garganta rígida. — O que você está…

—O que eu estou fazendo? — Ele acariciou sua bochecha com os dedos e ela nem conseguiu se afastar. —Estou concedendo seu desejo, querida criança. Estou libertando você de seu destino que se aproxima rapidamente como kamigakari.

Ele se inclinou mais perto, tão perto que ela podia sentir sua respiração em seu rosto enquanto ele falava. —A marca kamigakari está ligada ao seu ki e, para atender ao seu desejo, extinguirei o seu ki. Você será libertada de todos os fardos.

Seu sangue se transformou em gelo. Extinguir seu ki extinguiria sua vida também. Ele estava falando sobre matá-la. Ele iria libertá-la a matando!

—N-não, não! Eu não quero...

Sua mão se fechou em torno de sua mandíbula, forçando sua cabeça para cima. Ela vislumbrou seus olhos negros brilhando com antecipação.



O calor formigou por ela, reunindo-se em seu peito. Sua marca kamigakari brilhou quente e branca. O poder caiu através dela como eletricidade fluindo em seu sangue. Ele rugiu em suas veias e explodiu para fora dela como um raio tingido de azul.

Koyane voou para trás, arremessado para longe dela. Livre de sua amarração, ela poderia finalmente se mover. Suas mãos se levantaram por conta própria. O poder rasgou seu braço e explodiu em direção a ele em outro raio. Ele jogou as mãos para cima e lançou uma barreira cintilante que desviou o ataque dela.

—Você não pode salvá-la, Amaterasu! — Koyane rugiu, lutando para ficar de pé.

Os dedos de Emi giraram, formando padrões estranhos no ar. O vento entrou em erupção no salão, uivando em um ciclone que varreu ao redor do espaço com Emi em pé no centro. Koyane cambaleou e caiu de joelhos quando os dois kannushi foram jogados de volta nas paredes. Emi se virou, com a vontade de outra guiando seus movimentos, e correu para as portas.

Uma luz branca iluminou o salão, cegando após a escuridão. Um círculo brilhante surgiu, a barreira se erguendo em seu caminho. Emi parou e girou. Koyane se ajoelhou na beira de um círculo incrustado no chão, anteriormente invisível na luz fraca.

Ele sorriu. —Amaterasu, há quanto tempo.

As mãos de Emi se levantaram novamente, o ki divino queimando-a como um inferno em seu sangue. Koyane bateu com as mãos em outra linha no chão.

Um segundo círculo se acendeu, cheio de padrões e marcações desconhecidos, um marugata. As linhas brilhavam brancas ao redor dela. O poder foi derramado do círculo para ela. Ela gritou quando isso a atravessou, destruindo seu ki. Seu corpo se arqueou, os pés levantando do chão enquanto o feitiço a suspendia dentro de sua amarração, um marugata para conter um kami.

Koyane se levantou, seu sorrisinho composto de volta ao lugar. As linhas brilharam intensamente, o feitiço amarrado firmemente ao redor dela e dentro dela. Ele passeou casualmente no círculo, sem ser afetado.

—Amaterasu. — Ele suspirou o nome. —Quão fúteis seus esforços têm sido nestes últimos cem anos. E deixar sua kamigakari caminhar para a própria morte poucas semanas antes de sua descida? Você sempre foi a mais fraca e tola dos Amatsukami. Só de imaginar que você poderia exercer poder suficiente através desta criança patética para me parar é divertido.

Ela cerrou os dentes contra a agonia do feitiço enquanto a presença quente de Amaterasu desaparecia, queimada pela marugata.

—Você me fez um grande favor, no entanto. — o kami continuou, sua voz caindo para um murmúrio. A antecipação faminta encheu seu rosto. — Inundar este vaso de carne com tanto do seu ki... posso sentir isso correndo em suas veias.

Seus dedos se fecharam em torno da mandíbula de Emi novamente, puxando seu rosto em direção ao dele até que seus olhos negros preenchessem sua visão.

—Eu já posso sentir o gosto. — Ele sussurrou.

Ele abaixou o rosto e, com os dedos cravados com força em suas bochechas, ele fechou a boca na dela.

Por um breve instante de pânico, ela pensou que ele a estava beijando. Então ele inalou.

Quando sua respiração foi puxada para fora de seus pulmões, a sucção atingiu profundamente dentro dela. A dor rasgou seu interior enquanto ele arrancava sua alma de sua carne. Ele tirava sua respiração e seu ki, bebendo sua vida em seu corpo.

A agonia a retalhou. Ela estava desmoronando, seu espírito despedaçado, sua força vital diminuindo a cada segundo. Ela não conseguia se mover, não conseguia respirar, não conseguia gritar. A fraqueza se espalhou por seu corpo. A dormência percorreu seus membros. Quando a agonia atingiu o auge, a escuridão deslizou sobre sua visão, obscurecendo o brilho da marugata.

Em uma explosão de luz, chamas laranja explodiram ao redor dela.

Koyane a soltou e o feitiço que a prendia no lugar se quebrou. A dor desapareceu, substituída por um peso esmagador impossível quando ela desabou. Os braços se fecharam ao redor dela antes que ela pudesse atingir o chão, segurando-a contra um peito quente.

—Um yokai? — Koyane rosnou. Uma pausa, então ele riu zombeteiramente. —Um kitsune! Você veio para morrer, idiota.

Ela pendurou nos braços de Shiro, comprimida sob um peso insondável. O que a estava esmagando? Por que não estava machucando ele também? Seu cérebro lento ficou intrigado com isso. Ah. O peso era seu próprio corpo. Tão pesado. Ela não conseguia se mover. Seus braços e pernas estavam paralisados. Seus pulmões estavam tão pesados que ela mal conseguia expandi-los.

Shiro se endireitou. Sua cabeça pendeu e seus olhos só estavam abertos porque fechá-los exigiria esforço. Tudo era um borrão; até mesmo focar seu olhar era demais. Levou tudo o que tinha para continuar respirando.

—Parece uma estranha reviravolta do destino que um yokai deva salvar uma miko de um kami. — Shiro observou. —Que tipo de espírito humilde você é realmente?

—Criaturas inferiores como você não podem despertar minha ira, não importa quais insultos tolos você diga. — Koyane ergueu a mão. —Morra, besta imunda.

O poder saltou de sua mão em direção a Shiro em uma explosão de luz elétrica. O mundo girou ao redor dela quando Shiro saltou para trás. Aterrissando agilmente, ele saltou para trás em direção às portas enquanto ela pendurava molemente em seus braços.

—Mate ele! — Koyane cuspiu em seus dois vassalos. —Salve a garota para mim.

Os dois kami correram para Shiro enquanto Koyane avançava, levantando as mãos para outro ataque.

Ki de yokai chiava no ar e o salão escureceu. As sombras ao redor deles ganharam vida, ondulando para fora dos cantos como fogo negro em um vento forte. O kami hesitou.

Uma enorme forma negra passou pela cabeça de Shiro. Com um grito ensurdecedor, o corvo gigante mergulhou para Koyane, suas garras estendidas. O kami agarrou os pés do corvo com as mãos, parando as garras antes que elas rasgassem seu peito. A luz branca explodiu de suas mãos enquanto chamas negras irrompiam dos pés do corvo. Os dois poderes se enfrentaram em uma explosão de raios.

Shiro saltou no ar quando o chão se espatifou onde ele estava. O vassalo kami mais próximo sacou uma espada da bainha em seu quadril, a lâmina brilhando branca.

O corvo soltou outro grito áspero. Asas negras se desenrolaram da escuridão ondulante enquanto um bando de corvos das sombras tomava forma, seus corpos fantasmagóricos marcados por três olhos vermelhos brilhantes. Eles enxamearam os dois kami, formas espectrais que ainda de alguma forma rasgavam os braços e rostos dos kamis.

Girando, Shiro disparou para a porta. Ele voou para o pátio e se lançou em sua corrida, as árvores passando rapidamente. Seus braços eram faixas de ferro ao redor dela, segurando-a com força. Ela desejou ter força para dizer a ele para afrouxar o aperto. Era tão difícil respirar.

Sua consciência do tempo se esvaiu. Ela não tinha ideia se havia se passado um minuto ou uma hora quando ele parou, ofegante. Ele a deitou no chão, as folhas caídas estalando sob ela. Seu corpo estava pesado, membros dormentes e imóveis. Seu rosto apareceu acima do dela, embaçado e nas sombras.

—Emi? Você pode me ouvir? — A nota frenética em sua voz a surpreendeu. —Emi, me responda.

Ele tocou sua bochecha. Sua mão parecia fogo contra sua pele fria.

Com uma lufada de ar, sombras passaram por sua visão. O borrão se transformou em Yumei. Ele se agachou do outro lado dela.

—Ele roubou o ki dela. — A profunda e rosnante raiva de Shiro a teria feito estremecer se ela tivesse forças. —Por que diabos ele faria isso?

—Porque kami anseiam por poder. — Yumei tocou sua garganta, pressionando os dedos contra seu pulso. —Ele tomou muito. A vida dela se esvairá.

O arrependimento cintilou através de Emi. Ah, então ela estava morrendo? Além de um certo ponto, não havia ki suficiente para sustentar o corpo. Por que Koyane fez isso com ela? Que maneira tola de morrer. Ela deveria ter esperado pelo solstício. Shiro comentou levianamente que os yokai comiam humanos para consumir seu ki, mas ela nunca teria imaginado que um kami pensaria em roubar ki, muito menos tirá-lo de um humano vivo como se fosse uma iguaria deliciosa.

—Ela não pode morrer. — Shiro rosnou.

—Encontraremos outra maneira de quebrar a maldição do onenju.

Um momento de silêncio. —Há anos que procuro. Ela é minha única esperança.

—Se você deseja que ela viva... — Yumei respondeu categoricamente. — ...então reabasteça seu ki você mesmo. Decida agora. Os kamis estão chegando.

Seu peito doía e sua pulsação latejava erraticamente em seus ouvidos. Seus olhos se fecharam em algum momento. O tempo desapareceu novamente, confundindo seus sentidos.

—Você poderia... — Shiro começou.

—Eu não vou. Faça você mesmo ou deixe-a morrer.

Shiro sibilou com raiva. —Eu nunca dei o ki para um humano. Quanto...

—Só um toque. Muito e seu ki de yokai destruirá o dela. Vá devagar. Os mortais podem lidar com muito menos do que você imagina. — Uma pausa concisa. —Eles se aproximam.

—Você pode me ganhar tempo?

Yumei grunhiu. Passos rápidos, mas silenciosos, esmagaram as folhas e desapareceram. Então o braço de Shiro deslizou sob ela, levantando seus

ombros do chão e puxando-a para seu colo. Uma mão quente se enrolou em sua nuca, levantando sua cabeça.

—Eu não vou deixar você morrer. — Shiro sussurrou, sua voz tão perto. —Me perdoe.

Ele inclinou o rosto dela em direção a ele, sua exalação suave aquecendo seus lábios gelados. Ele gentilmente fechou a boca sobre a dela, seu toque delicado e maleável, tão diferente do kami. Ele não roubou sua vida. Em vez disso, ele soprou vida nela.

Calor e poder fluíram na esteira de sua respiração. Estava quente, muito quente. O ki escaldante a varreu. Ela ficou rígida de dor, ofegando contra sua boca. A mão dele em seu pescoço a segurou no lugar e novamente ele soprou seu ki nela. A segunda investida foi mais suave, quente, mas não tão ardente. Fluiu através dela, derramando-se em seus membros dormentes e aquecendo-os. O peso foi gradualmente retirado e a pressão constritiva em seu peito diminuiu.

A vida a encheu novamente enquanto a sombra da morte que havia chegado tão perto retrocedeu e desapareceu. Ela estava viva.

Sua boca era quente e macia contra a dela. Ela não tinha certeza de como isso aconteceu, quando aconteceu, mas o toque de seus lábios mudou de um selo para transferir o poder para outra coisa, algo que fez um calor diferente subir por ela, que derreteu seu interior e fez seu coração disparar.

Seus lábios se moveram suavemente sobre os dela. O pensamento desapareceu de sua cabeça enquanto seu sangue corria em suas veias e o desejo acendia dentro dela. Ela não podia fazer nada a não ser se pendurar em seus braços, perdida em sentimentos estranhos e maravilhosos enquanto ele a beijava. A mão dela subiu por conta própria e tocou o cabelo dele. Hesitante,

com medo de que ele parasse, ela deslizou os dedos pelo cabelo dele e puxou sua cabeça um pouco para baixo.

Ele pressionou a boca com mais força contra a dela, o beijo se aprofundando com um tipo exigente de fome. O desejo quente pulsou através dela e ela ofegou descontroladamente contra sua boca, a mão apertando em seu cabelo.

Ele se jogou para trás, com a cabeça levantada. Ela piscou atordoada.

Yumei saiu das sombras, uma dúzia de corvos passando por ele em um frenesi de asas batendo.

—Eu os atrasei. — ele disse bruscamente. —Mas eles caçam com determinação. Os kami menores são fracos, mas seu líder é muito poderoso para ser derrotado facilmente. Devemos recuar para um terreno seguro.

Shiro a pegou em seus braços. —Onde?

—Me siga.

Yumei disparou para as árvores, tão rápido quanto um de seus corvos, mesmo sem asas. Shiro se lançou atrás dele em uma corrida rápida. Emi agarrou seus ombros, sua cabeça uma confusão de pensamentos que logo se dissolveu em uma espécie de zumbido confuso e sem palavras. A onda de adrenalina de seu renascimento diminuiu, deixando uma fraqueza dolorida e febril em seu lugar. A cabeça dela balançava indolentemente a cada passo que ele dava até que ela enterrou o rosto em seu ombro.

Tão exausta. Tão fraca. Tão difícil manter os olhos abertos.

A floresta desapareceu enquanto Shiro corria.

Capítulo Dezesseis

Vozes filtraram lentamente através da névoa do sono.

—… Definitivamente não era Izanami. — Shiro estava dizendo. —Ele era poderoso.

—Ele deve ser um vassalo de Izanami. — Yumei respondeu, igualmente quieto, as palavras pouco mais que um sussurro. —Os Amatsukami têm vários generais e vassalos para cumprir suas ordens. Até os Kunitsukami mantêm um punhado de vassalos, embora eles normalmente evitem o governo direto.

Um rosnado tornou a voz de Shiro mais áspera. —Quem quer que seja, por que mataria a miko de outro Amatsukami?

—Talvez a garota tenha quebrado algum protocolo. — Yumei disse, não parecendo particularmente interessado. —Talvez a misteriosa necessidade dela de conhecer um Amatsukami o tenha ofendido.

—Mas matá-la por isso?

—Talvez ele desejasse seu ki puro. O seu não estava bem equilibrado pelo que pude sentir.

—Roubar de uma miko é um desperdício de esforço. — Shiro discordou. —Para um kami como ele, o ki dela seria apenas uma gota no poço de seu poder.

Enquanto falavam, Emi lutava para voltar à consciência, sentindo-se ancorada nas profundezas de um oceano de exaustão.

Depois de um momento, Shiro perguntou: —Isso não desperta sua curiosidade? Um kami assassinando uma miko?

—Ganância e ambição não são incomuns entre os kami. Estou mais interessado no que a miko pediu a ele.

Shiro resmungou.

Quando sua consciência se aguçou, ela percebeu que estava enrolada em torno de algo quente. Só quando ele mudou ela o reconheceu como sendo Shiro. Ela estava usando a perna dele como travesseiro, o braço caído em seu colo.

—A miko está acordada. — Observou Yumei.

Ela forçou os olhos a abrirem, semicerrando os olhos cansadamente. Yumei estava sentado de pernas cruzadas no chão a alguns metros de distância. Eles estavam em uma sala minúscula e empoeirada, vazia, exceto por um grande santuário em uma parede com uma pedra coberta de pó como um shintai. Ela se levantou, suas bochechas esquentando. Ela não conseguia olhar para Shiro enquanto deslizava um pé e afundava contra a parede. Ela estava dormindo quase em seu colo. E antes disso... Sua mente se esquivou do pensamento e ela olhou com determinação para o chão.

—Onde estamos? — Ela sussurrou.

—Um santuário Inari nos arredores da cidade. — respondeu Shiro. —É improvável que os kamis façam buscas aqui, e os corvos de Yumei estão vigiando.

O alarme passou por ela e ela olhou para cima. Um santuário Kunitsukami não era um lugar inteligente para um kamigakari. —É seguro aqui? Eu sou uma, uma miko Amatsukami e Inari é...

—Não há poder Kunitsukami aqui. — Yumei interrompeu impacientemente. —A presença de Inari desapareceu há muito tempo e apenas

o magro ofuda do kannushi humano a protege agora. No entanto, a reputação e o hábito manterão o kami longe.

—Oh. — ela disse fracamente, encostando a cabeça na parede. Ela pressionou o pulso contra a testa. —Não me sinto bem.

—O kami drenou a maior parte do seu ki. — Shiro disse, soando quase solidário. —Não era seguro para mim dar a você mais do que eu dei.

Suas bochechas coraram novamente com a lembrança. —Quanto tempo até eu voltar ao normal?

—Eu não sei. Alguns dias? — Ele olhou esperançoso para Yumei por uma resposta, mas o Tengu apenas deu de ombros.

Emi sufocou um gemido e fechou os olhos. Seus músculos pareciam fracos e trêmulos, e cada centímetro dela latejava como se ela tivesse febre alta. Levaria dias para ela se recuperar?

Ainda assim, ela estava grata por Shiro ter sido cauteloso. Ki de kami e yokai eram incompatíveis e, sem que ele soubesse, Emi estava se sintonizando com ki kami por meses, talvez anos. Se Koyane não tivesse drenado todo o ki do Amaterasu de seu corpo... bem, ela não queria saber o que o ki de Shiro teria feito com ela.

Espanto silencioso filtrado por seus pensamentos cansados. Ki de yokai estava fluindo por ela. Que estranho que a força vital de Shiro estivesse dentro dela, mantendo-a viva.

Apesar de seus esforços para manter seus pensamentos longe disso, a memória daquela partilha de poder surgiu em sua mente. A forma como o toque de sua boca na dela havia se transformado de necessidade em intimidade. A maneira como ele a beijou, suavidade evoluindo para fome. E o desejo que ele, por sua vez, havia despertado nela. Sensações e desejos que ela

nunca sentiu antes. Uma necessidade que ainda doía silenciosamente dentro dela.

Ela empurrou as memórias para longe, não querendo considerar as perguntas lógicas que inevitavelmente se seguiram, como o que significava que ele a beijou, como ele se sentia por ela, como ela se sentia por ele. Isso não significa nada. Ela deveria estar com raiva por ele ter se aproveitado de seu estado de desamparo roubando um beijo quando ela não podia impedi-lo, exceto que ela não tinha certeza se ele tinha roubado aquele beijo. Talvez ela pudesse tê-lo impedido. Ela realmente não tinha tentado.

Ela também estava, talvez, um pouco zangada por seu primeiro beijo ter sido com um yokai. Então, novamente, era provavelmente o único beijo que ela receberia. O desespero se agitou sob seu coração, mas ela rapidamente o suprimiu; ela não podia enfrentar isso, não aqui.

—Por que o kami tentou matar você? — Shiro perguntou a ela, tirando-a de seus pensamentos.

Ela abriu os olhos. —Não tenho certeza. Ele disse que parecia que eu estava sofrendo e ele iria *me libertar de meus fardos,* o que eu acho que significava me matar.

—Estou surpreso que um dos vassalos de Izanami fosse tão malicioso. — refletiu Shiro. —Presumi que um Amatsukami tinha um gosto melhor para subordinados.

—Assim que percebi que ele não era Izanami. — ela murmurou. — Eu deveria ter ido embora. Ele virá atrás de mim de novo?

—É improvável que um oportunista como ele continue caçando você. — respondeu Shiro. —Ele provavelmente presume que você morreu e que fugimos com você para comer seu corpo.

—Comer o meu…?

Ele encolheu os ombros. —Kami sempre assume o pior de nós.

—Oh.

—Eu teria deixado meus corvos comerem você. — disse Yumei sem emoção. —Se você tivesse morrido.

Ela o encarou incrédula, então balançou a cabeça e se encostou na parede, exausta demais para decidir como deveria responder a isso.

—Bem, já que o santuário Izanami acabou sendo uma armadilha mortal, teremos que tentar novamente. — Shiro olhou para Yumei. —O que você acha? Alguma pista sobre um Amatsukami diferente?

—Outro pode ser encontrado. — disse Yumei com desdém. —Todos os Amatsukami estão se reunindo nesta área para o solstício. Assim que passar, eles se dispersarão pelas terras mais uma vez.

—O s-solstício? — Ela gaguejou, reprimindo seu pânico. Eles sabiam sobre a cerimônia kamigakari?

—Eles vieram para seu ritual anual... alguma coisa. — Shiro disse. —E se houver uma descida, eles protegem o kamigakari.

Ela assentiu com a cabeça, tomando cuidado para não trair nada. Yumei e Shiro não pareciam suspeitar que ela era a kamigakari de Amaterasu. E por que eles suspeitariam? Pelo que eles sabiam, e como Koyane havia assumido, o kamigakari sempre viveu no santuário principal de seu kami até a cerimônia, que era a única vez que ela estaria exposta aos perigos do mundo exterior. Eles nunca esperariam encontrar um kamigakari em um santuário minúsculo e pobre no meio do nada.

—Você é uma miko. — Yumei disse categoricamente. —Você não sabe disso?

—Eu... sim, eu ouvi sobre isso. Eu só não sabia que os yokai sabiam tanto...

—Os Kunitsukami se reúnem para o solstício também.

Ela respirou fundo. —Eles se reúnem?

—Eles costumavam. — Shiro corrigiu.

Ela queria desesperadamente perguntar por que os Kunitsukami se reuniam com os Amatsukami. Ela suspeitava que fosse uma tentativa de matar o kamigakari. Por que outro motivo eles estariam por perto para uma cerimônia Amatsukami? Mas se a conversa perdurar no solstício por muito tempo, ela pode, sem querer, revelar muitas pistas sobre sua verdadeira identidade.

—Você sabe alguma coisa sobre o Kunitsukami desaparecido? — ela perguntou a Yumei rapidamente, desviando o assunto. —Você já tentou encontrá-los com seus corvos?

Seus olhos prateados se voltaram para ela. —Eu procurei, sem sucesso.

—É difícil encontrar um yokai poderoso que não queira ser encontrado. — disse Shiro, encostando a cabeça na parede e fechando os olhos. —Não sabemos onde estão os Kunitsukami, como são ou como encontrá-los. Eles certamente têm a capacidade de esconder ou disfarçar seu ki, o que significa que é impossível encontrá-los a menos que queiram ser encontrados.

—Você não sabe como eles se parecem? — ela perguntou ceticamente. — Nenhum yokai que você conhece jamais conheceu um?

—Eu os encontrei várias vezes. — disse Yumei. —Mas não me lembro de seus rostos.

—Você... você não? — Como ele poderia esquecer os rostos de seus líderes definitivos?

—Quanto maior for o seu poder espiritual... — Shiro disse sem abrir os olhos —...mais 'outro' você é. Os Kunitsukami existem tão profundamente no

reino espiritual que as mentes de um ser inferior não podem compreendê-los inteiramente. Isso torna difícil lembrar deles.

Ele abriu um olho de rubi para olhar para ela. —Lembra como aqueles humanos não viram o que eu realmente era? Eles só podiam perceber o que eram capazes de entender e suas mentes preencheram o resto com base nas expectativas. A maioria deles logo esquecerá que me viu. Se você nunca mais visse Yumei, esqueceria seu rosto em uma ou duas semanas. Comigo, demoraria mais porque sou muito menos poderoso e você passou mais tempo comigo. Mas você eventualmente esqueceria meu rosto também.

Esqueçê-lo? Esquecer aqueles olhos de rubi e seu sorriso irritante e malicioso? Não é provável.

—Eu conheci todos os Kunitsukami uma vez. — disse Yumei. — Sarutahiko é alto e forte. Ele fala com cuidado, refletindo e dando autoridade a cada palavra. Sua vontade é de aço inflexível, mas ele é sempre justo e honrado.

—Você se lembra de tudo isso, mas não do rosto dele? — Ela olhou entre os dois yokai. —E quanto a Inari? O que você lembra?

—Nada. — respondeu Yumei. —Bem mais de cem anos se passaram desde a última vez que coloquei os olhos no Kunitsukami do Fogo.

Cem anos? Quando Shiro mencionou que Inari estava desaparecido há décadas, ela não pensou que ele quisesse dizer mais de um século. Não admira que Shiro não conseguisse encontrar o patrono dos kitsune.

Shiro reprimiu um longo bocejo. —Você vai esquecer a cara daquele kami também.

—Mas ele não é um yokai. — ela protestou. —Seu rosto é o rosto humano de seu hospedeiro.

Yumei inclinou a cabeça para o lado, esticando o pescoço. —Quando um kami habita um recipiente humano, seu ki se funde com a carne humana, eventualmente transformando o corpo mortal em algo mais próximo de um kami. O kamigakari vai até mesmo assumir a semelhança do kami com o passar do tempo.

Outra coisa sobre kamigakari que ela não sabia.

—Te incomoda que os Kunitsukami tenham sumido? — ela perguntou, novamente desviando a conversa de seus segredos. —Ou você gosta da liberdade como os oni fazem?

Shiro suspirou. —Você está pensando como um kami, pequena miko. Eu disse a você que os Kunitsukami não nos governam como a regra Amatsukami.

—Você diz que yokai é melhor do que kami.

—Não, mas pelo menos somos honestos sobre o que somos.

—Você é? — Ela encontrou seus olhos, tentando ver as verdades que ele mantinha cuidadosamente escondidas. —Quem são vocês então? Por que você está preso por uma maldição tão poderosa que apenas um Kunitsukami pode removê-la? Quem amarrou você?

Ele devolveu o olhar dela, sem piscar. Então ele deu um sorriso preguiçoso. —Tanta intensidade, pequena miko. É o seu desejo de me conhecer tão intimamente?

Suas bochechas queimaram. Ela olhou para seu colo e fechou os punhos. Por que ele a beijou? Como outra forma de manipulá-la e enganá-la?

—A ausência dos Kunitsukami é prejudicial de maneiras inesperadas. — Murmurou Yumei. Seu tom suave, sem impaciência ou irritação e, em vez disso, tingido de mal-estar, a surpreendeu.

Seus olhos prateados saíram de foco, vendo algo além das paredes do santuário interno. —À medida que seu poder desaparece da terra, todos

sofrem. As florestas diminuem sem a presença nutridora de Uzume. As montanhas desmoronam. Incêndios raivosos. A chuva para de cair por muito tempo e a neve chega antes do tempo. Nós enfraquecemos conforme o poder kami se infiltra em nossas terras, e o ar tem gosto de medo. Onde eles estão? Por que eles nos abandonaram?

Seu olhar voltou a se concentrar e ele se levantou. —A noite é curta. Vou devolvê-la ao santuário Amaterasu.

Ela o observou sair pela porta, sua pele formigando. *O ar tem gosto de medo.* O quão ruim era o desaparecimento dos Kunitsukami? Não apenas para os yokai, mas para o mundo inteiro? O kami e o yokai eram opostos que se equilibravam, e o mundo não poderia existir sem ambos. Por mais que ela amasse o sol, um dia sem fim seria tão destrutivo quanto uma noite sem fim. Os kami sabiam disso? Eles se importavam? Poder e ambição à parte, os Amatsukami deveriam perceber que o mundo precisava dos Kunitsukami.

Emi caminhava ao lado de Shiro enquanto eles seguiam a longa estrada em direção ao Santuário Shirayuri. Yumei, em sua forma de corvo, os largou a um quilômetro do santuário antes de voar. Quando ela reclamou que ele poderia tê-los trazido muito mais perto, Shiro explicou que o teletransporte do Tengu não era uma habilidade de precisão; era preciso apenas dentro de alguns quilômetros de um local específico. E quando ela perguntou por que ele não poderia levá-los mais perto da maneira antiga, Shiro sorriu e perguntou se ela realmente achava que Yumei queria carregá-los como uma mula de carga emplumada.

Depois de quinze minutos de caminhada, o céu claro estava começando a clarear de preto para azul profundo. O amanhecer chegaria na próxima hora. Sua apreensão aumentava a cada passo. Ela estava menos do que otimista por sua ausência ter passado despercebida. Fujimoto e Nanako ficariam furiosos, mas foi o pensamento da reação de Katsuo que encolheu suas entranhas de culpa. Talvez ela devesse ter dito a ele que estava indo embora, mas ele teria tentado vir com ela, ou impedi-la. Ela também não foi capaz de arriscar.

Ela enfrentaria as consequências quando chegasse, assim como tinha que enfrentar a verdade. Ela não conseguia mais se esquivar ou se esconder atrás da esperança vaga de que o manual do kannushi fosse uma mentira.

Finalmente, ela sabia a verdade absoluta. Mesmo que Koyane tivesse tentado matá-la, ele não tinha motivos para enganá-la. As únicas mentiras eram aquelas que ela tinha ouvido durante toda a vida. Ela se perguntou se a verdade surpreenderia Yumei ou Shiro.

No solstício, sua vida terminaria. Não havia escapatória, nenhuma maneira de mudar seu futuro. Tudo o que restava era aceitar. O desespero tomou conta de sua mente, buscando sua rendição à escuridão da dor e do medo, mas ela resistiu à sua atração. Ela faria as pazes com seu destino. Ela tinha que fazer.

Ela olhou para Shiro. Ele caminhava ao lado dela, perdido em seus próprios pensamentos. Ela teria que dizer a ele que seu negócio estava completo. Ele não precisava arriscar sua vida ou ficar ainda mais em dívida com Yumei para organizar outro encontro Amatsukami. Ela tinha o que precisava e devia isso a ele para cumprir sua parte no acordo. Ela provavelmente deveria ter dito algo antes, mas ela não queria falar na frente

de Yumei. Esta barganha havia começado entre ela e Shiro sozinha e era assim que ela queria que terminasse.

Enquanto ela o observava, seu olhar caiu para sua boca, para os lábios que tocaram os dela. Uma lenta onda de calor se desenrolou em seu meio enquanto um rubor rastejava em suas bochechas. Ele a beijou. Por quê? Ela queria acreditar que não significava nada. Ele teve a oportunidade e a aproveitou porque era isso que yokai fazia. Isso era tudo... não era?

—Shiro?

Ele olhou para ela, seus olhos de rubi brilhando na escuridão.

—Hum. Obrigada. Por... por me salvar.

Um canto de sua boca se ergueu. —Você deveria escolher suas palavras com mais cuidado, pequena miko. Agradecer implica em uma dívida.

—Mas... eu tenho uma dívida com você. Você não precisava... fazer isso.

—Eu preciso de você viva para completar nossa barganha. — Ele balançou o pulso; o onenju deveria ter chocalhado, mas as contas estavam assustadoramente silenciosas e imóveis. —Não reconheça uma dívida quando você pode evitá-la.

Ela sabia que, ela ter sido salva era para que ela pudesse remover o onenju, então por que suas palavras enviar um tiro forte dor através dela? Talvez tenha sido a maneira como ele sussurrou contra sua bochecha que não a deixaria morrer. Talvez tenha sido o toque suave de suas mãos, o calor de seu ki, o toque delicado de seus lábios. Talvez ela fosse apenas uma garota estúpida e ingênua em pensar que ele poderia realmente se importar com ela.

Shiro não pareceu notar sua tensão. Ele manteve sua atenção na estrada, seus passos alongando apenas o suficiente para que ela tivesse que trabalhar para acompanhá-lo, seus músculos exaustos protestando contra o aumento do esforço. Ela caminhou ao lado dele, intimidando seu coração com uma lógica

fria. Ele era um yokai. Ela não era nada mais para ele do que uma maneira de escapar de sua maldição, assim como ele não tinha sido nada para ela, mas uma maneira de descobrir a verdade sobre seu destino. Ela deveria dizer a ele que o fim do negócio estava completo.

—Por quê? — Ela perguntou em vez disso, a palavra dura e um tanto hostil.

—Porque o que?

—Por que você reconheceu sua dívida comigo quando eu salvei você do oni? — ela perguntou. —Se é melhor não, por que se colocar em dívida comigo?

Suas sobrancelhas se juntaram. —Aquilo foi diferente. Salvei sua vida esta noite porque preciso de você viva. Você não ganhou nada em me salvar.

Ela semicerrou os olhos para ele. Ele era um yokai imoral e sem coração ou não? Por que ela não conseguia entendê-lo?

—Você é estranhamente inocente, pequena miko. — ele murmurou, lançando seu olhar para o céu antes do amanhecer. —Num momento você pensa que somos criaturas do mal depravadas, e no próximo você assume que somos mais gentis e muito mais altruístas do que poderíamos ser. Eu não entendo você.

Suas mãos se fecharam em punhos. —Talvez eu não queira sempre presumir o pior.

—É mais seguro se você fizer isso.

—Não foi você quem me implorou para confiar em você, jurando por sua vida?

—Eu nunca disse que sua desconfiança era imprudente.

Seus passos vacilaram. Ela se apressou em acompanhar seu ritmo novamente. —Então o que você está dizendo? Que você é ruim, mas

não tão ruim? Que eu não deveria confiar em você, mas você quer que eu confie? Eu também não entendo você.

—Quem você acha que é mais malvado? — Ele disse a última palavra zombeteiramente. —Kami ou yokai?

—Yokai.

—Mesmo depois do seu encontro com o vassalo de Izanami?

—Ele foi uma exceção.

—Foi? Como você sabe? Quantos outros kami você conheceu para compará-lo?

Ela cerrou os dentes e não respondeu.

Ele olhou para ela. —Um homem é traído por seu amigo e o mata. Outro homem cobiça a esposa de seu amigo e o mata. Qual assassino é mais perverso?

—Ambos são assassinos.

—Então você não vê nenhuma diferença?

—Eu, bem...— Ela franziu a testa. —Suponho que o homem que matou por ganância é pior do que o homem que matou por vingança, mas não muito. Onde você quer chegar?

—Para yokai, nenhum dos homens é mau. — Ele distraidamente correu os dedos sobre uma alça do onenju. —Ser morto por um ato de traição é sua recompensa devida. Aquele que foi traído defende sua honra; ele não comete pecado.

—E quanto ao homem que cobiçou a esposa de seu amigo?

—O marido falhou em proteger o que era dele. O marido estava fraco. Na natureza, o forte vence o fraco. A morte é natural e esperada. Se você não for forte o suficiente para sobreviver, ou você encontra alguém mais forte para protegê-lo ou você morre. — Seu olhar se fixou no dela. —E então os kitsune

apeleram para Inari, tornando-se servos de um Kunitsukami para garantir nossa sobrevivência, porque somos fracos, mas não estúpidos.

—Então, para yokai, matar não é crime. — Ela não conseguia esconder sua desaprovação.

Ele acenou com a mão na direção geral das montanhas. —Uma raposa mata um coelho para comer. A raposa é uma criminosa?

—Não.

—Por que não?

—Porque... porque a raposa precisa comer. É da natureza da raposa caçar coelhos.

—E qual é a diferença entre raposas e coelhos, yokai e humanos?

—Humanos não são coelhos!

—Os coelhos também não são cervos. Você condenaria o lobo que mata o cervo?

—Humanos e animais são diferentes.

—Como?

—Nós, nós temos vidas, famílias...

—Veados e coelhos também.

—Temos uma consciência superior. — Ela olhou para ele. —Não somos animais e você não pode nos comparar a eles.

Ele encolheu os ombros. —A maioria dos yokai não vê muita diferença. Yumei não vê diferença alguma, especialmente porque ele pode falar com as feras tão facilmente quanto pode falar conosco. Para ele, os humanos são apenas mais um tipo de animal.

Ela cerrou e abriu as mãos enquanto caminhava, furiosa, mas sem ter certeza do porquê. —Então você sentiria a mesma culpa me matando como matando um coelho?

—De modo nenhum.

—Porque você precisa que eu remova o onenju.

Ele parou, o olhar rubi voltando para as estrelas desaparecendo. —Porque você é mais para mim agora. Porque você guarda segredos como uma kami e estou curioso para saber o que você esconde. Porque você está sozinha e com medo e não entendo por quê. Porque você confia em mim quando sabe que não deveria. Porque eu acredito em você quando você diz que manterá sua palavra.

Ela olhou para ele, emoções desconhecidas apertando sua garganta. Seu pulso batia em seus ouvidos. —Shiro…

Seus olhos a perfuraram e não havia calor em suas profundezas carmesim. —Eu não poderia te matar sem culpa, pequena miko, mas não se engane... se você me der um motivo, eu o farei.

O gelo correu por suas veias e se estilhaçou em fragmentos de dor. Ela girou para longe dele e avançou pela estrada sozinha. Suas palavras ecoaram em sua mente, repetidamente. *Se você me der um motivo, eu o farei*. Ela quase pensou... mas não. Ele não tinha bondade em sua alma yokai. Ele realmente a mataria se achasse que tinha um motivo decente. Ele pode estar curioso sobre ela, mas para ele, ela era mais como um espécime em um zoológico do que uma pessoa real. Ela era apenas um animal interessante.

Por que ela tentou se convencer de que ele se importava? Sua única bondade foi avisá-la sobre o que yokai realmente eram, o que ele realmente era.

Ela saiu da estrada, virando no caminho para o santuário, as folhas úmidas sendo esmagadas sob os pés. Ela olhou para trás uma vez e viu Shiro seguindo à distância, nem mesmo olhando para ela. Ele não se importou que a tivesse chateado. Talvez ele a tivesse machucado de propósito.

Eu não vou deixar você morrer. Me perdoe.

Por que ele disse isso? Por que ele a beijou?

Por que ela se importava tanto?

Ela balançou a cabeça, quase tirando o cabelo do coque. Ela diria a ele que ele cumpriu sua parte no trato quando ela muito bem quisesse. Ele poderia ficar pensando em encontrar outro Amatsukami por mais alguns dias enquanto ela recuperava as forças. Isso serviria bem a ele.

Passando por baixo do primeiro torii com uma rápida reverência, ela começou a subir os degraus, trabalhando para impedir que o cansaço sufocante apagasse sua raiva. Se ela parasse de ficar com raiva, ela se sentiria magoada e traída, de novo. Ela estava cansada de deixá-lo machucá-la.

—Emi!

Ela continuou subindo os degraus, ignorando seu grito urgente. O que quer que ele quisesse dizer, ela não queria ouvir. Ela alcançou o topo da escada, fez uma reverência e passou por baixo do segundo torii. O pátio do santuário se espalhava diante dela, os telhados pontiagudos revestidos de neve branca. As luminárias no salão principal brilhavam suavemente, a única fonte de luz. Nem mesmo as sombras se moveram.

—Emi! — Ele gritou.

Ela hesitou, incapaz de se impedir de olhar para trás.

Shiro voou escada acima e se chocou contra ela. Agarrando-a em seus braços, ele saltou de volta para os degraus quando uma estranha luz tremeluzente iluminou o ar. Um arco-íris de cores cruzou seu caminho e uma força invisível repentina os atingiu, jogando-os de volta para o pátio.

Emi atingiu as pedras e a dor atingiu seus joelhos quando Shiro quase caiu sobre ela. Ela se virou para ver o que os havia atacado. Em vez de um

assaltante, uma barreira retangular brilhava fracamente dos torii até o santuário na extremidade oposta, envolvendo todo o pátio.

—O que é isso? —Ela engasgou.

Shiro se afastou dela e se sentou no chão. —Uma barreira.

—Eu posso ver isso.

—Alguém quer nos manter aqui. Tenho certeza que descobriremos quem muito em breve.

Ela olhou de sua expressão de sofrimento irritado para a barreira e de volta, se perguntando para onde sua urgência anterior tinha ido. —Estamos presos?

—Você está saindo? — Shiro chamou o pátio vazio. —Ou você espera que esperemos indefinidamente?

Um momento de silêncio antes de uma voz responder: —Impaciente, não é, kitsune?

Da escuridão sob o beiral do santuário, uma sombra se moveu. Uma mulher saiu, seu quimono azul marinho roçando o chão atrás dela. Seu cabelo impossivelmente azul estava penteado em um elaborado estilo de nós, com longas mechas balançando pelas costas. Um leque dobrável em uma das mãos balançou graciosamente quando ela o levou até o rosto, onde uma máscara branca com estranhas marcas cobriam suas feições, exceto a boca e o queixo.

A mulher sorriu docemente. —Você é lindo, kitsune. Não acredito que nos tenhamos conhecido.

—Uma suposição exata. — Shiro disse, levantando-se e desenredando uma das longas faixas em sua cintura.

—Eu sou Ameonna, Senhora da Chuva. Meu animal de estimação é Sunekosuri. — Ela acenou com o leque como se estivesse superaquecendo no ar frio da noite. —Não me disseram seu nome, kitsune.

Emi ficou confusa, vendo apenas a mulher no pátio. De que animal de estimação ela estava falando? Emi olhou para Shiro. Ele inclinou a cabeça em direção ao telhado do palco. Uma sombra estava agachada no beiral, curvada como uma gárgula vigilante. Sua frequência cardíaca aumentou, a ansiedade crescendo em seu peito.

—Eu não sou ninguém interessante. — Shiro respondeu casualmente. — A que devemos o prazer de sua visita, Senhora da Chuva?

—Ah, kitsune, não é óbvio? — Ameonna sorriu novamente. —Estou aqui para matar você e a miko.

Capítulo Dezessete

—Nós? — Emi engasgou.

Ameonna esvoaçou seu leque. —Eu devo um favor a um certo kami, você vê, caso contrário eu não me incomodaria com uma tarefa tão tediosa como matar humanos, e em tão pouco tempo também. — Ela apontou seu leque para Shiro. —Eu concordei em matar você, kitsune, mas você parece mais encantador. Concorde em se tornar meu mais novo animal de estimação, e pouparei sua vida.

O cérebro de Emi finalmente entendeu o que estava acontecendo. A mulher de cabelo azul era uma yokai, e ela prendeu Emi e Shiro dentro de uma barreira para que eles não pudessem escapar. Mas como um yokai com intenção letal passou pela barreira torii? Por que o solo sagrado não a estava rejeitando?

—Um kami? — Emi deixou escapar. —Você veio nos matar porque um kami mandou?

—Ele é bastante desagradável. — reclamou Ameonna. Os olhos vazios de sua máscara a encararam, escondendo sua expressão, exceto por sua boca. —Tenho o prazer de me livrar da minha dívida para com ele. Bem, kitsune? Você concorda com minha oferta generosa?

—Não sou muito obediente, receio. Eu não seria um bom animal de estimação.

A mulher yokai sorriu, mostrando os dentes. —Eu te ensinaria obediência.

—Tentador, mas vou passar.

Ameonna suspirou. —Que pena. Bem, então, Sunekosuri? Venha.

A sombra no beiral se desenrolou. Um homem saltou do telhado, pousando de leve nas pedras ao lado de Ameonna. Ele usava roupas pretas simples e uma máscara branca lisa cobria a maior parte de seu rosto. Acima dele, um par de orelhas de cachorro marrom-escuras se erguia de sua cabeça. Quando ele se virou para Ameonna, esperando sua ordem, uma cauda combinando balançou atrás dele.

—O que é ele? — Emi sussurrou para Shiro.

—Um inugami. — ele resmungou, não parecendo satisfeito em nomear a versão canina de um kitsune. —Isto vai doer.

—Doer?

—Quantas raposas você viu derrotar um cachorro? E essa mulher é ainda mais poderosa.

Seu coração batia dolorosamente contra suas costelas. —Você está dizendo que não acha que pode vencer?

Com sua atenção no inugami enquanto ele dava vários passos leves para perto, Shiro sorriu severamente. —Estou dizendo que não tenho chance.

—Kitsune. — a mulher chamou. —Eu pergunto uma última vez. Entregue sua vontade a mim.

Em resposta, ele deu um passo à frente de Emi e ergueu as palmas das mãos. Fogo de Raposa ondulou sobre suas mãos e disparou para fora, revelando suas espadas curvas.

—Assim seja. — disse Ameonna. —Sune, meu querido, mate-o.

O inugami mostrou seus caninos bestiais abaixo da borda inferior de sua máscara. Ele avançou em direção a Shiro, puxando a espada em seu quadril. A lâmina da katana brilhou com o ki, e um resplendor de chamas em resposta ondulou pelas espadas de Shiro.

Sunekosuri saltou em Shiro. As lâminas brilharam no ar e se chocaram, o barulho de metal contra metal ecoando pelo pátio. A luz explodiu do ponto de contato, jogando Shiro de volta. Ele caiu de pé e deslizou pelo chão. O inugami avançou atrás dele e suas lâminas se encontraram novamente, Shiro pegando a katana com suas armas menores. Por um instante, Emi se perguntou por que Shiro estava usando suas lâminas juntas em vez de desviar com uma e atacar com a outra, do jeito que ela tinha visto sohei empunhando duas vezes em Shion.

Então o inugami apoiou-se em sua lâmina e Shiro se dobrou sob a pressão, incapaz de segurar a força do outro yokai. A lâmina inimiga mergulhou em direção ao rosto de Shiro, apesar de seus esforços para contê-lo. Seus olhos vermelhos brilharam na escuridão e ele deslizou para fora da katana, empurrando-a para o lado.

Seu coração bloqueou sua garganta. O outro yokai era muito forte. Mas Shiro ainda tinha velocidade, não tinha?

O kitsune girou, suas lâminas girando. O inugami saltou atrás dele e suas lâminas atacaram novamente. Saltando, saltando, as lâminas chicoteando no ar, golpeando com estrondos de ruído e lampejos de luz e fogo. Eles se moviam tão rápido que Emi não conseguia seguir os movimentos e mal entendia o que estava acontecendo.

Ameonna exclamou de alegria, as mãos cruzadas em torno de seu leque dobrado e um largo sorriso esticando seu rosto enquanto observava a batalha do inugami e do kitsune. Emi tentou respirar, mas seus pulmões estavam

bloqueados de terror quando os dois yokai se chocaram uma e outra vez, o aço mortal se movendo tão rápido. Então Sunekosuri pegou as lâminas de Shiro em sua espada e arremessou sua katana, jogando Shiro para o lado. O cotovelo do inugami chicoteou para trás e atingiu o kitsune no peito. Shiro caiu com força de costas antes de rolar para longe e saltar enquanto a lâmina do inugami o seguia.

Shiro iria perder. Ele ia morrer. Ela tinha que fazer algo.

Ela enfiou as mãos nos bolsos da saia e tirou dois punhados de ofuda. Ligação, barreira e purificação. O inugami era muito rápido para ela acertá-lo com qualquer um deles. Mesmo se pudesse, ela quase não tinha ki sobrando, certamente não o suficiente para alimentar uma amarração de ofuda. O que ela deveria fazer? Suas mãos se apertaram, esmagando o papel enquanto ela olhava ao redor do pátio vazio em desespero. A barreira que os prendia brilhava fracamente. Ela poderia tentar quebrá-la, mas ela duvidava que eles pudessem ultrapassar Sunekosuri ou sua mestra.

Seu olhar caiu sobre a árvore sagrada, apenas dentro da barreira. Enrolada em seu tronco estava uma corda entrelaçada de cinco centímetros de espessura decorada com papel dobrado, um shimenawa, uma ferramenta de purificação. Shimenawa eram usados para proteger e purificar locais e objetos sagrados. Um shimenawa ainda mais grosso pairava acima do salão de adoração.

Com um olhar frenético para Shiro, ela correu para a árvore. Ameonna ficou totalmente focada no espetáculo diante dela. Ela gritou de alegria e Emi olhou para trás no momento em que a ponta da espada do inugami atingiu o peito de Shiro, cortando seu ombro. Seu sangue respingou na pedra do pátio, coberta de neve, mas ele não vacilou.

Obrigando-se a se concentrar, Emi pulou no banco debaixo da árvore e agarrou o nó da corda. Estava bem amarrado e suas unhas rasgaram quando ela o cavou. Enquanto ela lutava com a corda, Ameonna ria alegremente da luta diante dela. O nó não se movia e quando Emi o puxou, a corda ficou quente sob suas mãos. Sua magia protetora impedia as pessoas de removê-lo?

Enquanto a desesperança se apoderava dela, o calor brilhou em seu peito. Poder ardente explodiu através da marca de Amaterasu e inundou seu corpo. Suas pernas se dobraram e ela caiu de joelhos no banco, mal conseguindo segurar o shimenawa. A presença de Amaterasu sussurrou através dela, e a magia desceu por seu braço. O nó sob sua mão brilhou com uma luz azul e então se partiu como se nunca tivesse sido amarrado.

A força pulsava em suas veias, seu ki reabastecido pelo potente poder de Amaterasu. A presença da Amatsukami dentro dela desapareceu rapidamente, mas pouco antes de deixar os sentidos de Emi, ela sentiu um lampejo de ferocidade inesperada de Amaterasu: lute, a kami parecia dizer.

Atrás dela, o metal retiniu ruidosamente de uma espada quicando nas pedras.

—Ah! — Ameonna exclamou, batendo palmas. —Adorável, Sune, meu querido!

Emi se virou, uma das pontas da shimenawa na mão e congelou.

A katana de Sunekosuri estava enfiada no braço esquerdo de Shiro. Vários centímetros da lâmina projetavam-se do topo de seu antebraço. De alguma forma, ele ainda estava agarrado à espada curta, mas a outra estava no chão a alguns metros de distância.

Shiro mostrou os dentes. Ele agarrou a lâmina do yokai com a mão nua e arrancou-a do braço. Ainda segurando a lâmina, ele cortou o rosto do

inugami com sua espada curta restante. O inugami berrou e cambaleou para trás.

Ameonna gritou furiosamente. —A cara dele! Você machucou o rosto dele! Sune, chega de jogos. Mate-o agora!

O inugami jogou a cabeça para trás. O sangue escorria por seu rosto desde o corte diagonal que ia da bochecha direita até a têmpora esquerda. Ele enfiou a espada de volta na bainha enquanto sua pele brilhava com uma luz branca. Sua forma suavizou, as bordas de sua forma ondulando. Ele rugiu e o som se transformou em um uivo profundo de cachorro. A luz brilhou com um brilho ofuscante.

Um cachorro enorme do tamanho de um cavalo saltou para fora da luz. Seu pelo preto e marrom manchado formava listras ásperas em todo o corpo, e seu focinho se contorceu em um rosnado. A baba escorria de sua papada enquanto ele dava um passo ameaçador em direção a Shiro.

Shiro olhou para o cachorro, imóvel. Então chamas azuis e vermelhas explodiram sobre ele e ele voltou para sua forma de raposa minúscula, não maior que a cabeça do inugami. O enorme yokai rosnou e Shiro abriu sua mandíbula, deixando sua língua cair em uma risada vulpina silenciosa.

Com um rugido profundo, o inugami saltou para Shiro. A raposa branca mergulhou para longe, passando por entre as pernas do cachorro e mordiscando seu tornozelo ao passar.

Desviando sua atenção, Emi puxou seu ofuda de purificação e bateu um contra o shimenawa. Shiro só poderia fugir do cachorro por um certo tempo, e ele não ganharia a luta em sua forma de raposa. O ofuda brilhou fracamente ao se prender à corda, desafiando as leis da natureza. Ela acertou os outros dois no shimenawa e amarrou uma ponta da corda no meio para criar um nó deslizante.

—Mate ele! — Ameonna gritou impaciente. —Basta matá-lo!

Agarrando a corda, Emi voltou para o pátio. O monstruoso inugami girou em um círculo, tentando em vão morder a raposa. Shiro disparou ao redor das pernas do cachorro, mantendo-se bem longe de seus dentes. Com o coração acelerado e os joelhos tremendo, Emi correu em direção a eles.

O inugami girou em outro círculo, mandíbulas estalando furiosamente e não pegando nada além de ar. Emi acelerou em direção a ela, a shimenawa nas mãos. Ela precisava pegá-lo enquanto ele girava, antes que ele a visse. Ela poderia fazer isso. Ela estendeu a corda e correu para a luta.

O cachorro se virou. De repente, ela estava cara a cara com o inugami monstruoso.

Shiro disparou por entre as patas dianteiras do cachorro e saltou na parte inferior de sua mandíbula. A cabeça do inugami caiu, os dentes alcançando o kitsune.

Emi jogou o shimenawa para fora. O laço voou sobre a cabeça do cachorro quando ele se lançou. Ela puxou a ponta da corda, puxando-a com força em volta do pescoço do cachorro.

—Shukusei no tama! — Ela gritou.

Seu ki recém-reabastecido surgiu dentro dela. O shimenawa e o ofuda iluminaram-se com um branco brilhante de poder. O inugami uivou quando um turbilhão de vento saiu de seu corpo. O shimenawa brilhou ainda mais forte e com um uivo agonizante final, o inugami entrou em colapso.

O azul encheu a visão de Emi, um redemoinho de safira com uma máscara branca. O braço de Ameonna balançou para trás e ela atingiu Emi no rosto. O mundo girou e ela caiu no chão, arranhando os braços e as pernas. Uma mão agarrou seu cabelo, arrancando-o do coque enquanto ela era puxada para trás.

—Como você ousa interferir, verme humano patético. — Ameonna sibilou. —Eu vou...

Ela largou Emi, deixando-a cair no chão. A mulher se virou. Atrás dela, Shiro, de volta à sua forma humanóide, estava sobre o inugami, um pé plantado no pescoço da fera. Ele arrancou a lâmina do cachorro enquanto o brilho ao redor do shimenawa desaparecia.

—Sune! Meu doce Sunekosuri! — Ameonna gritou, correndo em direção a seu servo.

Ela acenou com seu leque, enviando uma rajada de vento selvagem em Shiro. Ele saltou quando ela alcançou o inugami. Shiro circulou o corpo e trotou até Emi. Ela sentou-se trêmula, surpresa ao ver sangue manchando suas palmas raspadas. Seus joelhos estavam igualmente ensanguentados.

Ela não tinha nada contra Shiro, entretanto. O sangue escorrendo de seu braço perfurado revestia sua mão direita e um gotejamento constante gotejava do corte em sua palma esquerda. O corte em seu ombro manchava seu kosode de um carmesim brilhante. Seu hakama foi rasgado na lateral de sua coxa esquerda e o tecido estava molhado com mais sangue.

—Shiro. — Ela sussurrou, horrorizada.

Ameonna acariciou o focinho do inugami suavemente, então se endireitou para encarar Emi e Shiro. Enquanto ela caminhava em direção a eles com passos medidos, o vento girava em torno de seus pés.

—Você matou meu animal de estimação. — A voz dela ficou rouca de fúria fria. —Você vai sofrer a justa punição por sua morte.

A mão de Shiro apertou o punho de sua espada curta restante. — Levante-se, Emi.

Tremendo, ela juntou seus pés para ficar ao lado dele, não que ela achasse que isso faria qualquer bem.

Os lábios de Ameonna se curvaram em um sorriso tenso e ela ergueu o leque em direção ao ombro oposto. O vento girando em torno de seus pés parou enquanto brilhava. Ela cortou o leque em um ângulo para baixo em seu corpo.

O vento e a água formaram uma lâmina ondulante de poder prateado. Ele explodiu em direção a eles tão rápido que nem ela nem Shiro tiveram a chance de reagir. Chicoteando o ar tão rápido quanto um raio, atingiu Shiro em frente.

O sangue espirrou nas pedras do pátio. Ele bateu no chão de costas ao lado dela, riachos carmesins jorrando do sulco profundo que corria de seu ombro esquerdo até o quadril direito.

Seu coração parou em seu peito enquanto ela olhava, ainda agachada em preparação para se levantar para que pudesse ficar ao lado dele. Mas agora ele estava no chão, seu sangue escorrendo pelas pedras. Ele estava totalmente imóvel, a cabeça virada para longe dela, o cabelo branco espalhado pelo rosto. Nem mesmo o leve movimento de seu peito, o aumento e a diminuição da respiração perturbaram sua imobilidade absoluta. Congelada no lugar, seu corpo se transformou em pedra, ela não se moveu, nem mesmo respirou.

Ele engasgou. A súbita inalação escapou dele com um estremecimento audível e ele virou a cabeça, os olhos de rubi semicerrados e o rosto tenso. Ele mostrou os dentes para Ameonna. Emi estendeu a mão trêmula em sua direção, mas ele já estava se levantando. De alguma forma, impossivelmente, ele lutou para ficar de pé, cambaleando para se equilibrar em uma poça de seu próprio sangue.

Ameonna sorriu friamente. —Implorando por mais punição, kitsune?

O pulso de Emi batia forte em seus ouvidos, ensurdecendo-a. Ele estava de pé. Como ele estava com aqueles ferimentos? Como ele estava se

preparando para continuar a luta quando mal conseguia segurar a espada? Quem tinha esse tipo de vontade, essa vontade de lutar, não importa o quê?

O sorriso de Ameonna se alargou e ela mais uma vez levantou seu leque.

Para Emi, o mundo se acalmou, se cristalizando quando ela percebeu o que precisava fazer, o que ela deveria ter feito no momento em que a barreira os prendeu. Enquanto o poder se reunia em torno de Ameonna, Emi se lançou para frente e agarrou o antebraço direito de Shiro. Com a outra mão, ela segurou a alça inferior do onenju em torno de seu pulso e puxou para baixo.

O poder saiu correndo das contas e subiu pelo braço dela. Por um instante terrível, as contas se agarraram a ele, recusando-se a ceder. O calor queimou seus dedos e o ki da maldição correu pelas veias de seu braço como chumbo derretido. Mandíbula cerrada, ela cravou os dedos em seu braço e rasgou o laço de contas sobre sua mão.

A liberação de poder explodiu em seu rosto. Ela foi jogada para trás com tanta força que ficou no ar, os edifícios e as árvores girando por ela.

Então ela bateu no chão e sua cabeça bateu nas pedras do pavimento. A agonia explodiu em seu crânio e ela não se lembrou de mais nada.

Capítulo Dezoito

Os olhos de Emi se abriram. As memórias voltaram correndo e o pânico a inundou. A lâmina de vento e água de Ameonna cortando Shiro e seu sangue se espalhando por toda parte, mesmo quando ele se levantou para lutar novamente. E então ela puxou outro laço do onenju dele, desfazendo a segunda ligação de seu poder. Tinha sido o suficiente ou era tarde demais?

Ela encontrou o chão com as mãos e se sentou, um pouco rápido demais. O pátio do santuário girou em torno dela em um borrão de chamas vermelhas.

Sua visão se estabilizou, mas o fogo não foi embora. Pequenos pedaços de chamas queimavam por todo o pátio como se alguém tivesse jogado gasolina em todos os lugares e incendiado. Poças de água estavam intercaladas entre as chamas; refletiam a luz bruxuleante e davam a ilusão de que todo o pátio estava em chamas.

Shiro estava no centro de tudo, e a seus pés estava o corpo de Ameonna.

Fogo ondulante revestia suas duas espadas e subia por seus braços em linhas finas e rodopiantes de chamas que desenhavam estranhos padrões em constante mudança. Meia dúzia de orbes flutuantes de fogo, as chamas incandescentes no centro antes de mudar para azul e finalmente vermelho-laranja nas bordas, formavam um meio círculo em volta de suas costas, pairando a meio metro de distância dele na altura do cotovelo. Atrás dele,

formadas inteiramente por chamas azul-esbranquiçadas fantasmagóricas, havia três caudas de raposa.

Ele estava imóvel sobre o corpo caído de sua oponente, o único movimento vindo das chamas dançantes e do lento chicotadas de suas três caudas fantasmas.

Emi se levantou e pressionou a mão no ponto latejante acima da orelha direita. Sua mão saiu coberta de sangue. Seus sapatos arranharam as pedras quando ela começou a avançar e a orelha de Shiro apontou para ela. Ele se virou, o semicírculo de orbes pairando se movendo com ele.

Manchas vermelhas brilhavam em suas bochechas e um símbolo estranho brilhava no centro de sua testa. Seus olhos vermelhos também brilhavam fracamente com poder interior. Ele a olhou fixamente, nenhum sinal de reconhecimento em sua expressão vazia. Os dois laços restantes do onenju brilharam em seu braço, enrolados com a mesma força que estavam antes de ela remover um laço.



Ela parou, meia dúzia de passos ainda os separando. A batida frenética de seu coração encheu seus ouvidos quando ela encontrou seu olhar carmesim vazio.

—Não se esqueça de mim, Shiro. — disse ela com voz rouca. —Você não tem permissão para me esquecer.

Ele piscou lentamente e algo mudou em seu olhar. Seus lábios se curvaram em seu sorriso torto familiar.

—Você vai me esquecer um dia, pequena miko. — Sua voz era ainda mais rouca do que a dela, áspera e revestida com uma sugestão de um rosnado animal.

—Eu nunca vou te esquecer. — ela disse a ele. —Vou lembrar de você até o meu último dia.

—Você promete?

Seu coração deu uma pequena vibração estranha. —Sim, eu prometo.

Com um aceno de cabeça, ele ergueu as mãos, mais dois símbolos brilharam em vermelho nas costas de suas mãos, e enviou chamas em cascata sobre suas espadas. As lâminas desapareceram. Ele deixou cair as mãos ao lado do corpo enquanto o redemoinho de fogo desenhava em seus braços.

Ela teve um momento de advertência quando ele cambaleou.

Pulando através da distância entre eles, ela o agarrou quando ele se inclinou para frente. Ele cedeu contra ela e o sangue quente da ferida em seu peito encharcou a frente de sua blusa. Ela lutou para segurá-lo enquanto suas chamas diminuíam e as orbes atrás dele morriam. Esforçando-se pelo esforço de apoiá-lo, ela o abaixou até o chão. Ele caiu de costas, respirando rápido e seus olhos se fecharam. As marcas em seu rosto perderam seu brilho interno, diminuindo para linhas vermelhas simples em sua pele.

—Shiro. — ela engasgou. As mãos dela pairaram sobre a terrível ferida em seu peito. Ela olhou ao redor freneticamente como se a ajuda fosse aparecer se ela procurasse por ela. A barreira ao redor do santuário tremeluziu levemente. —Shiro, como saímos da barreira?

Ele não respondeu, seu rosto se contorceu de dor. O desespero a sufocou. Ele estava sangrando muito. Ele poderia sobreviver a feridas tão terríveis?

O brilho da barreira de Ameonna vacilou. Atrás deles, o corpo de Ameonna deu uma contração estranha antes de ficar mole e sem vida. Com uma última ondulação, a barreira do yokai desapareceu.

—Emi!

Katsuo saiu da escuridão além do pátio, espada desembainhada. A fúria e o medo distorceram suas feições enquanto ele avançava sobre ela, e o yokai indefeso na frente dela. Sua espada brilhou com o ki quando ele a ergueu para um ataque letal.

Sem pensar, ela se jogou em cima de Shiro, protegendo-o com seu corpo. —Pare, Katsuo! Ele me salvou!

—Mova-se, Emi!

—Ele é o kitsune! — Ela gritou. —Acalme-se e me escute! Ele não é o inimigo!

Katsuo abaixou sua espada pela metade, seu olhar passando dela e de Shiro para os dois yokai mortos no pátio. O corpo do inugami começou a amolecer como gelo derretido, as bordas de sua forma estranhamente borradas. Ela sentou-se cautelosamente, pronta para se lançar sobre Shiro novamente como seu escudo.

Katsuo engasgou e largou sua espada, alcançando-a através do kitsune inclinado. —Emi, você está coberta de sangue...

Ela olhou para sua blusa encharcada em uma mancha carmesim. —Não é meu. É dele. Dê-me seu haori.

Obedientemente, ele deu de ombros e entregou a ela. Ela o apertou contra o peito de Shiro, mas não havia como estancar o sangramento. O pânico a deixou tonta. Ele estava morrendo bem na frente dela e não havia nada que ela pudesse fazer. O que ela deveria fazer?

—Este é o kitsune? — Katsuo murmurou. —Ele está realmente vivo?

Ela saltou como se ele a tivesse golpeado, com medo de que Shiro já pudesse estar morto. Ela segurou os dedos sobre os lábios dele até sentir sua respiração superficial em sua pele.

—Emi, o que aconteceu? Onde você...

—*Caw!*

Ela torceu-se violentamente quando um corvo desceu e pousou nas pedras do pavimento a alguns metros de distância.

—Yumei! — ela engasgou, meio que alcançando o pássaro em desespero. —Shiro precisa de ajuda! Ele está morrendo!

—O corvo se chama Yumei? — Katsuo perguntou desconfiado.

Ela olhou para o corvo, silenciosamente implorando por algum tipo de confirmação. Yumei viria, não viria? Ele já havia ajudado Shiro antes. O corvo inclinou a cabeça e farfalhou as asas, depois olhou para cima.

Ela e Katsuo viraram seus rostos para o céu em uníssono.

A enorme sombra negra de um pássaro invadiu o pátio. O enorme corvo mergulhou, luz negra e vermelha ondulando sobre ele, e abriu suas asas ao se aproximar do solo. Sua forma tremeluziu e se transformou. Os pés de Yumei atingiram o solo no mesmo momento em que ele terminou de se mover. O ar ao redor deles ficou frio enquanto seu ki se espalhava como tentáculos gelados e invisíveis com gosto de raiva.

Katsuo ficou de pé, lutando para pegar sua espada.

—Não, Katsuo. — ela retrucou, sem se levantar. —Ele é um aliado.

—Eu não sou nenhum aliado seu. — Yumei sibilou enquanto caminhava em sua direção. —O que é que você fez?

Ela conseguiu não recuar dele. —Uma yokai chamada Ameonna e seu inugami nos emboscaram.

Katsuo recuou de Yumei, os nós dos dedos brancos ao redor do cabo da espada. Ele mudou para ficar protetoramente atrás de Emi, sabiamente mantendo a ponta de sua arma apontada para o chão.

Yumei se ajoelhou ao lado de Shiro e jogou o haori encharcado de sangue para o lado para examinar as feridas do kitsune. A respiração de Shiro estava rápida e superficial e, em algum momento, seu rosto perdeu a consciência. Se não fosse pela quase imperceptível ascensão e queda de seu peito, ele teria sido indistinguível de um cadáver.

Emi abriu a boca para perguntar se ele sobreviveria, quando o Tengu se virou para ela. Seus olhos brilhavam, suas pupilas eram tão pequenas que eram meros espectros nas piscinas de prata com bordas pretas. Ele agarrou o pulso dela, puxou-o através da forma deitada de Shiro e usou uma garra para abrir o pulso dela.

Ela engasgou e puxou o braço em seu aperto de ferro. Katsuo se lançou sobre ela, sua espada se erguendo. O olhar de Yumei se voltou para ele. Uma sombra negra se formou do nada e bateu no peito de Katsuo, jogando-o no chão. Ele bateu no chão e caiu para longe deles.

—Katsuo!

Ela se virou, tentando se livrar, mas o aperto de Yumei aumentou, suas garras perfurando seu braço. Com a outra mão, ele empurrou o kosode rasgado de Shiro para o lado para descobrir seu peito, então segurou o pulso

dela sobre o local. Com os olhos arregalados, ela viu seu sangue pingar na pele de Shiro. Quando uma pequena poça se formou, Yumei usou um dedo para desenhar um símbolo estranho e complexo no sangue, enquanto ainda segurava o pulso dela como prisioneiro na outra mão.

Símbolo desenhado, ele empurrou a palma da mão no sangue quente escorrendo do ferimento de Shiro.

Ela se encolheu. —O que você está fazendo?

Ele virou a palma da mão manchada de sangue para cima e desenhou outro símbolo nela.

—Você. — ele entoou. —Está me ajudando a salvar a vida do kitsune. A menos que você se oponha?

—Eu, não, eu vou ajudar. O que eu tenho que fazer?

Yumei soltou seu braço e cortou seu próprio pulso. —Você será o canal através do qual eu darei a ele o ki de que ele precisa para sobreviver.

Ele pegou a outra mão dela e a empurrou no sangue escuro que escorria de seu braço. Ela estremeceu novamente e engoliu em seco.

—Não pode, você não pode fazer da mesma maneira que ele fez por mim?

—Não. Nessa condição, a exposição direta ao meu ki vai matá-lo. — Ele terminou de desenhar outra runa sangrenta em sua outra palma. —Você será tanto ponte quanto escudo.

Ele enxugou a mão no sangue escorrendo de seu pulso e desenhou um quarto símbolo correspondente em sua própria palma. Ela observou enquanto ele pegava sua mão com seu sangue e entrelaçava os dedos, pressionando os símbolos juntos.

—Mas Yumei. — ela sussurrou. —O que o seu ki fará comigo?

Seus olhos se ergueram para os dela, brilhando com seu poder acumulado enquanto sua outra mão se fechava ao redor do pulso oposto com um aperto firme.

—Tente não morrer. — Disse ele. Então ele empurrou a mão dela na runa de sangue no peito de Shiro.

O calor flamejou sob suas palmas e uma estranha magia lambeu sua pele, provando-a. Um instante depois, o poder ardente surgiu em seu braço da mão de Yumei, e então seu mundo inteiro se transformou em agonia. Um redemoinho de fogo chicoteou através dela, agarrando seus pulmões, cegando seus olhos. O poder do Tengu a dilacerou ao abrir um caminho por seu corpo e sair correndo novamente.

Parou tão repentinamente quanto começou.

Ela desabou ao lado de Shiro, os músculos tremendo, os sentidos retornando lentamente. Seu peito doeu e o fogo atingiu a marca kamigakari em seu peito.

Katsuo a agarrou, arrastando-a para longe dos dois yokai. —Emi? Emi, você está bem?

Erguendo a cabeça muito pesada, ela olhou para Yumei enquanto ele se inclinava sobre Shiro. Ela se sentiu como se tivesse sido esfolada viva e cozida em fogo aberto. Funcionou? Yumei tinha dado a Shiro o ki de que ele precisava para sobreviver aos ferimentos?

Katsuo a segurou melhor, levantando-a quase que totalmente do chão enquanto a puxava para longe deles. Sua visão turva, distorcendo sua visão de Yumei pegando Shiro. A forma do Tengu estava ondulando e dançando quase como se asas negras estivessem subindo de suas costas humanas. Apesar de seu esforço, seus olhos se fecharam enquanto a agonia e o cansaço a envolviam, sugando-a até o esquecimento.

Os olhos de Emi se abriram lentamente. O teto do quarto encontrou seu olhar embaçado.

Seu corpo doía e sua cabeça latejava terrivelmente. Ela tocou a testa, descobrindo uma bandagem enrolada em sua cabeça. Bandagens cobriam a base de suas mãos e uma gaze branca formava uma grossa almofada ao redor de seu pulso onde Yumei a havia cortado.

Ela olhou fixamente para a bandagem, lembrando-se da dor cortante de sua garra em sua pele, seu sangue acumulando no peito de Shiro, e o estranho símbolo que Yumei desenhou nele. Seu sangue e o de Shiro se misturaram em uma mão, seu sangue e o de Yumei na outra. Que magia estranha. Mas funcionou, não é? Shiro sobreviveu, não foi?

Mais uma vez, ela viu Shiro de pé sobre seu oponente caído, caudas de fogo branco-azulado atrás dele, símbolos brilhando em seu rosto e nas costas de suas mãos. Essa imagem dele estava gravada em sua mente, e ela nunca iria esquecer. Ele tinha sido magnífico.

Você promete?

Ela fechou os olhos com a memória. Seus músculos fracos e doloridos protestaram quando ela se sentou. A luz do sol entrava por sua janela e, a julgar pelo ângulo, era quase meio-dia. Ela tocou as bandagens em seu braço, seus pensamentos consumidos pela preocupação por Shiro.

Passos estalaram no piso de madeira do corredor, ficando mais altos. Emi nervosamente se sentou. Ela fugiu do santuário no meio da tarde anterior e, em seu retorno, dois terríveis yokai a atacaram, sem mencionar seus dois ‘aliados’ yokai. Fujimoto estava sem dúvida furioso com ela.

Os passos pararam.

—Eu tenho *o* almoço da dama. — Nanako zombou do outro lado da porta.

Emi abriu a boca para responder, mas outra voz respondeu primeiro.

—A kamigakari ainda está dormindo. — Katsuo respondeu friamente.

Emi piscou. Por que ele estava fora de sua porta? Há quanto tempo ele está lá?

—A dama já dormiu o suficiente.

—Ela está ferida.

—Ela tem alguns arranhões. — O tom zombeteiro de Nanako ficou mais pronunciado. —Ela deve a todos uma explicação pelo que ela fez, e o que ela trouxe sobre nós.

—Ela não deve a você nada. — Katsuo estalou. —Você não está no comando de Emi ou deste santuário, Nanako.

Os pratos estalaram ruidosamente. —Sirva sua alteza real então. — A mulher sibilou enquanto se afastava.

Quando ficou mais uma vez em silêncio, Emi pigarreou suavemente. — Katsuo?

A porta se abriu uma fresta e Katsuo olhou para dentro. Vendo-a se sentando, ele empurrou a porta, equilibrando a bandeja em seu braço. Ele entrou, seu olhar varrendo o quarto e um rubor tocando suas bochechas por ter invadido um terreno proibido. Ele deixou a porta aberta enquanto cruzava para a cama dela e colocava a bandeja ao lado dela.

—Seu almoço. — ele murmurou. —Como você está se sentindo?

—Exausta. — Ela admitiu, olhando apática para o prato coberto. Ela deveria estar morrendo de fome, mas seu apetite estava visivelmente ausente. Embora Amaterasu tivesse reabastecido seu ki, ela se sentia oca. Ela

tinha usado seu ki removendo a amarração onenju de Shiro ou o feitiço de sangue de Yumei causou esse cansaço terrível?

Katsuo olhou ao redor do quarto mais uma vez, depois se sentou de pernas cruzadas ao lado dela.

—O que diabos aconteceu, Emi? — ele disse, a voz baixa e intensa. —O que aconteceu esta manhã? Você desapareceu do santuário e deixou aquela nota estúpida, então você apareceu com dois yokai mortos e aquele kitsune de novo?

—Os yokai não estavam mortos quando cheguei. — Ela suspirou. —Eu não entendo como eles entraram no santuário. Por que os torii não os pararam?

Ele apertou a mandíbula. —Eles quebraram a barreira torii. Kannushi Fujimoto trabalhou durante toda a manhã para reconstruí-la, mas ainda está fraca.

—Eles quebraram? Eu não sabia que isso era possível.

—Nenhum yokai menor poderia fazer isso. Como eles descobriram sobre você?

Ela cobriu os olhos com uma das mãos. Como? Ameonna estava cumprindo um favor que devia a um kami. E o único kami com quem Emi tinha uma conexão além de Amaterasu era Koyane.

Ela disse a Koyane onde estava hospedada. Ele deve ter enviado Ameonna para esperá-la em sua casa. Mas por que? Por quê? Não fazia sentido. Shiro havia chamado o kami de oportunista por querer roubar seu ki, mas isso não explicava por que ele enviaria yokai para matá-la. Por que ele estava tão determinado a que ela morresse? Yokai deveriam ser os únicos empenhados em eliminar kamigakari, não kami. Koyane deveria tê-la protegido para apoiar os Amatsukami, não enviado assassinos atrás dela.

—Ontem. — ela murmurou, mantendo a mão sobre o rosto, sem querer ver a reação dele. —Fui a um santuário em Kigiku para falar com um kami.

—Você o que? Por quê?

—Eu tinha uma pergunta que precisava ser respondida, e isso exigia falar com um kami de verdade.

—Que pergunta? O que você precisa tanto saber assim?

Ela baixou a mão e olhou para ele. A preocupação franziu a testa. Seus olhos escuros perfuraram os dela como se somente seu olhar pudesse desenterrar a verdade. Seu lábio inferior tremeu e ela o mordeu.

—Eu... eu...— As palavras não saíam. Não que ela não quisesse dizer a ele, mas ver sua reação ao seu destino inevitável tornaria tudo muito real. Ver seu horror e desespero iria desencadear o seu próprio, fortemente amarrado dentro dela, e ela perderia toda a compostura.

Ela balançou a cabeça e soltou um longo suspiro. —O kami tentou me matar. Não entendo por quê.

—O kami tentou matar você?

—Eu escapei, mas aqueles dois yokai estavam esperando aqui por mim. A mulher me disse que um kami a havia enviado para me matar. Tinha que ser o mesmo.

—Um kami? — Ele repetiu em total descrença.

—Eu também não entendo. Por quê? Ele não deveria querer ajudar a manter um kamigakari vivo?

Katsuo pressionou as mãos contra os joelhos. —Talvez aquele kami em particular tenha rancor de Amaterasu.

—Talvez. — Ela murmurou em dúvida. A ideia de um kami segurando uma queixa pessoal contra outro kami parecia tão... desagradavelmente humano.

—Então você procurou esse kami, e, ele... o quê? Enviou dois yokai para emboscar você no santuário? — Sua expressão endureceu. —E os outros dois yokai, Emi? Há quanto tempo você está em contato com aquele kitsune?

—Desde que o trouxemos de volta ao santuário. — Ela sussurrou, evitando seu olhar de desaprovação.

—E aquele outro?

—Yumei ... eu o conheci na noite seguinte.

—Ele não veio aqui. — disse Katsuo categoricamente. —Com um ki assim, ele teria quebrado a barreira torii sozinho. Você foi até ele, não foi?

Ela assentiu.

—Você entende com que tipo de yokai você está mexendo? O corvo sozinho é...

—O Tengu. — Ela murmurou.

—O Tengu?

—Aparentemente, há apenas um. — Ela torceu os cobertores nas mãos. —Acho que ele governa essas montanhas.

Katsuo ficou em silêncio. Ela espiou por entre os cabelos, pendurados em volta dos ombros. Ele tinha as mãos pressionadas sobre o rosto enquanto inspirava profundamente.

—Nem o Tengu nem o kitsune sabem que você é a kamigakari, não é? — Ele perguntou por entre os dedos.

—Não.

Ele colocou as mãos no colo como o martelo de um juiz. —Explique isso para mim. Explique o que diabos está passando pela sua cabeça, porque eu não entendo. O kitsune, o Tengu, o kami em Kigiku. Por que você está colocando sua vida em perigo assim?

Como ela poderia explicar? Que explicação ela poderia oferecer sem contar a ele todas as coisas que aconteceram desde que ela abriu o manual do kannushi?

—Eu - eu prometo te contar tudo. — ela disse suavemente. —Mas eu não posso agora. Eu só... eu simplesmente não consigo lidar com isso.

Ele olhou fixamente para ela, então concordou com relutância.

—O que aconteceu depois que eu saí ontem? — Ela realmente não queria saber, mas isso a prepararia para o confronto inevitável com Fujimoto.

—Assim que percebemos que você se foi, começamos a pesquisar. Encontramos seu bilhete, mas Kannushi Fujimoto me mandou para a floresta e Minoru para a cidade para procurá-la de qualquer maneira. Procuramos o dia todo, mas não encontramos nenhum vestígio de você. Acho que ele teria nos feito procurar a noite toda, mas Nanako gritou com ele que acabaríamos mortos se continuássemos vagando sem rumo pela floresta no escuro.

Ela estremeceu culpada.

—Estávamos descansando antes de começar a busca novamente. — ele continuou. —Mas eu não conseguia dormir, então fiz outra volta ao redor do terreno. Foi quando descobri que a proteção do torii havia sido quebrada, mas não pude sentir nenhum yokai por perto. Corri para o santuário e descobri a barreira do yokai. Eu estava prestes a acordar os outros quando ouvi sua voz, muito fraca. A barreira abafou o som e eu não conseguia ver através dela, mas sabia que você estava lá, então esperei que ela caísse.

Sua mandíbula se apertou. —Quando a barreira caiu, eu tinha certeza que veria seu corpo mutilado. Mas você estava viva.

—Shiro os derrotou. Quase o mataram.

—Shiro é o kitsune? Você teve sorte. Da próxima vez, será ele matando você.

—Ele quase morreu me protegendo.

—Porque ele deve a você? — Katsuo perguntou severamente. —Porque ele quer algo de você? Ele é um yokai, Emi. Eles nunca são altruístas. Se eles ajudam um humano, é porque estão ganhando algo com isso.

Ela desviou o olhar, sem dizer nada.

—O Tengu o levou embora antes que Fujimoto e Minoru viessem correndo. Eu não sabia o que dizer a eles. — Sua boca se curvou em uma carranca pesada. —Eles concluíram que eu tinha matado o yokai morto e eu... não os corrigi.

Seu olhar disparou para o dele. —Por que não?

—Eu não entendi o que tinha acontecido ou quem eram os outros dois yokai. Você os chamou de aliados, mas... Eu não sabia como explicar aos outros que você foi atacada e defendida por dois grupos diferentes de yokai, então simplesmente não mencionei os outros dois.

Lágrimas arderam em seus olhos. Katsuo mentiu para protegê-la para que ela não tivesse mais problemas por se relacionar com yokai.

—Obrigada. — Ela sussurrou.

Ele resmungou alguma coisa e pegou a bandeja de comida, colocando-a no colo dela. —Você deve comer antes que esfrie.

Ela humildemente puxou a tampa da tigela e pegou a colher. O caldo, o macarrão grosso e os cubos de tofu já estavam frios, mas ela comeu mesmo assim, sem sentir o gosto de nada. Os pensamentos giraram em sua cabeça, as emoções girando sombriamente sob eles. Sua esperança morreu com a visita a Koyane, deixando o gosto amargo de cinza em sua boca. Tudo o que restava para ela fazer era cumprir sua promessa de remover o onenju de Shiro. Depois

disso, ela enfrentaria nada além de uma marcha vazia em direção ao seu destino.

Ela empurrou a bandeja. —Eu... eu gostaria de orar.

—Orar? — Ele repetiu inexpressivamente.

—No santuário.

—Oh. — Ele hesitou, então pegou a bandeja. —Kannushi Fujimoto está trabalhando na barreira torii, mas ele estará de volta em breve. Se nos apressarmos, podemos visitar o santuário primeiro.

Ela quase perguntou se poderia ir sozinha, então percebeu que isso não estava acontecendo, nunca. Eles não a deixariam sozinha novamente até o solstício. Katsuo não estava esperando do lado de fora do quarto dela porque estava preocupado ou esperando por ela, mas porque recebera ordens de ficar de guarda. Fujimoto não correria o risco de fugir novamente.

—Eu só preciso me trocar. — Ela disse a ele.

Ele se retirou para o corredor enquanto ela arrastava seu corpo cansado para fora da cama e tropeçava em seu armário. A exaustão puxava suas pálpebras e confundia seus pensamentos. Quando ela estava vestida com seu uniforme de miko, com o cabelo penteado e amarrado para trás, ela se juntou a Katsuo e eles deixaram a casa. O sol brilhou sobre eles quando cruzaram a ponte, quente o suficiente para tornar o dia agradável, mas não quente o suficiente para fazer mais do que amolecer a neve que enchia o jardim e cobria as árvores. Seu calor brilhante parecia zombar das sombras frias reunidas dentro dela.

Emi parou na beira do pátio. Poças de água, sem dúvida cortesia da Senhora da Chuva, e marcas de queimaduras marcavam as pedras. Ela olhou para as marcas pretas, imaginando como elas haviam chegado lá. Shiro tinha feito isso? Seu uso de fogo de raposa, o que ela testemunhou de qualquer

maneira, tinha sido mínimo, mas ela não tinha ideia de quais novas habilidades ela havia desbloqueado removendo o segundo laço do onenju.

—O que aconteceu com os corpos yokai? — Ela perguntou.

—Desaparecidos. — Ele notou seu olhar assustado e encolheu os ombros. —Todos os corpos yokai meio que... se dissolvem em nada. Até o sangue se foi, vê? Um antigo treinador de sohei nos disse que o reino espiritual absorve os yokai após a morte. No reino espiritual, o ki dos mais poderosos vai lentamente se acumulando e ganhando força até que o yokai retorne ao reino dos vivos para andar na terra mais uma vez. Ele até sugeriu que há um número finito de yokai que renasce continuamente, alguns revivendo depois de alguns anos, outros revivendo apenas depois de séculos.

—Quando eles voltam, eles se lembram de suas vidas anteriores? Ou é como nascer de novo?

—Eu não sei.

Perdida em pensamentos, ela cruzou o pátio até a fonte de água para enxaguar as mãos e a boca. Katsuo seguiu alguns passos atrás, respeitosamente quieto enquanto se aproximava do corredor principal e subia os degraus largos. Lá ela parou, olhando para a corda pendurada no sino. Ela não rezava para Amaterasu desde o dia em que leu o manual do kannushi.

Ela puxou a corda para tocar a campainha. Então ela se curvou duas vezes, bateu palmas duas vezes, juntou as mãos e curvou a cabeça sobre elas, os olhos bem fechados.

Nenhuma palavra veio a ela. Sem pensamentos, sem perguntas. Ela ficou parada, imóvel, incapaz de falar com sua kami pela primeira vez em sua vida. Ela não sabia o que dizer. Ela poderia perguntar por que ela mentiu, por que ela nunca teve uma escolha. Ela poderia perguntar por que Amaterasu a escolheu entre todas as jovens miko implorando para ser selecionadas. Ela

poderia perguntar a Amaterasu se ela se arrependeu de tudo que ela roubou de Emi, todas as experiências, as memórias, os anos que ela teria vivido de outra forma. Ela poderia fazer mil perguntas... mas nenhuma delas importava mais.

Segundos se passaram, transformando-se em minutos enquanto ela permanecia ali, perdida na escuridão de sua mente, antes que o mais leve calor floresceu em seu peito, bem sobre seu coração. O calor rodou lentamente através dela, afastando as sombras e aquecendo o gelo frio do desespero e da dor. O calor suave de Amaterasu se espalhou por ela, entremeado com emoções suaves que Emi não conseguia nomear, mas que diminuiu o peso em seus ombros e em seu coração.

Tristeza e arrependimento sussurraram por ela, então a presença da Amatsukami desapareceu, deixando Emi envolta mais uma vez em uma dor invernal.

Ela ficou parada por vários minutos antes de levar a mão ao rosto, descobrindo-o molhado de lágrimas. Enxugando o rosto com a manga, ela fez sua reverência final. Com um suspiro trêmulo, ela se virou.

Katsuo estava esperando na parte inferior da escada como ela esperava. O que ela não esperava ver era Fujimoto e Minoru parados ao lado dele. Nanako estava na outra extremidade do pátio, supervisionando Rina e Yui. As duas garotas estavam de joelhos, esfregando as pedras enegrecidas com escovas e baldes de água com sabão. Há quanto tempo ela estava curvada em oração?

Fujimoto se ergueu em toda a sua altura inexpressiva, o rosto já vermelho de fúria.

—Você orou pelo perdão de Amaterasu? — Ele perguntou, seu tom enganosamente calmo.

Emi desceu as escadas com cautela. Quando ela alcançou o fundo, ela se curvou para frente em uma profunda reverência.

—Kannushi Fujimoto. — disse ela, falando para o chão. —Por favor, permita-me pedir desculpas por deixar o terreno do santuário sem permissão. Sinto muito pela preocupação e problemas que causei.

O silêncio foi sua única resposta. Ainda mais cautelosa, ela se endireitou.

—Isso é tudo que você tem a dizer, Kamigakari Kimura? — Sua calma desapareceu quando a fúria assumiu o controle. —Nunca na minha vida eu ouvi um pedido de desculpas tão inadequado.

Ela se encolheu. —Eu...

—Você já se desculpou pelas horas e horas que procuramos por você? — ele perguntou venenosamente. —Pelo perigo que seu sohei enfrentou enquanto procurava nas montanhas? Você já se desculpou pela desgraça que causou a eles, assim como a mim, por deixar o santuário e nossa proteção? Você já se desculpou por desobedecer deliberada e desdenhosamente à minha ordem para que permanecesse dentro de casa?

Piscando rapidamente, ela deu um pequeno passo para trás. —Eu não...

—Você não apenas deixou o santuário sozinho, mas trouxe dois yokai ferozes para o terreno ao retornar. Você colocou todas as vidas neste santuário em perigo! Um yokai quebrou a barreira torii, revogando a proteção deste santuário para todos que vêm aqui. Você pode ir embora, mas sofreremos com o perigo em que você nos colocou por muitas semanas!

Ela se encolheu ante seu tom ácido, sua raiva quebrando sobre ela como uma onda ártica.

—Você não tem honra, Kamigakari Kimura. Você não respeita sua posição ou os sacrifícios daqueles que cuidam de você e protegem você. Você é uma desgraça para Amaterasu, para Shion e Guji Ishida, para mim e para

todos os kamigakari que perderam suas vidas antes de você. Eles morreram tentando alcançar o solstício de dez anos, mas você joga sua segurança de lado com nada além de desprezo pela responsabilidade que você mantém.

Ele apontou um dedo para ela, seu rosto brilhando vermelho e as veias salientes em suas têmporas. —O futuro de um Amatsukami está em suas mãos, e você se importa? O futuro desse mundo, de milhares de vidas que o Amaterasu poderia mudar, está em suas mãos, e você se importa? Cem anos, Kimura! Amaterasu esperou cem anos e confiou em você. Você vai trair a fé dela com sua desobediência mesquinha e rebelde?

Os ombros de Emi se curvaram, mas sua culpa diminuiu quando uma emoção mais forte surgiu da escuridão de sua dor: uma raiva violenta e abrasadora.

—Não me fale de traição. — Ela sussurrou.

—O que você disse? — Ele demandou.

— *Não me fale de traição!* — As palavras explodiram dela em um grito furioso.

Fujimoto deu meio passo para longe, o choque espalhando-se por seu rosto antes que a indignação o substituísse.

—Como você ousa...

—Como você ousa! — Sua voz aumentou para um grito selvagem quando uma centena de emoções a rasgou, atingindo as ondas de sua ira repentina. —Como se atreve a me falar de traição! Como se atreve a me falar de responsabilidade! E a traição contra mim? Qual é a sua responsabilidade para com a verdade?

Sua mandíbula balançou para cima e para baixo quando ele ficou sem fala.

—E as mentiras, Fujimoto? — Ela exigiu, dando um passo em direção a ele. —As mentiras que você e o outro kannushi contam para todas as menininhas miko? Torne-se a kamigakari, dizem eles! Deixe Amaterasu escolher você e você se tornará uma kami! Você terá um poder incrível ao lado dela! Você vai mudar o mundo! — Ela riu amargamente, uma nota de histeria rastejando.

Fujimoto flexionou a mandíbula, mas foi Katsuo quem falou.

—Do que você está falando, Emi?

—Por que você não conta a ele, Fujimoto? — Ela zombou, sua voz tremendo. —Diga a ele a verdade. Diga a eles a verdade. — Ela acenou com a mão para Nanako e as meninas, congeladas no lugar do outro lado do pátio enquanto assistiam à gritaria. —Você fala sobre todos os sacrifícios que todos fazem para proteger o kamigakari, mas por que não conta a eles a verdade sobre os kamigakari e seu sacrifício?

—O - o kamigakari, por necessidade, desiste...

—No solstício, Fujimoto. Diga a eles o que acontece no solstício.

Sua mandíbula flexionou. —Amaterasu descerá do reino celestial e...

—E me destruirá! — Emi gritou. —Ela vai queimar minha mente e alma e tomar meu corpo para ela, não é? Essa é a verdade que você e Ishida e todos os outros kannushi escondem! Não vou me tornar um kami ou mudar o mundo. Vou deixar de existir no momento em que ela descer. Agora me diga novamente como estou traindo a fé dela!

Katsuo a encarou com a boca aberta de horror. O rosto de Minoru era quase uma imagem espelhada, mas Fujimoto não vacilou.

—Você é uma criança egoísta, Kimura. — disse ele. —Em que mundo você acha que sua vida é mais importante do que a de um Amatsukami?

—Você mentiu para mim! — Ela gritou. —Vocês todos mentiram para mim! Eu não tive escolha sobre...

Ele deu um passo à frente e deu um tapa no rosto dela.

Ela engasgou, cambaleando quando sua mão voou para sua bochecha. Minoru agarrou o braço de Katsuo, puxando-o de volta antes que ele pudesse alcançá-la.

—Chega de teatro. — Fujimoto latiu. —Eu não vou ouvir mais sobre sua angústia histérica. Você é a kamigakari e isso não pode e não vai mudar. Eu vou te dizer novamente: você é egoísta. Você vê apenas o que vai perder. Você se acha tão importante? Você será responsável pelo sofrimento de milhares de pessoas a quem Amaterasu não será capaz de ajudar sem um receptáculo neste reino? Você acha que sua vida é mais importante do que todas as outras? Você fará um grande sacrifício por uma causa ainda maior, e deveria se sentir honrada por você, uma mortal sem valor, ter a oportunidade de realizar tanto.

Ele se virou para os dois sohei.

—Katsuo... — Ele parou, examinando brevemente a expressão de Katsuo. —Minoru, leve a kamigakari até o quarto dela e garanta que ela permaneça lá. Guji Ishida e os outros chegarão em algumas horas. — Seu olhar cortou para ela. —Kimura, espero que você se apresente de acordo e aja com graça e humilde gratidão pela grande responsabilidade que carrega. Vou enviar Miko Nanako para vesti-la.

Ele se virou. —Katsuo, comece sua patrulha. Não espero vê-lo novamente antes do jantar.

Emi ficou enraizada no local, sua bochecha latejando sob a mão enquanto Katsuo lançava um olhar agonizante para ela antes de sair correndo. Do outro lado do pátio, Nanako, Rina e Yui ficaram em silêncio e imóveis. Rina agarrou

a escova de limpeza como uma tábua de salvação, os olhos arregalados, e Yui pressionava as duas mãos contra a boca, a escova esquecida no chão.

Depois de um longo minuto, Minoru pigarreou. —Minha dama?

Ela tirou a mão do rosto. Com degraus de madeira, ela se dirigiu para a casa. Sua raiva foi extinta, deixando apenas um desespero vazio para preencher o vazio dentro dela.

Capítulo Dezenove

Algumas vezes, beleza e tristeza andam de mãos dadas.

Emi estava no centro de seu quarto, olhando fixamente para a parede enquanto Nanako cuidadosamente arrumava o nó elaborado de seu obi atrás das costas. O peso da seda não era nada comparado ao desespero que pesava em seus membros.

Nanako silenciosamente completava os ajustes finais. Pela primeira vez, a mulher acalmou sua língua cortante e apenas falava para dar instruções silenciosas enquanto vestia Emi. A miko mais velha usava um quimono branco impecável e hakama vermelho, com o cabelo alisado e amarrado atrás do pescoço. Emi, no entanto, não usaria o uniforme de miko nesta noite. Em vez disso, ela se vestiria como uma futura kami.

Seu quimono era de seda vermelho-cereja e um padrão sutil de flores girava no terço inferior. A saia se espalhava no chão atrás dela, e a frente se partia em seus tornozelos, revelando um vislumbre da camada rosa pálida abaixo. As mangas drapeadas pendiam quase até o chão. O obi, em um tom mais profundo de vermelho, enrolava-se confortavelmente em sua cintura, logo abaixo do busto até o topo dos quadris. O nó elaborado encheu a parte inferior de suas costas.

Seu quimono era deslumbrante, mas a tristeza a saturava. Essa beleza era apenas mais uma camada do disfarce que o kannushi havia tecido ao redor do kamigakari. Eles a envolveram em uma seda requintada e fingiam que ela se

tornaria sua kami ao invés de ser destruída por sua kami. Uma semana atrás, ela teria vestido o quimono com orgulho, presa na fantasia do poder divino que logo seria dela, compartilhado com Amaterasu, é claro.

—Pronto. — Nanako disse, parando na frente de Emi e olhando para ela. —Terminamos. Você está bonita.

—Obrigada.

Nanako apertou os lábios com o tom desanimado de Emi, parecendo quase preocupada. Então ela esfregou as mãos, evitando desajeitadamente o contato visual.

—Vou ver se eles estão prontos para você. Espere aqui e vou buscá-la em alguns minutos.

Emi não se moveu quando a mulher saiu e fechou a porta atrás dela. Suas mãos penduradas ao lado do corpo e o pescoço doíam com o peso do cabelo elegantemente empilhado no topo da cabeça e preso no lugar com dois alfinetes combinando, as pontas decoradas com lírios-aranha de vidro soprado no mesmo vermelho do quimono. O ferimento em sua cabeça não estava mais sangrando, então Nanako removeu a bandagem, mas ela tinha bandagens mais do que suficientes em outro lugar.

Ishida e o outro kannushi chegaram há meia hora; ela tinha ouvido o barulho de vozes masculinas. Ela ficou aliviada por não ter conseguido distinguir a voz de Ishida no discurso confuso. Ela não estava pronta para enfrentá-lo. Sua presença severa tinha ensombrado sua infância, conduzindo-a por este caminho em direção à sua destruição. Sua aprovação uma vez a encheu de prazer e orgulho, e a ideia de desapontá-lo a deixava doente de preocupação.

Ela olhou para a parede. De alguma forma, entre o ataque de Koyane, sua discussão com Shiro e a emboscada de Ameonna, ela havia se esquecido

completamente de que Ishida estava visitando o santuário. Ela não havia pensado no que aconteceria quando Ishida descobrisse sobre seu desaparecimento e, além disso, o ataque ao santuário por poderosos yokai.

Não havia dúvida em sua mente o que aconteceria agora. Ishida nunca permitiria que ela corresse tanto perigo. Ele a levaria de volta para Shion e a confinaria dentro do terreno, cercada por seus sohei mais poderosos. O Santuário Shion era enorme, o maior santuário Amaterasu que existe, e cada kannushi, miko e sohei que vivia e trabalhava lá seriamente garantiria que ela nunca colocasse os pés nos perigos além de seus aposentos. Para sua própria proteção, eles a aprisionariam dentro do santuário até o solstício.

Embora o solstício ainda não tivesse chegado, sua vida terminou esta noite. Sua liberdade terminou esta noite. Ela passaria suas últimas semanas confinada em seu quarto, esperando o fim.

Talvez Fujimoto estivesse certo. Talvez ela fosse egoísta. Era tão terrível perder sua vida para que Amaterasu pudesse ganhar o receptáculo de que precisava para trazer seu poder ao reino terreno? Ela estava pronta para aceitar, embora com relutância e pesar, antes que sua barganha tola com Shiro a manchasse com falsas esperanças. Mentindo ou não, Emi tinha sido uma kamigakari dedicada, preparando sua mente, corpo e alma com um makoto no kokoro perfeito para garantir uma descida suave para Amaterasu. Depois de cem anos de fracasso, a Amatsukami finalmente tomaria seu lugar entre seus companheiros governantes. Emi poderia fazer isso acontecer. Ela poderia fazer a diferença no mundo, mesmo que seu papel fosse muito menor do que ela imaginava.

Antes do solstício, Emi rezava para Amaterasu para contar a ela sobre o desaparecimento de Kunitsukami. Se Amaterasu os encontrasse, então Shiro poderia pedir a Inari para remover os dois últimos laços do onenju.

Um arrepio percorreu seu corpo e suas mãos se fecharam em punhos apertados. Por que doía tanto perceber que ela não seria capaz de remover o onenju como havia combinado? Por que doía tanto saber que ela nunca mais o veria? Por que seu peito doía? Ela não conseguia tirar seu último vislumbre de sua cabeça: inconsciente, encharcado de sangue, a marca de sua mão espalhada em seu peito. Ele tinha que estar vivo. Ela não poderia suportar se ele morresse por causa dela.

Ela nunca conseguiria agradecê-lo por sua ajuda, por salvar sua vida, de novo. Ela nunca poderia dizer a verdade a ele. Ele provavelmente a mataria no momento em que descobrisse que ela era a kamigakari, mas parte dela se perguntou se ele realmente o faria. Ele era tão difícil de prever.

Porque você está sozinha e com medo e não entendo por quê.

Por que ele foi o único que viu isso? Mesmo antes de ela ler o manual do kannushi e aprender a verdade sobre seu destino, o medo e a solidão foram seus companheiros constantes. Sob o uniforme de miko e o exterior kamigakari equilibrado, ela sempre teve medo, mas ninguém mais tinha visto, ou se viam, não se importavam.

Você promete?

Ela fechou os olhos com força, lutando contra as lágrimas. Sim, ela se lembraria dele até o último dia. Ela não teria tempo para esquecê-lo; seu último dia chegaria muito cedo.

Passos soaram fora de seu quarto e seu coração afundou. Já era tempo. Assim que ela deixasse este quarto para se encontrar com Ishida, seu destino estaria selado em pedra.

—Katsuo. — A voz de Minoru retumbou do outro lado da porta. — Kannushi Fujimoto enviou você em patrulha à noite.

—Eu preciso falar com Emi, — Katsuo respondeu laconicamente. —Só um minuto, Minoru. Por favor.

—Katsuo…

—Eu só preciso falar com ela. Você sabe que não terei outra chance.

Minoru suspirou. —Vou beber água. Volto em cinco minutos.

Sua porta se abriu e ela se virou para ela quando Katsuo entrou no quarto. Ele congelou, seus olhos arregalados percorrendo sua roupa e voltando para seu rosto.

—E-Emi. — ele gaguejou. —Você... você está incrível.

—Como uma kami? — Ela murmurou.

—Eu não quis dizer... — Ele deu uma pequena sacudida em sua cabeça e fechou a porta. —Emi, é verdade? O que você disse no pátio? Kannushi Fujimoto fica me ignorando quando eu pergunto.

Seus ombros caíram. —Encontrei a informação em um livro do armazém... um manual de instruções do kannushi que explica o que realmente acontece com o kamigakari quando o kami desce.

Seu rosto empalideceu. —Então você... você só...

—Desaparecerei. — disse ela, quase sorrindo com humor amargo por ter repetido sem querer a resposta dele quando perguntou sobre os corpos yokai. Ela torceu as mãos na frente dela, estremecendo quando o movimento puxou suas bandagens. —Eu queria te dizer, Katsuo, mas eu só...

—Entendo. — Ele pressionou dois dedos com força na têmpora. —O que você vai fazer? Guji Ishida vai levá-la a Shion esta noite; eu os ouvi conversando agora há pouco. Ele está muito zangado. Ele estava exigindo que Fujimoto lhe contasse como você descobriu.

Ela tinha uma boa ideia de como Ishida estava zangado. Ela o tinha visto com tanta raiva uma vez antes, no dia em que Hana morreu, e foi uma visão aterrorizante.

—O que você vai fazer? — Katsuo repetiu com urgência, chegando mais perto. —Assim que você estiver em Shion, será isso. Você ficará presa lá até a cerimônia, e então será tarde demais.

—Já é tarde demais. — ela sussurrou, incapaz de segurar seu olhar desesperado. —Não consigo deixar de ser a kamigakari só porque não quero mais. Mesmo que não seja com o que eu pensei que estava me comprometendo, não posso virar as costas à minha responsabilidade.

—O que? — Katsuo exigiu. —É isso aí? Você está apenas aceitando isso? Você está deixando eles matarem você? Sua vida também vale a pena, Emi! Você não se ofereceu para isso. Como você pode desistir?

Uma imagem de Shiro encheu sua mente: sangue escorrendo por seu peito enquanto ele lutava para ficar de pé e pisou na frente dela para continuar lutando, sabendo que não poderia vencer.

Ela também não poderia vencer. Ela não sabia como lutar contra isso, seu destino. Ela não tinha certeza se queria.

—Nós vamos correr. — ele disse ferozmente. —Nós vamos esconder você em algum lugar até o solstício passar.

—Nós? Mas Katsuo, sua carreira...

—Eu não dou a mínima para a minha carreira! Sua vida é mais importante do que qualquer outra coisa!

A emoção cresceu em seu peito, esmagando seus pulmões. —Não vai funcionar. Amaterasu vai me encontrar no solstício, não importa aonde eu vá. A cerimônia é apenas uma formalidade.

—Vamos descobrir alguma coisa. — Ele agarrou seus braços, puxando sua coluna reta; ela não percebeu que caiu em derrota. —Não desista, Emi. Ainda não.

A mesma ferocidade e determinação queimaram em seus olhos como ela tinha visto em Shiro. Como o kitsune, Katsuo continuaria lutando, não importa quão terríveis fossem as probabilidades. Se Shiro pudesse se levantar novamente depois que Ameonna o matasse, então Emi poderia lutar também... mas como? O que ela queria? Ela não tinha certeza, mas sabia que não era isso, o kannushi levando-a para Shion e trancando-a em um quarto pelos últimos dois meses, seus últimos dias e semanas perdidos. Mesmo que ela não pudesse mudar seu destino, ela queria algo mais, algo mais. O que ela queria?

Mais uma vez, a imagem de Shiro surgiu em sua mente, desta vez com seus olhos de rubi distantes voltados para as estrelas, uma mão segurando as contas amaldiçoadas em torno de seu braço. Ela fez uma barganha com ele. Não, não apenas uma barganha, uma promessa. E a promessa dela de remover o amaldiçoado onenju significava mais do que apenas devolver seu poder a ele; significava devolver sua vida, ele mesmo. A maldição tinha trancado muito de quem ele era, e ela não podia deixá-lo preso assim.

Porque acredito em você quando diz que manterá sua palavra para mim.

Ela queria, precisava, fazer isso, uma última coisa, antes de deixar este mundo. Ela precisava dar a ele sua vida de volta.

—Você está certo. — ela disse, tremendo diante do que estava prestes a fazer. —Não posso ir com Guji Ishida.

O rosto de Katsuo se iluminou. —Vamos sair daqui, então podemos...

—Espere. — ela disse, sua mente girando. Para onde ela estava indo, Katsuo não podia seguir; ela não poderia colocá-lo naquele tipo de perigo. — Há, eu quero te pedir uma coisa primeiro. Um favor.

As mãos dele ainda seguravam os braços dela, a regra sobre tocar kamigakari esquecida ou abandonada. —O que?

—Katsuo...— Seu coração bateu ainda mais rápido. —Você vai .. você vai me beijar?

Por um segundo, ele não reagiu. Então seu queixo caiu. —O-o quê?

—Você vai me beijar? Eu... eu não sei o que vai acontecer e não quero arriscar que nunca... —Ela deu um sorriso vacilante. —Você prometeu me ajudar com quaisquer novas experiências que eu quisesse, certo?

—Mas - mas não é permitido...— Ele parou. —Você tem certeza?

—Sim por favor.

Ele engoliu em seco, suas bochechas corando. Ela ergueu o rosto, as mãos tremendo. Seu olhar procurou seu rosto mais uma vez, então ele cuidadosamente se inclinou. Ela fechou os olhos.

Seus lábios tocaram os dela tão levemente que quase fez cócegas. Ele recuou, então fechou a lacuna até que sua boca estava pressionada contra a dela. As mãos dele acariciaram seus braços, quase acariciando-a, e seus nervos aumentaram no ritmo de seu pulso. Ela não sentiu nenhum calor impetuoso, nenhuma onda de desejo faminto, nenhuma tontura ou desejo sem fôlego. Mas, gradualmente, vindo de dentro, um calor suave cresceu, uma carícia lenta de sentimentos desconhecidos. Em vez de fogo e paixão, ela sentiu a atração sedutora de tudo que a atraía para Katsuo, sua bondade e compaixão, sua lealdade e integridade. Eles a envolveram, afugentando todas as sombras, dúvidas e dores que haviam permanecido em sua alma.

Ele se afastou, seu rosto tingido de rosa. Ela sorriu fracamente, um pouco atordoada.

—Obrigada, Katsuo. — Ela murmurou enquanto colocava as mãos nas mangas opostas do quimono. Seus dedos roçaram nas bordas de finas folhas

de papel. —Obrigada por se preocupar comigo mais do que com o kamigakari. Obrigada por me proteger e por ser meu amigo. Obrigada por tudo.

—Emi…

Ela colocou a mão no peito dele. —Eu nunca poderei retribuir sua bondade, mas não posso deixar você jogar fora sua vida pela minha. Eu não valho isso. Sinto muito, Katsuo.

Sua testa franzida. —Emi...

Com grande pesar, ela sussurrou: —Sotei no shinketsu.

O ofuda sob sua mão brilhou com calor. Um brilho azul saiu do papel e atingiu Katsuo, envolvendo todo o seu corpo na capa brilhante. Ela piscou suas lágrimas. Um humano não poderia amarrar outro humano com um ofuda, mas como Koyane havia demonstrado sobre ela, um kami era capaz de magia maior. Seu ki infundido com kami podia fazer o que mesmo o mais forte sohei ou kannushi não podia.

—Sinto muito. — Ela engasgou e se afastou de sua forma congelada.

O ofuda não o machucaria, nem duraria muito. Se ela ia fazer isso, ela precisava fazer antes que ele fosse libertado e tentasse segui-la, e antes que Minoru ou Nanako retornassem.

Ela não teve tempo de pegar uma muda de roupa. Com a urgência latejando em sua cabeça, ela disparou ao redor de Katsuo para a porta. Quando ela o alcançou, um brilho de metal chamou sua atenção. Encostado no canto estava o arco e seis flechas que ela se esquecera de devolver ao depósito. Ela as agarrou e abriu a porta. Seus pés calçados com meias deslizaram no chão de madeira enquanto ela corria para a entrada. Calçando as sandálias, ela irrompeu pela porta e desceu os degraus.

Uma onda de flocos de neve caiu sobre ela. O sol era visível no horizonte ocidental apenas como um brilho laranja através das nuvens. Ela virou para o caminho e correu em direção às montanhas do norte, fugindo para os dentes da selva yokai, antes o lugar mais perigoso para ela entrar e agora seu único refúgio possível.

Capítulo Vinte

A neve caia suavemente dos céus, ela corria.

O pasto e o portão torii estavam bem atrás dela. O caminho serpenteava pela encosta da montanha, chamando-a para a frente. A neve absorveu seus passos e a cauda de seu quimono arrastou-se atrás dela. Ela agarrou seu arco e flechas. Seus pés estavam dormentes de frio, suas meias brancas e sandálias adequadas para um quarto quente, não para uma caminhada na montanha congelada.

Quando o solo ficou um pouco nivelado, ela diminuiu o passo e olhou para trás. Quanto tempo até que o encanto em Katsuo acabasse? Quanto tempo até Minoru voltar e descobrir que ela se foi? Suas pegadas na neve os levariam até ela, e Minoru poderia correr muito mais rápido e por muito mais tempo do que ela.

Sem outra escolha, ela saiu da trilha e correu para a floresta. Árvores a cercavam, abetos revestidos de agulhas e galhos de carvalho retorcidos fechando-se sobre o céu. Ela continuou correndo, contornando arbustos e árvores caídas. Galhos agarraram-se a ela, puxando seu cabelo e as mangas compridas de seu quimono. Um ramo estreito agarrou o nó decorativo de seu obi e o separou. As pontas se soltaram, voando atrás dela como bandeiras vermelhas. Ela continuou correndo.

Toda vez que ela tropeçava e quase caía, toda vez que um ponto cortava seus pulmões, ela pensava em Shiro de pé novamente para lutar. Ela correu até

que sua garganta queimasse e suas pernas doessem. Ofegante, ela diminuiu a velocidade para uma caminhada, uma mão pressionada contra o peito. Adiante, uma pequena clareira se abriu entre as árvores. Sombras escuras e luz dourada dos raios finais do sol formaram listras na neve lisa. Ela entrou na abertura e parou no centro.

—Yumei! — Seu grito soou pela floresta silenciosa. —Yumei, onde você está?

Ela esperou um minuto. —Yumei!

Ele responderia ou a deixaria entregue a seus próprios recursos na floresta?

Ela esperou enquanto a luz do sol desaparecia. Seu plano não foi além de escapar do santuário e encontrar Shiro. Antes de qualquer coisa, ela precisava sair em segurança do santuário antes que Ishida pudesse levá-la para Shion; apenas correr para a floresta não era suficiente. Enquanto estava sozinha na floresta, ela desejou poder ter trazido Katsuo com ela, mas não podia condená-lo a uma morte quase certa. Shiro e Yumei tinham um motivo para mantê-la viva, mas nada protegia Katsuo deles.

Ela olhou para o céu escurecendo, esperando ver a silhueta de asas negras se aproximando. Yumei viria? Ele estava olhando para ela pelos olhos de um de seus corvos? Ela se perguntou como seria vista do céu. Sozinha na neve branca, ela estava com seu quimono carmesim espalhado ao redor dela como uma poça de sangue. Quanto sangue foi derramado na neve na semana passada? Este inverno não tinha sido nada além de dor e sangue, nada além de vermelho.

Nenhum corvo gigante apareceu no céu. Nenhum corvo a chamou dos galhos. Ela estava completamente sozinha e não podia esperar mais ou seus inevitáveis perseguidores a pegariam. Ela mordeu o lábio, sem saber o que

fazer. Ela foi mais fundo na floresta, sozinha e sem suprimentos? A noite não estava muito fria, mas fria o suficiente para que a hipotermia fosse um risco. O risco de yokais a atacarem antes que ela pudesse sucumbir à hipotermia, entretanto, era ainda maior.

Ela esfregou as mãos dormentes e respirou nelas para se aquecer. O que ela deveria fazer? Ela correu para a floresta por nada? Não, ela não voltaria atrás. Ela iria continuar. Ela manteria sua promessa.

Suspirando, ela cruzou a clareira, continuando para o norte. Enquanto ela empurrava os galhos densos, galhos emaranhados em seu cabelo. Ela se afastou em frustração e um de seus grampos de cabelo de vidro soprado se soltou. Quicou em seu ombro e caiu na neve. Ela fez uma pausa, olhando para o buraco que havia deixado. Seu coque cedeu, mechas de cabelo caindo livres com cada movimento. Ela deslizou o outro alfinete para fora e o deixou cair de sua mão enquanto avançava novamente.

Um cavalo relinchou.

Ela se virou. Um cavalo preto com uma mancha branca estava parado no meio da clareira, olhando para ela com as orelhas em pé.

—Tornado? — Ela engasgou.

O cavalo relinchou novamente e sacudiu a cabeça. Seu cabresto e a corda-guia que ela usava como rédeas haviam sumido. Lama e folhas grudavam em seu pelo, mas ele parecia saudável e em forma. Com medo de assustá-lo, ela voltou para a clareira e estendeu a mão para ele. Ele empurrou o focinho em sua palma.

—Tornado. — Ela sussurrou, acariciando sua cabeça. Seu olhar moveu-se sobre ele e parou em suas costas. Ela precisava sair do santuário antes que Minoru e os outros a alcançassem. Um cavalo poderia cobrir muito mais terreno do que ela.

—Tornado, você me dá uma carona? — Ela murmurou. Ela olhou ao redor e viu uma árvore caída na beira da clareira. Jogando o arco sobre o ombro, ela deslizou as flechas entre as camadas de seu obi para mantê-las no lugar contra a parte inferior de suas costas. Embora sua última experiência de equitação não tivesse corrido bem, ela estava sem opções.

Ela colocou a mão no pescoço de Tornado e ele voluntariamente a seguiu até o tronco. Esperando pacientemente, ele permitiu que ela subisse nele. Ela se acomodou em suas costas com seu quimono pendurado em suas ancas. A seda esvoaçante não o incomodou; ele era um cavalo de festival, treinado para carregar kannushi e miko em trajes elaborados. Sentada em suas costas, ela enrolou as mãos em sua crina, perguntando-se se havia perdido o juízo. Ela não tinha como controlar o cavalo sem rédeas.

Antes que ela pudesse decidir sair, Tornado deu meia-volta e partiu em um trote fácil. Ela saltou desconfortavelmente, mal permanecendo sentada enquanto ele seguia em frente. Ele se movia com determinação, trotando para frente como se soubesse exatamente para onde ir. Enquanto ele contornava as árvores e avançava pela vegetação rasteira, ela agarrou sua crina, protegendo repetidamente o rosto dos galhos baixos. Constantemente, o terreno ficou mais íngreme.

Quando a noite caiu sobre eles, o cavalo a carregou para as montanhas. A neve caia, quase invisível na escuridão. Ela se agarrou a Tornado, grata por seu calor e companhia na floresta vazia. Mesmo quando a escuridão os envolveu, ele não vacilou. Os minutos foram passando, sua atenção consumida por ficar no lugar. Suas pernas doíam e seu traseiro doía de saltar em suas costas duras. O ar ficou mais frio, entorpecendo seu rosto.

Gradualmente, ela sentiu olhos sobre ela. Foi quando ela avistou o primeiro corvo: ele estava sentado em um galho baixo e viu Tornado passar

por ela. Pontos mais escuros entre os galhos revelavam pássaros mais vigilantes. Os corvos estavam aqui, o que significava que Yumei estava olhando para ela também. Ele sabia que ela estava vagando em seu território.

O pensamento a fez parar. Eles estavam 'vagando'? A cabeça de Tornado balançou na frente dela enquanto ele trotava por entre as árvores. Ele se movia decididamente, suas orelhas girando e seu ritmo nunca vacilou.

O Tengu podia falar com feras. Shiro não havia dito isso a ela? Para Yumei, humanos e animais eram iguais. Suas mãos apertaram a crina de Tornado. Os corvos voaram junto com eles, deslizando de árvore em árvore, não mais do que asas batendo ou lampejos de sombra escura na noite.

Tornado finalmente parou. Emi se endireitou e apertou os olhos na escuridão. Este trecho de árvores não parecia diferente dos últimos quilômetros. Por que Tornado parou? Ele estava fazendo uma pausa ou era o fim de seu passeio? Quando ela virou a cabeça para um lado e depois para o outro, algo brilhou em sua visão periférica. Ela desviou o olhar para o local, mas não viu nada. Quando ela desviou o olhar, a luz mais uma vez cintilou no limite de sua visão. Ela sacudiu a cabeça para trás, mas ela desapareceu mais uma vez.

Apertando os olhos no local, ela se concentrou.

Lentamente, quase com relutância, um brilho de luz tomou forma. Uma barreira brilhou fracamente, luz vermelha com veias pretas, a cor do ki do Tengu. Yumei havia estabelecido uma barreira. A luz de sua magia iluminou dezenas de corvos empoleirados nas árvores. Eles a observaram com curiosidade de ambos os lados da barreira.

Ela escorregou das costas de Tornado. Suas pernas doloridas ameaçaram se dobrar e ela segurou seu ombro até que seus joelhos se firmaram.

—Obrigada, Tornado. — Ela disse, esfregando seu pescoço.

Com um aceno de cabeça, ele se afastou, farejando a neve em busca de grama escondida. Ela cautelosamente se aproximou da barreira e estendeu a mão. À medida que seus dedos se aproximavam da luz tremeluzente, ela brilhou mais forte e um estranho frio emanou dela. Uma labareda de poder vermelho tão frio quanto gelo líquido a atingiu. Ela puxou a mão de volta.

—Yumei? — Ela chamou. —Deixe-me passar.

Os corvos a olhavam em silêncio. A barreira não mudou.

Ela franziu o cenho. Ele sabia que ela estava chegando e teve muito tempo para abrir sua barreira e deixá-la passar. Ele a estava provocando? Sua mandíbula se apertou. Girando nos calcanhares, ela se afastou uma dúzia de passos e se virou. Ela tirou o cabelo dos ombros, tirou o arco e puxou uma flecha do obi.

Se ele não a deixasse entrar, então ela resolveria o assunto por conta própria.

Ela encaixou a flecha e ergueu o arco. Trazendo a penugem de volta para sua bochecha, ela convocou sua concentração e se concentrou na barreira da magia yokai. Um calor suave se espalhou por seu peito.

—*Shukusei no tama!*

Ela deixou a flecha voar. Ela correu pelo ar e atingiu a barreira em um lampejo ofuscante. O ar quente soprou para fora, soprando seu cabelo para trás, e uma onda de frio a seguiu. A barreira estalou e cuspiu, então se dissolveu, a magia do Tengu consumida por seu feitiço de purificação.

Jogando o arco sobre o ombro, ela passou pela barreira caída e entrou na floresta além. As asas batiam no ar enquanto os corvos deslizavam atrás dela, alguns seguindo enquanto outros voavam à frente, liderando o caminho.

Enquanto ela se movia entre as árvores, sua pele formigava. Um poder estranho latejava em seus nervos e disparava em seus calcanhares a cada

passo. Ela estremeceu com a sensação bizarra de magia provando-a, a mesma sensação que ela sentiu da magia do sangue de Yumei. A floresta ficou mais silenciosa e quieta, exceto por seus passos esmagando a neve e o bater das asas dos corvos. Ela olhou para trás. Tornado não a seguiu. Ela se abraçou, sentindo-se dolorosamente sozinha.

As árvores diminuíram e, à frente, um único carvalho enorme erguia-se em glória solitária, seus grandes galhos alcançando o céu e se fundindo com a escuridão. Em uma agitação de asas, todos os corvos voaram para cima, desaparecendo entre os ramos emaranhados até que ela ficou sozinha. Engolindo em seco, ela se aproximou do carvalho maciço e olhou para cima.

No alto dos galhos, uma figura estava de pé sobre um galho grosso, um ombro apoiado no tronco. Os olhos prateados de Yumei brilhavam.

Ela olhou para ele. Depois de um momento, ela percebeu o quão estranho era que ela pudesse vê-lo. Deveria estar muito escuro. De alguma forma, a escuridão havia mudado, permitindo que ela visse, apesar da falta de luz.

Seus olhos se encontraram à distância, e ela entendeu: assim como ele não a deixou passar por sua barreira, ele não iria descer até ela. Ela teria que ir até ele.

Ela se afastou da árvore colossal e a examinou com desânimo. Seriam necessárias quatro ou cinco pessoas para circundar o tronco largo e os galhos mais baixos estavam acima de sua cabeça. Ela mordeu o lábio inferior e deu dez passos precisos para trás. Mais uma vez, ela tirou o arco.

Tirando uma flecha de seu obi, ela mirou e atirou. Ela atingiu o tronco com uma sonora *paulada*. Ela puxou uma segunda flecha e atirou novamente. Pela terceira vez, ela puxou uma flecha e a atirou. Voltando para a

árvore, ela estudou seu trabalho. Suas três flechas haviam perfurado a casca grossa em uma linha diagonal.

Deixando seu arco e flechas encostados no tronco, ela colocou o pé na flecha mais baixa, testando-a. Quando pareceu suportar seu peso, ela abraçou a árvore e se lançou para cima, agarrando a segunda flecha, vários metros mais alta que a primeira. Precariamente equilibrada, ela usou as flechas como degraus e subiu alto o suficiente para alcançar o galho mais baixo e subir nele.

Com o coração batendo forte, ela resistiu ao desejo de olhar para baixo. Em vez disso, ela esticou o pescoço para trás e apertou os olhos para cima. Ela não podia ver Yumei de seu ponto de vista. Em pé com cuidado no galho grosso, ela alcançou o próximo. Pé a pé, galho por galho, ela subia. O chão caiu até que galhos serpenteantes e folhas ambarinas de outono polvilhadas com neve a cercaram.

Ela agarrou o último galho e se ergueu, sentando-se no galho. Respirando com dificuldade, ela olhou para Yumei parado ao lado dela. Ele devolveu o olhar dela, seu rosto impassível. Então ele estendeu a mão para ela, suas garras negras brilhando nas pontas dos dedos.

Ela olhou para ele, chocada com o gesto, então hesitantemente colocou a mão na dele. Ele a puxou facilmente. Ela cambaleou no galho, longe demais do tronco para usá-lo para se equilibrar. Apesar disso, ela puxou a mão para libertá-la da dele, sentindo-se desconfortável em tocá-lo. Seu aperto aumentou e ele ergueu a outra mão, colocando a palma na casca enquanto seus olhos prateados deslizaram para ela.

—Não vai deixar você entrar sem mim.

Sob sua mão, a árvore ficou turva. Linhas vermelhas brilhantes serpenteavam de sua palma, traçando padrões na casca. A luz brilhou para

fora e depois desapareceu. Em seu lugar, uma porta áspera se abriu, cheia de escuridão.

Ela reflexivamente se inclinou e quase caiu do galho. —O que... o que é...

—Com tanto medo de entrar em Tsuchi, humana?

Não dando a ela uma chance de responder, ele entrou na escuridão, puxando-a com ele. Ela resistiu, com medo daquela escuridão. Aterrorizada de entrar em Tsuchi, o reino espiritual terrestre, tanto parte da terra quanto não, um mundo que existia dentro de seu mundo, mas também estava separado dele. O local de nascimento dos yokai.

Ela tinha vindo até aqui para voltar agora?

Cedendo, ela deu um passo atrás dele. A escuridão caiu sobre ela como dedos frios em sua pele. Aquela magia estranha que sentiu quando se aproximou do carvalho cantou em seus nervos, quente e fria. Isso a empurrou de volta para a floresta mundana, mas a mão de Yumei a puxou para frente.

Ela completou seu único passo e a escuridão se dissipou. Iluminada pela luz fraca das velas, uma sala entrou em foco diante de seus olhos: quase perfeitamente redonda, com paredes sem janelas de madeira contínua. Recantos nas paredes sustentavam velas de cera que lentamente derretiam sob suas chamas. Objetos estranhos, pedras, rolos de papel, caixas de madeira, uma xícara de chá pintada, uma espada quebrada, cobriam uma mesa baixa no canto com almofadas espalhadas ao redor. A outra extremidade da sala estava cheia de mais caixas e itens aleatórios sem nenhuma rima ou razão para eles.

No único espaço vazio real, perto da parede curva mais distante, Shiro estava deitado sobre um acolchoado de cobertores, coberto por um de lã trançada. Seu cabelo branco brilhava à luz das velas dançantes. Sem pensar, ela se afastou de Yumei e correu para o lado de Shiro. Ajoelhando-se, ela

procurou seu rosto. Pequenos desenhos vermelhos ainda adornavam suas maçãs do rosto. Hesitante, ela afastou o cabelo dele, revelando o símbolo no centro de sua testa.

—Ele - ele vai ficar bem? — Ela perguntou, olhando por cima do ombro.

Yumei abaixou-se em uma das almofadas ao lado da mesa. Ele colocou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão. —Obviamente.

Voltando-se para Shiro, ela levantou o cobertor e espiou por baixo. Seu kosode foi removido e bandagens brancas envolviam seu peito e ombro. Ela colocou o cobertor em volta dele novamente e se recostou, aliviada por ele estar vivo e se curando. Depois de vagar por tanto tempo na noite fria, o calor finalmente invadiu seus membros, mas o ar ainda estava fresco e ela esfregou as mãos.

—Mestre, você nos trouxe uma guloseima?

A voz coaxou de algum lugar perto de seu ombro esquerdo. Ela olhou em volta, e sufocou um grito.

Um yokai estava agachado ao lado dela. Era do tamanho de uma criança pequena, com pele escura e manchada e membros ossudos parcialmente cobertos por um kosode esfarrapado. Um bico preto projetava-se de seu rosto onde deveriam estar sua boca e nariz, e uma crista de penas pretas cobria o topo de sua cabeça calva, enfatizando suas orelhas longas e pontudas.

—Cheira bem. — Resmungou o yokai, inclinando-se para mais perto dela. Ela se encolheu.

—Deixe-a em paz. — disse Yumei sem tirar os olhos de um pergaminho que pegou da mesa. —Ela pertence ao kitsune.

Emi enrijeceu. O yokai estalou o bico em desapontamento e saiu correndo para se juntar a três yokai quase idênticos sentados entre as caixas e

baús empilhados ao longo da parede. As criaturas a olhavam com olhos negros redondos.

Arrastando seu olhar para longe deles, ela examinou a sala novamente, sua atenção persistente nas paredes redondas de madeira sem costura.

—Estamos dentro do carvalho? — Ela perguntou, descrença e espanto competindo em sua voz. O interior da sala era várias vezes maior que a circunferência da árvore.

—Sim e não.— disse Yumei, irritação permeando sua voz suave quando ele ergueu os olhos do pergaminho. —Tsuchi reflete o seu mundo, mas é um reflexo imperfeito. Ou talvez o seu mundo reflita imperfeitamente o nosso.

—Então, os yokais moram aqui?

—Alguns de nós.

—Achei que os yokai vinham aqui quando morriam.

—Nossos espíritos retornam a Tsuchi, sim, mas não é um mundo de mortos. — Ele baixou o pergaminho. —Venha aqui, miko.

O comando não intermediou nenhum argumento. Ela se levantou e cruzou a sala até ele, afundando em uma poça de seda vermelha em uma das almofadas. Os nervos estremeceram por ela. Ela estava no mundo dos yokai. O único caminho de volta era por aquela porta cheia de escuridão impenetrável. Se ela tentasse sair sozinha, a magia deste lugar permitiria? Ou ela estava presa aqui até que Yumei decidisse libertá-la?

—Conte-me sobre o ataque da yokai da chuva e inugami.

Ela piscou, pega de surpresa. Hesitante, ela descreveu a aparência de Ameonna e a batalha com o inugami. Do momento em que começou até terminar, a expressão de Yumei permaneceu sem emoção e ilegível.

—Descreva o kitsune depois que você acordou.

—Shiro? Ele... —Os olhos dela saíram de foco quando ela viu novamente. —Ele tinha três caudas de fogo branco e orbes de fogo azul e vermelho flutuando atrás dele em um semicírculo.

— Kitsunebi. — ele a informou. —Uma espécie de raposa.

—Havia linhas de fogo em seus braços que se moviam em padrões diferentes. As marcas em seu rosto brilharam em vermelho. — Ela olhou para Shiro, adormecido do outro lado da sala. —As marcações ainda estão lá.

—Isso é tudo?

Ela acenou com a cabeça enquanto estudava Shiro. —Eu não sabia que ele seria tão poderoso. Três caudas... —E mais duas voltas do onenju ainda restavam.

De acordo com os mitos e histórias que ela leu, o kitsune ganhava outra cauda a cada cem anos que vivia, e com cada cauda, eles ganhavam exponencialmente mais poder. O maior de todos os kitsune era o kyubi no kitsune, a raposa de nove caudas, tão poderosa que se classificava entre os dragões em força mortal.

Ela se voltou para Yumei e estudou sua expressão indecifrável. —Por que você está ajudando Shiro? Você não poderia imaginar que ele acabaria sendo tão forte. Por que você o ajudou primeiro?

—O kitsune veio até mim porque eu falo a língua dos animais.

Shiro, preso em sua forma de raposa, tinha ido até Yumei para que ele pudesse pedir ajuda de alguém que pudesse entendê-lo, mas... —Isso não explica por que você o ajudou.

Yumei silenciosamente retornou seu olhar.

—Por que você sempre o chama de 'kitsune' em vez de Shiro?

—Porque esse não é o nome dele.

—Qual é o nome dele então?

—Eu não sei. — Seu olhar a penetrou como aço prateado. —Nem ele.

Seu estômago despencou em direção ao chão. —O-o quê?

Yumei olhou para o agrupamento de pequenos yokai do outro lado da sala. —Saiam.

Os yokai saltaram. Com lampejos de poder negro, eles se transformaram em corvos e voaram para fora da porta, desaparecendo na misteriosa cortina de escuridão que preenchia a soleira.

O Tengu focou nela novamente e seus olhos brilharam, as pupilas diminuindo para pequenos pontos dentro das piscinas de prata.

—Antes de discutirmos mais sobre quem e o que é o kitsune. — ele disse, sua voz caindo em um sussurro suave e perigoso. —Vamos primeiro responder a essas perguntas sobre você, miko.

Sua mão se levantou e ele pressionou um único dedo com garras contra seu peito, diretamente sobre seu coração.

—Ou devo dizer... kamigakari.

Capítulo Vinte e Um

Ela se engasgou, recuando com seu toque. O terror a varreu como um rio de inverno sob sua pele.

Ele se inclinou para trás, sem mostrar sinais de ataque iminente. Mas aqueles olhos prateados a observavam como um lobo estudando sua presa. Ela poderia ter contado a verdade a Shiro, mas não a Yumei. O Tengu não a pouparia.

Seu olhar disparou para a porta. Ela poderia alcançá-la antes que ele pudesse impedi-la? Mas uma vez lá fora, o que ela faria? Ela estava dentro de seu território, e não havia nenhum lugar para onde ela pudesse correr que seus corvos não pudessem seguir.

—Fale, kamigakari. — Yumei entoou. —Estou ficando impaciente.

—O que você quer que eu diga? — ela perguntou estridentemente. — Você já descobriu. Se você vai me matar, apenas faça.

—Não estou inclinado a acabar com sua vida... ainda.

Ela engoliu em seco, lutando para conter o pânico. —O que você quer saber? — Ela perguntou com um toque mais compostura.

—Por que você não está em Shion?

—Fui atacada por yokais no parque perto do santuário. Eles decidiram que eu estaria mais segura em um local secreto. Nos últimos três anos, eles me esconderam em pequenos santuários.

—Por que você estava procurando o outro Amatsukami?

—Eu... eu descobri algo sobre a cerimônia do solstício. — Ela tropeçou nas palavras, enterrando suas emoções bem fundo onde ele não as veria. —Ser a kamigakari significa que serei destruída quando Amaterasu descer. Eu precisava saber se isso era verdade, se eu estava destinada a... então pedi a Shiro para encontrar um Amatsukami que pudesse me dizer.

—E a noite passada? Você recebeu sua resposta?

—Sim, é verdade.

Ele não parecia surpreso ou simpático. —E você disse a ele que é a kamigakari de Amaterasu?

Ela assentiu. Uma ligeira carranca puxou os cantos de sua boca e ele sentou-se em silêncio por vários minutos. Eventualmente, ele voltou a se concentrar nela.

—Você pode remover o onenju porque possui ki de Amatsukami.

—Achei que era assim que eu estava fazendo. — ela admitiu. —Não entendo por que funciona.

—Suspeito que seja porque o ki de Amatsukami teceu a maldição.

Sua boca se abriu. Ela pensou que o poder das contas era familiar quando ela o sentiu pela primeira vez. Se um Amatsukami tivesse criado a maldição, então ela provavelmente era a única, além de outro Amatsukami, que poderia afetar o feitiço.

—Por que um Amatsukami o amaldiçoaria? — Ela perguntou, totalmente perplexa.

—Por que, de fato. — Yumei murmurou. —Por que desperdiçar magia tão poderosa em um mero kitsune?

Ela olhou para Shiro, vendo novamente em sua mente quando ele se lembrou de como convocar suas espadas gêmeas.

—Ele não lembra o nome dele, não é? — ela sussurrou. —Ele não sabe quem ele é.

—Não.

Ela afastou seu olhar horrorizado dele. —Ele se lembra por que foi amaldiçoado?

—Não. Memórias insignificantes e conhecimentos dispersos voltaram desde que você removeu a primeira conta. Quando ele acordar, descobriremos o que mais ele pode se lembrar da remoção da segunda ligação.

Seus olhos se estreitaram. —Por que você se preocupa tanto com a amnésia dele? Você obviamente não é do tipo altruísta.

Para sua surpresa, um fantasma de um sorriso tocou seus lábios em sua observação rude. Ele desapareceu rapidamente quando seu olhar se voltou para Shiro. —Eu não o conheço, mas a floresta se lembra dele. Tsuchi também se lembra de sua presença... e o dá as boas-vindas.

Ela estremeceu com a lembrança do poder estranho que ela sentiu ao passar para o reino espiritual.

Yumei bateu uma garra na mesa, um sinal incomum de inquietação; ele normalmente estava tão quieto. —Quando Inari desapareceu, todos os kitsune partiram em busca de seu mestre. Um por um, eles também desapareceram até que não restasse nenhum. Muitas décadas se passaram desde que vi um de sua espécie... até ele.

—Você acha que ele sabe algo sobre o desaparecimento de Inari? — Ela perguntou em um sussurro abafado. Se Shiro foi procurar Inari com os outros kitsunes e ele foi o único a voltar, talvez ele tivesse encontrado algo, algo que alguém queria que ele esquecesse. Mas por que amaldiçoá-lo em vez de matá-lo?

—Há segredos enterrados em sua memória. — disse Yumei. —Se ele conseguir se lembrar deles, talvez ele possa desvendar o mistério do desaparecimento de seu mestre.

—E então Inari poderia encontrar os outros Kunitsukami. — Ela terminou. Ela distraidamente alisou as mangas de seu quimono. Shiro parecia tão amargurado com o desaparecimento de Inari. Ele achava que Inari havia abandonado o mundo por escolha própria ou ele suspeitava que o desaparecimento do Kunitsukami era mais sinistro? Yumei tinha discutido seus pensamentos com Shiro, ou...

Ela examinou as mãos, lembrando-se da onda de poder Amatsukami explodindo das contas enquanto ela removia a ligação. —Se Shiro foi amaldiçoado com o onenju a enterrar quaisquer segredos que ele pudesse saber sobre o desaparecimento de Inari, por que o onenju foi criado a partir de ki de Amatsukami?

Yumei não disse nada.

—Você acha que o Amatsukami tem algo a ver com o desaparecimento do Kunitsukami? — Ela fez um barulho furioso no fundo da garganta. —Isso é impossível. Os Amatsukami podem não gostar dos Kunitsukami, mas eles não fariam algo assim. Eles sabem que os Kunitsukami são cruciais para o equilíbrio de poder.

—Você supõe que eles desejam preservar o equilíbrio. Kami não equilibram o poder; eles anseiam por isso.

Ela balançou a cabeça, mas não discutiu. Um medo nauseante enrolou em seu estômago. Se ele pensasse que os Amatsukami eram os responsáveis pelo desaparecimento de Kunitsukami, então ele estaria muito motivado para evitar que Amaterasu descesse e aumentasse o poder dos Amatsukami. Ela só

estava viva porque ele precisava dela para remover o onenju de Shiro. Depois disso, ele iria matá-la. Ele já tinha prometido.

Sem perceber seu medo ou ignorando-o, Yumei se levantou. —Devo consertar minha barreira. Fique aqui até eu voltar. — Sua voz endureceu com advertência. —Não tente sair, kamigakari. Meus karasu guardam a entrada. Você não irá longe.

Ele se moveu em direção à entrada da escuridão com passos deslizantes.

—Yumei? — Ela engoliu o tremor em sua voz. —Como você sabia? Que eu sou a kamigakari?

Ele parou na frente da soleira e olhou para trás. —Eu não tinha certeza se o ki de um kami era o único poder que poderia remover o onenju amaldiçoado, mas nenhum humano poderia ter quebrado minha barreira.

Dando um passo à frente, ele desapareceu no esquecimento impenetrável na porta, deixando-a sozinha com Shiro.

Ela esfregou o rosto com as duas mãos. Então Yumei usou Tornado para trazê-la para sua barreira, então ele se recostou e esperou para ver como ela lidaria com isso. E o que ela fez? Ela deu a ele uma bela demonstração de seu ki divinamente infundido. Agora, o yokai mais perigoso das montanhas conhecia seu segredo e pretendia matá-la assim que ela não fosse mais útil para ele.

Uma risada amarga subiu por sua garganta. Ela fugiu dos humanos que garantiriam que sua vida terminasse no solstício para os yokai que garantiriam que ela morreria antes disso. Ela estava condenada, não importava para onde ela se virava.

Levantando-se, ela cruzou a sala e se ajoelhou ao lado de Shiro. Ela sabia que ele tinha alguns problemas com sua memória, esquecer sobre suas espadas, não se lembrar de sua vida antes da maldição, mas ela não percebeu

a extensão de sua amnésia. Ele nem sabia seu nome. Há quanto tempo ele vagava pela terra, preso em sua forma de raposa, sem saber quem era ou o que havia acontecido com ele?

Ela viu seu peito subir e descer. Ela tinha vindo aqui para remover as contas, mas agora Yumei sabia seu segredo. Ela vivia apenas pela misericórdia dele, misericórdia que dependia inteiramente de sua promessa de remover o onenju de Shiro. Yumei precisava das memórias de Shiro para continuar a caça aos Kunitsukami desaparecidos, e se ela tirasse as contas, Yumei estaria livre para matá-la.

Ela não tinha escolha; ela teria que esperar um pouco mais. Yumei sabia que a magia para remover as contas não funcionaria se ela não quisesse, então ele não poderia forçá-la. Com algum planejamento, ela poderia arranjar um tempo e um lugar para removê-los, onde ela estaria protegida do Tengu.

Levantando a ponta do cobertor, ela descobriu o braço envolto em um onenju de Shiro. Quão terrível deve ser não lembrar quem você era? Não lembrar quem o amaldiçoou e o deixou perdido e indefeso por anos?

Ela passou os dedos no onenju e sentiu um sussurro de seu poder. As pontas dos dedos dela deslizaram pelas contas e pela manga preta enrolada no braço dele. Sem decidir, ela se encontrou correndo os dedos sobre a pele dele, traçando a protuberância de seu bíceps, seu ombro, a linha de sua clavícula até a depressão em seu centro. Seus dedos encontraram a pulsação em seu pescoço e ela os manteve ali, confortada pelo ritmo lento e constante. Ela estava tão preocupada que ele pudesse ter morrido.

Seu olhar vagou pelo rosto dele e se demorou em sua boca, os lábios ligeiramente entreabertos em seu sono. O constrangimento aqueceu suas bochechas ao se lembrar de pedir a Katsuo para beijá-la. Mas ela tinha que

fazer. Ela precisava saber se os sentimentos que experimentou quando Shiro a beijou foram uma reação ao ser beijada por um homem ou ser beijada por ele.

Exceto que o tiro saiu pela culatra horrivelmente. O beijo de Katsuo tinha sido completamente diferente, suave e terno, mais como um abraço reconfortante do que um beijo apaixonado. E ainda assim seu coração disparou com o simples pensamento da boca de Shiro na dela. Por quê? Ela não entendia. Talvez a emoção de fazer algo proibido a fez reagir dessa forma.

Ela olhou para ele enquanto seus dedos deslizavam de seu pescoço até sua mandíbula. Era porque era proibido. Tocá-lo era proibido. Beijá-lo era proibido. Querê-lo era proibido.

Seus dedos roçaram seus lábios e seu hálito quente fez cócegas em sua mão, enviando arrepios por seu braço.

Ela puxou a mão de volta e a segurou contra o peito como se estivesse totalmente fora de seu controle. O que havia de errado com ela? Tocando nele enquanto ele estava dormindo? Ela não era melhor do que ele beijando-a enquanto ela estava indefesa. Bem, agora eles estavam quites. Ela se encostou na parede, repreendendo-se severamente para se comportar.

Deixando a cabeça cair para trás, ela fechou os olhos. Atrás de suas pálpebras, a imagem de Katsuo preso em sua amarração apareceu e a culpa a atingiu. Ela se sentia tão assustada e sozinha, cercada por todos os lados por pessoas que a queriam morta, humanos, yokai, kami. Havia alguém além de Katsuo que não queria que ela fosse embora?

Se você me der um motivo... Até mesmo Shiro prometeu matá-la se fosse necessário. Lágrimas queimaram seus olhos. A fadiga se apoderou dela e seus músculos doloridos se manifestaram. Ela só tinha dormido algumas horas. Apenas alguns minutos de descanso não faria mal. Yumei disse a ela para ficar parada depois de tudo.

Ela adormeceu em instantes.



Ela estava correndo, o chão coberto de neve voando sob seus pés.

À sua frente, entre as árvores escuras, a pequena raposa branca saltava pela neve. Sua cauda espessa balançava de um lado para o outro a cada salto. Ela correu atrás dele, o ar gelado cortando seus pulmões. Ela queria chamá-lo para parar, mas não tinha fôlego.

Ele corria em frente, afastando-se dela rápido. Seu pelo branco aparecia e desaparecia enquanto as árvores e os arbustos a bloqueavam de sua visão. Ela se esforçou mais, frustrada com o arrastar de seu quimono pesado que voava atrás dela em ondas de seda carmesim. A floresta ficou mais escura e as sombras dançaram com vida própria.

O kitsune desapareceu atrás de um aglomerado de árvores. Correndo muito, ela seguiu seus rastros na neve. Quando ele apareceu novamente, três caudas balançavam atrás dele. Ele era do tamanho de um lobo e orbes brilhantes de fogo dançavam ao seu redor, acompanhando o ritmo de sua corrida.

Ela deveria estar com medo, mas tudo que ela sabia era que precisava pegá-lo. Ela precisava dizer a ele... algo. Mas ele continuou correndo, fugindo dela.

A escuridão se enrolou e girou ao longo do solo em tentáculos grossos, fechando-se ao redor deles enquanto corriam. A dor queimava seu peito e suas pernas doíam. O kitsune disparou à frente, girando em uma esquina e desaparecendo atrás da densa vegetação rasteira. A escuridão engrossou,

engolindo-a até que tudo o que restava eram as pegadas de suas patas na neve, chamando-a para a frente.

Ela contornou as árvores e o calor a atingiu como um inferno desencadeado.

Um espectro bestial a esperava. Seu corpo maciço misturava carne e fogo, seu pelo ondulando como uma chama branca. Encheu a clareira, impossivelmente grande. Atrás dele, nove caudas de fogo se contorceram. As chamas ardiam sob suas patas gigantes e a neve ao redor derretia em poças de água fumegante.

O kitsune de três caudas do tamanho de um lobo se encolheu diante dele.

O grande kyubi no kitsune abaixou a cabeça, seus olhos brilhantes de um vermelho sólido e ininterrupto fixos no kitsune enquanto seus lábios se afastavam de suas presas. Marcas carmesim brilhavam em seu rosto e testa. Um rosnado baixo retumbou da besta. As chamas surgiram sobre ele e as nove caudas se moveram e giraram. Ele se recompôs, as mandíbulas se abrindo.

Emi saltou em sua direção, uma mão estendida enquanto gritava um nome.

Ele se lançou para o kitsune em uma onda de fogo incandescente, as chamas consumindo enchendo sua visão até que ela não pudesse ver mais nada.

Seus olhos se abriram e o kyubi no kitsune se foi. O alívio a invadiu. Um sonho. Apenas um sonho. Ela ainda estava na casa de Yumei, sombras escuras tremulando nas paredes com apenas uma vela acesa. Ela estava a salvo da grande besta de fogo.

Exceto que ela ainda podia sentir o calor das chamas.

Seu olhar se voltou para Shiro. As marcas em suas bochechas brilhavam, seu rosto estava tenso e sua respiração vinha rápida e áspera. Calor irradiava dele. Ele se contraiu, os músculos contraídos com a tensão, embora seus olhos estivessem fechados. Ela não era a única a ter pesadelos.

—Shiro. — ela disse em voz alta. —Shiro!

Ele não a ouviu. Ela se afastou da parede e estendeu a mão em direção a ele, hesitando ao sentir o calor.

O ar ao redor dele faiscou. Minúsculos orbes de chamas tomaram forma, queimando mais e mais forte à medida que aumentavam de tamanho. Um deles passou por sua cabeça e quase colocou fogo em seu cabelo. Ela se afastou e estendeu a mão para ele.

—Shiro! — Ela gritou enquanto agarrava seu ombro, com a intenção de sacudi-lo para acordá-lo.

No instante em que sua mão o tocou, seus olhos se abriram. Ele se sentou em uma onda de movimento, o cobertor caindo, e no instante seguinte, as costas dela bateram na parede, as pernas espalmadas desajeitadamente no chão.

Ele se ajoelhou sobre ela, uma mão segurando seu ombro com força contundente. A outra ele segurava na frente de seu rosto, seus dedos curvados com garras de chamas vermelhas nas pontas. Suas três caudas espectrais pairavam atrás dele e os kitsunebi dançaram em um padrão lento ao redor dele.

Seus olhos, fixos nos dela, eram poços vazios de ódio vermelho brilhante.



—Shiro? — Ela gaguejou.

Ele piscou. Sua mão abaixou um pouco e ele piscou novamente, seus olhos focando em seu rosto. Ele a soltou e olhou ao redor, o brilho em seus olhos desaparecendo. Ele olhou para os kitsunebi flutuantes, sua testa franzida em confusão. Seu olhar voltou para ela, então deslizou para baixo e para cima novamente. Seu estômago deu um pequeno salto estranho e seu rosto aqueceu.

—Por que você está vestida assim? — Ele perguntou.

Ela fez uma careta. —Essa é a sua primeira pergunta?

—Eu deveria ter perguntado outra coisa? — Aquele sorriso malicioso voltou, e o alívio inesperadamente vibrou por ela por ele ainda estar em seu estado normal.

—Que tal perguntar o que aconteceu depois que você desmaiou à beira da morte?

—Foi isso que aconteceu?

Ela se empurrou contra a parede. Ele estava montado em suas pernas, prendendo-a no lugar, tão perto que ela quase não conseguia respirar.

—Você vai se mover? — Ela exigiu.

—Você vai comê-la? — Uma voz resmungou.

Ela e Shiro pularam como se estivessem chocados. Ele agarrou os ombros dela e a puxou para longe da voz, sem perceber que estava ajoelhado em seu quimono. Ambos caíram e ele caiu em cima dela, espremendo o ar de seus pulmões.

—Mestre disse que a humana pertence a você.

Ainda esparramados no chão, ela e Shiro olharam enquanto o corvo yokai se movia furtivamente em direção a eles com pernas finas, seus olhos redondos olhando para ela.

—Você vai compartilhar? — Perguntou esperançosamente, inclinando-se mais perto.

—Eu não estou compartilhando. — Shiro disse com firmeza. —Saia.

Os ombros do yokai murcharam. Estalando o bico com irritação, ele se transformou em um corvo e voou pela sala, desaparecendo pela porta com um crocitar alto.

Ela olhou para Shiro ao mesmo tempo que seu rosto se virava para ela, seus narizes a centímetros de distância. Ela de repente estava agudamente ciente dele deitado sobre ela, seu corpo pesado e quente contra o dela. Além disso, ele não estava usando uma camisa, muitas bandagens, mas nenhuma camisa. Seu coração saltou e ela pressionou o chão, incapaz de escapar.

Seus olhos de rubi queimaram os dela, queimando suas defesas até os ossos, até que ela não conseguiu esconder nada.

—Você está com medo? — Sua voz era um sussurro de gelo e fogo, seu tom indecifrável.

Seu coração batia loucamente e seu estômago deu cambalhotas lentas. Medo? Sim, ela estava com medo, mas não que ele fosse machucá-la. Ela não sabia do que estava com medo.

—Eu deveria estar? — Ela sussurrou.

—Eu sou um yokai. Você deve sempre ter medo.

Ela lambeu os lábios. —E se eu não tiver?

—Então você é uma idiota.

Nenhuma palavra poderia descrevê-la melhor naquele momento. Presa no chão por um yokai poderoso e perigoso com intenções desconhecidas, na casa de um yokai ainda mais poderoso com intenções letais conhecidas, no misterioso e altamente perigoso reino espiritual dos yokai, e ela nem estava devidamente assustada por sua vida.

—Acho que não me importo mais. — As palavras escaparam, murmuradas sob sua respiração.

Ele se acalmou. —Você não se importa se eu te machucar? Se eu te matar?

—Isso importa? — Ela fechou os olhos e afastou o rosto dele. —Yumei planeja me matar assim que eu tirar o onenju de você.

—Ele quer?

—E se ele não fizer isso antes do solstício, vou embora de qualquer maneira.

—O solstício. — Shiro repetiu categoricamente.

Ela se encolheu. Ela não deveria ter dito isso. Nuvens de desespero se agitaram dentro dela novamente, lutando por uma saída.

—E o solstício, pequena miko?

Abrindo os olhos, ela forçou uma risada surda e sem humor enquanto seu coração disparava e seu sangue gelava de pavor. Presa debaixo dele, ela nunca se sentiu tão vulnerável. —Você não consegue adivinhar, Shiro, por que uma humana inútil pode remover uma maldição que foi criada com ki de Amatsukami?

Ele olhou para ela, seu rosto em branco, não com confusão, mas com o vazio de emoções rigidamente controladas. Seus dedos tocaram sua pele logo abaixo de sua clavícula. Ele os deslizou para baixo, forçando seu quimono a se separar. Ela ficou tensa quando o olhar dele pousou em seu peito. Ela sabia o que ele veria: a marca negra de Amaterasu brilhando em sua pele.

Ele ergueu a mão de sua pele, fechando os olhos e baixou a cabeça. Ele não se moveu enquanto os fechava. Ele estava se preparando para matá-la? Ele estava colocando de lado seus sentimentos para que pudesse lidar com o golpe letal que acabaria com a vida dela? Ele admitiu que não poderia matá-la sem

culpa. Isso ainda se aplicava agora que ele sabia que ela era a kamigakari? Matá-la era mais importante do que tirar o onenju?

Ela não se moveu, exceto por seu peito arfante enquanto sua respiração ficava cada vez mais rápida. A tensão cresceu em seus músculos e ela não podia suportar a espera, sabendo o que estava por vir. Por que ela disse a ele? Que loucura havia acontecido com ela?

—Acalme-se. — ele murmurou. —Não consigo pensar.

—O-o quê?

—Estou tentando me lembrar de algo. — Ele suspirou. —Essa marca me lembra de... não tenho certeza.

Ela piscou, seu coração desacelerando.

Ele levantou a cabeça e seu sorriso preguiçoso a pegou de surpresa. —Você não achou que ser a kamigakari iria tirar você do nosso acordo, não é?

—Eu... eu não... você não quer me matar?

—Bem, seu ki é... — Ele abaixou o rosto e roçou o nariz ao longo de sua mandíbula, inalando lentamente. Seu estômago caiu. —De dar água na boca, mas não, eu não estava planejando isso.

—Oh... então você só quer me comer como o corvo yokai quer.

—Não como o karasu. — Ele murmurou, seu tom profundo cantando em seus nervos. —Você nunca disse por que está vestida assim.

—Eu...— Ela lutou para colocar as palavras juntas, distraída por seu corpo quente contra o dela e sua respiração em seu ouvido. —Eu deveria me encontrar com o Guji de Shion, mas fugi.

Sua cabeça levantou e ela imediatamente se arrependeu de falar. —Você fugiu? Presumi que Yumei trouxe você.

—Não, eu vim aqui sozinha.

—Você veio? — Sua cabeça inclinou. —Por quê?

Ela sabia que ele estava realmente perguntando por que ela faria algo tão estúpido e perigoso.

—Porque eles iam me trancar em Shion até o solstício. Eu não teria a chance de...

—De quê?

—Fizemos uma barganha. — ela sussurrou. —Se eles tivessem me trancado, você teria ficado preso no onenju para sempre.

Ele olhou para ela, estranhas sombras se movendo em seus olhos de rubi. A maneira como ele estava olhando para ela tornava difícil respirar.

Então suas sobrancelhas se ergueram e seu sorriso malicioso e torto voltou. Ele bateu um dedo contra sua bochecha, trazendo sua atenção de volta para o fato de que ele estava deitado em cima dela.

—Então, estou corrompendo a pureza divina da kamigakari com meu toque yokai imundo?

—Eu não me importo. — Ela respondeu sem pensar.

—Você não? — Sua voz caiu, aquela nota ronronante rastejando de volta. Seu dedo deslizou sobre sua bochecha em um leve toque. —Você quer que eu me mova?

Ela olhou em seus olhos, capturada, aprisionada, imobilizada. Ela queria? Sim. Ela deveria responder sim. Ela deveria fazê-lo se mover. Seu coração batia forte e um calor lento percorreu seu corpo, parte dele emanando de seu peso quente em cima dela, parte dele faiscando de dentro dela. Sim, era a resposta correta, a única resposta.

Mas a palavra não veio. Ela não conseguia se mover, não conseguia falar.

Ele se abaixou. Sua boca pairou sobre a dela, tão perto. Seus lábios se separaram enquanto ela observava suas pupilas dilatarem. Seus olhos se fecharam e ela se rendeu ao que quer que acontecesse a seguir.

Seu hálito quente roçou sua pele, e então seus lábios roçaram levemente os dela.

O chão retumbou sob eles.

A cabeça de Shiro disparou. A árvore vibrou violentamente e uma magia alienígena girou no ar como uma brisa gelada. Shiro estava de pé no instante seguinte, a tensão cautelosa revestindo sua postura.

—Shiro, o que é? — Emi perguntou, subindo e endireitando a frente de seu quimono.

—Tsuchi está com raiva... ou Yumei está. Não tenho certeza de qual. — Seu olhar percorreu a sala quando o chão parou de vibrar, mas a magia ainda faiscava no ar. —Nenhum dos dois é bom.

Ele caminhou até a coleção aleatória de itens empilhados ao longo da parede e agarrou um quadrado dobrado de material preto. Ele o sacudiu, revelando um kosode finamente tecido, e o vestiu enquanto caminhava em direção à porta.

—Fique aqui. — Disse ele por cima do ombro.

—Não, espere!

Ele já havia desaparecido na escuridão dentro da soleira. Antes que ela pudesse pensar em como isso era estúpido, ela se jogou no esquecimento negro atrás dele. A magia fria e escaldante a envolveu por um único segundo, saboreando sua pele, sua alma, então a empurrou com força de volta para seu próprio reino.

O ar frio atingiu seu rosto enquanto mil vozes gritando assaltavam seus ouvidos. Ela voou para fora da porta, agitando os braços e colidiu com Shiro. Ele a agarrou antes que ela pudesse cair do galho da árvore. Ela se encolheu contra ele, a cabeça girando descontroladamente em todas as direções.

Os galhos do grande carvalho se enroscaram ao redor deles, cheios de corvos, e cada pássaro gritava em fúria inconfundível.

Capítulo Vinte e Dois

A horda de corvos enfurecidos gritava incessantemente, batendo suas asas no ar, olhos negros brilhando na escuridão.

—O que está acontecendo? — Ela gritou por cima do barulho terrível.

Shiro, com as orelhas pressionadas contra a cabeça para bloquear o som, colocou um braço em volta da cintura dela e saltou do galho. Ela engasgou quando eles mergulharam em direção ao chão antes que ele pousasse em outro galho. Ele pulou de galho em galho, depois saltou do mais baixo e caiu na neve.

De repente, os corvos ficaram em silêncio. Seus ouvidos zumbiram no silêncio repentino.

A magia se enrolou e se formou redemoinhos no chão, deslizando sobre sua pele como garras congeladas, mais fria, mais profunda, mais potente do que qualquer coisa que ela já sentiu. O ar arrastou em seus pulmões, desconfortavelmente espesso.

Shiro deu um passo à frente dela, a tensão irradiando dele. —Fique atrás de mim, e não se mova a menos que eu mande.

Ela abriu a boca para perguntar o que estava acontecendo, quando a magia no ar passou de um chiado silencioso e gelado para uma nevasca elétrica. Ela agarrou as costas do kosode de Shiro e se aninhou atrás dele.

A luz vermelha tremeluziu no céu. Em uma onda de magia, uma enorme sombra alada mergulhou por entre as árvores. Asas de ébano que não eram

inteiramente sólidas e com faixas de magia vermelha se alargaram, e o pássaro monstruoso pousou na neve diante deles.

Emi pressionou Shiro, petrificada demais para se mover. O imenso corvo elevou-se sobre eles. Parecia Yumei... exceto muito, muito maior.

As fitas entrelaçadas de magia vermelha formavam desenhos e runas estranhas enquanto ondulavam atrás dele, misturando-se com as sombras vivas que estremeciam em sua forma. Seu ki fervilhava ao redor deles, arranhando os sentidos de Emi até que ela quis gritar.

—O que está acontecendo, Yumei? — Shiro perguntou, tão calmo como se estivesse perguntando sobre o tempo.

Os olhos prateados do corvo brilharam com raiva brilhante.

—*Eles estão matando meus corvos.* — Embora seu bico não se movesse, sua voz rosnando ecoou estranhamente pelas árvores. Poder antigo e uma fúria ártica revestiram cada palavra e ela percebeu que nunca tinha apreciado, nem mesmo compreendido, quão antigo, ou quão poderoso, o Tengu era.

—Quem está matando eles?

Como Shiro podia soar tão imperturbável em face da fúria primordial do enorme corvo?

—*Kami. Kami que se atrevem a invadir minha floresta e matar meus karasu.*

Shiro respirou fundo. —O que os kami estão fazendo aqui?

— *Eu não me importo. Eu vou destruí-los.* — Os olhos prateados do corvo queimaram com poder. — *Tsuchi não é seguro. Leve a kamigakari para seu santuário e espere.*

Os corvos, que estavam mudos desde a chegada de seu mestre, irromperam em um novo coro de gritos furiosos. As asas do Tengu se abriram, a magia surgindo na atmosfera como um raio invisível. O corvo se lançou em direção ao céu, asas enormes batendo no ar e enviando neve em todas as

direções. Centenas de corvos saltaram de seus poleiros, magia sombria cobrindo suas asas enquanto corriam atrás do Tengu.

Shiro agarrou o pulso dela e se agachou, puxando-a contra suas costas. Ela apertou os braços em volta do pescoço e as pernas em volta da cintura enquanto ele se levantava. Sem olhar para trás para o grande carvalho, ele saltou em movimento, sua corrida saltitante levando-os rapidamente para longe.

—Shiro, não podemos voltar para o santuário. — ela engasgou. —O Guji está lá. Eles vão tentar te matar e...

—É mais seguro do que aqui. — Shiro interrompeu laconicamente, soando muito menos composto do que quando falava com o Tengu. —Não queremos estar em qualquer lugar perto daqui quando Yumei começar a matar kami.

Ela apertou as mãos em torno de punhos de seu kosode.

—O Tengu foi o guardião dessas montanhas por mil anos. — ele rosnou. —Aqueles kami são tolos por invadir sua terra. Seria necessário um Amatsukami para derrotá-lo em seu próprio território.

—Mas por que há kamis aqui?

—Eu suspeito que seu amigo Koyane ainda não acabou de caçar você.

Seus olhos se arregalaram. Koyane ainda estava tentando matá-la? Por quê?

A floresta silenciosa não tinha respostas. Ela e Shiro eram os únicos sinais de vida entre as árvores imóveis. Todos os animais, todos os pássaros, todos os yokai haviam desaparecido. Eles podiam sentir o poder e a raiva crescentes do Tengu? Ela desejou que ela também pudesse se abrigar antes que a tempestade estourasse.

Shiro correu com determinação, ocasionalmente desacelerando para uma corrida para recuperar o fôlego antes de acelerar novamente. O ar estava muito frio, muito elétrico. Ela não sabia se era apenas sua imaginação, mas podia sentir a hostilidade emanando das árvores, do solo.

A cada milha, o santuário assomava mais perto em sua mente. Ela não podia voltar ainda, não antes de tirar as contas de Shiro. Ela não podia permitir que ninguém no santuário o visse; eles iriam tentar matá-lo, não importa o que ela dissesse. Ela teria que protegê-lo. Amaterasu a ajudaria?

A corrida de Shiro acabou diminuindo para um trote. O frio doloroso no ar e a raiva hostil de Tsuchi, que estava fervendo em sua pele, quase desapareceram.

—A que distância fica o santuário? — ela perguntou enquanto Shiro afrouxava os braços para que ela pudesse escorregar de suas costas. —O Guji provavelmente está procurando por mim na floresta.

—Se há humanos aqui, eles já estão mortos.

Um arrepio percorreu seu corpo quando o rosto de Katsuo surgiu em sua mente. Certamente Ishida não confiaria em Katsuo para procurá-la. Ele ainda estava seguro no santuário. Ele tinha que estar.

Uma brisa invernal correu sobre eles, mexendo no cabelo de Emi e puxando seu quimono. A cabeça de Shiro se ergueu, suas orelhas girando. Ele a puxou para seus braços e disparou a toda velocidade, na direção errada.

Enquanto ele se afastava, ela viu do que ele estava fugindo: um homem parado nas árvores.

O homem usava túnicas sohei e segurava uma espada desembainhada na mão, mas seu rosto era lindo demais para ser inteiramente humano; suas feições eram tão incrivelmente radiantes quanto as de Koyane. Quando seus olhos se encontraram, o kami sorriu para ela. Então ele desapareceu entre as

árvores, sem fazer nenhum movimento para seguir enquanto Shiro a carregava.

—De onde diabos de Yomi eles estão vindo? — Shiro rosnou, apertando-a contra o peito enquanto se virava em direção ao santuário novamente. —O seu Guji pode proteger você?

—Eu, eu não tenho certeza. Talvez...

De repente, ele enterrou os pés e derrapou na neve em uma tentativa desesperada de parar. À frente deles, uma corda shimenawa enrolada em ofuda foi amarrada entre as árvores na altura da cintura. Incapaz de parar, Shiro saltou sobre ela. Ele pousou do outro lado, e deslizou direto para uma segunda corda na altura do peito.

O shimenawa se libertou das árvores e se agarrou a eles como uma cobra se contraindo. Eles caíram no chão, amarrados enquanto as cordas se apertavam e se iluminavam com força. A magia paralisante a envolveu até que tudo que ela podia fazer era se contorcer desamparadamente. Eles rolaram até parar, a metade dela em cima de Shiro, que estava igualmente preso pela amarração.

Ela lutou, mal conseguindo respirar enquanto a magia a perfurava como agulhas de fogo. Era assim que yokais se sentiam quando um ofuda os amarrava? Fechando os olhos com força, ela voltou sua mente para dentro, em busca do caloroso ki de kami que dormia lá dentro. O calor aumentou através dela, colidindo com a magia do shimenawa. Seus músculos trêmulos se convulsionaram. Forçando cada centímetro de movimento, ela arrastou a mão para o comprimento de corda mais próximo e envolveu os dedos ao redor dela.

—Shukusei no tama. — Ela engasgou.

Seu ki subiu para a corda, purificando e destruindo o feitiço.

O shimenawa afrouxou. Shiro respirou fundo e ela teve um segundo para se perguntar se o feitiço o estava estrangulando antes que ele se levantasse, puxando-a com ele.

As sombras se moviam nas árvores.

O kami que ela tinha visto na floresta apareceu na escuridão. Ela se afastou dele e esbarrou em Shiro. Em vez de recuar, ele girou, o fogo faiscando ao redor dele. Ela vislumbrou mais três sohei inumanos emergindo das árvores atrás deles.

O primeiro kami sorriu para ela pela segunda vez. Ele ergueu a mão em direção a ela e antes que ela pudesse reagir, uma luz brilhante brilhou em sua palma.

Branco encheu sua visão quando uma agonia cegante a rasgou. A energia elétrica queimou seus ossos e transformou seus músculos em geleia trêmula. O mundo desapareceu de seus sentidos e a única coisa que parecia real era o estranho calor pulsante em seu peito.

Ela sentiu que estava caindo e estava totalmente impotente para impedir.

A luz branca brilhou de suas pálpebras.

Seus pensamentos gradualmente recuperaram alguma coerência. Há quanto tempo ela estava inconsciente? Minutos, horas? Ela se lembrou de uma vaga impressão de vozes confusas, de ser movida e carregada, mas o tormento da magia do kami nublou suas memórias. Ela tinha estado indefesa, paralisada em mente e corpo.

A dor se foi. O calor pulsante em seu peito havia desaparecido. Ela se sentia fria e entorpecida, e o silêncio a cercava.

Ela abriu os olhos e semicerrou os olhos com o brilho. Sua bochecha estava apoiada nas tábuas do piso de madeira, e desenhadas sobre elas estavam formas e símbolos complexos. Com esforço, ela ergueu a cabeça. Ela estava esparramada no meio de um marugata brilhante.

A poucos metros de distância do círculo, Shiro estava parado, imóvel. Três kami esperavam em círculo ao redor dele, cada um segurando uma espada com uma lâmina brilhante, as pontas pairando em sua garganta.

Quatro paredes os rodeavam, a sala vazia. Enquanto ela lutava para levantar o torso do chão, ela notou as portas abertas no final da sala. Atrás deles, dentro de uma sala muito menor, um santuário lindamente esculpido estava, sua madeira brilhando à luz da marugata. Mas o pedestal estava vazio e no chão ao redor estavam os cacos de um espelho quebrado.

Eles estavam dentro do salão de adoração do Santuário Shirayuri, e os fragmentos do espelho eram tudo o que restava do shintai de Amaterasu, o objeto através do qual ela teria canalizado seu poder e espírito para o santuário.

Quando Emi se apoiou em um cotovelo, sua mão subiu para o peito. A marca kamigakari estava fria e sem vida, sua conexão com Amaterasu bloqueada. Pela marugata? Ela encontrou o olhar de rubi em chamas de Shiro.

Seus olhos se voltaram para o kami à sua frente.

O fogo explodiu dele. Kitsunebi dispararam dele mais rápido do que ela poderia seguir e explodiram os três kami em seus peitos. Eles caíram para trás com buracos fumegantes em seus torsos. Shiro girou e avançou em direção ao círculo, uma mão estendida em sua direção.

Por um único momento sem fôlego, ela pensou que eles poderiam escapar.

O poder invadiu a sala como uma rajada de vento. O chão se dobrou sob os pés de Shiro e ele saltou no ar como um gato assustado. As tábuas do assoalho se abriram.

Cobras pretas se contorcendo dispararam para fora do buraco. Elas pegaram Shiro no ar e se retorceram sobre ele como tentáculos grossos, apertando em torno dele. Ele agarrou uma quando ele deslizou em volta de seu pescoço e se esforçou para evitar que esmagasse sua garganta.

Não cobras, ela percebeu enquanto lutava em vão para se levantar e ajudá-lo. Raízes. Raízes escuras de árvores enrolavam-se em torno dele.

—Kimura Emi.

A voz feminina tranquila a cortou, o poder impossível e avassalador disso a levando para o chão.

Uma mulher estava na porta aberta, o shintai despedaçado atrás dela. Seu quimono era da mais fina seda preta, bordado com fios de ouro cintilantes na forma de um dragão enrolado em seu lado. Um obi de ouro combinando envolvia sua cintura fina. Seu rosto estava além de bonito, radiante com uma presença sobrenatural, e seu lustroso cabelo preto caía quase até o chão, preso a dois terços do corpo por uma fita dourada. Olhos negros como o céu noturno olhavam para Emi daquele rosto deslumbrante, mas de alguma forma sem vida.

Atrás e à esquerda da mulher, Koyane estava com as mãos enfiadas nas mangas opostas de seu quimono marrom. Vendo o olhar aterrorizado de Emi, ele sorriu.

Com um esforço agonizante, ela se ajoelhou, mas não teve forças para ficar de pé. Todo o seu corpo latejava com uma dormência dolorosa. A alguns passos de distância, Shiro lutava para segurar a raiz que ameaçava sufocá-lo, preso no emaranhado mortal. Pontos de fogo cintilavam e brilhavam no chão

de seu ataque anterior, mas ele não convocou outra explosão de fogo. Ele sabia que um ataque seria inútil ou seu ki estava sendo sufocado pelo poder kami avassalador que enchia o salão?

Ela suspeitou do último quando o ar ficou pesado e difícil de respirar. A mulher de outro mundo não era apenas uma kami.

Ela só poderia ser Izanami, a Amatsukami da Terra.

A mulher deslizou para dentro do salão, seguido por seu vassalo Koyane. Ela parou diante da borda do círculo e estudou o rosto de Emi, nem mesmo olhando para o kami morto no chão.

—A kamigakari de Amaterasu. — disse Koyane presunçosamente a seu mestre. —Como prometido.

—Não se vanglorie, Koyane. — Izanami respondeu, sua voz suave, mas tão, tão fria. —Apenas por mero acaso seu erro será corrigido.

A mandíbula de Koyane apertou antes que ele suavizasse sua expressão. A Amatsukami passou de Emi para Shiro. Seu olhar viajou sobre ele da cabeça aos pés e vice-versa.

—Então é você. — ela disse, parecendo suspirar enquanto se aproximava. —Eu suspeitei quando Koyane falou de um kitsune, mas eu esperava que você tivesse partido para sempre.

—Isso é amigável. — Shiro grunhiu, puxando a raiz em volta do pescoço.

—Você não consegue se libertar? Quão longe você caiu do que era antes. — As palavras soaram quase tristes. Ela estendeu a mão e tocou o onenju em seu braço com um dedo. —O kamigakari está se intrometendo, eu vejo. Vou corrigir isso.

Ela moveu o dedo para o peito dele e pousou-o levemente em seu kosode. A luz brilhou sob a ponta do dedo. —Era necessário, você entende. Todos nós devemos cumprir as ordens do dever. Embora sua

lealdade ao seu senhor fosse honrosa, eu não podia permitir que você interferisse.

Shiro mostrou os dentes para ela e as marcas vermelhas em seu rosto brilharam. O ar chiava, mas antes que ele pudesse fazer qualquer outra coisa, o dedo dela moveu-se rapidamente sobre seu peito, desenhando um desenho estranho acima de seu coração. Uma luz brilhante brilhou e Shiro arqueou-se dentro do domínio das raízes, um som estrangulado escapando de sua garganta. Ele ficou mole, pendurado sem vida.

—Shiro! — Emi chorou e tentou se levantar, apenas para cair de joelhos, tremendo de fraqueza. —O que você fez com ele?

As raízes voltaram à vida, se desenrolando e deslizando de volta para o solo. Shiro caiu, desmoronando no chão, imóvel. Izanami voltou para a borda do círculo de Emi e mais uma vez examinou seu rosto.

—Amaterasu compartilhou muito de si mesma com este receptáculo. — murmurou a Amatsukami. —Um jogo perigoso que minha prima joga.

—O que você fez com Shiro? — Emi exigiu. Ela tentou se levantar, mas suas pernas não obedeceram. —Onde estão todos do santuário? Você os matou?

—Matou eles? — Koyane ecoou em descrença mordaz. —Você presume que minha senhora tem tão pouco respeito pela vida humana? Ela simplesmente os mandou embora para que pudesse procurar por você sem interferência.

—P-procurar por mim? Mas por que? — Seu olhar disparou para Shiro, tão sem vida quanto os corpos do kami que ele matou. —Por que você está fazendo isso? Por favor, deixe-nos ir. Vamos embora e nunca mais incomodaremos você.

Uma risada retumbou na garganta de Koyane. —Você não entende nada, não é, garota? Deixar você sair quando estivemos caçando você por anos?

Izanami lançou um olhar frio para seu vassalo. —Não despreze a criança, Koyane. Ela é apenas uma vítima inocente e indigna de depreciação.

O kami fechou a boca com um estalo e reorganizou o rosto em algo como uma simpatia dolorida. Emi olhou entre eles, confusão e medo se entrelaçando. Eles a tinham caçado? Por que Izanami a chamou de vítima inocente então?

—Embora me arrependa do que devo fazer. — Izanami murmurou. — As exigências do dever são claras. Saiba que você é inocente de qualquer irregularidade, Kimura Emi, e que você morre hoje apenas por causa de sua devoção a sua kami.

As tábuas do assoalho rangeram e se partiram sob Emi. Raízes rastejantes deslizaram para fora da abertura e envolveram seus braços, levantando-a no ar até que seus pés mal tocassem o chão. Ela torceu inutilmente nas raízes, seus membros dormentes e fracos.

Izanami ergueu a mão esguia. Koyane colocou uma faca desembainhada em sua palma à espera, a lâmina de aço brilhando e o cabo envolto em um pano preto trançado.

—Eu sou obrigada a tirar sua vida para evitar que Amaterasu desça a este mundo. — Izanami disse enquanto seus dedos se fechavam ao redor do cabo. —Eu tomo sua vida com minhas próprias mãos em respeito ao seu sacrifício. Eu te dou uma morte honrosa.

Sob o controle inflexível das raízes, Emi se contorceu em pânico. Izanami entrou no círculo, movimentos suaves e compostos, não afetados pela magia de seu marugata. Ela virou a faca e a luz brilhou ao longo da lâmina. Emi lutou inutilmente enquanto a arma se aproximava dela.

Izanami deu um passo novamente, fechando a lacuna entre elas, e empurrou o braço para frente. Uma pressão estranha a atingiu no estômago, tirando o ar de seus pulmões.

A faca reapareceu, o sangue brilhando no aço, enquanto Izanami recuava. Emi olhou para baixo. O sangue fluía da seda cortada de seu obi, logo abaixo de sua caixa torácica. Sua visão se quebrou, o sangue se transformando em linhas e ângulos agudos como se seu cérebro não pudesse compreender a visão. Seu coração batia forte, a adrenalina correndo por suas artérias e escapando de seu corpo junto com o sangue brilhante. De dentro, a dor floresceu, enchendo-a com uma pressão terrível, como se a agonia estivesse tentando virá-la do avesso.

As raízes soltaram seus braços e ela desabou em cima das linhas brilhantes do círculo. Suas mãos se fecharam involuntariamente sobre o estômago e sangue quente apertou entre seus dedos.

—Uma morte honrosa. — Izanami repetiu, entregando a faca de volta para Koyane. —Embora talvez seja imerecida. Use este tempo para refletir sobre sua vida, Kimura Emi, para que você possa passar para o outro mundo com um coração puro e dedicado.

A Amatsukami olhou para Koyane. —Fique com ela até que ela passe, então queime seus restos. Não a ajude na morte. — Ela gesticulou graciosamente em direção à porta e um par de kami-sohei veio de fora e parou ao lado de Shiro. —Leve-o para o círculo.

—Não seria prudente matá-lo em vez de prendê-lo novamente? — Koyane perguntou. —Agora é óbvio que o onenju pode ser removido, e se ele se recuperar o suficiente para buscar seu senhor...

—Vou garantir que não possa ser removido novamente tão facilmente. — Izanami respondeu enquanto a kami pegava Shiro. —Assim que ele estiver totalmente amarrado, será seguro matá-lo.

Suas últimas palavras ecoaram nos ouvidos de Emi quando a Amatsukami saiu do salão. Os kami-sohei a seguiram, arrastando a forma inerte de Shiro, a estranha marca ainda brilhando em seu peito.

As tábuas do assoalho pressionaram contra a bochecha de Emi enquanto ela olhava pela porta para os pedaços quebrados do espelho além.

Matar ele.

As palavras se repetiam continuamente em sua cabeça. Izanami reativaria o onenju de Shiro, então o mataria quando ele estivesse mais fraco. Emi entendeu o porquê. Os yokai poderosos tinham a chance de reviver de Tsuchi se tivessem ki suficiente após a morte, mas os yokai fracos não podiam. Ao amarrar Shiro primeiro, Izanami garantiria que ele nunca mais voltaria.

Seu coração palpitou dolorosamente em seu peito enquanto pressionava as mãos contra o estômago, tentando manter o sangue dentro dela. Ela tinha que ajudar Shiro. Ela tinha que salvá-lo. Ela o havia levado aqui, direto para as garras de Izanami, uma Amatsukami contra o qual ele não tinha esperança de lutar.

Ele morreria, e a culpa era dela.

Capítulo Vinte e Três

— Você ainda não morreu, kamigakari?

A voz de Koyane parecia vir de uma grande distância. Ela piscou, trazendo o salão em foco. Há quanto tempo ela estava deitada no chão, sangrando lentamente até a morte?

—Izanami é misericordiosa. — ele continuou, parecendo entediado. — Eu não teria sido tão gentil.

—Me matar é misericordioso? — Emi engasgou, cada palavra raspando em sua garganta seca.

—Oh, então você ainda está consciente? — Ele se ajoelhou na frente dela, fora do círculo. —Sim, ela é misericordiosa. Ela não teve escolha a não ser matá-la, mas deu-lhe um final digno. Normalmente, é claro, você perfuraria sua própria barriga no ritual de morte, mas ela sabia que teria sido difícil para você.

—Por que ela teve que me matar?

—Eu disse a você: a marca kamigakari não pode ser removida uma vez que está ligada ao seu ki. Sua morte é a única maneira de garantir que Amaterasu não possa descer e interferir. — Ele bateu um dedo no chão de uma forma repreensiva. —Izanami procura apenas cumprir seu dever, mas a suave e equivocada Amatsukami do Vento deseja detê-la. Amaterasu até tentou proteger um Kunitsukami! Comportamento tão traiçoeiro.

—Um Kunitsukami? — Ela sussurrou, reunindo seu juízo enquanto sua visão entrava e saía de foco.

—Izanami infelizmente eliminou todos os kamigakari de Amaterasu por um século. — ele continuou, não parecendo nem um pouco infeliz. —Ela lamenta tirar vidas de inocentes, mas Amaterasu insiste em reivindicar novos kamigakari, sabendo que eles morrerão. Seu destino, criança, é obra dela, não de Izanami.

—Izanami era a única...?

—Ela não tinha escolha. Seu dever exige isso. — Ele parecia orgulhoso de que sua mestra fosse tão obediente e abnegada. —Desde o dia em que Inari matou Amaterasu, banindo-a de volta para Takamahara, Izanami garantiu que Amaterasu não pudesse retornar ao reino terreno para interferir.

Inari matou Amaterasu? Após a morte de seu corpo hospedeiro, o espírito e o poder de Amaterasu teriam retornado a Takamahara, o reino celestial dos kami. E nos cem anos subsequentes, Izanami matou todos os kamigakari de Amaterasu?

Cem anos. Yumei não havia dito que Inari também estava desaparecido há cem anos?

—Foi fácil no começo. — Koyane meditou, alheio a seus pensamentos acelerados. —Precisávamos apenas alertar os yokai locais sobre a localização e a aparência do mais novo kamigakari, e eles completariam a tarefa para nós. Você, no entanto, não conseguimos encontrar após o ataque fracassado em Shion.

O choque a percorreu, seguido por uma onda de raiva que queimou a névoa lenta em sua mente. Ela se empurrou até a metade do chão, uma mão pressionada contra a barriga e os dentes à mostra, mas então seu braço cedeu e ela bateu no chão de novo, a agonia atravessando sua cintura.

—O ataque em Shion? Você organizou isso? — Ela cuspiu sem fôlego. A morte de Hana. A morte de Hana foi culpa deles.

Ele ergueu uma sobrancelha com a veemência dela. —Você não parece estar refletindo bem sobre a sua vida que termina em breve, criança. Você tem pouco tempo para dar total consideração aos seus pecados.

Seu pequeno jorro de força desapareceu e ela caiu. Um riacho fino de seu sangue encheu a fenda entre as tábuas do chão e serpenteava em direção à borda do círculo brilhante, onde um resto de fogo do ataque de Shiro cintilou energicamente. Sua visão ficou turva nas bordas.

—Eu me pergunto o que é a morte. — Koyane murmurou, sua voz entrando e saindo. —Eu nunca vou saber, é claro, mas...

As portas atrás deles explodiram para dentro.

Um pássaro de sombras monstruoso e uma luz vermelha ondulante irrompeu no salão, suas asas colossais batendo nas paredes. O tempo congelou quando ela esticou o pescoço para ver a enorme criatura, Koyane ficou imóvel com o choque ao lado dela.

A cabeça do corvo caiu. Ele agarrou Koyane pelo bico e o atirou contra a parede.

Esparramada desamparadamente no chão, Emi respirou fundo, lutando para não perder a consciência quando o ki de Yumei agrediu seus sentidos. O corvo empurrou a cabeça em sua direção, mas o círculo se acendeu, forçando-o a dar um passo para trás. Seu bico se abriu e ele gritou furiosamente.

Uma luz branca cegante brilhou e uma explosão de magia disparou em direção a Yumei. Sombras se contorcendo saltaram de suas asas, formando um escudo escuro. Os dois poderes colidiram e explodiram, jogando o corvo de volta para fora da porta demolida. A magia se apoderou de Emi e tudo o que ela pôde fazer foi se aproximar do chão.

—Você acha que sou derrotado tão facilmente, corvo? — Koyane cantou, de pé e aparentemente ileso.

Ele caminhou pelo salão, lâminas de luz se formando em suas mãos. Emoldurado na soleira, Yumei abriu suas grandes asas e deu um grito feroz, sombras espiralando ao seu redor.

—Desta vez você vai lutar comigo? —Koyane disse alegremente enquanto uma esfera azul brilhante de poder o cercava. —Há quanto tempo um oponente digno testou minha força!

Com uma risada cacarejante, Koyane disparou para fora do prédio atrás do corvo. O chão tremeu quando seus poderes colidiram mais uma vez.

Lá dentro, a poeira caiu do teto. Emi estava no círculo brilhante, lutando contra a escuridão rastejando ao longo das bordas de sua visão. Por fim, as lágrimas escaparam de seu controle e deslizaram por seu rosto. *Volte,* ela queria gritar para Yumei. *Volte e me liberte!* Mas ela nem tinha força para isso.

As paredes tremeram com a força da batalha lá fora. Tudo o que ela podia fazer era deitar em uma poça de seu próprio sangue e esperar morrer. Em algum lugar, Izanami estava religando Shiro nas contas, e então ela o mataria. Yumei estava lutando contra Koyane. Quanto tempo até que ele pudesse chegar a Shiro? E se ele chegar tarde demais?

Ela lutou contra o peso de suas pálpebras, focando na chama bruxuleante que Shiro havia deixado para trás. De alguma forma, ainda estava queimando, devorando as tábuas do assoalho sem pressa. Com a bochecha apoiada no chão, ela observou as chamas rastejarem em direção à borda do círculo. O fogo lambeu a linha externa brilhante, e a luz branca ondulou estranhamente. Emi não se moveu, nem respirou, seus olhos fixos no fogo enquanto ele rastejava sobre a linha, deixando uma mancha preta carbonizada em seu rastro.

A marugata brilhante extinguiu-se, o círculo quebrado pela pequena chama. A dormência sumiu dela e, por um breve momento, ela finalmente conseguiu respirar.

Então o calor abrasador atingiu seu peito como um raio.

Sua boca se abriu em um grito silencioso. Ela teve uma convulsão no chão, segurando o peito. O poder a invadiu, enchendo suas veias com fogo líquido. Suas mãos sujas de sangue lutaram freneticamente para abrir o quimono.

A marca kamigakari brilhou com um poder branco brilhante.

—Não! — Ela engasgou.

Sua pele brilhou quando o calor a invadiu. A marca ficou cada vez mais quente. O poder continuou a enchê-la, esmagando e sufocando, enquanto uma presença enchia seu corpo e empurrava em sua mente, empurrando-a de lado. Uma violenta corrente de ar açoitou ao redor dela em um redemoinho cintilante.

—Não! — A palavra saiu em um soluço sufocado. Lágrimas correram por seu rosto. Mesmo sabendo que estava morrendo, mesmo sabendo que sua vida havia acabado de qualquer maneira, o pânico e a negação apagaram toda a lógica de sua mente. —Não, é muito cedo!

Você está morrendo, Emi.

A voz sussurrou dentro de sua cabeça, doce e suave e cheia de preocupação.

O poder assolou através dela, muito poder. Queimou dentro dela, acendendo sua carne e alma. Ele se juntou em seu abdômen e picos de agonia em chamas perfuraram sua barriga. Ela gritou e se enrolou em uma bola, apertando sua cintura enquanto tremia incontrolavelmente.

A dor em seu estômago suavizou, fundindo-se com o tormento acelerado e rodopiante do ki da Amatsukami rasgando-a por dentro. Seus braços e pernas se moveram por conta própria, empurrando-a para cima até que ela ficou com as pernas bambas.

—Este não é o seu corpo ainda. — Emi chorou, lutando contra as pernas enquanto tentavam dar um passo à frente. —Você não deveria vir antes do solstício!

Isso é apenas uma parte do meu poder, Amaterasu sussurrou em sua mente. *Apenas o suficiente para te salvar, para te ajudar. Não posso diminuir a distância entre nós por muito tempo, mas podemos ter tempo suficiente para salvá-lo.*

—Salvá-lo? — Ela repetiu, prendendo a respiração.

Ele não deve morrer ou toda esperança será perdida.

Emi se recompôs. —Vamos salvá-lo juntas?

Juntas.

Diante das portas quebradas, Emi sentiu a força de Amaterasu encher seus membros trêmulos. Ela meio correu, meio tropeçou até as portas e cambaleou escada abaixo.

Do outro lado do pátio, Koyane estava bem na frente do torii. Um orbe de poder azul o cercava e ele segurava uma grande espada brilhante com as duas mãos. Um estranho êxtase contorcia seu belo rosto.

Com um grito, o grande corvo mergulhou do céu e atingiu o orbe ao redor do kami com suas garras. Poder negro e vermelho irrompeu dele, entrelaçando-se com a luz azul de Koyane até que um tornado de magia em espiral engoliu os dois.

Onde está o círculo, Emi?

Ela desviou os olhos da batalha, lutando para se concentrar, para pensar. O circulo. Izanami disse a seus vassalos para levar Shiro para o círculo. Qual círculo? Não um círculo, mas o círculo. Onde...

Uma imagem surgiu em sua mente: Katsuo agarrando seu cotovelo enquanto ela tropeçava em pedras escondidas na neve, um antigo círculo criado na terra, usado séculos atrás pelo kannushi do santuário. Claro.

Ela girou e começou a correr, ignorando a dor do poder da Amatsukami. Seu estômago não doía mais, mas ela não parou para verificar o porquê. A cada passo, sua vontade se fundia mais perfeitamente com a vasta mente de Amaterasu, seus pensamentos deslizando juntos como peças de um quebra-cabeça em movimento. Ignorando os sons de madeira quebrando e pedra quebrando da batalha de Yumei e Koyane, ela correu ao redor dos escritórios do santuário nas árvores além.

Adiante, a luz irrompeu, quase a cegando. Através das árvores, uma coluna de luz disparou em direção ao céu. Emi balançou em direção a ele, aumentando ainda mais o ritmo.

Um kami saiu de trás de um grosso tronco de carvalho, erguendo seu arco com uma flecha brilhante já preparada para disparar.

Controlada por Amaterasu, a mão de Emi voou e um ki quente a invadiu. Uma rajada de vento atingiu o kami, arremessando-o contra o carvalho com uma força impossível. Seu crânio esmagou contra a casca e ele caiu no chão.

Tomando o controle novamente, Emi desviou e agarrou o arco e a flecha das mãos inertes do kami. Não ousando parar para mais flechas, ela avançou em direção ao farol que brilhava por entre as árvores. Ela girou em torno de um arbusto e finalmente viu o que estava por vir.

A kami havia limpado a neve e as folhas do centro da clareira redonda e, no espaço vazio, um círculo de pedras chatas e gastas criava o contorno do qual uma coluna de luz se erguia. Dentro do anel de pedra, linhas giratórias e interconectadas que brilhavam com o brilho do sol estavam gravadas na terra lisa.

Dentro do círculo, Shiro estava suspenso na luz, cabeça pendurada para trás, braços ao lado do corpo e pés pairando um pouco acima do solo. Flutuando dentro da coluna de luminância divina, ele quase parecia em paz, como se estivesse dormindo nos braços do céu.

Izanami estava na frente do círculo. Enquanto Emi corria em direção a eles, a kami alcançou a luz e pegou o braço de Shiro. O onenju brilhou vermelho dentro do brilho branco cintilante. Izanami agarrou as contas.

Emi parou, ainda a duas dúzias de passos nas árvores. Ela encaixou a flecha no arco e puxou a corda de volta à bochecha. Sua boca se moveu, sussurrando palavras que ela não conhecia enquanto magia construída dentro da flecha. Uma luz branca brilhou sobre ele e o vento, ondulando com fitas de poder branco, girou em torno de seus pés.



Izanami ergueu os olhos do braço de Shiro e olhou para ela.

Emi lançou a flecha. O poder formou-se ao redor dela enquanto ela disparava pelo ar, um míssil letal de ki de Amatsukami . Izanami recuou, suas mãos chegando tarde demais para detê-la.

Pouco antes de atingir, um kami saltou das sombras e se jogou entre sua mestra e a flecha. Atingiu seu peito e detonou como uma granada, explodindo-o em pedaços.

Emi largou o arco e atacou. Suas mãos se estenderam e o poder aumentou novamente. Uma espada cintilante de ar se formou em suas mãos. Ela recuou enquanto se aproximava de Izanami e cortava a lâmina.

Izanami invocou uma katana negra e as duas espadas colidiram. O vento misturado com magia crepitante jogou o cabelo de Emi para trás de seu rosto e enviou seu quimono girando atrás dela.

—Amaterasu. — Izanami murmurou.

—Izanami. — O tom gentil de Amaterasu se foi. Gelo transformou sua voz em uma lâmina afiada, e sua fúria queimou Emi. —Traidora!

—Eu não traio ninguém. — Izanami respondeu friamente, a luz da marugata piscando em seu rosto. —Eu apenas cumpro meu dever.

—Você traiu a todos nós. — Amaterasu acusou com os lábios de Emi, pressionando sua lâmina de vento na katana de Izanami. —Você enganou Inari e eu para nos destruirmos. Você matou meus kamigakari ano após ano. Você prendeu os outros Kunitsukami.

—Os Kunitsukami não me permitiram cumprir meu dever. Eu sou obrigada a ver isso até o fim, Amaterasu, independentemente dos meus desejos pessoais.

—Não pretendo. Eu sei que você busca esse poder para seu próprio ganho.

Os olhos de Izanami brilharam de raiva. —Você ousa minimizar meu sacrifício? Eu não procuraria isso, mas devo. Você é muito fraca e de coração mole para ver o que vem. Eu sou a Amatsukami da Terra e vou salvá-la, não importa o que eu deva fazer.

—Você não vai salvar este mundo. Você vai destruí-lo!

A paixão escapou do rosto de Izanami e sua expressão gelou novamente. —Falar com você sempre foi inútil. Não posso esperar que você entenda o sacrifício zeloso quando tudo o que você conhece é sentimentalismo emocional.

Preparando sua arma, Izanami empurrou a lâmina para fora, empurrando Emi de volta. O chão tremeu violentamente. As raízes das árvores se arrancaram da terra, atirando-se como lanças em suas costas. O vento aumentou, formando navalhas cintilantes que cortaram as raízes enquanto ela empurrava sua lâmina de vento.

Izanami estalou sua espada e suas lâminas se chocaram. Uma luz branca e um vento forte irromperam em todas as direções. Izanami a empurrou. Emi saltou para frente, guiada por Amaterasu, e sua lâmina estalou novamente. As armas se chocaram, cantaram pelo ar e se chocaram novamente. Cortando e aparando, elas dançaram pela neve enquanto as raízes das árvores se contorciam e as lâminas giratórias de ar lutavam ao redor deles.

—Você não pode me derrotar com apenas metade de sua força, Amaterasu. — Izanami defendeu um golpe e ergueu a outra mão. Girando, uivando poder branco lançado de sua palma e se chocou contra a lâmina de Emi, arremessando-a para trás. O vento a pegou e ela pousou perfeitamente em pé.

—Eu não posso derrotar você. — Amaterasu disse através de Emi. —Não sozinha.

Os olhos de Izanami se arregalaram quando Emi se virou para a coluna de luz brilhante atrás dela, tão perto depois que Izanami a jogou em direção a ela. Shiro ainda estava suspenso na luz, inconsciente. Izanami correu em direção a elas e raízes de árvores rasgaram do chão enquanto Emi balançava sua espada de vento.

A lâmina cortou a luz e cortou as linhas na terra, quebrando o círculo.

A luz se apagou e Shiro desabou no chão. Emi girou para longe. O vento aumentou sob ela, jogando-a no ar enquanto dezenas de raízes grossas rasgavam o local onde ela estava. Ela pousou na neve enquanto Izanami corria para ela, katana preta pronta. O poder cresceu dentro de Emi, brilhando em sua pele.

Izanami se chocou contra ela, fazendo-a recuar. As árvores coaxavam e gemiam, e seus galhos caíam ao mesmo tempo que suas raízes cresciam. Emi girou para longe, lutando para escapar dos ataques enquanto Izanami atacava novamente e novamente com sua espada. O chão se ergueu sob seus pés, rachando e se dilacerando para tirá-la do equilíbrio. Apenas o turbilhão de vento dançante a manteve viva enquanto ela lutava.

Uma raiz de árvore tão grossa quanto sua cintura balançou para ela. Ela saltou no ar, o vento empurrando-a para cima para evitá-la. Galhos caíram para encontrá-la, enrolando-se em seus pulsos e puxando seus braços. Ela convocou o vento para cortá-los, mas mais galhos a agarraram, puxando seus membros em todas as direções. Izanami saltou para cima e uma raiz disparou do chão para criar uma plataforma da qual ela saltou novamente, a lâmina apontada para o coração de Emi.

Do nada, o fogo explodiu no rosto de Izanami.

Izanami recuou, torcendo raízes mergulhando sob seus pés para impedi-la de cair. Ela se virou e mal pegou as lâminas duplas de Shiro quando ele caiu sobre ela. O fogo correu por seus braços e por suas espadas e suas três caudas de fogo dançaram atrás dele para se equilibrar. Orbes Kitsunebi giravam em torno dele.

Ki surgiu através de Emi e uma rajada em espiral a libertou. O vento aumentou sob seus pés e ela correu pelo ar.

Izanami lançou sua espada para cima e desencadeou uma onda de poder que lançou Emi e Shiro para trás. Shiro caiu no ar, mas caiu em uma das raízes que se debatiam. Ele saltou e usou a própria arma de Izanami como uma escada improvisada para disparar atrás dela novamente. Orbes de fogo atiraram em Izanami, mas suas raízes agitadas os despedaçaram. Os kitsunebi explodiram apenas para se reformar instantaneamente das brasas.

Emi correu com o vento para atacar o outro lado de Izanami. Sua espada negra cantou no ar enquanto as árvores e raízes os atacavam, mantendo Emi e Shiro à distância. A terra se ergueu e um gêiser de sujeira disparou para o céu. Shiro saltou bem a tempo. Quando ele caiu, um kitsunebi apareceu embaixo dele e ele pousou nele com um pé antes de pular para cima. Seus orbes de chamas correram à sua frente e ele saltou de um para o outro como se fossem degraus flutuantes.

Levantando a mão, Emi chamou o vento. Ele desceu uivando, arrancando as folhas douradas das árvores enquanto o tornado estridente envolvia os três. Shiro lançou seu kitsunebi no ciclone e eles explodiram em uma parede de fogo. Emi apontou sua lâmina e o redemoinho em chamas surgiu em direção a Izanami.

A um gesto de Izanami, cem raízes grossas de árvore explodiram, fechando-se sobre ela em uma cúpula protetora. A tempestade de fogo atingiu a barreira, fazendo estilhaços de madeira voar em todas as direções.

A cúpula de raízes se abriu novamente e Izanami se ergueu de dentro, levantada por um pilar de terra. Ela ergueu as mãos, seu poder estalando no ar enquanto preparava outro ataque.

Em uma onda silenciosa de escuridão, o corvo gigante mergulhou do céu para as costas de Izanami.

Ela saltou do pilar de terra no último segundo. O corvo o atingiu em uma explosão de terra e rocha. Emi se lançou para baixo ao lado de Shiro, correndo em direção ao chão enquanto Izanami caía, seus longos cabelos caindo acima dela. A terra se ergueu e com um estrondo, o solo se abriu em um abismo enorme. Izanami mergulhou na escuridão.

O medo de Amaterasu correu por Emi. Ela agarrou o braço de Shiro e o vento varreu por baixo deles, arremessando-os para o céu no momento em que a fenda se fechou com a força de um terremoto. Ela e Shiro caíram no chão enquanto o mundo resistia e estremecia antes de finalmente se acalmar.

Emi rolou para ficar de pé, seus olhos na fenda irregular no chão. Shiro ficou ao lado dela e o corvo pousou nas proximidades, sacudindo a sujeira de suas asas. Os três olharam para a fissura enquanto esperavam para ver se o adversário reapareceria.

—Izanami fugiu. — ela finalmente murmurou. —Três oponentes eram demais para uma vitória fácil.

As palavras saíram da boca de Emi, mas ela não sabia mais quem estava falando. As bordas entre seus pensamentos e os da Amatsukami haviam turvado até que ela não sabia onde terminava e a Amaterasu

começava. Ki queimava dentro dela, uma agonia que ela quase havia esquecido.

O calor correu por ela e o poder fluiu com ele, mas desta vez fluiu para fora em vez de para dentro. Doeu tanto, o tormento de fogo queimando todos os seus nervos.

Devo partir antes de destruir você, Amaterasu sussurrou com urgência, os pensamentos da kami afastando-se dos dela. *Você deve libertar os Kunitsukami, Emi. Você entende? Você deve encontrá-los e libertá-los. Só eles podem parar Izanami. Antes do solstício, você deve...*

A voz de Amaterasu enfraqueceu, as palavras arrastando em sua cabeça. Ela cambaleou, confusa ao ver Shiro olhando para ela e se afastando. Ela ergueu o braço e viu que sua pele estava branca e brilhante. Sua visão ficou turva.

Espere, Emi. As palavras suaves de Amaterasu soaram a mil milhas de distância. *Logo irei embora.*

—Como vou encontrá-los? — Ela murmurou em voz alta, balançando como uma muda ao vento.

Eles estão presos por... sinais de... não podem escapar sem...

A voz da kami sumiu novamente. Ou talvez Emi estivesse desaparecendo, desaparecendo junto com o ki de Amaterasu. Quando a kami se retirou de seu corpo, ela puxou Emi com ela. Elas estavam muito conectadas, suas mentes e ki muito entrelaçados.

Lágrimas escorreram por suas bochechas quando ela encontrou os olhos arregalados de Shiro. Ela ergueu uma mão trêmula em direção a ele, com medo de que este fosse seu último momento na Terra, que quando Amaterasu partisse, sua própria mente se desvaneceria em nada também.

O mundo escureceu, sombras fechando sobre ela. A última coisa que ela lembrou foi cair em direção a Shiro e seus braços estendidos para pegá-la.

Capítulo Vinte e Quatro

Alguém estava cutucando o braço dela.

Sua sobrancelha enrugou enquanto o sono tentava puxá-la de volta para baixo. Cutucar, cutucar, cutucar. Seu cérebro confuso tentou, sem entusiasmo, retomar o pensamento consciente. Ela estava deitada de costas em uma cama dura. O ar estava frio em seu rosto, mas o resto dela estava confortavelmente quente.

Cutucar. Cutucar. Então algo afiado cutucou seu ombro e ela gritou.

—Eu disse para você deixá-la em paz.

Passos vibraram no chão, então um baque e um guincho soaram.

—Mas ela cheira bem. — Uma voz rouca choramingou.

—Toque-a novamente e eu comerei você.

Outro gemido e passos correndo no chão. Abrindo os olhos, ela apertou os olhos na luz fraca. O rosto de Shiro apareceu acima dela, olhos de rubi brilhantes e orelhas de raposa fofas apontadas para ela.

—Finalmente acordada, pequena miko?

—Eu acho que sim. — Ela disse, sua voz enferrujada e sua boca desagradavelmente seca. Ela engoliu em seco com esforço. —Há quanto tempo estou dormindo?

—Quase dois dias.

Ela se ergueu. O sangue correu de sua cabeça e ela balançou, agarrando-se ao chão enquanto este rolava sob ela. —Dois dias?

Shiro se sentou de pernas cruzadas ao lado dela. As paredes redondas da casa de carvalho de Yumei brilhavam suavemente à luz bruxuleante das velas. Ela estava sentada na mesma pilha de cobertores sobre os quais Shiro dormia quando ela visitou este lugar pela primeira vez. Eles estavam sozinhos, exceto por um grupo de corvos yokai de aparência mal-humorada sentados nas caixas. Um deles estava esfregando a orelha e olhando carrancudo para Shiro.

—A posse de Amaterasu quase matou você. — Shiro disse casualmente. —Mas a julgar pela quantidade de sangue que encontramos no chão do santuário, você teria morrido sem a ajuda dela. Então é isso.

Ela pressionou a mão na barriga. Sem dor. Enquanto ela olhava para seu abdômen, ela tardiamente percebeu que estava vestindo um quimono de algodão branco desconhecido em vez de suas próprias roupas. O calor subiu para seu rosto.

—Você me despiu? — Ela engasgou.

—Eu não te despi. — disse ele, curvando a boca em um sorriso torto. — Yumei disse que eu não era confiável. Você estava imunda de sujeira e sangue, então ele não teve muita escolha.

Ela curvou os ombros e desviou o olhar, incapaz de banir o rubor. Ela cutucou seu estômago novamente.

—Seu ferimento sumiu. — disse ele. —Completamente curado, nem mesmo uma cicatriz.

Seu olhar disparou de volta para ele.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. —Yumei me contou. Eu não vi por mim mesmo. Eu disse que ele me expulsou, lembra?

Ela estreitou os olhos para ele com suspeita, então balançou a cabeça. — Como isso é possível?

—Ele é mais forte do que eu.

—Isso não. Como é possível que minha ferida tenha desaparecido?

Ele sorriu por tê-la irritado com sucesso. —Amaterasu é a única Amatsukami com o dom de cura. Uzume tem uma habilidade semelhante. Eles são os únicos dois que poderiam ter salvado você.

Seu estômago agitou-se de nervosismo; quão por pouco ela escapou com vida. —Izanami disse que estava me dando uma morte honrosa para que eu pudesse refletir sobre minha vida antes de morrer.

—Encantador.

—Você e Yumei encontraram algum sinal de pessoas no santuário? — Ela perguntou, seu estômago apertando mais com o pensamento do que poderia ter acontecido com Katsuo e os outros quando Izanami e Koyane desceram sobre o santuário.

—Demos uma rápida olhada ao redor. Parece que eles fizeram as malas com pressa e foram embora. Sem sinais de luta. — Ele encolheu os ombros. — Parece que eles saíram por conta própria. Se Izanami dissesse a eles para se perderem, eles não teriam escolha a não ser obedecer.

Ela murcha em um suspiro longo e aliviado. —Izanami agiu como se conhecesse você. O que ela disse sobre você ser leal ao seu senhor... você acha que ela quis dizer Inari?

—Eu acho. Não me lembro. Ela realmente me queria fora do caminho, então talvez eu saiba algo importante. — Sua boca se torceu. —Se eu pudesse me lembrar.

—Bem, eu posso consertar isso. — disse ela, empurrando os cobertores de lado. —Dê-me seu braço.

—O que? — Ele puxou o braço. —Você está se recuperando, Emi. Isso pode esperar alguns dias.

—Talvez não possa. — ela disse laconicamente. —Amaterasu me disse que temos que encontrar os Kunitsukami e libertá-los antes do solstício. Izanami os aprisionou de alguma forma.

Ele enrijeceu. —Aprisionou eles? Todos eles? Como ela conseguiu isso?

—Eu não sei, mas Amaterasu disse que apenas os Kunitsukami podem parar Izanami, e eles têm que fazer isso antes do solstício.

—Impedi-la de quê? — Ele perguntou cautelosamente.

A ansiedade passou por ela. —Amaterasu disse que Izanami quer destruir o mundo, mas não sei o que isso significa.

Shiro olhou para ela e algo perigoso brilhou em seus olhos. Então ele inclinou a cabeça para trás para olhar para o teto, seu olhar desfocado.

Depois de um minuto, ele murmurou: —Quase me lembrei de... algo. Quando você disse isso, eu senti... acho que Amaterasu está certa.

Ela agarrou sua mão direita e puxou-a em sua direção. —Então vamos tirar isso de você para que possa se lembrar do que precisa saber.

Ele puxou o braço para trás e ficou de pé. —Você precisa se recuperar.

—Estou bem. — ela retrucou, levantando-se e puxando o quimono no lugar. —Você não os quer fora? Eu posso pelo menos tentar.

Ela estendeu a mão para ele novamente e suas orelhas se achataram contra sua cabeça. Ele se afastou dela, segurando seu braço envolto em um onenju atrás dele.

—Shiro. — ela começou com raiva, mas as palavras morreram em sua garganta enquanto ela estudava seu rosto. Sua raiva evaporou. —Shiro... você está com medo?

Dando outro meio passo para trás, ele se virou. —Você não deveria se esforçar ainda.

Simpatia cresceu dentro dela. —Shiro…

Eles ficaram em silêncio por um longo minuto. Ele olhou para a parede, sua mandíbula flexionada. Ela esperou, sabendo que empurrá-lo não adiantaria nada, embora ela não tivesse certeza do que mais fazer.

—E se você os tirar... — ele murmurou. —...e eu não me lembrar de nada?

Seu coração apertou. Ela entrelaçou os dedos para não tentar alcançá-lo.

Sua mão se fechou sobre o braço oposto, logo acima do onenju. —E se eu não me lembrar e é... e se eu não posso...

Ela se aproximou e colocou a mão levemente sobre a dele, onde ele agarrou seu braço. —Você não saberá até que o removamos. Não pode ser pior do que não saber quem você é, pode?

Seus olhos deslizaram para ela, cheios de sombras. —E se você os tirar e eu esquecer tudo?

A mão dela apertou a dele. —Você acha que poderia me esquecer? — ela perguntou com altivez fingida e um sorriso provocador. —Depois de tudo que passamos?

Sua testa franzida, então ele sorriu. —Seria difícil esquecer o quão chato é ter que carregá-la para todos os lugares.

—E salvar minha vida o tempo todo.

Ele soltou um longo suspiro e estendeu o braço para ela. —Faça.

Ela deslizou os dedos sob do cordão inferior. Agarrando seu braço, ela inalou profundamente e prendeu a respiração. Seus dedos se apertaram ao redor das contas enquanto o poder lambia sua pele. Ela encontrou seus olhos de rubi e puxou.

As contas grudaram em seu braço, recusando-se a ceder. Ela as arrastou, jogando seu peso nisso. O poder estalou sobre sua pele e o ki queimou seu braço. Rangendo os dentes, ela puxou com mais força. Um raio estalou sobre o onenju imóvel, e então explodiu em seu rosto.

Ela voou para trás e caiu sobre a mesa, quebrando uma xícara de chá e quase se empalando em uma espada quebrada. Ofegando e estremecendo, ela se levantou.

A liberação de poder jogou Shiro contra a parede de caixotes de madeira e baús. Eles caíram sobre ele, meio enterrando-o. Os corvos yokai haviam se transformado em pânico e estava batendo as asas no teto em uma confusão de penas pretas, grasnando alto.

Emi pulou da mesa, jogando mais coisas no chão, e correu para o lado de Shiro. Ela atirou três caixotes para fora do caminho para desenterrá-lo e caiu de joelhos ao lado dele. Ela deu um tapinha no rosto dele, sentindo o calor emanando de sua pele, o mesmo de quando Yumei tentou, e falhou, puxar um laço de contas.

Suas pálpebras piscaram e se abriram. Ele semicerrou os olhos para ela desfocadamente.

—Não funcionou? — Ele murmurou.

—Eu sinto muito. — Lágrimas indesejadas arderam em seus olhos e ela rapidamente esfregou a mão no rosto. —Eu sinto muito, Shiro. Eu não conseguia tirar. Não sei por quê.

Ele se sentou estremecendo e tirou o cabelo dos olhos. —Eu disse que seu ki ainda não havia se recuperado. Amaterasu tomou quase todo o seu poder quando ela te deixou.

—Então eu não tenho ki Amatsukami suficiente para removê-lo?

—No momento, parece que não.

—Mas o ki dela vai voltar. — ela disse, a urgência aparecendo em sua voz. —Vai começar a se infiltrar em mim novamente para que ela possa tomar meu corpo no solstício. Eu poderei removê-lo em breve.

Ele acenou com a cabeça, não exatamente encontrando seu olhar. Uma centelha de dúvida a tocou quando ela se lembrou de como, mesmo totalmente carregada com o poder do Amaterasu, ela mal conseguiu puxar o segundo laço. E se ela não fosse forte o suficiente para remover a terceira ligação?

—Shiro. — Ela agarrou seu ombro até que ele olhou para ela. — Eu vou tiarar o onenju de você. Não importa o que aconteça, eu prometo que vou libertá-lo da maldição.

Seu olhar se fixou nela, levando sua alma cativa. Sua mão se levantou e ele tocou seu queixo com dois dedos, deslizando-os até sua orelha. A pele dela formigou com o toque dele.

—Eu vou cumprir essa promessa, pequena miko.

Os corvos explodiram em um coro de grasnidos animados, fazendo ela e Shiro pularem. A escuridão na porta ondulou e Yumei saiu dela. Seus olhos deslizaram pela sala, alargando-se.

—O que você fez? — Ele rosnou. —Eu saio por algumas horas e você destrói minha casa?



Emi se encolheu e se afastou de Shiro enquanto olhava para a sala destruída. Shiro se levantou, esticando as costas.

—Acalme-se, Yumei. — ele falou lentamente. —Emi tentou remover o onenju e ele nos atingiu. Ela precisa recuperar mais forças.

—Claro que ela tem. — ele retrucou. —Eu te falei isso. Por que você permitiu que ela tentasse?

Ele encolheu os ombros. Emi se encolheu novamente. Talvez ela devesse ter ouvido Shiro.

—Isso é comida? — Shiro perguntou, apontando para a grande sacola de papel na mão de Yumei.

Emi piscou para a sacola. —Isso é um saco de comida para viagem? Como você pediu comida para viagem?

—Eu roubei. Não tenho ideia do que contém.

—Cheira bem, pelo menos. — Disse Shiro com otimismo. Quando ele cruzou a sala, seu braço roçou o dela, enviando um pequeno calafrio por ela. Tirando a sacola de Yumei, ele se jogou na mesa e empurrou a xícara quebrada para fora do caminho.

Yumei assobiou com raiva.

—É só uma xícara. Você tem muito lixo. Você é um corvo ou um guardador?

Os corvos desceram e pousaram na mesa enquanto Shiro rasgava a sacola para investigar seu conteúdo. Emi tentou não pensar no infeliz humano que agora estava misteriosamente sem seu jantar. Yumei começou a pegar os pedaços da xícara de chá, seu rosto sem expressão vagamente sombrio enquanto ele coletava seus restos.

Emi ficou para trás, observando-os quando uma sensação estranha e inesperada cresceu em seu peito e apertou seus pulmões de uma maneira boa. Como era estranho se sentir contente neste momento.

Ela teve que admitir que era um momento improvável para sentir qualquer emoção positiva. Deixando de lado sua própria desgraça iminente, que ela teve um gosto desconfortavelmente bom de quando Amaterasu a possuiu, ela ainda não tinha cumprido sua promessa a Shiro. Ele ainda estava preso na maldição das contas, e era mais imperativo agora do que nunca que ela o libertasse.

O comando urgente de Amaterasu tocou em sua memória: Encontre os Kunitsukami e liberte-os...

Emi mal conseguia entender a ideia de Izanami aprisionar os Kunitsukami, muito menos imaginar por que ela faria tal coisa. Izanami realmente pretendia destruir o mundo? Que ela queria Emi morta e Shiro destruído permanentemente era aterrorizante o suficiente, e apesar de tê-la afastado uma vez, Emi sabia que era melhor não esperar que Izanami a deixasse em paz.

Encontre os Kunitsukami. Shiro e os Kunitsukami estavam conectados de alguma forma e agora, através do Amaterasu, Emi também estava interligada com os destinos dos governantes supremos e todo-poderosos dos yokais.

Seu olhar se ergueu para Shiro e Yumei. Eles estavam debruçados sobre o saco de comida e discutindo sobre a comestibilidade da culinária humana, suas cabeças quase se tocando, o cabelo branco contrastando com o preto. Eles a ajudariam. Ela iria ajudá-los. De alguma forma, juntos, eles precisavam fazer isso.

Embora seus dias neste mundo estivessem contados, isso não a incomodava mais. Ela sentiu o espírito de Amaterasu dentro dela, sentiu a compaixão gentil e devoção feroz da Amatsukami. Ela sentiu o amor e respeito de Amaterasu por ela. Embora Amaterasu fosse destruí-la em breve, a kami não aceitaria o sacrifício de Emi levianamente.

Sua jornada no mundo de yokai havia começado de forma inesperada. Ela se aventurou tão longe do que conhecia para descobrir a verdade sobre seu destino, e por sua vez, ela descobriu uma verdade maior e muito mais aterrorizante sobre Izanami e os Kunitsukami desaparecidos.

A batalha interna que ela lutou entre a exigência de que ela se curvasse ao dever e a necessidade de lutar por sua sobrevivência tinha abalado o próprio fundamento de sua alma. No entanto, como ela percebeu, a sobrevivência sozinha não era suficiente se sua vida se tornasse nada mais do que uma concha de existência vazia e sem sentido. Algumas coisas eram mais importantes do que viver, mais importantes do que qualquer outra vida poderia ser. Como ela poderia lamentar a perda de sua vida quando o destino do mundo estava em jogo?

Shiro se virou, seus olhos de rubi questionadores encontrando os dela. Seu coração inchou em seu peito e ela sorriu enquanto cruzava a sala para se juntar a ele. Algumas coisas eram mais importantes do que sua vida, mas isso não significava que sua vida não importasse.

E antes de deixar este mundo para sempre, ela ajudaria seu kami a salvá-lo.

Glossário

Akio - O sohei designado para guardar Emi em seu santuário anterior.

Amaterasu - A Amatsukami do Vento, irmã de Tsukiyomi.

Amatsukami - Os quatro kami mais poderosos que governam Takamahara, o reino celestial. Eles consistem em Izanagi do Céu, Izanami da Terra, Amaterasu do Vento e Tsukiyomi da Água.

Ameonna - Um yokai do vento e da água , e a autoproclamada Senhora da Chuva.

Ayakashi - Um tipo de yokai visível aos humanos como pequenas luzes brilhantes perto da água.

Daimyojin - um título pertencente ao Kunitsukami Sarutahiko, que significa “o grande deus virtuoso”.

Fujimoto Hideyoshi - O kannushi do Santuário Shirayuri. Observação: em japonês, o sobrenome precede o nome fornecido.

Guji - O sacerdote do santuário de mais alta patente que lidera o kannushi de seu santuário e todos os santuários subsidiários de seu kami.

Hakama - Uma vestimenta tradicional japonesa que se assemelha a calças largas pregueadas. Os hakama dos homens são amarrados nos quadris, enquanto os das mulheres são amarrados na altura da cintura.

Hana - Uma miko em treinamento no Santuário Shion (falecida).

Haori - Uma vestimenta tradicional japonesa semelhante a uma jaqueta que lembra um quimono na altura do quadril ou da coxa usado aberto na frente.

Inari - O Kunitsukami do Fogo.

Inugami - Um cão yokai.

Ishida - O Guji do Santuário Shion e líder de todos os santuários Amaterasu.

Izanagi - O Amatsukami do Céu e governante final dos kami, irmão de Izanami.

Izanami - A Amatsukami da Terra, irmã de Izanagi.

Kagura - Um tipo de dança cerimonial, às vezes teatral, tradicionalmente executada por miko.

Kami - Seres espirituais que se originam de Takamahara, o reino celestial, e visitam o reino terreno através do uso de kamigakari.

Kamigakari - Significando literalmente "possessão de kami", um kamigakari é um humano que hospeda o espírito de um kami em seu corpo. Dependendo das circunstâncias, um kamigakari pode ser voluntário ou vítima de posse forçada.

Kannushi - Um sacerdote que administra e mantém um santuário, lidera a adoração dos kami do santuário e administra e/ou se apresenta em festivais, cerimônias e outros eventos do santuário.

Kappa - Um yokai semelhante a um imp, encontrado dentro e ao redor de rios e lagoas, conhecido por atrair humanos para a água e afogá-los.

Karasu - Um corvo yokai.

Katana - Uma espada tradicional japonesa com uma lâmina curva, fina e de um gume.

Katsuo - Um sohei designado para proteger Emi no Santuário Shirayuri.

Ki - Significa "energia espiritual ou força vital", ki é o poder interno usado por kami e yokai e, em menor grau, humanos. O ki puro de uma mente e alma equilibradas é mais forte do que o ki impuro.

Kigiku - uma cidade localizada 25 milhas (40 km) a sudoeste de Kiroibara e do Santuário Shirayuri

Kimono - Uma vestimenta tradicional japonesa que se assemelha a um robe com mangas longas e largas. Os quimonos são enrolados no corpo e amarrados com um obi.

Kimura Emi - A atual kamigakari de Amaterasu. Observação: em japonês, o sobrenome precede o nome fornecido.

Kiroibara - Uma pequena cidade localizada 0,5 milhas (1 km) ao sul do Santuário Shirayuri.

Kitsune - Uma raposa yokai. Quanto mais antigo e poderoso for um kitsune, mais caudas ele terá, até um máximo de nove.

Kitsunebi - Orbes de fogo de raposa usados pelo kitsune.

Koma-inu - Estátuas emparelhadas na forma de criaturas parecidas com leões que guardam um santuário, destinadas a afastar os maus espíritos.

Kosode - Uma vestimenta tradicional japonesa semelhante a um quimono, mas para uso mais casual, com mangas mais curtas e comprimentos variados.

Koyane - Um kami, vassalo de Izanami.

Kunitsukami - Os quatro yokai mais poderosos que governam Tsuchi, o reino espiritual terreno: Sarutahiko da Montanha, Uzume da Floresta, Susano da Tempestade e Inari do Fogo.

Kyubi no kitsune - Uma raposa de nove caudas yokai, a forma mais poderosa do kitsune.

Makoto no kokoro - Significa "pureza de coração", é um estado de equilíbrio espiritual e pureza que os humanos que adoram kami se esforçam para alcançar.

Marugata - Um círculo de exorcismo criado desenhando símbolos rituais específicos dentro de um círculo; eles variam em complexidade com base em poder e propósito.

Miko - Uma donzela do santuário que auxilia o kannushi, se apresenta em festivais, cerimônias e outros eventos, e desempenha funções administrativas.

Minoru - Um sohei designado para proteger Emi no Santuário Shirayuri.

Miso - Um tempero tradicional japonês frequentemente usado para molhos, pastas e caldo de sopa.

Miyako - Uma adolescente que mora em Kiroibara.

Nanako - Uma miko no Santuário Shirayuri.

Obi - Uma faixa usada para amarrar o quimono e o kosode, variando em largura e comprimento dependendo da roupa e do gênero de quem o usa.

Ofuda - Um talismã feito de uma tira retangular de papel com a inscrição de uma invocação.

Omamori - Um talismã de proteção semelhante a um ofuda, usado ao redor do pescoço em uma pequena bolsa de seda ou brocado.

Onenju - Contas de oração, também chamadas de rosário de oração.

Oni - Um tipo de yokai semelhante a um ogro.

Onmyo - Uma filosofia baseada no yin e yang e no equilíbrio dos elementos.

Orochi - Um dragão yokai de oito cabeças.

Rina - Uma miko em treinamento no Santuário Shirayuri.

Sarutahiko - O Kunitsukami da Montanha e governante final dos yokai, marido de Uzume.

Sekisho no seishin - Um encantamento para criar uma barreira protetora, traduzido literalmente como “barreira do espírito”.

Shimenawa - Um tipo de corda tecida usada para purificação em um santuário.

Shintai - Um objeto físico que pode atuar como um canal temporário para o poder e espírito de um kami.

Shion - Uma cidade localizada a 50 km a nordeste de Kiroibara e do Santuário Shirayuri.

Santuário Shirayuri - Um pequeno santuário dedicado à adoração de Amaterasu que serve à população de Kiroibara.

Shiro - Um kitsune yokai.

Shukusei no tama - Um encantamento para purificar o ki, traduzido literalmente como "purificação da alma".

Sohei - Um sacerdote guerreiro treinado em combate marcial e espiritual que atua como guardião do santuário e exorcista yokai.

Sotei no shinketsu - Um encantamento para imobilizar um inimigo, traduzido literalmente como "ligação do sangue do coração".

Sunekosuri - Um inugami yokai que serve a yokai Ameonna.

Susano - O Kunitsukami da Tempestade.

Takamahara - A “alta planície celestial”, um reino habitado por kami.

Tanuki - Um cão guaxinim japonês yokai que é conhecido por sua natureza malandra e habilidades de mudança de forma.

Tatami - Um tipo de tapete, normalmente feito de palha de arroz, usado como material de piso em quartos tradicionais japoneses.

Tengu - Um corvo yokai conhecido como o senhor dos corvos, guardião das montanhas e florestas e arauto da guerra.

Torii - Um portão tradicional que indica a entrada para um santuário e a fronteira entre o mundo mundano e a terra sagrada. Eles são normalmente feitos de madeira ou pedra e muitas vezes são pintados de vermelho.

Tsuchi - O reino espiritual terreno habitado por yokai, que se sobrepõe e reflete a Terra como os humanos a conhecem.

Tsukiyomi - O Amatsukami da Água, irmão de Amaterasu.

Uzume - A Kunitsukami da Floresta, esposa de Sarutahiko.

Yokai - Seres espirituais que se originam de Tsuchi, o reino espiritual terreno, e estão intimamente ligados à natureza. Às vezes, os yokai são considerados um subconjunto dos kamis e costumam ser vistos como monstros ou demônios.

Yui - Uma miko em treinamento no Santuário Shirayuri.

Yumei - Um yokai corvo conhecido como Tengu.